

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS**

**MARINA MAURA DE OLIVEIRA NORONHA**

**ESCREVO COM O CORPO:**

inter-corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector

**CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO – 2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS**

**MARINA MAURA DE OLIVEIRA NORONHA**

**ESCREVO COM O CORPO:**

inter-corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Doutorado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob orientação do Prof. Dr. Edgar César Nolasco como requisito para obtenção do título de Doutorado em Estudos de Linguagens pela linha de pesquisa Representação, Cultura e Literatura.

Área de Concentração: Literatura, Estudos Comparados e Interartes.

**CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO – 2025**

**MARINA MAURA DE OLIVEIRA NORONHA**

**ESCREVO COM O CORPO:**

Inter-corporeidade e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Edgar César Nolasco (Orientador/Presidente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Francisco de Oliveira (Titular)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof. Dr. Fábio Pereira do Vale Machado (Titular)  
Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano – Faculdade  
(INSTED/MS)

---

Prof. Dr. Luiz Lopes (Titular)  
Centro Federal de Educação Tecnológico de Minas Gerais (CEFET)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carlos Vinícius da Silva Figueiredo (Titular)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucilene Machado Garcia Arf (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carlos Igor Jitsumori (Suplente)  
Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano – Faculdade  
(INSTED/MS)



Dedico esta tese à minha querida e amada irmã, Magna Aparecida Teixeira (1966 – 2024), *que no momento de sua morte me ensinou: “Deixa nascer!”*. Te amo irmã, saudade eterna.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus por me manter de pé diante das quedas no percurso para realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais amados, Maria do Socorro Oliveira e Antônio Bessa de Oliveira por serem as pessoas essenciais para o *meu primeiro grito ao nascer* e por sempre me apoiarem emocionalmente para que eu chegasse até aqui, mesmo sabendo que para isso dependia da minha distância.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Edgar César Nolasco, a quem tenho muita gratidão por toda interferência teórico-crítica, pela orientação precisa descolonial e crítico biográfico fronteiro me possibilitando, a partir da teorização, o encontro de *corpo inteiro* comigo mesma tão relevante para a conclusão desta tese epistêmica.

Agradeço à acolhida sempre carinhosa de muita importância, da minha família nas idas de férias à Belo Horizonte/MG me abastecendo efetivamente para voltar e continuar a caminhada.

Aos professores participantes desta banca de defesa – Professora Dr.<sup>a</sup> Marta Francisco de Oliveira; Professor Dr. Fábio do Vale; Professor Dr. Carlos Vinícius da Silva Figueiredo; Professor Dr. Luiz Lopes; Professora Dr.<sup>a</sup> Lucilene Machado Garcia Arf; Professor Dr. Carlos Igor Jitsumori.

Aos amigos do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados – UFMS pelas conversas críticas inter-corporais constantemente discutidas e debatidas; pelos adoráveis encontros de café com pesquisa no espaço do NECC: Júlia, Viviani, Pedro, Thays, Nathalia, Indayá, Luiz, Tiago, Dênis, Francine, Bianca, Lara, Fernanda e outros que por aqui passaram *comunalmente* contribuindo para a pesquisa.

Aos amigos diversos que me acompanharam por está reflexão teórica de pesquisa, contribuindo, cada um a seu modo, torcendo por mim, me apoiando e incentivando à realização deste estudo sensível.

Agradeço a FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – pela bolsa de doutorado para realização desta pesquisa e ao PPGEL – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por me abrigar em seu espaço de ensino gratuito e de qualidade me possibilitando esta caminhada acadêmica.

Agradeço, por fim, a Clarice Lispector, cuja presença espectral contribuiu para está tese de doutoramento para que eu exercesse o *escrever com o corpo* inter-corporado por nós – tornando-nos escre(vi)ventes dessa teorização biográfica fronteira nos mantendo *de pé* para esse possível “*gran finale*”.

Mas voltemos a hoje. Porque, como se sabe, hoje é hoje. [...] Tenho um arrepio de medo. Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca. [...] O fato é que tenho nas mãos um destino e no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar: sigo uma oculta linha fatal.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 18.

## RESUMO

Esta tese propõe uma discussão teórico-crítica a partir da presença conceitual de intercorporeidade (PESSANHA, 2018) na construção de todo o trabalho, e por escopo desencadeador da discussão o livro *A hora da estrela* (1977), da intelectual Clarice Lispector. Para tanto, utilizarei-me de uma metodologia *outra* assentada na crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015) que, a seu modo, tem por base de toda sua teorização a presença do “bios” e do “lócus”, e, por relevância geoistórico-epistemológica, o fato que tal reflexão é pensada a partir do lócus aqui denominado de fronteira-sul. Para tanto, as articulações sob o prisma da descolonialidade me direcionam a um recorte teórico *outro*, ao observarmos que Clarice põe em prática um “Escrever com o corpo” que abre espaço para o que busco conceituar de gramática do corpo para esta tese, como ponto conclusivo parte da hipótese de que a autora em seus projetos, e em específico em *A hora da estrela*, re-escre(vi)ve *corpografias* (MIGNOLO) de si e também do outro. Portanto o “Escrevo com o corpo” de Clarice me possibilita entender o que estou chamando de gramática do corpo e ao me valer do “Prologómeno a uma gramática de la descolonialidad” (MIGNOLO, 2010) bem como de outros teóricos, entre os quais alguns partem da fortuna crítica da escritora, tratam ou aludem à discussão por mim proposta. Ademais, o trabalho em questão se apresenta – dividido em três capítulos, como segue: no primeiro capítulo, “**INTERCORPOREIDADE POLÍTICA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR**: por uma crítica biográfica fronteira”, abordarei discussões que passam pelo *bios* e *lócus*, justificadas pelas passagens do escritor-autor-personagem criador de Macabéa, além da reflexão que também está envolta ao pensar a realidade brasileira atravessada pelo social e pela política, tendo como contraponto uma desobediência e um desprendimento, a partir dos livros fundamentais de *Recusa do não-lugar* (2018), de Juliano Pessanha, *Desobediencia epistémica* (2010) de Walter Mignolo, *¿Podemos pensar los no-europeos?*(2018), de Facundo Giuliano, entre outros. No segundo capítulo, “**A HORA DA ESTRELA**: re-escrevendo o pensamento fronteira”, a discussão centra-se nos conceitos basilares como o de pensamento próprio de Kusch, e que pode ser compreendido com o presente pensamento fronteira e o conceito de re-escrever, levado a cabo pela descolonialidade. Tal conceito de re-escrever se encena teoricamente na contracorrente do “descrever” encontrado no livro em reflexão. Já no terceiro e último capítulo, “**POR UMA GRAMÁTICA DO CORPO EM A HORA DA ESTRELA**”, dando continuidade com o conceito de “intercorporeidade” a partir da inscrição e presença do corpo da protagonista da narrativa Macabéa, será de fundamental importância arrolar uma discussão teórica acerca da gramática do corpo, tendo como conceitos chaves o conceito de gramática da descolonialidade (MIGNOLO, 2010) e os conceitos de geopolítica e o de corpo-política, ambos de Walter Mignolo, entre outros. Considerando que toda a discussão conceitual proposta vem assentada no pensamento descolonial e fronteira, serão fundamentais os autores: Walter Mignolo, Juliano Garcia Pessanha, Gloria Anzaldúa, Facundo Giuliano, Edgar Cézar Nolasco, entre outros. Assim, espero que embasada pelo que tais autores propõem, eu possa contornar a teorização que grassa em torno de uma prática *outra* a partir de *A hora da estrela* que resulta no “Escrevo com o corpo” encontrado no título desta tese configurando-se na gramática do corpo aqui proposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inter-corporeidade; Crítica biográfica fronteira; Gramática do corpo; *A hora da estrela*; Clarice Lispector.

## ABSTRACT

This thesis proposes a theoretical-critical discussion from the conceptual presence of *intercorporeity* (PESSANHA, 2018) in the construction of all work, and by scope triggering the discussion the book *The hour of the star* (1977), intellectual Clarice Lispector. Therefore, I will use another methodology based on the border biographical critique (NOLASCO, 2015) that, in its own way, has as basis of all its theorization the presence of the "bios" and the "lócus", and epistemological, the fact that such reflection is thought from the locus here called of border-south. Therefore, the articulations under the prism of decoloniality direct me to another theoretical cut, when we observe that Clarice puts into practice a "Write with the body" that opens space for what I seek conceptualize of grammar of the body for this thesis, as a conclusive point part of the hypothesis that the author in his projects, and specifically in *The hour of the star*, *re-escre(vi)ve corpografias* (MIGNOLO) of himself and also of the other. So the "I write with the body" of Clarice allows me to understand what I am calling the grammar of the body and to use the "Prologómeno a gramática de la descolonialidad" (MIGNOLO, 2010) as well as other theorists, among which some start from the fortune critical writer, treat or allude to the discussion proposed by me. In addition, the work in question is presented - divided into three chapters, as follows: in the first chapter, "**INTERCORPOREIDADE POLÍTICA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR**: por uma crítica biográfica fronteira" I will address discussions that go through bios and justified by the passages of the writer-author-character creator of Macabéa, in addition to the reflection that is also involved in thinking the Brazilian reality crossed by social and political, having as counterpoint a disobedience and a detachment, from the fundamental books of *Recusa do não-lugar* (2018), by Juliano Pessanha, *Desobediências epistémica* (2010) by Walter Mignolo, *¿Podemos pensar los no-europeus?*(2018) , by Facundo Giuliano, among others. In the second chapter, "**A HORA DA ESTRELA**: re-escrevendo o pensamento fronteira" the discussion focuses on basic concepts such as Kusch's own thought, which can be understood with present frontier thinking and the concept of re-writing carried out by decolonialism. This concept of re-writing is situated theoretically in the countercurrent of the "describe" found in the book in reflection. Already in the third and last chapter, "**POR UMA GRAMÁTICA DO CORPO EM A HORA DA ESTRELA**", continuing with the concept of "intercorporeity" from the inscription and presence of the body of the protagonist of the narrative Macabéa, it will be of fundamental importance to organize a theoretical discussion about the grammar of the body, having as key concepts the concept of grammar of decoloniality (MIGNOLO, 2010) and the concepts of geopolitics and body-politics, both by Walter Mignolo, among others. Considering that all the proposed conceptual discussion is based on decolonial and border thinking, the authors will be fundamental: Walter Mignolo, Juliano Garcia Pessanha, Gloria Anzaldúa, Facundo Giuliano, Edgar César Nolasco, among others. Thus, I hope that based on what these authors propose, I can circumvent the theorization that pours around another practice from *The hour of the star* that results in "I write with the body" found in the title of this thesis by configuring itself in the grammar of the body proposed here.

**KEYWORDS:** Inter-corporeity; border biographical critique; Grammar of the body; *The hour of the star*, Clarice Lispector

## RESUMEN

Esta tesis propone una discusión teórico-crítica a partir de la presencia conceptual de intercorporeidad (PESSANHA, 2018) en la construcción de todo el trabajo, y por alcance desencadenante de la discusión el libro *La hora de la estrella* (1977), de la intelectual Clarice Lispector. Para ello, me serviré de otra metodología basada en la crítica biográfica fronteriza (NOLASCO, 2015) que, a su manera, tiene por base toda su teorización la presencia del "bios" y el "lócus", y por relevancia geohistórico-epistemológica, el hecho de que tal reflexión se piensa a partir del lócus aquí denominado frontera-sur. Para tanto, las articulaciones bajo el prisma de la descolonialidad me dirigen a otro recorte teórico, al observar que Clarice pone en práctica un "Escribir con el cuerpo" que abre espacio para lo que busco conceptualizar de gramática del cuerpo para esta tesis, como punto conclusivo parte de la hipótesis de que el autor en sus proyectos, y en específico en *La hora de la estrella*, re-escre(vi)ve corpografías (MIGNOLO) de sí mismo y también del otro. Por tanto el "Escribo con el cuerpo" de Clarice me permite entender lo que estoy llamando gramática del cuerpo y al servirme del "Prologómeno a una gramática de la descolonialidad" (MIGNOLO, 2010) así como de otros teóricos, entre los cuales algunos parten de la fortuna crítica de la escritora, tratan o aluden a la discusión por mí propuesta. Además, el trabajo en cuestión se presenta - dividido en tres capítulos, como sigue: en el primer capítulo, "**INTER-CORPOREIDADE POLÍTICA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR: por uma crítica biográfica fronteiriça**", abordaré discusiones que pasan por bios y lócus, justificadas por los pasajes del escritor-autor-personaje creador de Macabéa, además de la reflexión que también está envuelta al pensar la realidad brasileña atravesada por el social y la política, teniendo como contrapunto una desobediencia y un desprendimiento, a partir de los libros fundamentales de *Recusa do não-lugar* (2018), de Juliano Pessanha, *Desobediencia epistémica* (2010), así como de otros teóricos, entre los cuales algunos parten de la fortuna crítica de la escritora, tratan o aluden a la discusión por mí propuesta. En el segundo capítulo, "**A HORA DA ESTRELA: re-escrevendo o pensamento fronteiriço**", la discusión se centra en los conceptos básicos como el de pensamiento propio de Kusch, y que puede ser comprendido con el presente pensamiento fronterizo y el concepto de reescribir, llevado a cabo por la descolonialidad. Ese concepto de re-escribir se encauza teóricamente a contracorriente del "describir" encontrado en el libro en reflexión. Ya en el tercer y último capítulo, "**POR UMA GRAMÁTICA DO CORPO EM A HORA DA ESTRELA**", dando continuidad al concepto de "intercorporeidad" a partir de la inscripción y presencia del cuerpo de la protagonista de la narrativa Macabea, será de fundamental importancia elaborar una discusión teórica sobre la gramática del cuerpo, teniendo como conceptos clave el concepto de gramática de la descolonialidad (MIGNOLO, 2010) y los conceptos de geopolítica y el de cuerpo-política, ambos de Walter Mignolo, entre otros. Considerando que toda la discusión conceptual propuesta viene asentada en el pensamiento descolonial y fronterizo, serán fundamentales los autores: Walter Mignolo, Juliano Garcia Pessanha, Gloria Anzaldúa, Facundo Giuliano, Edgar César Nolasco, entre otros. Así pues, espero que sobre la base de lo que estos autores proponen, pueda eludir la teorización que grassa alrededor de una práctica otra a partir de *La hora de la estrella* que resulta en el "Escribo con el cuerpo" encontrado en el título de esta tesis configurándose en la gramática del cuerpo aquí propuesto.

**PALABRAS CLAVE:** Inter-corporeidade; Crítica biográfica fronteriza; Gramática del cuerpo; *La hora de la estrella*; Clarice Lispector.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	26
Figura 2.....	53
Figura 3.....	53
Figura 4.....	53
Figura 5.....	54
Figura 6.....	166
Figura 7.....	184
Figura 8.....	184
Figura 9.....	185
Figura 10.....	201
Figura 11.....	207
Figura 12.....	229
Figura 13.....	233

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – UMA CERTA ESCRITA ÍNTIMA COM O CORPO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I - INTER-CORPOREIDADE POLÍTICA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR:</b> .....	28
1.1 – Sinto meu corpo, logo re-existo: inter-corporeidade em <i>A hora da estrela</i> .....	29
1.2– A partir de meu corpo, ofereço: desobediência e desprendimento.....	65
<b>CAPÍTULO II - A HORA DA ESTRELA:</b> .....	96
2.1 – Do descrever (reescrever) ao re-escrever do corpo na letra: a hora do pensamento fronteiriço .....	97
2.2 – Do descrever rumo ao re-escrever: a hora de uma verdade <i>outra</i> .....	107
2.3 – Pensamento próprio “do corpo” .....	136
<b>CAPÍTULO III – POR UMA GRAMÁTICA DO CORPO EM A HORA DA ESTRELA</b> .....	149
3.1 – Podemos pensar uma gramática do corpo não (pro)gramática? .....	150
3.2 – <i>Prolegômeno</i> de uma gramática do corpo .....	156
3.3 – Uma escrita geopolítica e corpo-política da estrela Macabéa.....	195
<b>CONCLUSÃO – SAÍDA DISCRETA DE CLARICE E DE MIM PELA PORTA DOS FUNDOS DA TEORIZAÇÃO</b> .....	224
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	234

## **INTRODUÇÃO – *UMA CERTA ESCRITA ÍNTIMA COM O CORPO***

Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

A corporalidade é o nível decisivo das relações de poder. Porque o corpo implica a pessoa, se se libertar o conceito de corpo das implicações mistificadoras do antigo dualismo eurocêntrico, especialmente judaico-cristão (alma-corpo, psique-corpo, etc). E isso é o que torna possível a 'naturalização' de tais relações sociais. Na exploração, é o 'corpo' que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo, na pobreza, na fome, na má nutrição, na doença. É o 'corpo' o implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas contra os exploradores.

QUIJANO. Colonialidade do poder e classificação social, p. 113.

A partir deste trabalho busquei tratar a incontestada presença do corpo que passa por uma certa escritura íntima, ou seja, os corpos dos indivíduos<sup>1</sup> evocados para esta tese de doutoramento com suas sensibilidades epistêmicas na condição geopolítica e corpo-política de *Ser* – grifado em letra maiúscula por se tratar de corpos da diferença, círculos de vivências e experiências situados na fronteira, assim como meu corpo que parte da minha condição de pesquisadora hoje, situada geográfica e epistemicamente, porque parto de uma epistemologia a partir do Sul: dela que visou aproximar a escritura do imaterial corpo e da vida/obra, tendo esse biolocus como referência para ancorar meu locus enunciativo e, por conseguinte, minha teorização de crítica biográfica fronteiriça. Assim, busco, por meio deste trabalho, cuja reflexão está assentada em um biolocus (NOLASCO, 2015), aproximar-me com meu corpo e propor uma teorização crítica que encampe os corpos e vozes que se encenam na obra *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector, permitindo-nos que uma re-aprendizagem acerca do corpo seja possível a partir de uma visada descolonial ou fronteiriça.

Nestas linhas introdutórias, que têm por relevância esclarecer o movimento do corpo epistêmico feito através da pesquisa primeira com a dissertação de mestrado, com as problemáticas que antecedem de algum modo a discussão debruçada na escrita passada obviamente pelo corpo e o locus no percurso de 2019/2020 – cujo

---

<sup>1</sup> PESSANHA. *Recusa do não lugar*, p. 114. O indivíduo, na esteira de Pessanha, endossa que “se o um emerge do dois, e a própria intercorporeidade humana sendo o precipitado de escavações e do mergulho de outros em mim, é mais apropriado não falar de indivíduo, mas de indivíduos.

projeto se intitulava de “Corpo epistêmico fronteiro: lugar descolonial das sensibilidades biográficas, corporais e locais” (Livro)<sup>2</sup>. Corrobora o material defendido em 2020 com este de agora se considerarmos que fora ele a ponte para o que hoje avançamos em direção a outras perspectivas descoloniais, além de pensar, dessa vez, a obra *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector, e que tem por título desta tese de doutoramento “Escrevo com o corpo: inter-corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, voltando-nos, dessa vez, para uma crítica a partir de uma teorização fronteira que possa desvencilhar-se da *episteme* moderna. Como contraponto, aproximamo-nos do indissociável corpo na escrita, o que não deixa de sinalizar o caráter de originalidade desta tese ao observarmos que, se, por um lado, a obra como um todo já foi estudada em demasia, por outro, salientamos que estamos pensando a partir de uma teorização *outra* descolonial/fronteira e por meio de uma inter-relação entre corpo e escritura que se dá pela intercorporeidade (PESSANHA, 2018) e espelhada por Rodrigo S.M (Na verdade Clarice Lispector), os que assumem - “eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo”<sup>3</sup>, e cuja proposta de projeto, por atravessar toda a construção do livro, permite-nos propor e estabelecer uma teorização crítica na chave da descolonialidade.

Assim, o corpo em reflexão privilegiada em nossa teorização passa pelo crivo daqueles que foram lançados para uma exterioridade (MIGNOLO), a exemplo do corpo da insignificante nordestina Macabéa, que se encena ao longo da narrativa, e outros tantos subjugados pela “hegemonia epistêmica [que construiu] um exterior a fim de assegurar sua interioridade”<sup>4</sup> como forma de manter o poder. Na contracorrente dessa discussão, é preciso ser desobediente às *epistemes* de pensamento dual. Por

---

<sup>2</sup> NORONHA, Marina Maura de Oliveira. *Corpo epistêmico fronteiro: lugar descolonial das sensibilidades biográficas, corporais e locais*. Campo Grande: Life Editora, 2024.

<sup>3</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 06.

<sup>4</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 304.

isso, nossa opção teórica aqui parte de uma prática descolonial para pensar de modo *outro* as sensibilidades do *ser donde se piensa*, aqui no caso da fronteira-sul e tantos outros corpos e lugares não eurocêntricos. Escusado dizer que este trabalho prioriza pela vida daqueles que “tiveram suas vidas dispensadas para acumular riqueza e morte”<sup>5</sup> igual Macabéa.

Propositalmente, esta Introdução vem justificar como entendimento a importância da presença do corpo na escritura; por isso, inclui-se no centro da reflexão o corpo do pesquisador e outros corpos eleitos no estudo, uma vez que seria impossível tratar de uma questão corpórea que não passasse pela inscrição *corpográfica* (MIGNOLO) dos corpos aqui diretamente envolvidos. Nesse tocante, por via da crítica, em parte se desconsiderou o corpo como *composição* também de escrita, dando visibilidade sempre ao gênero textual em prol do corpo, como se o corpo do sujeito pensante não fosse parte da produção de conhecimento na escrita. Desse modo, o corpo, pelas teorias itinerantes, quando lembrado, encontra-se em separação no plano dual entre razão e emoção, corpo e mente, dissociado pelas teorias modernas que separaram o corpo da alma, o sujeito branco do sujeito de cor, o homem e a mulher, o rico do pobre, ou seja, o ser do não-ser “sobre as condições do que conta como válido”<sup>6</sup> para sua existência. Nesse caso, o conhecimento ou a epistemologia em validação está sempre relacionado à dominação e poder.

Dessa feita, no caso deste trabalho, a obra referente *A hora da estrela* e seu entremeio, o *bios* e o *lócus* da intelectual Clarice, são parte preponderantes de uma escrita com o corpo em desdobramento que permitem, posto que também lanço meu corpo nessa trajetória teórica, uma re-escrita sensível biográfica e local. Em vista disso, justifica-se aqui a presença e a perseguição por uma escrita corpórea, tanto do

---

<sup>5</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.

<sup>6</sup> SANTOS; MENESE. *Epistemologias do sul*, p. 09.

lado da escrita do livro, quanto do lado desta teorização, uma vez que corpos se atravessam e são atravessados pela/na teorização buscada. Já no frontispício de sua obra, a autora nos adverte acerca de sua inscrição *corpográfica* ao trazer na obra a “dedicatória do autor (Na verdade Clarice Lispector)”<sup>7</sup>, além de sua assinatura (corpoescrita) na capa de rosto, tornando público parte escrevente da própria autora. Essa afirmação feita por Rodrigo S.M./Clarice de algum modo antecipa a explicação que elegemos junto à teorização fronteiriça de pensar o corpo que se movimenta na contramão à lógica cartesiana (do corpo) ocidental moderno: os corpos aqui reexistem — aja vista o título desta tese — “Escrevo com o corpo: inter-corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector” como forma de consignar e amalgamar o que propusemos fazer.

Assim, propusemos nesta reflexão que é preciso aprender a ser desobediente às leituras e escritas teóricas modernas, na medida em que nos aproximamos da obra de Clarice para pensarmos sua inscrição biográfica como contraponto da narrativa ficcional trabalhada à exaustão como único modo de lê-la. Diferentemente, detemo-nos em uma leitura *outra* da obra, sem contudo abrir mão de um diálogo com outras leituras, a exemplo das contribuições propostas pela autora do livro *Que quer dizer cultura?: uma leitura de A hora da estrela* que, entre outras questões, afirma que os “traços biográficos da escritora podem ser encontrados nos personagens da novela, assim como em sua narrativa”<sup>8</sup>; além de reiterar que a obra “já apontava como uma possível definição de seu ato de escrita: narrar é *narrar-se*”<sup>9</sup>. Logo, pelo viés de uma leitura descolonial, o ato de teorizar por nós permite-nos re-ler re-escrevendo uma Clarice que está para além de análise centralizada em histórias oficiais narradas como

---

<sup>7</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 03.

<sup>8</sup> OLIVEIRA. *Que quer dizer cultura?*, p. 75, grifos meus

<sup>9</sup> OLIVEIRA. *Que quer dizer cultura?*, p. 75.

“objeto”; mas, se tomamos a partir de modos *outros* pelo inter-corporar, em que podemos interpretá-la por meio da experiência corporal e das sensibilidades biográficas locais. Registra-se que, além do livro de Marta Francisco de Oliveira, que faz parte da fortuna crítica de Clarice Lispector, outros livros vieram somar-se em nossa discussão.

Neste sentido, compreendemos a relevância de que o corpo pode ser tomado como “conceito” a ser discutido por uma teorização fronteiriça, por exemplo, uma vez que os corpos da diferença arrolados na base da reflexão da geopolítica e corpo-política (MIGNOLO) contribuem para uma problematização que englobe um modo *outro* de pensar e re-escrever a partir de uma inter-corporeidade assentada num pensamento próprio de um paradigma *outro*; tais atravessamentos subentendem-se *desprender-se da gramática das humanitas* (MIGNOLO), atribuídos pela desobediência, entendendo a importância de se valer de uma gramática do corpo que contemple o ser e o saber dos indivíduos em suas especificidades; por uma epistemologia *outra* que se sustenta e que passe pelo corpo como propusemos perseguir, amparados pela crítica e, cada vez mais, pelo somar-se de teóricos, estudiosos e pesquisadores, a exemplo de Carlos Vinícius da Silva Figueiredo, ao fazer uma leitura da obra à luz dos Estudos subalternistas, em seu livro – *O direito ao grito: a hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector* (FIGUEIREDO, 2013), ao sendo este livro mais um estudo especificamente sobre *A hora da estrela*.

Entendemos que as poucas mas significativas contribuições apostas já justificam, de certo modo, a nossa escolha pela obra e a teorização privilegiada, especificamente porque são discussões que flertam com nossa proposta teórica e que não estão assentadas em uma prática epistêmica ocidental/moderna pura e simplesmente. Queremos entender que sem uma problematização teórico-crítico bem

alicerçada, torna-se impossível discutir sobre o corpo (excluído) nesse caso, almejando escutar o direito ao grito de quem possui uma “pobreza de corpo e espírito”<sup>10</sup> como o corpo da nordestina Macabéa, um corpo sumariamente imposto pelo universalismo abstrato. Soma-se a isso a questão de que outros corpos e conceitos advindos na esteira da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015) nos permitem teorizar de onde se pensa com o atravessamento do *bios* e do *lócus*, levando em conta a sensibilidade de mundos locais, privilegiando também o corpo do pesquisador, como já exposto.

As problemáticas expostas assinalam a preocupação por meio da teorização privilegiada, a partir do exercício de uma prática epistêmica *outra* que passa pelo corpo, como se pode aferir nos capítulos à frente desta tese. Desta feita, sob a desconfiança, partimos da hipótese de que o projeto clariciano deixa em suspensão as questões da inscrição biográfica da autora, além das problemáticas sociais e políticas fortemente presentes na obra aqui em estudo. A história da miserável Macabéa acaba por refletir uma realidade dos corpos de *nós* latinos, deslocados, fora dos grandes centros do mundo. No caso biográfico, Clarice detém-se de forma explícita de corpo inteiro em torno da expressão que corrobora e mantém a nossa desconfiança de que a autora na sua escritura “escreve com o corpo” e não somente em *A hora da estrela*, mas que viera se inscrevendo e elaborando uma escrita corpórea no desenrolar de seu projeto como um todo e junto à experiência de vida/obra e de mundos através da sensibilidade. Desse modo, com o último livro publicado em vida, postulamos a defesa de que nele a inscrição biográfica da intelectual chega ao seu grau máximo, a ponto de partilharmos da ideia de que o referido livro pode ser lido como uma biografia ficcional da escritora.

---

<sup>10</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 08.

Valemo-nos de tais afirmações para pensar a nossa própria inserção e inscrição nesta teorização, ou seja, o corpo subsidiado pela crítica biográfica fronteira permite privilegiar o lócus na teorização, convocando-o e, ao mesmo tempo, fazendo ressoar sua presença por todo o corpo em movimento da tese, mantendo presente o ato de intercorporar (se) a partir dos biolócus. Essas aproximações nos são permitidas por meio do pensamento fronteiro aqui em destaque, com vistas a um bem-viver e com-viver trabalhados por Mignolo que, além de privilegiar as diferenças corpóreas, não desconsideram as experivivências entre vida/obra vivenciadas pela autora e também por mim nessa teorização, uma vez que escrevemos a partir da *consciência* do próprio corpo. Nessa direção, o que trazemos em defesa resvala também na insegurança da completude deste estudo, uma vez que, em se tratando de sensibilidades biolocais pensadas na escrita, de vidas/obra e em particular, pensar um estudo a partir do lugar que a intelectual Clarice Lispector ocupa dentro da tradição literária ocidental, requer a preocupação pensando a importância que o projeto da intelectual causou e ainda causa a nós leitores e pesquisadores atuais.

Valemo-nos de uma teorização *outra* de caráter descolonial e não moderno, que esbarra na fronteira da inter-corporeidade e por meio da qual nos apropriamos de uma prática não canibalizadora como a defendida pelos modernistas. Mas nutridos estamos por Clarice/Macabéa, a estrela-viva na/da narrativa, o corpo como lugar de encontro sendo um no outro, até porque não tem como falar do outro sem não haver o atravessamento de nossos corpos que aqui se roçam pela teorização que privilegia as diferenças. Nesse sentido, o “roubo” aqui será consentido pelo gesto de transferência dos corpos que roubam os relatos alheios<sup>11</sup>, como afirma Juliano

---

<sup>11</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p.33, grifo meu.

Pessanha em seu livro *A recusa do não-lugar* (2018). Nessa esteira, pontuamos como necessário esse inter-corporar para dizer que os nossos corpos recebem essas informações epistêmicas por meio de uma reflexão que foge ao singular, ou seja, demonstramos na genealogia do pensamento descolonial pluriversal, na esteira de Walter Mignolo, com a abertura que reintroduz vivências e saberes *outros* que nos permitem pensar, re-pensar, re-ler e re-escrever questões que dêem conta das tensões presentes nos corpos, nas sensibilidades e nas histórias geo-corpo-políticas dos invisibilizados nas relações socioculturais das desigualdades humanas.

Pensar o que nos atravessa é bem complexo, mas estamos priorizando o que será melhor compreendido através da articulação teórica evidenciada mais adiante. A travessia por mim e Clarice se dá a partir do encontro ligado pelo corpo, por nossas *escrevivências* como condição *sine qua non* pensada pela teorização descolonial. Considerando que para Clarice *narrar é narrar-se*, não por acaso estamos trilhando as nossas vivências a partir das nossas diferenças, até porque Clarice não era descolonial, mas a intelectual afasta-se da tradição literária ao valer-se do corpo-vivo na escrita ao invés de privilegiar uma estética universal abstrata. Sobressai, assim, o que a teorização descolonial e fronteiriça nos permite pensar a partir de um modo *outro* de sentir, pensar, saber e de escrever atravessados pela crítica do *bios*. Relacionamos nossas escrituras de vida ao ato de *desprendimentos* (MIGNOLO) e, por conseguinte, *desobedecemos* (MIGNOLO), escapando, por conseguinte, dessa tradição universal literária. Portanto, Clarice e eu dialogamos com o re-escre(vi)ver pensado a partir do *escrever o que eu quero presente no pensamento próprio* de Rodolfo Kusch, em que tal expressão, ressalvadas as diferenças que houver, pode significar o que acontece com Clarice em *A hora da estrela* quando afirma *que só escrevo o que quero*, que é correlato a *escrevo com o corpo*. (Aqui a inversão é

proposital.). *Escrevo o que quero e escrevo com o corpo* dever-se-iam fundar a teorização fronteiriça que sustenta a proposição desta reflexão.

Alicerçados estamos sob a base da hipótese desta tese, a partir de uma escrita íntima com o corpo, sinalizada por minha Clarice e articulada por mim, levando-nos a teorizar a partir de uma forma crítica de pensar/sentir colocando em diálogo os corpos e o meu próprio corpo, a partir dos corpos-fronteiras que buscaram e buscam noutros pontos da vida modos outros para tecerem seus gritos de re-existência e coragem como o corpo sempre-morto-vivo de Macabéa. E como intenção de aproximar as fronteiras dos corpos da escrita, lançamos mão do discurso moderno, por tomar a pesquisa quase sempre da perspectiva do “objeto”. Aqui, diferentemente, para narrar histórias e vivências outras, as vidas aqui se entrelaçam na teorização de vida, uma vez que falamos do outro para falar de nós mesmos, haja vista minha condição fronteiriça de crítica mulher, subalterna e pesquisadora da fronteira-sul.

Desse modo, devemos nos lembrar sempre que o corpo está assentado por uma epistemologia outra que privilegia, sobretudo, o pensamento outro de corpo pela opção descolonial que compõe o ser, o fazer e o re-existir com as vivências diversas imbricadas no corpo, lugares, além das produções que prezem pelas vidas. Logo, tendo isso por premissa de nossa teorização, comporão a reflexão ensejada os conceitos de inte-corporeidade (PESSANHA), desprendimento e desobediência epistêmica (MIGNOLO), a questão conceitual do re-escrever assentada no reaprender traçado pela descolonialidade, o pensamento próprio (KUSCH), a identidade em política (MIGNOLO), a ética descolonial (GIULIANO; MIGNOLO), a gramática da descolonialidade (MIGNOLO), e as geopolítica e corpo-política (MIGNOLO; GROSFOGUEL), a gramática do corpo, entre outros.

Diante do exposto, a presente tese de doutoramento em reflexão está envolta em epistemologias e formulações de teorizações que passam pelo corpo, como já mencionado, disseminadas pela inter-corporeidade que espelha no *intertrocamos* na obra, conceito este de inter-corporeidade que perpassa a tese como um todo, como podemos constatar ao longo da discussão:

No primeiro capítulo, intitulado de **INTER-CORPOREIDADE POLÍTICA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR**: por uma crítica biográfica fronteiriça, abordaremos as discussões que passam pelos *bios* e *lócus*, justificadas pelas passagens do escritor-autor- personagem criador de Macabéa, além da reflexão que também está envolta ao pensar a realidade brasileira atravessada pelo social e pela política, tendo como contraponto uma desobediência e desprendimento — reflexão crítica guiada pela presença do corpo do personagem-narrador Rodrigo S.M e sua relação com a presença do corpo-autoral da escritora Clarice Lispector. Nesse ponto em particular, exploraremos a faceta que se insinua entre as vozes e os corpos ali presentes na obra, demandando a necessidade de se deter, por exemplo, nas inter-corporações entre escrita vida/obra e corpos dos envolvidos, sem desconsiderar o corpo do pesquisador, obviamente.

O segundo capítulo, **A HORA DA ESTRELA**: re-escrevendo o pensamento fronteiriço, a discussão centra-se nos conceitos basilares como o de pensamento próprio de Kusch, e que pode ser compreendido com o presente pensamento fronteiriço e o conceito de re-escrever, levado a cabo pela descolonialidade. Tal justificativa se dá com a presença do corpo da *própria* escritora Clarice Lispector e a relação desse corpo com o corpo do escritor Rodrigo S.M. Aqui, tal relação dá-se por meio de uma relação biográfica, uma vez que a trajetória de um espelha, em parte, a trajetória do outro. Não por acaso que a escritora/escritor em *A hora da estrela* mostra,

ao tratar do corpo da insignificante Macabéa, sua desobediência epistêmica e política, desprende-se das formalidades disciplinares de sua época, contradizendo, por conseguinte, os padrões estabelecidos de pensar e fazer literatura. Pelo menos foi isso que propusemos e defendemos ao longo da tese.

Por fim, seguindo a estrutura da tese, o terceiro capítulo nominado de **POR UMA GRAMÁTICA DO CORPO EM A HORA DA ESTRELA**, a discussão dar-se-á na continuidade de pensarmos em torno da presença dos “corpos” da/na narrativa em *A hora da estrela* e outros corpos das diferenças como o corpo da protagonista Macabéa, mas também visando pontuar a presença de Clarice Lispector. Isso redobra a importância no tocante à abordagem conceitual em torno de uma gramática do corpo pensada por nós no campo da descolonialidade, quando observamos o que a autora põe como prática de escrita em sua narrativa literária trazida por um “escrever com o corpo”, mas que a seu modo tange em uma prática de re-escre(vi)ver, como intentamos mostrar em nossa reflexão. A expressão “escrever com o corpo” na obra perpassa toda a tese para findar com o que Clarice sinaliza que vai ao encontro de uma possível gramática *outra* do corpo, a ser pensada aqui como finalidade maior para a construção de gramática do corpo que, mesmo amparada pela gramática da descolonialidade (MIGNOLO), traz suas especificidades, como pretendemos pontuar. Esperamos que o trabalho conclua atendendo as problematizações elencadas ao longo dos capítulos e que responda pela hipótese levantada, a qual passa, desde o início, pelo desejo da conceituação de gramática do corpo em *A hora da estrela* sob a prescrição que atravessa toda tese com a inscrição de uma inter-corporação em que corpos e vozes se cruzam em todas as direções, a começar pelo corpo desta que vos escreve.

Assim, é na tentativa de aprender a desobedecer as teorias modernas, que proponho pensar numa conceituação de gramática *outra* do corpo, que, para mim, embasada pela crítica biográfica fronteiriça, parto de um fazer, sentir e saber acerca do corpo e tendo *A hora da estrela* como pano de fundo epistemológico, uma vez que a prática exercida por Clarice através da corpo-política da insignificante Macabéa contribuirá para o que conceituarei de gramática do corpo, um pensamento *outro* como produção de conhecimento. Devo ressaltar que a composição a partir da gramática *outra* de antemão difere da gramática moderna; de modo que me valho da gramática descolonial, de Walter Mignolo, como aparato teórico relevante, assim como nos capítulos I e II me vali de conceitos alguns, que contribuíram – pensar a gramática das sensibilidades, e agora o terceiro e último capítulo conclusivo da tese, o qual, à luz da figura da estrela, trazida com o propósito de pontuar o meu percurso sob a afirmação teórica conceitual que ilustrará o conceito de gramática do corpo ( e por extensão a tese como em todo):

A hora da estrela (1977)



Escrevo com o corpo (1977)



Inter-corporeidades

Clarice/Marina

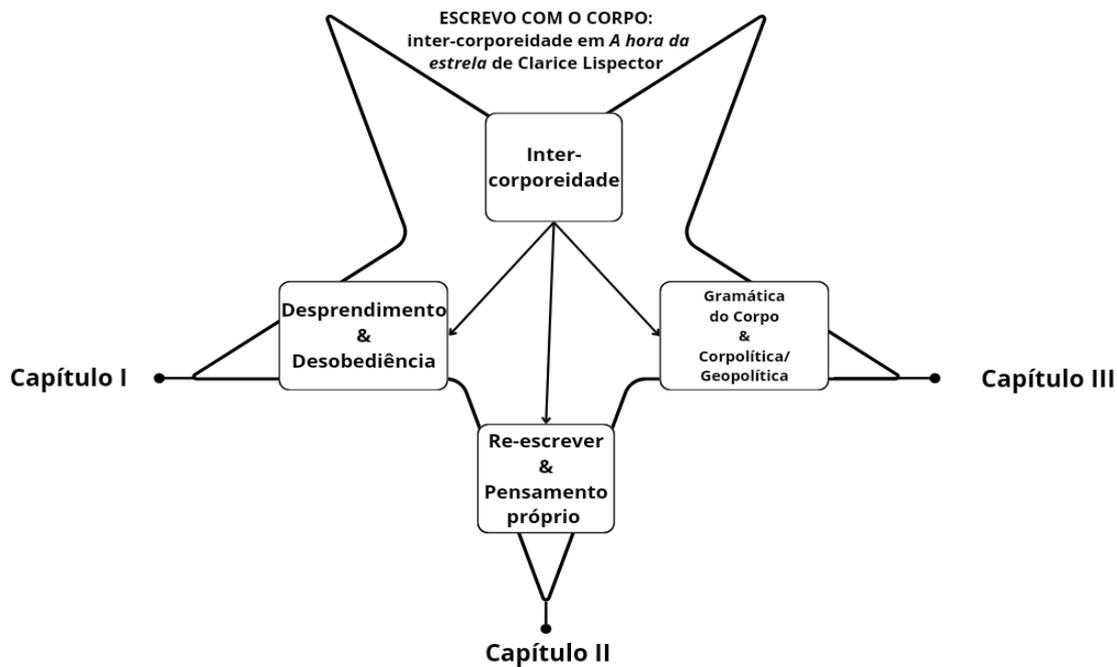


Figura 1 - Simbologia de uma estrela direcionando os capítulos I, II e III desta tese com todos os conceitos base que sustentam a gramática do corpo – *A hora da estrela*  
 Fonte: arte desenvolvida pelo colega de grupo de pesquisa NECC Luiz Alencastro

No que circunscreve à figura da estrela reproduzida com sua justificável presença teórica e conceitual, a *estrela no que se segue: nada cintilará, trata-se de material*<sup>12</sup> corpóreo de uma gramática do corpo cuja sua particularidade se dará nesta tese, perseguida pela hipótese de uma “Escrita com o corpo” como fora pensado por Clarice em *A hora da estrela* e agora aqui perseguida criticamente através desta *estrela de cinco pontas* contemplada pela obra e atravessada epistemicamente à luz da crítica biográfica fronteiriça, os conceitos e os capítulos na estrutura metafórica da estrela, sobressaem: primeiramente o conceito central de inter-corporeidade, em

<sup>12</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14, grifo meu

paralelo os conceitos bases com os capitulos I e II, por conseguinte o conceito do capitulo III com a gramática do corpo, que concluirá seu papel de estrela a partir da própria estrutura conceitual teórico-crítica deste trabalho.

**CAPÍTULO I - INTER-CORPOREIDADE POLÍTICA EM A *HORA DA ESTRELA*, DE  
CLARICE LISPECTOR:**  
por uma crítica biográfica fronteiriça

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 83.

## 1.1 – Sinto meu corpo, logo re-existo: inter-corporeidade em *A hora da estrela*

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

Inicialmente parafraseando pelo avesso Clarice, diria que o objetivo maior desta tese reside na afirmação de que o que escrevo não está *aquém e nem além de mim*<sup>13</sup>, uma vez que escrevo o que escrevo a partir da consciência de existência de meu próprio corpo enquanto aquele que pensa e se situa em um biolócus. E soma-se a isso o fato de que é condição *sine qua non* para a teorização descolonial que tal reflexão passe pelo situar-se do intelectual junto ao seu ato, ou opção de pensar descolonialmente. Dito isso, levemos em consideração que a reflexão que move esta teorização centra-se, a princípio, em *re-ler* os corpos – incluindo-se no cerne da discussão com a crítica do *bios* o meu corpo de pesquisadora, hoje situado numa universidade pública de Mato Grosso do Sul, de onde erijo esta reflexão de base acadêmica. Assim, partindo de uma teorização *outra* da fronteira-sul, e tendo como parâmetro os postulados da Crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015), me embaso a partir dos processos de sensibilidades do teórico e de uma perspectiva assentada no viver e no *com-viver*<sup>14</sup> comigo mesma e com todos aqueles [...] que me lerem, me escutarem e que comigo conversarem.<sup>15</sup>

Para *ilustrar* a discussão proposta acerca do corpo pelo crivo da diferença e pela crítica do *bios*, valer-me-ei do livro *A hora da estrela* (1977), da intelectual Clarice Lispector, considerando que a escolha da obra por meio da teorização descolonial<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 65.

<sup>14</sup> Estamos pensando aqui no livro *O bem viver*, de autoria de Alberto Acosta (2006).

<sup>15</sup> NOLASCO. Ensaio Biográfico, p. 62.

<sup>16</sup> A descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas

e fronteira parte, sobretudo, de uma prática epistemológica *outra* concebida enquanto conhecimento, e da qual me apropriarei em parte da escrita autoral da autora – tendo como motriz o conceito de inter-corporeidade<sup>17</sup> do intelectual e filósofo brasileiro Juliano Garcia Pessanha (2018) quando afirma que “ninguém existe antes de seu animador, seus animadores, aliados e sustentadores”<sup>18</sup>, pois *um já é o outro e vice-versa*. A inter-corporeidade que aqui, de alguma forma, sustentará a prática de minha escrita como um todo é afiançada pela preocupação teórica *desprendida* de qualquer razão teórica e de qualquer tradição<sup>19</sup>, considerando que me alio à prática escrevente de Clarice inter-corporando-a e inter-corporando meu corpo declinado na narrativa do meu próprio biolocus.

Por conseguinte, o pensamento teórico-crítico que embasa minha teorização advém da expressão “Escrevo com o corpo” e ao “tanto nós nos intertrocamos”<sup>20</sup> que, a seu modo, já sinaliza que a escritora se dedica de *corpo inteiro*<sup>21</sup> aos seus projetos, e com maior ênfase, talvez, a obra aqui em estudo, uma vez que nesta obra a autora inter-corpora-se em sua escritura, encenando-se (e a seu corpo) por meio e através dos corpos das personagens Rodrigo S.M e Macabéa, por exemplo) colocando em suspensão um jogo de corpos e vozes que se encenam e se dramatizam atravessando e formando a narrativa do livro como um todo. Esse gesto posto em prática pela escritora dentro do livro, de alguma forma, já prenuncia um atravessamento de vozes e de corpos que acaba por nos brindar com o que Walter Mignolo vai chamar de

---

novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.) (MIGNOLO, 2017, p. 15).

<sup>17</sup> O conceito de Intercorporeidade de Juliano Garcia Pessanha (2018), presente no *Recusa do não lugar*(2018), grafa a palavra sem hífen, enquanto no decorrer de todo o trabalho será grafado com hífen, para atender ao propósito conceitual empregado.

<sup>18</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 45.

<sup>19</sup> NOLASCO. *Ensaio Biográfico*, p. 62.

<sup>20</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 19.

<sup>21</sup> Fazendo alusão a outra obra da autora, com o projeto inicialmente elaborado no ano de 1974.

corpografias<sup>22</sup>. Chamo a atenção para tal aproximação por entender que esta tese persegue essa mesma direção na medida em que contempla a presença incontestada do corpo de todos os envolvidos na teorização aqui buscada e a seu modo nos lembra mais uma vez e justifica o título deste trabalho que, não por acaso, traz a expressão retirada de *A hora da estrela: Escrevo com o corpo* – inter-corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”.

Tal expressão, conjuntamente com a teorização *outra aqui* perseguida, corrobora, ou permite, minha inter-corporação nesta re-escrita (e não reescrita, bem entendido), o que significa me transmutar-me de *corpo inteiro*; e não à la Clarice Lispector conhecida por sua alta literatura moderna e exaustivamente estudada no campo do teórico-ficcional por uma plêiade de estudiosos de sua vasta obra. Antes, aproximo-me, aproprio-me mais de uma Clarice (talvez a minha Clarice, na medida em que esta teorização também *cria* sua persona ficcional), e de cuja persona da qual me aproprio e invento *não é mais literatura, mas outra coisa*: parte de mim, de meu *corpo epistêmico fronteiro*<sup>23</sup>. De modo que ao me inter-corporar em Clarice, nós *nos intertrocamos*<sup>24</sup> de modo semelhantes-na-diferença<sup>25</sup>. Assim como Clarice nos adverte ainda que em disfarce que as “informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas”<sup>26</sup>, na verdade parte da sua inscrição corporal na obra, a autora se inter-corpora e confessa que “informações essas que penosamente me vêm

---

<sup>22</sup> Este conceito será relevante na Tese considerando que faz parte da inscrição dos corpos dos envolvidos da ação. Aqui no caso, os corpos que *habitam ou passam habitar a fronteira* e que partem de um pensamento *outro*. Não por acaso o pensamento fronteiro está para um escrever com o corpo como bem pensou Clarice na sua escrita em *A hora da estrela*. Logo, as *corpografias*(MIGNOLO) em reflexão me ajuda numa escrita corporal que será compreendida por uma gramática do corpo em articulação e que conseqüentemente desobedece a uma gramática das *humanitas* (MIGNOLO), entendendo que é preciso aprender a desaprender, para re-escrever com o corpo.

<sup>23</sup> Essa discussão conceitual foi motivo de toda minha dissertação de mestrado.

<sup>24</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 19.

<sup>25</sup> [...] a ideia de semelhanças-na-diferença evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas não numa única direção [...]. O conceito não será aqui desenvolvido a fimco, mas será diluído quando necessário diante da sua importância para o diálogo para reflexão.

<sup>26</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12.

de mim para mim mesmo”<sup>27</sup>, ou seja, ao *hospedar* emprestando o próprio corpo para a criação de Macabéa. Aliando-se à criatura, Clarice dá ossos, carnes, peles, órgãos, como uma mulher em seu estágio de desenvolvimento embrionário, criando com seu corpo o outro corpo, saindo de si cria seu *ente* querido, o vivido de corpo e alma (de corpo inteiro). Nessa árdua composição de Macabéa, e mesmo condoída de muita dor, grito e culpa, a autora inter-corpora no/o ser da história com a estrela Macabéa. Aqui nessa inter-relação corpórea, não temos como não nos lembrar do trabalho efetuado por Silviano Santiago em seu recente livro *Fisiologia da composição* (2020), em que literalmente cobra a presença do corpo na Teoria da literatura e na metodologia da Literatura comparada. Na hora oportuna me deterei mais neste importante e significativo livro que aponta uma lacuna aberta nos postulados teóricos atuais.

Nessa minha condição de *registrar os fatos antecedentes de uma história* que poderá ser não pensada como princípio das coisas, mas de um *pré-pensamento sendo o passado imediato do instante*<sup>28</sup> como pensou Clarice, me encontro re-lendo e ao mesmo tempo *escrevivendo* na mesma hora em que estou lendo *A hora da estrela*: sendo a hora do agora para mim, portanto me vejo, porém vejo também outros corpos; outras Macabéas como porta-vozes dessa escrita narrada por outras mulheres gestadas também dessa condição de estrela na obra, talvez, como disse *minha* Clarice, *para salvar a própria vida, mas também a vida de alguém* em seu disfarce de morte, *porque neles vivemos*, encarnadas, em seu extremo vigor de vida, Clarice entre nós, representada, *no papel de estrela*<sup>29</sup>. Um corpo, muitos corpos.

---

<sup>27</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12.

<sup>28</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 08.

<sup>29</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 37.

São sobrevidas aqui relacionadas e inter-corporadas de modo que tomo emprestadas as feridas e as dores<sup>30</sup> dos outros, que possam talvez nos *revelarmos* um *destino*, num jogo de vidas, mortes, corpos, vozes e identidades pensados a partir desta re-escrita epistêmica *que dedico a estados fronteiriços, capazes de proporcionarem um encontro com a experiência originária*<sup>31</sup>. Foi então que me atentei ao encontro entre Clarice e mim, a autora insistira em mim na busca do alvo desejado: “Mas por que eu? Mas por que não eu. Se não tivesse sido eu, eu não saberia, e tendo sido eu, eu soube”<sup>32</sup> – a começar por meio de convites “sem o saber, meu destino estava traçado numa página qualquer de um de seus tantos livros memoráveis.”<sup>33</sup> Com hora marcada, data e ano e *minha* Clarice - através do meu convite matrimonial - realizado às 19:30 do dia 24 de fevereiro de 2006 em Minas Gerais, o convite de Clarice para mim transcrito dizia: “A vida, meu amor, é uma grande sedução onde tudo o que existe se seduz”<sup>34</sup> - trecho do romance *A paixão Segundo G.H.*, obra publicada em 1964 da autora. Hoje sinto, como diz Clarice, que “vivemos de esboços não acabados”<sup>35</sup>, pois a partir dessa escrita inter-corporal *teórica, como sintoma* de mim, falar a partir da vida de alguém, aqui no caso de Clarice, é também falar de mim. (Que exercício difícil, para não dizer impossível, tratar do corpo, e o que é pior, tratar do corpo do pesquisador (autor) dentro da escrita pensante e que o pensa!)

Por aproximações, de outro convite chega às minhas mãos com a delicadeza e ao mesmo tempo profundo e particular modo de tecer a vida/obra de Clarice, de modo que sua reflexão está para o *bios* e essa inscrição é claramente visível através da escrita com o corpo-obra *A hora da estrela* de 1977, a qual me foi apresentada e

---

<sup>30</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.

<sup>31</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 17.

<sup>32</sup> LISPECTOR, *A paixão segundo G.H.*, p. 53.

<sup>33</sup> NOLASCO. O ensaio de crítica biográfica fronteiriça, p. 38.

<sup>34</sup> LISPECTOR. *A paixão segundo G.H.*, p.

<sup>35</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 62.

me inter-corporo para essa reflexão, diante da teorização sensível e íntima que de alguma forma já estava inscrita em mim, em meu corpo, por isso me torno cúmplice de minha aliada. Sob o convite, Clarice de antemão *assinala o confronto* entre nós, a partir do ano emblemático de 1977, ano que consigna a vinda da obra e que também celebra o meu nascimento de *vida (sangue)* e sela ainda o ano de *morte (ossos)* de *minha* Clarice. (Quando falo de *minha* Clarice, falo da *persona* que evoco por meio de minha leitura e seus desejos e afetos.). Sem eu prever, a intelectual viria a se tornar minha *aliada hospitaleira* inter-corporal, e sendo uma na outra passamos de desconhecidas a confidentes biográficas de sentimentos, dores, medos, tristezas, alegrias e de libertação, além de porta-voz de meus propósitos teórico descoloniais aqui contemplado nesta teorização como opção de vida, ou opção de *bios* como conclui Nolasco que a “opção do *bios* é teórica.”<sup>36</sup>

Juliano Garcia Pessanha, em seu livro *Recusa do não-lugar* (2018), trata diretamente do que ele chama de “aliado hospitaleiro” quando explica ao seu leitor que sua relação com os filósofos com os quais dialoga vida afora passa necessariamente por uma “incorporação canibalizadora”. E diz mais, que em sendo seu livro fruto de uma tese de doutorado, todos os livros lidos por ele para tal finalidade “se desmancharam em minhas mãos, eu a comi [falando da trilogia de Peter Sloterdijk] e a incorporei de tal forma que a mera competência acadêmica não abarcaria sequer um grama dos quilos e quilos que transformei em partes de meu próprio corpo”.<sup>37</sup> Ressalvadas as diferenças entre o filósofo e mim, obviamente, não desconsidero que ao menos essa atmosfera entre livro e leitor, corpos e corpos esteja embasando a discussão aqui buscada, como forma de me aproximar de uma teorização que, de

---

<sup>36</sup> NOLASCO. *Descolonizando a pesquisa acadêmica*, p. 20.

<sup>37</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 79-80.

acordo com os postulados descoloniais, *preza a vida* e, de alguma forma, assegura minha inscrição corpográfica, uma vez que leio o que leio a partir de meu corpo. Nesse sentido, detenho-me, aqui, no texto de Pessanha que, não por acaso, se intitula “Nascer para dentro, nascer para fora: a mãe”.<sup>38</sup> Desse modo, parafraseando o filósofo brasileiro, mas pensando em minha proposta de teorização, afianço que realizo uma incorporação e uma simbiose a partir do livro *A hora da estrela* de Clarice Lispector e, por conseguinte, optei por citar algumas passagens do referido livro para que o leitor possa ao mesmo tempo apreciar lembrando a escritura de excelência de Clarice, apesar de por escolhas me deter tão somente nas passagens que venham a se somar em minha teorização, ao invés de meramente ilustrá-la. Já dentro do mundo movente da hospitalidade, e considerando segundo Pessanha que tudo nesse contexto de aproximação depende da hospitalidade do aliado (*A hora da estrela* e a autora) e, no caso de minha imersão nesse campo envolvente (a teorização), nada mais oportuno do que transcrever o que o autor entende por “aliado hospitaleiro”:

Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo.”<sup>39</sup>

Apesar de a referida passagem não estar circunscrita no âmbito de uma teorização de ordem descolonial, como a por nós aqui privilegiada, entendo que ela tangencia várias questões que podem ser endossadas pela teorização descolonial, principalmente quando o autor aponta a ideia não mais dual entre sujeito x objeto, especificamente porque seria exatamente a partir dessa não separação que se constitui o que vimos chamando de teorização descolonial. Afora isso que é

---

<sup>38</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 69-87.

<sup>39</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

sumamente importante, temos a reafirmação da fusão autor x texto, obra x leitor, autor x leitor etc., além, claro, da relação primordial entre corpo x corpo. Nessa direção, a obra *A hora da estrela*, bem como sua autora Clarice Lispector, continuam sendo elas, obviamente, mas também, a partir de minha teorização, são parte incontestes de minha obra-teorizada e são ainda eu mesma. Ter essa consciência e escrever/teorizar a partir dela é tão difícil quanto sedutor, uma vez que no meio do caminho, ou busca, encontramos o outro que precisa partilhar e querer entender esse jogo lançado no papel (no meu caso, o leitor da tese).

Ainda na sequência da discussão de Pessanha, quando o autor afirma que é *sempre no duo que se decide o um*, quero entender que é somente a partir ou dentro da teorização aqui encenada que os corpos se inter-relacionam e dialogam entre eles, ou seja, a teorização funcionando como o lugar de encontro em que “o ser-um-no-outro” se materializa como um self verdadeiro, como afirma o autor. Não é demais lembrar que os corpos estão sempre envolvidos nessa discussão de ordem material. Desse modo, o pesquisador (eu, no caso) enquanto um aliado devotado e cuidadoso do corpo dos outros, esforça-se para que sua teorização aos poucos faça sentido no e para o mundo. Confesso que aqui encontro menos a Clarice que a Pessanha e, por conseguinte, confesso que a culpa, se houver, é dele, pois aprendi com ele a me tornar aliado hospitaleiro daquilo que amo e admiro, e venha de onde vier. Quando Pessanha critica a separação sujeito/objeto, na verdade ele está criticando filosoficamente a gramática moderna ocidental. E estou mencionando isso aqui pelo fato de o último capítulo desta tese ser exatamente sobre uma possível gramática do corpo que não deixa de ser também uma gramática da descolonialidade. Gramática esta que, não por acaso, se erige na contracorrente daquela, presa a uma lógica da modernidade e a uma retórica da colonialidade. Nesse sentido, quero

entender que a discussão do autor me ajuda a pensar na diferença em questão do corpo. E que se, para isso, eu tiver que me desvencilhar de meu próprio corpo e suas certezas históricas, políticas e sociais eu o farei, sob pena de não alcançar meu propósito que é o de pensar uma gramática do corpo outro que não passe, necessariamente, pelos postulados do pensamento ocidental moderno. Mais uma vez parafraseando o autor, quando pensa que *o dois-em-um ou o ser-um-no-outro do duo simbiótico* contribui para o apagamento de individualismo e pureza de pensamentos e, em contrapartida, mais próximo de uma re-escrita de teorização que traz em sua própria gênese as inscrições dos corpos dos envolvidos, seus *bios* e seu *lóci como* condição para uma “conversa” no âmbito das diferenças, no plural. Transcrevo esta passagem de Pessanha, por entender que ela ilustra o que estamos propondo aqui: “Quem se desloca pelos espaços íntimos é capaz de nomear o tráfego e a orgia dos gestos incorporadores e a imersão abissal no próximo. Ora, a linguagem sujeito/objeto falsifica o campo das dualidades arcaicas.”<sup>40</sup> Com base no exposto, entendemos que nossa inter-corporeidade aqui buscada vai abrindo espaços de ordem íntima, corporal e biográfica, visando, com isso, ruir a fronteira dual que preexiste entre sujeito/objeto, para que uma política da corpo-política (MIGNOLO) preexistia na teorização, mesmo quando como agora que ainda não estamos tratando do conceito de corpo-política. Aproveito para dizer que uma das coisas mais importantes que escrever esta tese tem me dado a saber é que os conceitos se antecipam na discussão, se movimentam tal qual os corpos na escritura, não se fixando nos lugares que às vezes os queremos deixar. No jogo dessa inter-corporeidade aqui travada, não sei se sou eu e meu corpo que vamos até os corpos inscritos em *A hora da estrela* por meio de minhas mãos, ou se são eles que me agarram com suas mãos escritas. Em todo caso, penso uma

---

<sup>40</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.

teorização que, a seu modo, cria portas possíveis para um entendimento teórico. Todavia, repetindo Pessanha, quero entender também que meu leitor não terá a senha de entrada se, antes, não entender um pouco que seja de corpos, *bios*, *lóci*, aliados e hospitaleiros. E talvez por uma questão até simples: porque não estamos tratando de corpo biológico pura e simplesmente, mas de corpo epistemológico sobretudo.

De alguma forma Pessanha nos lembra que um estudo que compreenda o corpo passa pelo mundo da intimidade, na medida em que tal visada extrapola a relação binária corpo/mente ou sujeito/mente, e aqui acrescentaríamos leitor/texto, autor/obra e leitor/autor e por extensão “é paixão minha ser o outro”<sup>41</sup>. Entendo que não “intimidade” no sentido literal da palavra, mas, sim, naquela extensão em que um já é o outro, em que o corpo de um já se encontra atravessado pelo corpo do outro, cuja gramática elide sujeito-objeto (moderno), e volta-se para uma gramática do corpo de uma perspectiva outra. Sem querer forçar a leitura que faço do texto de Pessanha, que não por acaso se intitula “O íntimo e o êxtimo”, transcrevo esta passagem que ilustra aqui <sup>42</sup>minha relação com Clarice e seu livro: “o assim chamado autor (ser originário criador) não preexiste ao trabalho pneumático, mas engendra-se sincronicamente com esse próprio trabalho, num confronto interior com seu semelhante.” O autor chega a uma possível conceituação do que ele entende por intimidade: “Pensar a intimidade é pensar a área dessas ações [gestos canibalizadores e adentrar nesse tráfego de gestos incorporadores: a intimidade, essa imersão abissal no mais próximo, constitui uma região vedada a todos aqueles que permanecem reféns da linguagem sujeito/objeto.”<sup>43</sup> Afora toda a importância que a

---

<sup>41</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 19.

<sup>42</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 111.

<sup>43</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 112.

passagem põe em evidência, por ora basta chamar a atenção para algo que as visadas de ordem dualistas que ainda tentam se constituir a partir da separação sujeito/objeto prestam um desserviço para os estudos acerca do corpo na atualidade, haja vista que, e cada vez mais, não encontramos no presente uma discussão teórica filosófica que abarque a *diversalidade*<sup>44</sup> do tema, portanto, é o corpo da diversidade que é sensível e racional em si e aos seus ao mesmo tempo<sup>45</sup>. E seria exatamente por isso que tenho consciência e preciso dizer que minha leitura se trata de uma leitura e, por mais que ela ocupe um lugar de predileção em minha escolha teórica, outras leituras podem e devem ser feitas. Aqui cabe bem aquela discussão de Mignolo acerca do “relevante” ou “irrelevante” para alguém. Mas o que ninguém pode, nos dias de hoje, é desconsiderar a *diversalidade* epistemológica e conceitual quando se trata de discutir o corpo neste século XXI. Sobre isso, Pessanha parece arrematar a questão à la descolonialmente: nos duetos constitutivos da vida, “o outro é o complementar íntimo e o gênio aliado, mas nunca um objeto.” E sem medo de escancarar minhas incertezas e meus medos que a seu modo rondam esta pesquisa, pergunto: como fazer teorização sem tomar o livro *A hora da estrela* e sua autora como objetos? É possível, perguntaria eu a mim mesma? E a resposta, mesmo que apressada ainda seria; sim, é possível fazer, e é dessa possibilidade que erijo meu discurso teorizador epistemológico aqui. Mas adianto que não tenho resposta conceitualmente ainda abalizada aqui, a não ser uma resposta-aliada-hospitaleira na medida em que me lembro do título do livro *¿Podemos pensar los no-europeos?* e cuja resposta seria: sim, podemos, e estou teorizando acerca do corpo a partir da corpo-política que sustenta a gramática da descolonialidade/corpo. E aproveitando aqui minha inscrição deliberada em minha teorização e por extensão em minha tese, retorno ao texto de

---

<sup>44</sup> BESSA-OLIVEIRA. Pedagogias da diversidade. 69.

<sup>45</sup> BESSA-OLIVEIRA. Pedagogias da diversidade. 71.

Pessanha no momento em que ele justifica a simbiose da qual ele se vale para se aproximar e copiar as palavras de seu aliado hospitaleiro (Peter S.):

decidi nem sempre usar aspas, pois todos esses conceitos foram legítima e verdadeiramente plantados em meu próprio ser como sendo meus. Não deve ser algo muito incomum o fato de um filósofo responder a questões que nossa vida já havia formulado, mas que não tínhamos competência para responder. Penso que, nesse caso, o plágio está autorizado e podemos considerar tais obras como nossas também, pois as recriamos em nossas leituras.<sup>46</sup>

Lendo ao pé da letra a passagem, informo que não ousei tanto a ponto de não usar aspas (apesar de saber que o trabalho acadêmico me permitiria), mas, por outro lado, não deixei de pensar que os conceitos já estavam de alguma forma inscritos em mim, em meu corpo teórico, e portanto já eram de minha autoria; e também aprendi, descobri que o que buscava teoricamente em grande parte já estava dito dentro da escritura estudada na tese, mas que seria preciso eu pesquisar/teorizar para que eu descobrisse que o que eu buscava já estava inscrito em meu corpo de pesquisadora; confesso que não pratico o plágio como gostaria, mas enquanto aliado hospitaleiro do livro, de Clarice e dos autores teóricos me apropriei o quanto pude visando recriar o que disseram por meio de minha leitura teorizadora. Sem ser piegas nem romântica, reconheço que minha teorização deva funcionar como uma senha da qual me valho para pensar o corpo e cuja porta deve me mostrar que o corpo, qualquer corpo, não é nem ocupa um não-lugar (para fazer alusão ao título do livro de Pessanha), logo o corpo existe até mesmo como um modo de pensar epistemologicamente.

Ao me afirmar teoricamente nessa re-escrita inter-corporando essas nossas sensibilidades biográficas a partir da obra e dos corpos envolvidos na ação, procuro imutar as regras das imposições teórico-crítico de conhecimentos e de sensibilidades, entendendo que para inter-corporar nesse jogo compartilhado entre Clarice e mim é

---

<sup>46</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 80.

preciso me *deslocar por espaços íntimos*<sup>47</sup> de sobrevivências de nossos corpos da exterioridade aqui entrelaçados em vidas, mas também na morte, pois falo de vivos que também *hoje* possam ser *ossos*<sup>48</sup> como *minha* Clarice; minha espectral aliada se faz presente ao dizer que: “vivam os mortos porque neles vivemos”<sup>49</sup>, *portanto* Clarice sobrevive em mim. Não seria por acaso que sobrevivência e, ainda e melhor, experiênciabilidade, seriam conceitos importantes para se pensar as subjetividades dos sujeitos e des-sujeitos do mundo presente.

Assim como Clarice cede o corpo para a história da nordestina, me coloco também nesse inter-corporar entre mim, Macabéa, Clarice e também outros aqui comprometidos a estarem nesse processo intervalar de existência, pensando-nos enquanto corpos da diferença de modo que não misturamos, mas que ressaltamos as *semelhanças-na-diferença*<sup>50</sup>. Aliás, como disse Walter D. Mignolo, é importante pensar que os corpos aqui presentes estão nas diferenças e não nas semelhanças da diferença colonial, introduzidos por uma razão *outra* que significa evocar a re-colocação dos diferentes atravessamentos de nós sujeitos enquanto corpos da exterioridade compreendidos epistemicamente nas mais diversas direções. Em se tratando dessas corporações aqui presentes, além das particularidades de re-existência, tais corpos não estão envoltos em uma visada dual e, por isso mesmo, é importante reafirmar que não partem da óptica da modernidade, mas da visada descolonial, por *implicarem o desnudar e aceitar as dores envolvidas neste processo*<sup>51</sup> conhecido através das sensibilidades geoistóricas.

---

<sup>47</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.

<sup>48</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 07.

<sup>49</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 04.

<sup>50</sup> O conceito de “*semelhanças na diferença*” pensado pelo teórico Walter D. Mignolo (2020). Não será aqui aprofundado. Mas julgo evocar quando necessário para reflexão.

<sup>51</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, P. 10, grifos meus.

Nesse tocante, sei que comprometida por Clarice já estava, uma vez que como bem afirma *minha* aliada na obra, *as coisas acontecem antes de acontecer*<sup>52</sup>; por isso, *se essa história não existe, passará a existir*<sup>53</sup> por mim, pois a cada passo de meu envolvimento teórico comprometido com Clarice, sob sua trajetória corpográfica na obra, me conduzo a re-pensar e a re-formular a partir de mim essa re-escrita epistêmica aproximando-nos e distanciando-nos na *diferença* sob as paridades possíveis entre nós, pois inter-corporada em nossas particularidades, coincidentemente ou não, todos nós temos um destino:

Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa? Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” Cairia estatelada em cheio no chão. É que “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto.<sup>54</sup>

Escrever esta história, escrever Clarice, *escrever Macabéa e, sobretudo, escrever a si/mim mesmo, eis o grande desafio*.<sup>55</sup> Diante disso, inter-corporar entre nos tornar elos de aproximação entre nossa história dividual<sup>56</sup>: para ambas as relações, eu preciso estar de mãos dadas com *minha Clarice*, pois “não aguento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé<sup>57</sup> nesta escrita. Inter-corporar-me na condição de podermos dar nossos gritos de liberdade das amarras que o corpo ainda sofre pela colonialidade. Dessa escrita de uma ótica descolonizada por um *escrever para descrever e assim re-escrever*, no mesmo sentido de *aprender a desaprender para assim re-aprender* inter-corporado pela teorização descolonial do argentino Walter Mignolo, o termo rompe com as fronteiras estabelecidas na prática e

<sup>52</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>53</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>54</sup> LISPECTOR. *A Hora da estrela*, p.13.

<sup>55</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 05.

<sup>56</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 114.

<sup>57</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 08.

na teoria movendo, assim, uma ação epistêmica de desprendimento<sup>58</sup> que, por conseguinte, implica a desobediência epistêmica<sup>59</sup> às lógicas modernas no tocante à exclusão do corpo. Logo, a reflexão aqui feita vem sendo articulada a partir de meu *biolocus*, cuja teorização parte de corpo e um lugar presentes e situados no espaço, do corpo que hoje me permite saber quem sou, já que sinto meu corpo, logo renasço, diferentemente da boutade descartiana *do penso primeiro para depois existir*. (Essa questão do re-escrever aqui mencionada será trabalhada no capítulo II)

Pretensiosamente o escrever com o corpo pensado por *minha* aliada Clarice e do qual procuro me apropriar aqui convoca um pensamento *outro* no campo da teorização por mim articulada que se dá a partir de uma inter-corporeidade descolonial que venho construindo e propondo, sob o crivo da importância particular de pensar os envolvidos dessa ação enquanto *ser, saber e sentir* corpo habitado na especificidade e que se encontra na exterioridade. *Aliás, a pessoa de quem vim falar para pensar também o meu corpo, a exemplo de Macabéa, somos corporações perseguidas e ainda delimitadas pelo sistema moderno colonizador, somos marcadas pela invenção discursiva, o qual se criou criando conceitos dissociáveis do corpo, considerando que nós, des-sujeitos da diferença mal tenhamos corpo<sup>60</sup>, uma vez que nossos corpos não são vistos pelo pensamento hegemônico, mas que, ainda sim ou por isso mesmo, sabem-se deles<sup>61</sup> (corpos outros).*

---

<sup>58</sup> O conceito de desprendimento cunhado pelo argentino Walter Mignolo, terá mais ênfase no segundo subtítulo deste capítulo.

<sup>59</sup> Outro conceito desobediência epistêmica pensado por Mignolo que será mais aprofundado no segundo subtítulo.

<sup>60</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 24, grifos meus.

<sup>61</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 08, grifos meus.

Volto minha reflexão teórica para pensar as *feridas do corpo e fendas da alma*<sup>62</sup> desses corpos colonizados e *entrincheirados nessa lógica ocidental/moderna*<sup>63</sup> de que é preciso pensar hegemonicamente para existir, tendo por escopo a descolonialidade, o pensamento fronteiro como prática que não se ancora em tendências ou modismos teóricos assentados numa *idealização de um melhor sistema de acumulação de matéria*<sup>64</sup>, ou qualquer que seja uma linearidade a seguir de *epistemes* estabilizantes e únicas. Diante do aposto, *não há como escrever* a partir de epistemologias *outras* que tratem de corporações, de sensibilidades locais biográficas fronteiriças e continuar pensando *de um reduto acadêmico isolado dos processos sociais*<sup>65</sup>, políticos, culturais, éticos, entre outros.

Por isso, a descolonialidade aqui privilegiada contribui para um pensamento teórico crítico *outro* que não se coloca em validação menor ou maior para superar saberes anteriores, mas nos permite reconhecer que precisamos voltar para nossa esquecida casa chamada *corpo*, lugar este compreendido pela crítica biográfica fronteiriça como *biolocus*. O nosso lugar-corpo desconhecido e, assim, ainda compreendido por nós latinos fronteiros consiste em nos fazer parte de um *sistema-mundo que não encontra uma maneira de incorporar os saberes subalternos nos processos de produção de conhecimento*<sup>66</sup>, uma vez que estes se veem da exterioridade por um conhecimento lógico que separou a emoção da razão em suas epistemologias; por conseguinte, só nos vimos por fora da “fachada” sem adentrarmos no suposto mundo real interno projetado aos moldes classificatórios de viveres, saberes, ser e sentir pensados para todos.

---

<sup>62</sup> EVARISTO. *Macabéa flor de Mulungu*, p. 23.

<sup>63</sup> MIGNOLO. *Histórias locais / projetos globais*, p. 130.

<sup>64</sup> ACOSTA. *O bem viver*, p. 20.

<sup>65</sup> ACOSTA. *O bem viver*, p. 20.

<sup>66</sup> MIGNOLO. *Desafios descoloniais hoje*, p. 71.

Hoje, tendo eu consciência colonial e movida pela teorização descolonial acerca da crítica biográfica fronteiriça, volto para casa, para o meu corpo para pensar também outros corpos des-iguais a mim e ao meu que *andam por aí aos montes*<sup>67</sup> sob acusação e punição por existirem da/na exterioridade. Venho por meio desta tese tratar dessas questões emergentes e divergentes pela crítica biográfica fronteiriça, as quais partem não só de um reduto acadêmico isolado dos processos sociais que fazem parte da vida com a inscrição do *bios* que “demanda a presença de outras histórias, pessoais ou alheias”<sup>68</sup>; enquanto aproximação biográfica, falo de *minha* Clarice e de outros aqui atravessados pela teorização, os nossos corpos latinos que ainda doem como de uma Macabéa cujas feridas ainda sagram e encontram-se abertas pela colonialidade racializada – aproximamo-nos todas (todos) da *ferida aberta* sentida no corpo da chicana Gloria Anzaldúa, cujo corpo metaforiza a fronteira. Sobressai nessa discussão uma consciência *outra (estou tendo consciência disso)*, que culmina nos corpos aqui postos *sub judice* de alguma forma, dos corpos daqueles que sentiram e sentem a invisibilidade *de ter nascido onde nasceram*<sup>69</sup>, em lugares de fronteira e também lugares e modos outros de nascença.

Em “Desafios decoloniais hoje”, Walter Mignolo corrobora o que estamos dizendo acerca desse outro da exterioridade. Vejamos o que diz o autor ali. Primeiro ele explica que esse outro pertence à categoria de “*anthropos*”, como forma de se distanciar dos “*humanitas*”. Aliás, segundo o autor, todos os debates contemporâneos sobre a questão da alteridade correspondem à categoria do “outro”. Adianto que se pensarmos bem, a discussão que encampa esse outro não estaria longe da discussão

---

<sup>67</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>68</sup> NOLASCO. O ensaio de crítica biográfica fronteiriça, p.36.

<sup>69</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 19.

perpassada pelo “corpo”. Todavia, esse outro, de acordo com o autor, ontologicamente não existe, não passando de uma mera invenção discursiva.

Na sequência, o autor reitera que quem inventou esse outro foi o mesmo num processo de autoconstruir-se e que, por conseguinte, “para impor o *anthropos* como ‘o outro’ no imaginário coletivo é necessário estar em ‘posição de gerenciar o discurso (verbal ou visual) pelo qual se nomeia e se descreve uma entidade [...] e conseguir fazer crer que este existe.”<sup>70</sup> A partir dessa imagem de invenção de um outro que a priori não existe, e pensando aqui na questão perpassada pelo corpo, valemo-nos do mesmo texto do autor, quando ele diz que o “Terceiro Mundo não foi inventado pelas pessoas que habitam o Terceiro Mundo, mas por homens e instituições, línguas e categorias de pensamento do Primeiro Mundo”<sup>71</sup> — bem, se o “outro” e o “terceiro Mundo” foram inventados pelo Primeiro Mundo, resta-nos ver e concluir que o que não havia ali era o “corpo”. Esse corpo não foi sequer inventado, e, por não existir, foi ignorado, vilipendiado e atirado na inexistência sumária da civilização planetária.

Ainda ao tratar da figura do *anthropos*, Mignolo é enfático ao afirmar que “nós, *anthropos*, que habitamos e pensamos nas fronteiras, estamos no caminho e em processo de *desprendimento* e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente *desobedientes*”<sup>72</sup>. Valho-me das palavras do autor, mas dizer que também sinto que me encontro no caminho de uma teorização que, a seu modo, visa uma libertação das amarras sentidas pelo corpo mundo afora, e que, não por acaso, e é por isso que grifei as duas palavras, porque vou me valer delas na sequência como forma de *desagrilhoar* o corpo dessa condição de subjugação em

---

<sup>70</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 18.

<sup>71</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 19.

<sup>72</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

que ainda se encontra em muitos tratados teóricos modernos. Mais para a frente, voltarei a esse texto de Mignolo, quando for tratar do pensamento próprio ou fronteiriço, mas agora ainda quero me deter em uma questão que, pensando em meu lócus enunciativo de onde penso esta tese, faz toda a diferença.

Diz o autor que nós *anthropos* que escrevemos em línguas ocidentais modernas e imperiais (incluindo o português), “o fazemos com nossos corpos na fronteira.”<sup>73</sup> Bem, se meu corpo enquanto pesquisadora está engastado na fronteira-sul, então só posso pensar a partir dele e dessa condição. Resumindo, entendo que ter esse conhecimento teórico por si só já prenuncia o lugar de nossa abordagem de teorização e, por conseguinte, o modo de leitura que daí se desprende. Está envolto a essa discussão o que se entende por “pensamento fronteiriço”, o qual é condição necessária para pensar descolonialmente. Uma das passagens mais contundentes e emblemáticas de “Desafios decoloniais hoje”, e que tem tudo a ver com nossa discussão aqui, é esta na qual Mignolo trata não por acaso do pensamento descolonial:

Como já disse, o pensamento descolonial é mais semelhante à pele e às localizações geo-históricas dos migrantes do Terceiro Mundo, que a pele dos “europeus nativos” no Primeiro Mundo. Nada impede que um corpo branco na Europa ocidental possa sentir como a colonialidade opera nos corpos não-europeus. Compreendê-lo consiste em uma tarefa racional e intelectual, não experiencial. Para que um corpo europeu chegue a pensar descolonialmente tem que ceder algo, da mesma forma que um corpo de cor formado nas histórias coloniais tem que ceder algo se quer habitar as teorias pós-modernas e pós-estruturalistas.<sup>74</sup>

Ler e compreender e repetir que a pele e as localizações geo-históricas são semelhantes ao pensamento descolonial do que a pele dos europeus nativos é muito significativo para uma discussão/teorização que passa pelo corpo como a nossa aqui feita, ainda mais quando o autor cuidadosamente pontua que este corpo (europeu)

---

<sup>73</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.

<sup>74</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 27.

até pode sentir a colonialidade como os corpos não-europeus a sentem — porque a questão passa obrigatoriamente ou melhor, epistemologicamente, por outro lugar. E aqui vale a pena reproduzir novamente o final da passagem acima: compreender o pensamento descolonial pelo corpo branco *consiste em uma tarefa racional e intelectual, não experiencial* e nem muito menos emocional, uma vez que aquele corpo branco, e talvez mesmo cedendo algo de si, estaria condenado a pensar sobre tal pensamento ao passo que um corpo, pelo contrário, formado nas histórias coloniais já o pensa a partir dessa condição de colonialidade. Ainda na esteira da discussão feita por Mingolo, parece tornar-se quase impossível para um corpo de cor formado nas histórias coloniais habitar de corpo presente quando as teorias estão assentadas nos “pós (de pós-moderno e pós-estruturalistas como está embasada toda a desconstrução de Derrida e, por conseguinte, grande parte do pensamento ocidental moderno). Nesta tese, como já demos a entender, não temos sequer tempo nem lugar para pensar e habitar teorias declinadas nos “pós” europeus. E lembramos, aqui, que o “experiencial” que fica de fora do sentimento do corpo branco com relação ao pensamento descolonial encontra-se no mesmo campo da convivialidade que o corpo negro encontra na exterioridade, bem como a questão que engloba toda a intercorporeidade aqui perseguida. Para que um corpo europeu chegue a pensar descolonialmente tem que ceder algo, da mesma forma que um corpo de cor formado nas histórias coloniais tem que ceder algo se quer habitar as teorias pós-modernas e pós-estruturalistas.

Endossa de forma significativa e relevante a teorização descolonial por mim aqui priorizada o que propõe e defende a intelectual chicana Gloria Anzaldúa quando pensa a partir do que ela denomina de epistemologia fronteira, uma vez que tal conceituação se constitui tendo por parâmetro o lócus fronteiro no qual viveu a

própria intelectual, situada entre o México e os Estados Unidos. Dali de uma condição já de corpo política “habitada pelo pensamento fronteiriço”<sup>75</sup> Anzaldúa evoca uma política teórica para descolonizar o ser e o saber, passando por seu próprio corpo enquanto intelectual chicana indígena e homossexual. Tal exemplo, mais uma vez, corrobora e endossa nossa perseguição de uma teorização aqui que passa necessariamente pela presença e inscrição corpo-gráfica do corpo de todos os envolvidos, já que nossa preocupação se centra numa reflexão que tenha o corpo como condição para pensar a partir da diferença colonial. Reitero, com isso, não apenas que já estou adiantando a ideia que contorna o conceito de corpo-política (MIGNOLO), sobre o qual me deterei mais à frente, como estou, com isso, trazendo, mais uma vez e sempre, a inscrição de uma inter-corporeidade que contempla a presença de minha inscrição corpo-bio-política em minha escrita, bem como a presença dos corpos que fazem e atravessam a escritura do livro *A hora da estrela*.

A imagem-conceito de Anzaldúa acerca do que ela chama de *herida abierta* não deixa de ilustrar o campo da intercorporeidade, na medida em que os corpos aqui tratados se encontram todos numa condição de fronteiridade:

A fronteira entre os Estados Unidos e o México é uma *herida abierta* onde o Terceiro Mundo se esfrega/roça no Primeiro Mundo e sangra. E, antes de se formar uma crosta, ela sangra novamente; a alma de dois mundos que se unem para formar um terceiro país: uma cultura fronteiriça. As fronteiras são estabelecidas para definir lugares que são seguros e inseguros, para nos distinguir deles. Uma borda é uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma borda pronunciada. Uma zona fronteiriça é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de um limite não natural. Está em constante estado de transição. O proibido e o ilegal são os seus habitantes. Aqui vivem os atravessados: os de olhos semicerrados, os perversos, os esquisitos, os chatos, os mestiços, os mulatos, os meios mortos; em suma, aqueles que atravessam, passam ou atravessam pelos limites do “normal.”<sup>76</sup>

<sup>75</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 23.

<sup>76</sup> La frontera entre los Estados Unidos y México es una *herida abierta* donde el Tercer Mundo frota com el Primer Mundo y sangra. Y, antes de que se forme una costra, vuelve a sangrar; el alma de dos mundos que se ensamblan para formar un tercer país: una cultura fronteriza. Las fronteras se configuran para definir los lugares que son seguros y no seguros, para distinguirnos de ellos. Un borde

Em todo caso, por mais que a autora não esteja falando diretamente de corpo, é dele e nele que a ferida aberta sangra, ou pelo menos é por ele atravessado na fronteira que se inscrevem as diferenças todas. Não por acaso que são os corpos subjugados que ali se encontram, nessa condição de entrelugar permanente. Enfim, vemos desenhar na passagem, de uma forma bem peculiar, o corpo mesmo da intelectual em sua condição de mulher indígena, chicana e homossexual. Um corpo que sobrevive na borda do fora, do inexistente, daquele à la Clarice Lispector em *A hora da estrela* que precisa reivindicar o *direito ao grito*. Nesse sentido, Anzaldúa gritou e reivindicou os direitos por todas nós mulheres que nos encontramos nessa condição de querer pensar a partir da diferença colonial. Não é à toa que o texto de Walter Mignolo de onde retirei a referida passagem se intitula “filosofia e diferencia epistêmica colonial”. Assim, é de diferença epistêmica que fala Anzaldúa, assim como não deixava de ser e falar a escritora Clarice Lispector e eu mesma enquanto pesquisadora busco esse direito epistêmico de falar e teorizar aqui nesta tese.

Aliás, com base nessa forma de pensar geopoliticamente aqui, e tendo por biolocus a fronteira-sul, entendo que tal premissa contribui para uma subversão tanto da retórica da modernidade quanto da lógica da colonialidade, parâmetros esses que não partilham da epistemologia fronteiriça proposta por Anzaldúa. Aproveitando a condição fronteiriça em que se encontrava a intelectual mulher Gloria Anzaldúa, lembro, talvez mais uma vez, que também me encontro em condição de fronteira e, em sendo eu uma mulher mineira de Belo Horizonte, é a partir dessa condição que penso e erijo esta teorização, cujo teor maior é o de caráter epistêmico, e, por o ser,

---

es una línea divisoria, una franja estrecha a lo largo de una frontera pronunciada. Una zona fronteriza es un lugar vago e indeterminado creado por el residuo emocional de un límite antinatural. Está en un estado constante de transición. Los prohibido y lo ilegal son sus habitantes. Los atravesados viven aquí: los de ojos entrecerrados, los perversos, los queer, los molestos, los mestizos, los mulatos, los semimuertos; En resumen, los que cruzan, pasan o atraviesan por los confines de lo ‘normal’. (ANZALDÚA *Apud* MIGNOLO, 2018, p. 203).

traz em sua inscrição minha corpo-política. Entendo que sobressaia daí a importância de minha inter-corporada perspectiva epistêmica fronteiriça, uma vez que, ao agir assim, sinalizo que meu corpo de pesquisadora se encontra situado em algum lugar específico, independentemente de eu ter nascido ali ou não. Aliás, o que faz a condição de des-sujeito (MIGNOLO) fronteiriço é, antes de tudo, o sentido de histórico e a experivivência que se formula a partir desse lugar situado e vivido. É escusado dizer que *fronteira* não é pensada geograficamente (não que não o seja), mas primordialmente como epistêmica e política (MIGNOLO), de modo que os corpos da diferença “que habitam a fronteira, esses [corpos] precisam saber que o que os diferencia, antes de mais nada, é sua consciência fronteiriça”<sup>77</sup>; nesse sentido *uma vez que* percebemos *que* nossa *inferioridade é uma ficção criada para nos dominar*<sup>78</sup> e limitar *invisivelmente* nossos corpos. A paisagem que aqui se desenha vem reforçar a lógica de que não fomos pensados como integrantes e participativos do projeto de mundo habitado pelos *loci* eurocêntricos. No bojo dessa discussão, que nos alerta para o crivo de uma lógica *outra*, Gloria Anzaldúa formula a conceituação de fronteira da seguinte forma:

As fronteiras são projetadas para definir locais seguros e o que não são, para nos distinguir (nós) deles. Uma borda é uma linha divisória, uma linha fina ao longo de uma borda íngreme. Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido criado pelo resíduo emocional de uma fronteira contra a natureza. Está em constante estado de transição. Seus habitantes são proibidos e banidos.<sup>79</sup>

No âmbito desse *estar em* fronteira me coloco e penso o meu nascimento e o seu mistério: eu nascera duo corporais, atravessado por corpos ambos femininos, eu,

<sup>77</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p.15.

<sup>78</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 19, grifos meus

<sup>79</sup> “Las fronteras están diseñadas para definir los lugares que son seguros y lo que no lo son, para distinguir el us (nosotros) del them (ellos). Una frontera es una línea divisoria, una fina raya a lo largo de un borde empinado. Un territorio fronterizo es un lugar vago e indefinido creado por el residuo emocional de una linde contra natura. Está en un estado constante de transición. Sus habitantes son los prohibidos y los baneados”. ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42, tradução minha.

de cor, e a outra (irmã) gemelar de uma gestação bivitelinas<sup>80</sup>; eu e a outra parte de mim em espaços fronteiros nos assemelhamos, mas, desde a origem ao mundo, nas diferenças. As diferenças são sempre muitas, no plural. “Eu não comecei comigo ao nascer”<sup>81</sup>. Para minha surpresa, entendo que por não termos nascidos iguais como a maioria dos nascidos do ventre materno, nós não nascemos sozinhas: meu corpo por extensão de outro corpo teve uma gestação coincidente, nascemos no mesmo dia. Mas, ainda, viver em *estado de fronteira* é ter coisas que esbarram com a movimentação dos corpos. Temos uma vida duo uterina por 9 meses, mas cada uma com seu espaço específico, como consta em nosso registro de nascimento pela casa de saúde e Maternidade “Enersto Gazzolli”, no ano de 1977, em Belo Horizonte. Naquele momento histórico em que eu nascia com a versão gêmea “outra” de mim, *minha* aliada Clarice — talvez como parte ou mesmo uma outra versão desconhecida de *mim* — relutava com a morte, mas não nos esqueçamos de que: morrer é também nascer: “nasce comigo agora”<sup>82</sup>, porque “às vezes a vida volta.”<sup>83</sup> Já dissera o filósofo Jacques Derrida: “nascer é aprender a morrer”.

## MORTE

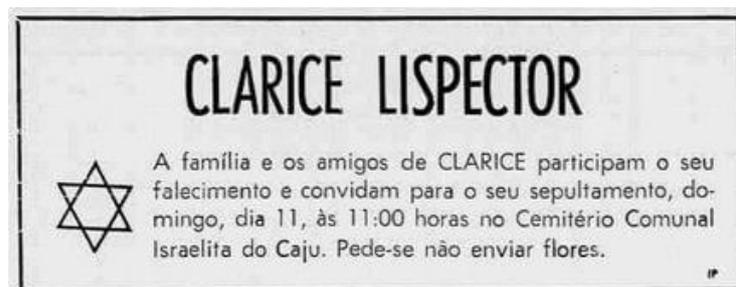


Figura 2 – Publicação no Jornal do Brasil sobre a morte da escritora, na manhã do dia 9 de dezembro de 1977.

<sup>80</sup> Os gêmeos bivitelinos são dizigóticos ou multivitelinos, ou seja, são formados a partir de dois óvulos. Nesse caso, são produzidos dois ovócitos II e estes são fecundados por dois espermatozoides, formando, assim, dois embriões. Quase sempre são formados em placentas diferentes e não dividem o saco amniótico. Disponível em <https://www.hospitalinfantilsabara.org.br/sintomas-doencas-tratamentos/gemeos/#:~:text=Os%20g%C3%A3meos%20bivitelinos%20s%C3%A3o%20dizig%C3%B3ticos,n%C3%A3o%20dividem%20o%20saco%20amni%C3%B3tico>. Acessado 04 de maio de 2024.

<sup>81</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 16.

<sup>82</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 16.

<sup>83</sup> LISPECTOR. *A paixão segundo G.H.*, p. 53.

Fonte: [https://www.pensarcontemporaneo.com/3125-2/#goog\\_rewarded](https://www.pensarcontemporaneo.com/3125-2/#goog_rewarded).

## NASCIMENTO

Figura 3 – Registro da maternidade, do nascimento das gêmeas bivitelinas na tarde do dia 15 de Janeiro de 1977 em Belo Horizonte

Fonte – Acervo pessoal

Figura 4 – Registro da maternidade, do nascimento das gêmeas bivitelinas na tarde do dia 15 de Janeiro de 1977 em Belo Horizonte

Fonte – Acervo pessoal

Figura 5 – Registro da maternidade do nascimento das gêmeas bivitelinas na tarde do dia 15 de Janeiro de 1977 em Belo Horizonte

Fonte – Acervo pessoal

Considerando o que procuro problematizar aqui, penso que, hoje, por Clarice estar existindo em mim, posso sentir e sinto meu corpo na diferença e, portanto, logo

renasço<sup>84</sup>. Não seria demais lembrar de que estou pensando a partir de uma teorização e uma prática epistêmica *outra* fronteira, as quais, indubitavelmente, partem da presença de sensibilidades que arrolam um lugar e um corpo e, talvez por isso mesmo, saem em defesa da diferença do corpo colonizado que quase nunca é lembrado *por não termos a liberdade de viver em nossos próprios corpos*, sobretudo por continuarmos sendo pensados sob as próteses reais de um projeto falocêntrico ocidental moderno. Não por acaso que a partir do *penso, logo existo* socrático nunca chegaríamos ao corpo. Às vezes sobra-nos a impressão de que precisamos fundar uma política do corpo, atravessada pelo *bios*, sensibilidades, afetos, sensações e emoções, como deveriam ser as teorias todas.

Situando meu pensamento teórico-crítico descolonial fronteiro com o exposto acima, reitero que o mesmo me permite pensar a partir de minhas/nossas histórias locais corpóreas alocadas numa corpo-geo-política do conhecimento que retoma o lugar e o corpo essencialmente de todos que nos encontramos na condição de exclusão. Aposto nessa profunda articulação que se funda a partir de um pensamento *teórico outro*, o qual não pode estar desprovido da inscrição do corpo do “pesquisador” e demais envolvidos, até mesmo quando a lógica da colonialidade apresenta as *marcas de fogo na carne viva*<sup>85</sup>. Como *condição sine qua non* para a teorização que aqui se desenha, e cujo contorno deveria lembrar sempre o vórtice de corpos presentes, reitero que continuo partilhando da ideia de uma re-escrita (no sentido descolonial do termo), ao invés do modo de um *descrever* encontrado na narrativa de *A hora da estrela*, uma vez que é preciso esquecer ( e que eu esqueça) *o próprio*

---

<sup>84</sup> Considerando que não fomos pensados participativos dessa lógica de mundo ocidental, porque não nos deixaram nascer com os nossos próprios corpos.

<sup>85</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 28.

*corpo no corpo* desta escrita<sup>86</sup> para que eu dê conta desta inter-escrita corporal que não anula outros modos de vidas e de conhecimentos inter-corpóreos que podem ser, *sentir* e *saber* com suas respectivas *biocorpografias*.

Na direção da discussão aqui feita, podemos dizer que a narrativa de *A hora da estrela* encontra-se em consonância com o conceito de inter-corporação (PESSANHA), e cuja *episteme* da escritura, essencialmente, trabalha no sentido de inter-corporar os corpos vivos e pulsantes dos envolvidos na ação narrativa. Exemplo disso na novela dá-se na proposta pelo modo como o autor-escritor Rodrigo S. M. antecipa e narra para seu suposto leitor a possível história de sua anti-heroína Macabéa. Nesse sentido, vejamos algumas passagens que tratam dessa questão, como forma de ilustrar a abertura do que vimos chamando de inter-corporeidade: 1 - "Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade"<sup>87</sup>; 2- logo trata-se de "*história exterior* e explícita"<sup>88</sup>. 3- "escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal *narrativa exterior* e explícita"<sup>89</sup>. 4- "É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de moça nordestina"<sup>90</sup>. 5- "Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira"<sup>91</sup>. 6- "Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, *escrevo com o corpo*"<sup>92</sup>. 7- "É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional — e preciso falar dessa nordestina senão sufoco"<sup>93</sup>. 8- "Por que escrevo? Antes de tudo

---

<sup>86</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p. 15.

<sup>87</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

<sup>88</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

<sup>89</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>90</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>91</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

<sup>92</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

<sup>93</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força de lei’<sup>94</sup>. 9- “A ação desta história terá como resultado *minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto*”<sup>95</sup>.

Quero entender que as passagens aqui transcritas, além de metaforizarem o gesto inter-corporal que embasa a narrativa como um todo, também antecipam possíveis ilustrações de ordem teórica que serão trabalhadas no decorrer deste trabalho. Por ora, interessa-nos dizer que além da transfiguração de um em outro, como podemos ler na última passagem, também queremos lembrar que as palavras *exterior e materialidade*, citadas mais de uma vez cada, convocam a presença incontestante dos corpos para dentro da constituição escritural da narrativa, dando a ela uma fisiologia composicional que extrapola o meramente literário, haja vista que o escritor do relato que consigna a história de Macabéa, por não se considerar um intelectual, *não quer ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade*. Ele literalmente assume não ser um intelectual, e por não o ser, assume que escreve com o corpo, e que, portanto, só *escreve o que quer escrever*. Duas questões de suma importância sobressaem aqui e que não posso deixar de registrar: uma, que entendo estar justificando aqui o título de meu trabalho como um todo, como se pode ler na capa; a outra importância reside no fato de que não há nada mais descolonial do que escrever o que se quer escrever, como podemos ler em *¿Podemos pensar los no-*

---

<sup>94</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

<sup>95</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 18. As passagens, apesar de curtas, são várias, por querer captar e traduzir uma cena de inter-corporação que se multiplica por toda a narrativa, assim como se bifurcam e se multiplicam as possíveis histórias ali narradas, haja vista os 14 subtítulos que abrem o livro como um todo. Grifos todos meus

*europesos?* Ao tratar da práxis do viver e da práxis do pensar como constitutivas do sujeito descolonial, Walter Mignolo conceitua *la práxis del escribir lo que quiero* assim:

[...] da escrita porque não é a disciplina que importa, seja filósofo ou sociólogo, mas o que importa é o que está em jogo: primeiro a Libertação que transforma o sujeito colonial no sujeito decolonial, melhor dizendo, um sujeito dessujeitado para a Libertação.<sup>96</sup>

No momento oportuno, em que formos tratar do pensamento próprio descolonial, voltaremos a esta discussão, pelo fato de ela estar envolta na práxis de viver mais do que na práxis de pensar, conforme Mignolo reitera em “Filosofía y diferencia epistémica colonial.”<sup>97</sup> Portanto, não seria demais lembrar que meu corpo, e eu enquanto intelectual e pesquisadora, pertence ao Sul<sup>98</sup>, lugar *a priori* onde se encontram os des-sujeitados que buscam alguma libertação. Desse lugar e com essa minha história local biográfica fronteiriça e de cujo corpo penso e erijo minhas reais discussões de ordem epistêmicas, aliás, tenho consciência de que busco uma liberdade no modo de pensar teoricamente na medida em que me permita *experimentar (e experienciar)* uma realidade *contra* os maus *hábitos*<sup>99</sup> dos responsáveis ocidentais modernos que sempre reafirmaram o que seria *relevante* para nós, corpos latinos. Abro um parágrafo aqui para deter-me no relevante posto em itálico. Porque ele alude à discussão de fundo teórico que Mignolo trava com Slavoj Žižek, e constata que o filósofo esloveno contemporâneo (moderno) *pode muito bem ser o filósofo mais importante, mas para muitos e muitas é irrelevante*. E sobre a discussão acirrada, que teve como base divergências no modo de pensar filosófico-teórico, Mignolo arremata:

<sup>96</sup> Del escribir porque no es la disciplina lo que importa, si se es filósofo o sociólogo, sino lo que importa es lo que está em juego: primero la Liberación que transforma al sujeto colonial en el sujeto decolonial, mejor dicho, un sujeto des-sujeitado por la Liberación. (MIGNOLO *apud* GIULIANO, 2018, p. 211)

<sup>97</sup> MIGNOLO. Filosofia y diferencia epistémica colonial, p. 203-229.

<sup>98</sup> Meu Norte é o meu Sul.

<sup>99</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, 11, grifo Meu.

Em resumo, o meu ensaio não tenta ser uma resposta específica a Zizek mas antes tenta esclarecer, para quem lê e entende, que não existe realmente nenhum diálogo possível, uma vez que os nossos pontos de partida são diferentes e, como todos os princípios argumentativos, os nossos, os de Zizek e os meus (e os de toda a esfera da ciência) não são racionais, mas emocionais.<sup>100</sup>

Propositadamente, Mignolo faz questão de reforçar que ambos os modos de pensar não tem uma base racional, mas emocional, e isso já basta para abalar a suposta verdade que teima em persistir no discurso argumentativo da modernidade, quando esta se esqueceu que a verdade, qualquer verdade, é da ordem do “sentir” e não do “conhecer”. Seria esse campo do emocional que alicerça as sensibilidades locais e biográficas dos envolvidos, levando-os a pensar e a escrever o que querem escrever, pouco importando, inclusive, se tal razão do coração (teorização) vai ser relevante para todos ou não. Não por acaso também essa discussão feita por Mignolo endossa a política do pensamento próprio descolonial, cuja origem, segundo o filósofo argentino Rodolfo Kusch, começa com o pensamento indígena. Para fechar meu parêntese, lembro que um dos títulos dos dois textos de Mignolo presentes no livro *¿Podemos pensar los no-europeos?* é exatamente “Sí, podemos”, em resposta à pergunta que se faz o título do livro.) Com base no exposto e parafraseando a autora do livro *A hora da estrela*, reitero que, munida dos postulados da crítica biográfica fronteira, sou *eu que escrevo o que estou escrevendo*<sup>101</sup> nesta tese, na medida em que meu corpo, tal qual dentro da narrativa, também se inscreve distendendo-se ao longo da teorização aqui encenada.

Estando eu no jogo real e imaginário entre vidas e sobrevidas que *respiram*, *respiram...* e contando com minha *aliada hospitaleira* Clarice Lispector,

---

<sup>100</sup> MIGNOLO. *Filosofía y diferencia epistémica colonial*, p. 228. “Em resumen, mi ensayo no intenta ser una respuesta puntual a Zizek sino que intenta aclarar, para quienes lean y entiendan, que realmente no hay diálogo posible puesto que nuestros puntos de partida son distintos y, como todo principio argumentativo, los nuestros, los de Zizek e los míos (y los de toda la esfera de la ciencia) no son racionales sino emocionales.” (*Apud* GIULIANO, 2018, p.228)

<sup>101</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

especificamente com sua última criação produzida em vida — mas cujo projeto não se encerrava ali, uma vez que se prolonga vida afora por meio de sua recepção crítica — que se predispõe a narrar uma história (e sua história) *exterior e explícita*<sup>102</sup>, cujas vidas vêm, na escritura do livro, inter-corporadas e que aqui, por conseguinte, são re-inter-corporadas aludindo a um *acontecimento que está tatuado em marca de fogo na carne viva*<sup>103</sup>. Observo que, por mais que essa obra tenha sido já bastante explorada por boa parte da fortuna crítica da escritora, talvez devido a sua grandeza literária e proposta intelectual, mesmo depois de mais de 40 anos de sua publicação proponha leituras variadas como a que ensejamos nesta tese, a qual se volta para uma “ferida aberta” (ANZALDÚA), “exterior e explícita” (LISPECTOR) que sangra no próprio corpo da escritura, tal qual a imagem-ideia ali esboçada de uma *finha talhada de melancia*.<sup>104</sup> Soprando toda ironia possível para a teoria moderna que simplesmente não consegue escutar, nem se aproximar dessa ferida aberta sangrenta, lembramos, aqui, e para aludir a outra passagem e derradeira da novela, em que se lê — “Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos”<sup>105</sup> — para dizer que dada a brevidade do tempo da referida colheita, nunca é tarde para voltar-se para uma teorização que preza pelas vidas desprezadas e rechaçadas pelo pensamento teórico ocidental moderno. Lembrando aqui do que dissemos há pouco acerca do “emocional” presente em todo argumento ou discurso, reiteramos que falta para as teorias modernas o “delicado essencial”<sup>106</sup> para se aproximar mais e melhor do corpo(s) inscrito no corpo da letra. Não por acaso, no mesmo parágrafo em que lemos o delicado essencial, Clarice fala também que “nós somos um”<sup>107</sup> “tanto que nós nos intertrocamos”<sup>108</sup>, assim também

<sup>102</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

<sup>103</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 16.

<sup>104</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 24.

<sup>105</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 78.

<sup>106</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>107</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>108</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 19, grifo meu

estar para Bhabha – *muitos como um*<sup>109</sup>, levando-nos a pensar na possibilidade de desfazimento do pensamento dualista que imperou e impera no mundo moderno capitalista que, ao invés de prezar pelas vidas, prezou pelo mercado e consumo desbragados das vidas mesmas.

Essas questões aqui tratadas esboçam e demandam a necessidade da inserção do corpo do pesquisador por elas envolvido. Neste sentido, a incorporação do meu *bios* a partir de meu espaço geoistórico é compreendida por meio de meu corpo que também se encena na escritura lida (uma vez que só lemos o que queremos ler), bem como na teorização que aqui não é menos dramatizada no papel, constitui parte de meu espaço biográfico e corrobora um diálogo crítico e inventivo com as especificidades (literárias e teórica) de cada “divíduo” (PESSANHA, 2018) envolvido na ação. Explica-se que essa nomenclatura de “divíduo” para Pessanha endossa a incorporação dos sujeitos no texto filosófico e teórico. O lugar abissal que tal inter-relação corpográfica fundada na teorização em *linhas abissais* encontra ressonância nesta passagem de Boaventura<sup>110</sup> de Sousa Santos:

A complexidade deste movimento é difícil de destrinçar na medida em que se desenrola ante os nossos olhos, que não conseguem abstrair-se do fato de estarem deste lado da linha e de olharem de dentro para fora. Para captar a totalidade do que está a ocorrer é necessário um esforço enorme de descentramento. Nenhum estudioso pode fazê-lo sozinho, como indivíduo.<sup>111</sup>

Subentende-se tratar-se de um esforço coletivo para pôr em execução prática uma epistemologia do sul fronteiriça, cuja alternativa, ou opção descolonial, requer *nossas mãos dadas*, para, *hermanados*, pensarmos a partir de muitos locais, dos

---

<sup>109</sup> BHABHA. *Local da cultura*, p. 203.

<sup>110</sup> Em meio a denúncias de “assédio sexual” em abril de 2023, direcionada ao intelectual Boaventura de Sousa Santos. Posiciono aqui minha contrariedade absoluta ao comportamento do referido crítico, no entanto, não desconsidero a relevância de suas reflexões teórico-crítica pensada para Epistemologias do Sul.

<sup>111</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 33.

muitos corpos que sonham com a “diversalidade”<sup>112</sup> que deve imperar (ou ser lida) no mundo. Não por acaso que, de acordo com Boaventura, o pensamento abissal se cria da necessidade de dominação colonial que se opera pela definição unilateral de linhas: um sistema que divide o mundo entre visível e invisível: o lado visível é o lado de cá da linha (ou da fronteira), enquanto o lado invisível é o outro lado da linha. O que acontece é que, nessa divisão construída, o outro lado desaparece, e há um divisor de sujeitos, de experiências e de saberes que marca com o impedimento de uma co-presença. Instaura-se daí dessa paisagem desolada um amontoado de corpos amorfos e sumariamente excluídos e, o que é pior, pelo olhar imperial do centro, sequer pensam. E, se não pensam, muito menos produziram teoria, conhecimento, como se as teorias não brotassem de todos os lugares em que há gentes. Não há como não se lembrar aqui da significativa passagem de Walter Mignolo, quando, ao tratar da importância da teorização para a razão descolonial, afirma de forma contundente: “pensar é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas.”<sup>113</sup>

Se pensar é dom e competência de todos os seres humanos do planeta, então, por extensão, podemos afirmar que todos os corpos pensam em sua diferença, logicamente. O que não quer dizer, obviamente, que uns pensam melhor do que os outros, obviamente. Tal discussão, que nem deveria mais existir em pleno século XXI, põe em evidência que tudo o que ronda o conhecimento e as teorias devem ser discutidos nos dias atuais, como forma, inclusive, de rever injustiças histórias que

---

<sup>112</sup> O conceito de *Diversalidade* é a questão que impõe à razão moderna a existência de saberes que a disciplinaridade, que encapou até aqui as diferenças culturais, sequer lembrou-se de observar a existência de diferenças coloniais. (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 69)

<sup>113</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

grassam na civilização ocidental. Na mesma direção, Mignolo reitera: “Se a pós-colonialidade não consegue romper com a epistemologia moderna, torna-se apenas outra versão dela, com um tema diferente. Seria, em outras palavras, uma teoria *sobre* um assunto novo, mas não a constituição de um novo sujeito-epistemológico que pensa *a partir das e sobre* as fronteiras.”<sup>114</sup> Ressalvadas as diferenças, entendemos que o mesmo vale para pensar acerca do corpo, ou seja, não basta tratar sobre ele, empregando os conceitos decoloniais; antes, é preciso levar em conta os *lóci* e a condição em que se encontra esse corpo (inclusive dentro da história ocidental moderna). É nesse sentido que a inscrição do intelectual em sua teorização pode ser determinante para que sua leitura seja de ordem descolonial.

Nesse ensejo inter-corporal descolonial que tem por atravessamento minha leitura do livro *A hora da estrela*, e na qual me valho de uma teorização “fronteiriça que se sustenta a partir de uma gramática do corpo, desobediência e desprendimento”<sup>115</sup>, que, por sua vez, por estar assentada num paradigma-outro, passa pelo crivo epistemológico do pensar, do fazer e do re-escre(vi)ver a vida a partir de um *pensamento próprio* (Kusch). Na verdade, aqui, teorização própria contemplaria melhor o que estou querendo discutir, na medida em que o que estou propondo e fazendo já é em si um re-escre(vi)ver.

Posto isso, espero que a discussão feita a partir de uma crítica biográfica fronteiriça contribua para a construção de uma teorização política e ética descolonialmente; e, atravessada por um “paradigma outro”(MIGNOLO) (estratégia de pensar a partir da diferença colonial), também proposto pelo pensamento descolonial, alicerces e embasem minha reflexão na medida *em* que me permitam

---

<sup>114</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.

<sup>115</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 62.

atravessar *com meu corpo escrevi(ve)nte* de mulher fronteiraça guiada por uma ideia de teorização de *ser de onde se pensa* (a fronteira-sul), cujo pensamento assenta-se e parte de meu *lócus* de enunciação geostórico e epistemológico (Mato Grosso do Sul). Logo, tendo a consciência do lugar do qual me predispus a *pensar, fazer e a escrever* esta teorização biográfica fronteiraça, amparada, inicialmente, por uma desobediência epistêmica<sup>116</sup> e por um *desprendimento* (ambos de MIGNOLO), ambos convocados no sentido para pensar numa inter-relação crítica, visando abarcar uma leitura *outra* a partir do livro *A hora da estrela* (2020) da intelectual brasileira Clarice Lispector, como já é de sabença do leitor.

Afora os demais conceitos que aparecerão em introdução sumária dos próximos capítulos, reiteramos que o fazemos numa visada de teorização para *aprender a teorizar para desteorizar para, assim, re-teorizar*,( aqui a teorização), visando, assim, ao invés de “descrever” como tão bem faz a autora de *A hora da estrela*, *re-ler* a referida obra a partir de onde se pensa, ou seja, a partir de onde me encontro, estudo, vivo e penso esta teorização, e cuja perspectiva para levá-la à execução somente pode ser a perspectiva descolonial ou fronteiraça, e jamais a moderna defendida pelos paradigmas de leituras teóricas implantados pela colonialidade, e por uma *razão* muito simples: este modo de pensar continua desqualificando saberes *outros, pensamentos outros e conhecimentos outros* com seu olhar imperial, castrador e racializado. Enfim, não seria demais repetir que nosso trabalho se volta, sobretudo, para um modo outro de *re-ler (re-teorizar) a partir da obra* cuja reflexão aqui buscada resulta numa teorização conceitual de ordem descolonial. (Afianço entre parênteses que nem a referida obra, e nem mesmo sua autora, são

---

<sup>116</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 287.

descoloniais; todavia, a obra permite que fendas se abram para que o leitor possa pensar e pensá-la descolonialmente).

## 1.2– A partir de meu corpo, ofereço: desobediência e desprendimento

Confesso aqui para todos que minha empreitada desteórica é basicamente política e ética: porque, por meio dela, eu assumo a luta do desprendimento, da desaprendizagem e da desobediência epistêmica que sem assumir esse risco pela teorização eu não encontraria outro modo (um modo outro) de sentir e fazer, de pensar e de escrever, outro modo de viver e com-viver com os outros (e não com o outro, pois este simplesmente não existe, nem nunca existiu; aliás, não passou de uma mera invenção do mesmo de dentro) e comigo mesmo enquanto aquele que vive, pensa e trabalha de um lugar bastante específico tanto dentro do país quanto fora dele.

NOLASCO. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira Sul? p. 63-64.

Uma ética descolonial não pode ser pensada separada de uma política descolonial, assim como a modernidade separou as esferas do ético e do político, o que envolve um movimento ao mesmo tempo ético-político-educativo e supõe uma análise da colonialidade, um desprendimento e uma reconstrução epistêmica como práxis de re-existência e ressurgência.

GIULIANO. ¿Podemos pensar los no-europeos?, p 65-66.

Que o livro *A hora da estrela* e sua autora Clarice Lispector são meus aliados hospitaleiros (PESSANHA, 2018) nesta teorização já o disse e todos já sabem. Agora chegou a hora de pontuar minha *desobediência epistêmica* e, por conseguinte, meu *desprendimento*, como forma de dar continuidade em minha empreitada que tem o corpo como ponto de partida. Para tanto, vou me valer, inicialmente, do livro *Desobediencia epistémica* (2010), de Walter Mignolo, e de seu texto *desobediência epistêmica* (2008), entre outros, por entender que tais referências ajudam-me na discussão conceitual que aqui me interessa, lembrando ainda que o livro *A hora da estrela* ilustrará a referida teorização.

Todavia cabe-me lembrar que tanto quem desobedece quanto quem se desprende o fazem sempre com relação a alguém ou alguma coisa. Em meu caso, tais opções descoloniais acontecem com relação à teoria e pensamento moderno, visando, de modo mais atento, o lugar em que o corpo se encontrou dentro da

discussão moderna e respectivo pensamento. Considerando que os dois conceitos que serão aqui trabalhados corroboram para que seu autor pense, no último capítulo do livro, em uma gramática da descolonialidade, então seria justo e oportuno esclarecer, desde já, que vou me valer de tais conceitos para pensar em uma gramática do corpo, cuja temática será tratada no capítulo derradeiro. Assim, como além desses conceitos outros ainda aparecerão no decorrer da tese e que vão corroborar para a referida gramática do corpo, que comecei sendo desobediente e me desprendendo ao mesmo tempo, uma vez que, como vejo na sequência, uma opção está diretamente correlacionada a outra, como mostra o autor do referido livro.

Para fazer alusão direta ao livro de Mignolo, mais precisamente ao seu subtítulo, começo então dizendo que tanto a desobediência epistêmica quanto o desprendimento são propostos com relação, a princípio, à retórica da modernidade e à lógica da colonialidade. Como resultado dessa opção descolonial, teria, segundo o autor, a gramática da descolonialidade.

Talvez, antes de me deter mais especificamente nos conceitos supracitados, devo pontuar uma possível estrutura teórica do autor apresentada no decorrer do livro, mesmo que de forma breve. A princípio, toda sua discussão para, ou gira, em torno da colonialidade do poder. Visando tal discussão, o autor divide e trata de dois polos antagônicos entre si, sendo eles: de um lado, temos a teo e ego, alicerçando e sustentando o pensamento colonial moderno, assim como suas teorias; de outro, a geopolítica e corpo-políticas, embasando o pensamento descolonial. Ainda numa visada dual, que também não deixa de estar presente na leitura de Mignolo, temos, de um lado, a epistemologia moderna e, de outro, a epistemologia fronteiriça. Aqui abro um parêntese para dizer que não por acaso, em meu último capítulo, vou me deter de forma mais demorada nos conceitos de geopolítica e corpo-política, por

entender que ambas vão me ajudar a pensar a questão da gramática do corpo naquele momento. Enquanto o conceito de desobediência epistêmica tem seu responsável maior em Walter Mignolo, o de desprendimento encontra seu responsável em Anibal Quijano. Vale a pena aqui transcrever a passagem em que o sociólogo peruano alude pela primeira vez ao conceito de desprendimento, o qual será à exaustão desenvolvido por Mignolo:

A crítica do paradigma europeu da racionalidade/modernidade é essencial. Ainda mais, urgente. Mas é duvidoso que o caminho consista na simples negação de todas as suas categorias; na dissolução da realidade no discurso; na pura negação da ideia e da perspectiva da totalidade do conhecimento. Longe disso, é necessário *desprender-se dos vínculos entre racionalidade-modernidade e colonialidade, em primeiro lugar e, em última instância, com todo o poder não constituído na livre decisão de pessoas livres*. Em primeiro lugar, foi a instrumentalização da razão pelo poder colonial que produziu paradigmas distorcidos de conhecimento e estragou as promessas libertadoras da modernidade. A alternativa é, portanto, clara: a destruição da colonialidade do poder mundial (itálico meu).<sup>117</sup>

Há pouco, quando chamei a atenção para a colonialidade do poder, a resposta sobressai agora, quando Quijano, ao final da passagem, aponta que a saída está na *destruição da colonialidade do poder mundial*. E não deixa de dizer que para desprender-se da retórica da modernidade e da lógica da colonialidade é preciso desobedecer epistemicamente. E ainda chama a atenção quando o autor da passagem diz que o poder colonial produziu paradigmas distorcidos de conhecimento. Logo, não seria por acaso que, ao longo dessa teorização, volto-me para a ideia de um paradigma outro, como forma de desfazer em parte estes paradigmas montados e sustentados pelo projeto moderno, a exemplo dessa minha proposição acerca do

---

<sup>117</sup> La crítica del paradigma europeo de la racionalidad/modernidad es indispensable. Más, aún, urgente. Pero es dudoso que el camino consista en la negación simple de todas sus categorías; en la disolución de la realidad en el discurso; en la pura negación de la idea y de la perspectiva de totalidad en el conocimiento. Lejos de esto, es necesario *desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad-modernidad con la colonialidad, em primer término, y em definitiva con todo poder no constituído en la decisión libre de gentes libres*. Es la instrumentalización de la razón por el poder colonial, en primer lugar, lo que produjo paradigmas distorsionados de conocimiento y malogró las promesas liberadoras de la modernidad. La alternativa en consecuencia es clara: la destrucción de la colonialidad del poder mundial (itálicas mías). (*Apud* MIGNOLO, 2010, p. 15.)

corpo. Não por acaso também, e aqui sem querer forçar nada, lembrando da parte inicial do livro *A hora da estrela*, em que se lê:

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós? É uma história em technicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amém para nós todos.<sup>118</sup>

Se a história por mim perseguida acontece em estado de emergência e de calamidade pública, haja vista os corpos que a atravessam? Em todo caos, temos encenado aí uma preocupação de uma escritora, intelectual moderna que, no mínimo, deixa pistas para um pensamento outro que esbarre por fora do projeto da modernidade. Tentando atender ao postulado pelo escritor (na verdade Clarice Lispector), diria que esta tese, em parte, não deixa de ser uma resposta possível às injustiças sociais e corporais que são lançadas na narrativa. Assim, de pergunta em pergunta, de reflexão em reflexão, podemos ir nos desprendendo todo da razão moderna e, ao nos desvincularmos, podemos agir mais livremente, para repetir o que se lê na passagem de Quijano, quando ele fala de um *poder não constituído na decisão livre de pessoas livres*.

Quero aqui ainda reproduzir o começo da narrativa de *A hora da estrela*, por entender que ele, de alguma forma, dialoga com a passagem de Quijano, e se não o faz, eu gostaria de o fazer, por meio de minha teorização:

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.<sup>119</sup>

A passagem é rica e plural, ainda mais quando lembro de que ela abre uma obra que foi considerada emblemática dentro do projeto intelectual da escritora. Aqui me interessa sobremaneira pensar que sempre houve histórias de histórias, todas

---

<sup>118</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 08.

<sup>119</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

sem começo e sem fim, acontecidas pelo meio, e que se tudo começou com um sim, então posso entre pensar que havia também o não. Sobressaem perguntas abertas a partir da afirmativa da passagem, inclusive sem respostas aparentes, e muitas histórias que não existiam podem passar a existir como a da anti-heroína Macabéa. Talvez seja mesmo como forma de encontrar respostas para tais pergunta, que a escritora escreva, inclusive esta história de *A hora da estrela* que não deixa de metaforizar a hora da morte. Mas em tudo e por tudo, o que mais me chama a atenção é o fato de que sobressai dessa passagem, bem como do Quijano anteriormente citada, a revelação, ou constatação de que a verdade, e qualquer verdade, é sempre um constructo humano ao ler em *A hora da estrela*: “A verdade é sempre um contato interior e inexplicável”<sup>120</sup>, não posso deixar de afirmar que vejo aí um ato de desobediência epistêmica e, por extensão, de desprendimento. Não por acaso que também lemos no livro: “Pensar é um ato. Sentir é um fato.”<sup>121</sup> Diria que aqui pensar descolonialmente, propor esta teorização é uma opção, e sentir a forma de atravessar com o corpo esta teorização que se quer um pensamento que se pensa e se escreve com o corpo, meu corpo.

De acordo com Mignolo, em *Desobediencia epistémica* (2010) o desprendimento é o ponto de partida para uma reviravolta, ou giro descolonial, e cujo giro, na esteira de Quijano, constitui uma descolonização epistemológica. Dentro dessa discussão, o desprendimento para o autor contribui com os conhecimentos adquiridos por outras epistemologias, outros princípios do conhecimento e da compreensão. Logo, desprender-se, ainda de acordo com Mignolo, *pressupõe avançar para uma geopolítica e uma corpo-política do conhecimento que por um lado*

---

<sup>120</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>121</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

*denuncia a alegada universalidade de uma determinada etnicidade localizada numa determinada região do planeta (geopolítica).*<sup>122</sup>

Pensando aqui na intelectual dessa tese, e tendo por base a visada que contempla o desprendimento e a desobediência epistêmica, quero entender que encontro exemplo dentro da proposta do livro que não deixa de ilustrar tal discussão conceitual. Nesse sentido, quando a escritora terminou de escrever a novela e visando publicá-la, pediu ao amigo, professor e intelectual brasileiro Eduardo Portella (UFRJ), que escrevesse um Prefácio para o referido livrinho. Intitulado “O grito do silêncio”, o renomado crítico brasileiro abria seu texto assim: “devemos falar de uma nova Clarice Lispector. ‘Exterior e explícita’, o coração selvagem comprometido nordestinamente com o projeto brasileiro?” Em parte, quero ver que a intelectual valendo-se de um gesto inusitado dentro de seu projeto, logo, desobedecendo a si mesma e desprendendo a seu modo do que escrevera até então, abre brecha para que sua crítica e seu leitor estabeleçam uma ponte entre seu projeto intelectual e parte de um projeto brasileiro, cujo comprometimento da escritora se voltava exatamente para uma região do país menos assistida em todos os sentidos.

No caso de uma escritora moderna, cuja literatura era considerada alta literatura modernista, parece-nos que tal opção ou abertura de desprendimento e de desobediência somente podiam se dar mesmo quando estivesse na pauta uma questão social, como é o caso do contexto em que se narra a história da miserável nordestina Macabéa. E não que tal questão social não tivesse sido uma preocupação no decorrer da vida da escritora, tanto é que um dos motivos que a fizeram estudar Direito, que começa a cursar em 1939 seria, segundo ela mesma, o *de reformar o*

---

<sup>122</sup> Cf. MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 17.

*mundo*. Para ilustrar essa discussão por parte da escritora, transcrevemos esta passagem de uma crônica dela que não por acaso se intitula de “Literatura e justiça:

Por exemplo, minha tolerância em relação a mim, como pessoa que escreve, é perdoar o fato de eu não saber como me aproximar de um modo “literário” (isto é, transformado na veemência da arte) da “coisa social”. Desde que me conheço o fato social teve em mim a importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim. Muito antes de sentir “arte”, senti a terrível beleza profunda da luta.

Mas é que tenho modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era “fazer” alguma coisa contra a injustiça social (como se escrever não fosse fazer). O que não consigo é usar escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e me humilhe.<sup>123</sup>

Quando transpus essa preocupação social — literatura e justiça — que parecia ser uma constante na vida da intelectual para dentro do livro *A hora da estrela*, encontro um acentuamento da problemática de ordem que, dessa vez, estrutura a base da narrativa. Vejamos, nesse sentido, um exemplo:

(Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta. Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim.)<sup>124</sup>

Além da preocupação social, várias outras poderiam ser pensadas a partir dessa passagem. Aqui me interessa mais o tocante ao posicionamento do intelectual Rodrigo S.M./Clarice Lispector e sua alusão ao “outro” de forma explícita. E faria uma pergunta básica: será que o leitor rico sairia de si para ver como é o outro? Acredito que não; mas, em todo caso, aproveito a oportunidade para dizer que tenho a consciência de que não se trata de uma intelectual descolonial tal afirmação. Se o fosse, com certeza as posições e até mesmo comparações passariam por outra relação social e humana. Mas aproveito também para dizer que o modo como o intelectual em estado de declínio de prestígio e talvez pelo fato de ser um escritor-

<sup>123</sup> *Apud* VALENTE. POSFÁCIO: Intersecções: realidade e ficção, p. 80.

<sup>124</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 27.

homem não trata devidamente bem sua criatura Macabéa. Não por acaso que o tom depreciativo com relação à pessoa dela e seu corpo atravessa toda a narrativa.

Lembramos aqui que, dois anos antes da publicação de *A hora da estrela*, ao responder a pergunta “então, por que você escreve?”, Clarice disse:

A gente só pode fazer bem as coisas que ama realmente. Os meus livros não se preocupam muito com os fatos em si porque, para mim, o importante não são os fatos em si, mas as repercussões dos fatos no indivíduo. Isso é que realmente importa. É o que eu faço. E penso que, sob este aspecto, eu também faço livros comprometidos com o homem e a sua realidade, porque a realidade não é um fenômeno puramente externo.<sup>125</sup>

Estou devagar construindo um modo de pensar, a partir da narrativa do livro e de alguns posicionamentos da autora, que me permitem me aproximar mais da teorização que contemple a discussão envolta dos conceitos de desobediência epistêmica e desprendimento da forma mais natural possível. E tendo a passagem acima como mote, lembro que no mesmo *A hora da estrela* o escritor Rodrigo S.M vai dizer que pensa mais sua criatura com o *sentir* do que com o *pensar*, já que “pensar é um ato. Sentir é um fato”<sup>126</sup> — e é com fatos e por meio deles que ele narra a história de sua heroína. Talvez o que justifique isso seja o fato de ele *escrever com o corpo*, como já disse antes. Diz ele: “com esta história eu vou me sensibilizar e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo.”<sup>127</sup> Escrever com o corpo, e aproximar-se do corpo por meio do sentir e ainda por cima se assumir como não-intelectual abre portas para uma enriquecedora aproximação com a teorização descolonial. (Adiantando minha discussão por vir, diria que o único ponto que ele não alcança, porque não pode alcançar, é com relação ao re-escrever, já que o escritor/escritora Clarice Lispector para no reescrever: “descrever me cansa.”<sup>128</sup> E, do meu ponto de vista teórico, é exatamente por isso que

<sup>125</sup> *Apud* VALENTE. POSFÁCIO: Intersecções: realidade e ficção, p. 83.

<sup>126</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>127</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

<sup>128</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 85.

a prática de escrita da intelectual não a insere na rubrica de uma intelectual descolonial. (Mais à frente, quando tratamos do re-escrever, voltaremos a isso.)

Volto ao livro de Mignolo, precisamente quando ele trata da retórica da modernidade e da lógica da colonialidade, por entender que a discussão feita ali apenas endossa o que já venho pensando neste texto. E o autor abre sua reflexão com esta passagem do filósofo Enrique Dussel:

A modernidade é para muitos (para Jurgen Habermas ou Charles Taylor) um fenómeno essencial ou exclusivamente europeu. Nestas leituras proporei que a modernidade é, na realidade, um fenómeno europeu, sim, embora constituído numa relação dialética com uma alteridade não europeia que contém nos seus confins mais remotos. A modernidade surge quando a Europa se afirma como o “centro” da História Mundial que inaugura: a “periferia” que rodeia este centro faz então parte desta definição egocêntrica. A oclusão desta periferia (bem como o papel de Espanha e Portugal na formação do mundo moderno desde finais do século XV até meados do século XVII) leva os principais pensadores do “centro” a uma falácia eurocêntrica na sua compreensão da modernidade. *Se a sua compreensão da genealogia da modernidade é tão parcial e provinciana, as suas tentativas de criticá-la ou defendê-la são igualmente unilaterais e, em parte, falsas.*<sup>129</sup>

Da perspectiva de Dussel, se contrapõem a essa falácia eurocêntrica precisamente a desobediência epistêmica e o desprendimento, como formas não de desfazer tal falácia, mas com a certeza de que há outros modos de narrar e de ler as histórias humanas. Tal falácia, segundo Mignolo, encobriu a modernidade enquanto um “mito da modernidade”, o que justificou sua “violência genocida” e inclusive um “epistemicídio” (NUNES), criando uma legião de “vítimas do epistemicídio”. É a presença do corpo outro que imagino sangrar nessa paisagem arrogante da modernidade. Não por acaso que o Sul, metaforicamente falando, segundo

---

<sup>129</sup> *Apud* MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 18. La modernidad es para muchos (para Jurgen Habermas o Charles Taylor) un fenómeno esencialmente o exclusivamente europeo. En estas lecturas, plantearé que la modernidad es, en realidad, un fenómeno europeo, sí, aunque constituído en una relación dialéctica con una alteridade no europea que contiene en sus más remotos confines. La modernidade aparece cuando Europa se afirma como el “centro” de la Historia Mundial que inaugura: la “periferia” que rodea este centro es entonces parte de esta definición auto centrada. La oclusión de esta periferia (así como el papel de Espanha y de Portugal en la formación del mundo moderno desde el fin del siglo XV hasta la mitad del siglo XVII) lleva a los principales pensadores del “centro” a una falacia eurocêntrica en su comprensión de la modernidade. *Si su comprensión de la genealogia de la modernidade es tan parcial y provincial, sus intentos de crítica o de defensa de la misma son así mismo unilaterales yn en parte, falsas.* (*Apud* MIGNOLO, 2018, p. 18.)

Boaventura, representa “a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo.”<sup>130</sup> E conclui Boaventura:

O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. [...] As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos.<sup>131</sup>

Colados nessa “falácia eurocêntrica”, mais esta paisagem de um Sul que consigna metaforicamente o sofrimento humano, quero contornar a paisagem-corpo da famigerada Macabéa através do olhar de seu Autor-criador-dono (“só eu a amo”). Com isso, quero pontuar que o retrato que se forma do corpo dessa mulher nordestina, subalimentada, analfabeta, pobre e em uma cidade toda feita contra ela só podia mesmo ser digna de pena. Adianto que não tenho dó dela; deixe que o tenha seu mentor. Quero é me aproximar dela e de seu corpo para sermos única e exclusivamente menos injustos com o outro. Quero praticar aqui o desprendimento epistêmico e, para tanto, devo ser desobediente com o autor que a criou, ao invés de endossar sua visada no mínimo falocêntrica. Aliás, se não tivermos cuidado, ao lermos *A hora da estrela*, reforçamos um racismo epistêmico<sup>132</sup>, quando na verdade toda a discussão sobre desobediência epistêmica e desprendimento vem no sentido de dirimir preconceitos de toda ordem e equívocos teóricos. Aliás, esta sutil passagem de Mignolo sobre o desprendimento é esclarecedora: “o desprendimento não significa, portanto, negar e ignorar o que não se pode negar, mas saber utilizar técnicas ou estratégias imperiais com propósitos descoloniais.”<sup>133</sup>

<sup>130</sup> SANTOS. *Epistemologias do Sul*, p. 53.

<sup>131</sup> SANTOS. *Epistemologias do Sul*, p. 19.

<sup>132</sup> Em minha Dissertação de mestrado trabalhei essa questão a exaustão (livro).

<sup>133</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 39. “El desprendimiento por tanto no significa negar e ignorar lo que no se puede negar, sino de saber como utilizar técnicas o estrategias imperiales con propósitos descoloniales”.

Entre os vários retratos implacáveis que seu criador Rodrigo S.M. faz de sua criatura, vejamos parte daquele que ele tece, de forma crudelíssima e sem piedade quando se trata de seu corpo ou persona. Aqui vamos apontar as passagens em ordem cronológica, porque temos como único objetivo pontuar que o retrato (história) em tecnicolor que ele faz de Macabéa está todo assentado numa visada *sobre*, na medida em que uma pessoa fala sobre a outra e, por mais que ele queira se pôr ao nível dela e que também afirme que ela se colou em suas costas, ambos falam de lugares muito diferentes dentro da história. Ainda antes de começar a destacar tais passagens, quero justificar que talvez advenha daí a forma estratégica de o autor-escritor-personagem Rodrigo S.M *escrever com o corpo* a história de sua criatura, visando, com isso, aproximar corpos que, a princípio, se encontram em situações sociais e lugares muito diferentes:

1. “Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém.”<sup>134</sup>
2. “Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência.”<sup>135</sup>
3. “Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.”<sup>136</sup>
4. “Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra...”<sup>137</sup>
5. “Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem?”<sup>138</sup>.

---

<sup>134</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11-12.

<sup>135</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 13.

<sup>136</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 13.

<sup>137</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 13.

<sup>138</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 19.

6. “(brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa)...”<sup>139</sup>
7. “- que ela era incompetente. Incompetente para a vida.”<sup>140</sup>
8. “Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem.”<sup>141</sup>
9. “Ela nascera com maus antecedentes...”<sup>142</sup>
10. “No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto.”<sup>143</sup>
11. “Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto.”<sup>144</sup>
12. “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão...”<sup>145</sup>
13. “Você tem cara de quem comeu e não gostou.”<sup>146</sup>
14. “- E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema.”<sup>147</sup>
15. “Se sei quase tudo de Macabéa é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada. Esse relance meu deu ela de corpo inteiro.”<sup>148</sup>
16. “Diante da cara um pouco inexpressiva demais de Macabéa...”<sup>149</sup>
17. “Você, Macabéa, é um cabelo na sopa.”<sup>150</sup>
18. “Como é que num corpo cariado como o dela...”<sup>151</sup>
19. “-Me desculpe eu perguntar: ser feia dói?”<sup>152</sup>

---

<sup>139</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>140</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>141</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 22.

<sup>142</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 23.

<sup>143</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 24.

<sup>144</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 24.

<sup>145</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 24.

<sup>146</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 47.

<sup>147</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 48.

<sup>148</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 51.

<sup>149</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 54.

<sup>150</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 54.

<sup>151</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 55.

<sup>152</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 56.

20. “(...), apaixonado pela sua feiura e anonimato total...”<sup>153</sup>

21. “E acontece que não tinha consciência de si...”<sup>154</sup>

22. “O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça  
anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito.”<sup>155</sup>

23. “A morte que é nesta história o meu personagem predileto.”<sup>156</sup>

24. “Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto.”<sup>157</sup>

Enfim, depois de esquentar seu corpo para iniciar a história, cujo trabalho era de carpintaria, uma vez que com ela visava se sensibilizar, apesar do mau êxito em sua literatura, e que para isso escrevia em traços vivos e ríspidos de pintura, já que tinha captado o espírito da língua e, assim, às vezes a forma é que faz conteúdo (coitado do mísero corpo de Macabéa dentro dessa forma), o autor-escritor Rodrigo S.M. vai erigindo sua história acerca de sua heroína que quase não fala (teria ela mesmo o direito ao grito dentro da narrativa?). Ele fez malabarismo para se pôr ao nível dela: “para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual.”<sup>158</sup> Ao agir assim ele vai, conforme ele mesmo diz, *transfigurando-se em outrem*, e complementa: “para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo.”<sup>159</sup> No que pese à comparação, perguntaríamos como sequer aproximar esse lugar e condição (realidade) em que se encontra o criador do retrato possível esboçado nas passagens elencadas por mim aqui?

<sup>153</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 62.

<sup>154</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 62.

<sup>155</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 72.

<sup>156</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 76.

<sup>157</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 78.

<sup>158</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 17.

<sup>159</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 20.

Considerando esse “descaso” que o intelectual Rodrigo S.M. tem para com sua criatura Macabéa, cujo retrato é digno de pena, irei me valer da leitura que Regina Dalcastagne fez em “Engendrando Macabéas: a representação da personagem popular em Osman Lins e Clarice Lispector.”<sup>160</sup> Esclarece Regina:

A primeira coisa a chamar a atenção em *A hora da estrela* talvez seja o desprezo na relação do escritor Rodrigo S. M. com a personagem Macabéa. A jovem nordestina, segundo seu autor, “é virgem e inócua, não faz falta a ninguém”<sup>161</sup>. Ela é incompetente como datilógrafa e seu corpo cariado, “dir-se-ia que havia brotado na terra do sertão em cogumelo logo mofado”<sup>162</sup>. Sua existência é rala, “ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando.”<sup>163</sup>. É uma espécie de matéria amorfa, habitada pelo vazio, conformada. A banalidade mais absoluta contamina cada um de seus atos. Macabéa faz coleção de anúncios, ouve a Rádio Relógio e sonha ser Marilyn Monroe. Tão diferente de nós - que somos úteis, temos competências e imaginação – Macabéa é o outro, é a massa.<sup>164</sup>

A passagem de Regina de alguma forma endossa o que disse acima, sobretudo com relação ao modo depreciativo como o Autor lê sua criação. Em leitura acentuada no crivo do social, Regina pontua um lado da leitura mais interessante que pode ser feita a partir da leitura do livro. Afirma ela:

A história de Macabéa, ao contrário, é brutalmente material. A protagonista é uma proletária à beira do *lumpen*, às voltas com problemas de trabalho e de alimentação. Mas ela é uma personagem ao quadrado, já que Lispector cria um homem para criá-la. Homem, é importante frisar, porque, como ele mesmo diz, “escritora mulher pode lacrimejar piegas. E o narrador apresenta uma receita para contar a história – uma fala simples, sem arroubos de originalidade, condizente com a existência humilde da protagonista – que parece ser o negativo do estilo de Lispector. O embate da autora, portanto, começa com a própria obra, ou ao menos com a percepção corrente que se tinha (e ainda se tem) dela.”<sup>165</sup>

Chamamos a atenção para quando a autora diz na passagem que *a história é brutalmente material* para lembrar que, afóra esse material lembrar cultura do dinheiro e do consumo tão ao gosto da proletariada Macabéa no Terceiro Mundo, que tal materialidade também recupera o corpo cariado perdido no meio dessa sociedade

<sup>160</sup> Apud SCHMIDT (ORG.) *A ficção de Clarice*.

<sup>161</sup> Apud DALCASTAGNE. Engendrando Macabéas, p. 28.

<sup>162</sup> Apud DALCASTAGNE. Engendrando Macabéas, p. 44.

<sup>163</sup> Apud DALCASTAGNE. Engendrando Macabéas, p. 38.

<sup>164</sup> DALCASTAGNÉ. Engendrando Macabéas, p. 140.

<sup>165</sup> DALCASTAGNÉ. Engendrando Macabéas, p. 139-140.

toda feita contra ele. Curioso observar que Regina pontua de forma certa que a história ora narrada parece ser o negativo do estilo de Clarice, e de fato o é, apesar de, conforme já disse, a questão do social sempre esteve rondando a vida e obra da escritora.

Antes de voltar e seguir essa leitura de base descolonial, abro um parêntese para pontuar três outras leituras, especificamente acerca de *A hora da estrela* que, cada uma a seu modo, dialoga diretamente com o que Regina já dissera em “Engendrando Macabéas”. Registre-se, contudo, que a menção a essas três leituras do livro justifica-se tão somente para dizer que, apesar de minha leitura bordejar por outro lugar e preocupação, encontra ressonância em leituras outras do livro que não são menos importantes para sua compreensão dentro da tradição literária brasileira. A primeira que merece destaque é o livro *Caldo de cultura; a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector* (2007), de autoria de Edgar César Nolasco, em que o autor trabalha, além da relação biográfica entre Clarice Lispector e sua personagem Macabéa, a questão da cultura do consumo presente na obra. A segunda obra especificamente sobre *A hora da estrela* que merece destaque é o livro *O direito ao grito: a hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector* (2013), de autoria de Carlos Vinícius da Silva Figueiredo, em que o autor, como já sinaliza o título de seu livro, faz uma leitura do livro clariciano à luz dos Estudos subalternistas. Diz Carlos Vinícius logo na Introdução:

acreditamos que a rubrica dos Estudos da Subalternidade, em diálogo crítico com o livro de Lispector, permite que o momento de maior lucidez crítica e intelectual da escritora seja visto, ainda que ela estivesse o tempo todo, de alguma forma, preocupada com os movimentos políticos e culturais que estavam acontecendo, a ponto de tirar proveito de tais fatos para a construção de suas histórias.<sup>166</sup>

---

<sup>166</sup> FIGUEIREDO. *O direito ao grito*, p. 29.

Observamos que enquanto a leitura realizada por Nolasco se voltava mais para uma preocupação com a cultura do dinheiro, a de Carlos Vinícius se volta para uma leitura assentada nos postulados da subalternidade, o que apenas reitera as possibilidades de leituras outras que se podem fazer do livro clariciano, a exemplo da de Regina antes mencionada. Voltando à leitura realizada por Carlos Vinícius, vejamos, por fim, o que ele conclui acerca da leitura da obra:

A leitura da obra de Lispector nos leva ao encontro do (não) enfrentamento atribuído ao seu papel enquanto intelectual, muitas vezes, deixado de lado pela crítica, mas que representou magistralmente a realidade do País. Melhor dizendo: a boa crítica clariciano privilegiou uma Clarice moderna, quando, conforme sinaliza sua produção da década de setenta, vamos encontrar uma autora que gargalha da Clarice anterior, por ser modernista demais.<sup>167</sup>

Registre-se que o comentário de Carlos Vinícius sobre a crítica clariciano fazia e continuou a fazer muito sentido depois, apesar de os trabalhos aqui mencionados. Vejamos aqui o terceiro livro especificamente sobre *A hora da estrela*. Trata-se de *Que quer dizer cultura?: uma leitura de A hora da estrela* (2014), de Marta Francisco de Oliveira. Ao justificar o título de seu livro, Marta já deixa evidente por onde trilhou a leitura de seu livro:

Clarice Lispector, ao colocar claramente a pergunta de Macabéa “que quer dizer cultura?”, em *A hora da estrela*, nos conduz à reflexão sobre a questão cultural. Na verdade, toda a novela, emprestando a expressão de Sylvia Molloy, “toma a forma de um gesto cultural” bem marcado como tal. Nesse sentido, é essencial que atualmente nos defrontemos com o vocábulo cultura e a ampla gama de significados que o termo pode adquirir, bem como, já mencionado, sua clara interferência na produção literária, seja no espaço do dito ou no espaço do não-dito, nas entrelinhas, como pano de fundo e estofado para a própria criação ficcional.<sup>168</sup>

Em sua leitura de base cultural, Marta Francisco de Oliveira trata, com muita propriedade crítica, da relação cara entre os estudos literários x estudos culturais, bastante em voga no início dos anos 2000 na Pós-Graduação do País. Afora esse viés crítico, a autora também se vale da crítica biográfica criada por Eneida Maria de

<sup>167</sup> FIGUEIREDO. *O direito ao grito*, p. 33.

<sup>168</sup> OLIVEIRA. *Que quer dizer cultura?*, p. 41.

Souza para trabalhar a relação vida x obra em Clarice Lispector. Acerca disso, transcrevemos esta passagem:

De acordo com o que postula Eneida Maria de Souza, a crítica biográfica permite que se expandam as formas de interpretação da literatura, visto que ao analisar a complexa relação entre obra e autor, e ao deixar de concentrar-se apenas na produção ficcional para também englobar a produção documental, a crítica biográfica constrói “pontes metafóricas entre o fato e a ficção”, o que resulta no deslocamento do “lugar exclusivo da literatura como corpus de análise e expande o feixe das relações culturais”<sup>169</sup>.

Apesar de estar embasada na crítica biográfica e não na crítica biográfica fronteira, a leitura de Marta de Oliveira aproxima-se, em parte, da que propus aqui, na medida em que ambas trabalham no crivo da relação entre vida x obra. Lembro, a título de informação, que o que diferencia, mais talvez, a crítica biográfica da crítica biográfica fronteira seja exatamente a presença do lócus e do corpo do pesquisador teorizador. Mas, grosso modo, as leituras aqui mencionadas dialogam entre si, e, exatamente por isso, retraçam um panorama crítico envolto no livro *A hora da estrela*, e é exatamente isso que me interessa nesse momento. Aproveito a discussão para dizer também que, em sendo vastíssima a fortuna crítica de Clarice Lispector, um dos critérios que encontrei, para desconsiderar tal importância, foi a de mencionar obras dessa plêiade de fortuna que tratassem exclusivamente do livro aqui em estudo.

Dito isso, volto, agora, àquelas passagens transcritas em que se assinala o trato, retrato e distrato como o escritor Rodrigo S.M. vê sua pobre criatura Macabéa para avançar nessa teorização acerca da desobediência epistêmica e desprendimento. E o faço lembrando que numa daquelas passagens o autor se pergunta; “por que escrevo *sobre* uma jovem que nem pobreza enfeitada tem?” Grifo aí o “sobre”, para reiterar que é exatamente isso que Rodrigo S.M. faz, ou seja, fala sobre sua criatura, reforçando a prática moderna levada à exaustão de se falar sobre

---

<sup>169</sup> OLIVEIRA. *Que quer dizer cultura?*, p.77.

o outro, como se esse outro não pensasse, não produzisse conhecimento, não teorizasse. Como entende que a questão que se coloca no “sobre” é também uma questão de linguagem, vejamos o que Mignolo afirma sobre a descolonialidade que a princípio tem a ver com isso:

A descolonialidade vira o radar e inverte as éticas e as políticas do conhecimento. As teorias críticas descoloniais emergem das ruínas das linguagens, categorias de pensamento e subjetividades [...] que têm sido constantemente negadas pela retórica da modernidade e pela aplicação imperial da lógica da colonialidade.<sup>170</sup>

Vemos que a política do “sobre” reforça a colonialidade do discurso do escritor sobre Macabéa, assim como encontro a mesma prática na sociedade entre o discurso do patrão e do empregado, por exemplo, ou entre qualquer um quando se trata, *grosso modo*, daquele que sabe e daquele que não sabe. Tal prática revela e endossa a política moderna da teo e egopolítica, reforçando, por conseguinte, a retórica da modernidade e a política da colonialidade. E, se não bastasse, entrevem aí e justifico ao mesmo tempo o porquê a prática da escrita de Rodrigo S.M. vai do aprender a escrever e para no reescrever, não alcançando, por conseguinte, a opção descolonial do re-escrever. Encontramos em Mignolo esta passagem que nos esclarece o que estamos dizendo:

O *desprendimento* é um despertar do sonho e da ilusão hegemônica de conhecimento e compreensão – e do horizonte da vida – que têm sido governados, desde o século XV e em todo o mundo moderno/colonial, pelo que concebo aqui como política teo-lógicas e ego-lógicas do conhecimento e do entendimento<sup>171</sup>.

Trazendo a passagem de Mignolo para o contexto e relação entre o escritor de *A hora da estrela* e sua criatura Macabéa, quer nos parecer que a dita cuja

<sup>170</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 27. “La descolonialidad gira el radar e invierte las éticas y las políticas del conocimiento. Las teorías críticas descoloniales emergem de las ruinas de los lenguajes de las categorías de pensamiento y de las subjetividades [...] que han sido constantemente negadas por la retórica de la modernidade y la aplicación imperial de la lógica de la colonialidad.”

<sup>171</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 34. El desprendimento es un despertar del sueño y la ilusión hegemónica del conocimiento y del entendimiento – y del horizonte de vida – que han sido regidos, desde el siglo xv y a través del mundo moderno/colonial por las que concibo aquí como políticas teo-lógicas y ego-lógicas del conocimiento y del entendimiento.

predestinada por ele a ser infeliz está condenada a ter sua vida teleguiada por ele e pela vida dele, na medida em que ele cola a vida dele à vida dela como se tal gesto fosse possível dadas as diferenças de toda ordem preexistentes dentro da narrativa.

A teorização por mim arrolada aqui e considerando o que estou discutindo, cujo campo não se desvencilha de uma preocupação assentada na inter-corporeidade, encontra respaldo no que Gloria Anzaldúa discute por todo seu livro *Bordelands/la frontera*, de modo especial sobre a escrita e sobre o corpo. Transcrevo esta passagem que parece sintetizar o que quero:

[...] Não consigo separar minha escrita de nenhuma parte de minha vida. Tudo é um [...] quando escrevo, é como se estivesse esculpindo um osso. É como se eu estivesse criando meu próprio rosto, meu próprio coração – um conceito *Náhuatl*. Minha alma se cria através do ato criativo. Ele está constantemente se refazendo e dando origem a si mesmo através do meu corpo.<sup>172</sup>

A passagem da intelectual chicana fala-nos de desobediência epistêmica e de desprendimento, com certeza, mas fala-nos também de muitas outras questões não menos importante chamamos a atenção para a inscrição corpográfica da intelectual que acontece de modo indissociável de sua criação teórica. Não por acaso que quando escreve cria seu rosto, seu coração e seu corpo, para chegar onde quero aqui. O corpo, em Anzaldúa, serve, *grosso modo*, para que a teorização se formule na letra. Anzaldúa afirma que a alma (sua alma) se cria através do ato criativo (teórico) e que, por conseguinte, esse ato se refaz continuamente por meio do corpo (seu corpo). Essa relação indissociável entre alma e corpo parece ser de suma importância para discussão aqui feita, na medida em que nessa relação intervalar podem acontecer as diferenças entre línguas e povos.

---

<sup>172</sup> [...]no puedo separar mi escritura de ninguna parte de mi vida. Todo es uno [...] Cuando escribo, es como si estuviera tallando hueso. Es como si estuviera creando mi propio rostro, mi propio corazón – un concepto *náhuatl*. Mi alma se crea a sí misma por medio del acto creativo. Está rehaciéndose constantemente y dándose a luz a sí misma por medio de mi cuerpo. ANZALDÚA. *Borderlands/La frontera*, p. 128.

Quero, agora, me deter na expressão “tudo é um” da passagem anterior, para trazer um correlato encontrado em *A hora da estrela*. Rodrigo S.M., ainda quando está esquentando seu corpo para começar a história de sua criatura, diz que pegou de relance numa rua do Rio de Janeiro “o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina”<sup>173</sup> e conclui: “nós somos um...”<sup>174</sup> Ressalvadas as diferenças entre o “tudo é um” de Anzaldúa, diríamos que o “nós somos um” de Lispector, além de aproximar as pessoas na rua, também não deixa de aludir aos corpos, almas e dores de cada um. Lembramos aqui que o descaso com o corpo e o rosto de Macabéa por Rodrigo S.M. vitimiza pelo avesso a face escondida de Macabéa (“nós somos um”). Uma história exterior e explícita, cuja anti-heroína não tem corpo nem rosto e se encontra perdida numa cidade toda feita contra ela. Anzaldúa diz que quando escreve é como se estivesse esculpindo um osso; já Rodrigo talvez estivesse esculpindo um corpo sem rosto e boca que, da perspectiva do outro, não existe e não existiria sem seu papel de autor dela no mundo que a ama. Não é por acaso que ele afirma, por duas vezes, que só ele a ama; ela é digna de dó para ele. Rodrigo é um escritor fracassado que espera se dar bem com a história de Macabéa. Macabéa, em todos os sentidos, é “vítima” de seu mentor, bem como seu corpo e seu rosto apagado. Aqui, não por acaso, nos lembramos desta passagem de Enrique Dussel:

[...]descobrir-se “inocente”. É a “*vítima inocente*” do sacrifício ritual, que ao descobrir-se inocente julga a “Modernidade” como culpada da violência sacrificadora, conquistadora originária, constitutiva, essencial. Ao negar a inocência da “Modernidade” e ao afirmar a Alteridade do “Outro”, negado antes como vítima culpada, permite “des-cobrir” pela primeira vez a “outra-face” oculta e essencial à “Modernidade”: o mundo periférico colonial, o Índio sacrificado, o negro escravizado, a mulher oprimida, a criança e a cultura popular alienadas, etc. (as “vítimas” da “Modernidade”) como vítimas de um ato irracional (como contradição do ideal racional da própria “Modernidade”).<sup>175</sup>

<sup>173</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>174</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>175</sup> DUSSEL. *Europa, modernidade e eurocentrismo*, p. 29.

De nosso ponto de vista, é também de uma relação como a que acontece entre Rodrigo S.M. e Macabéa que trata a passagem de Dussel. Com a diferença, talvez, que Macabéa não se descobre inocente de um sistema de pensar do qual ela somente pode fazer parte como um parafuso dispensável. Metaforicamente, Macabéa representa a outra-face de Rodrigo S. M./Modernidade: *uma mulher, ignorante, pobre, nordestina, digna de pena, corpo cariado, oprimida, que não pensa etc.* Resta-nos a pergunta que não quer calar: como podemos “nós sermos um” nesse pensamento irracional em que as pessoas não pensam e sequer corpo têm? Como ser desobediente e provocar um desprendimento quando não se tem um pensamento próprio? Quando a lógica do pensamento moderno não deixa o outro sequer falar, que não a escuta?, a não ser de modo jocoso como acontece com a quase engraçada Macabéa? Macabéa não existe. O outro existe? Como nos aproximar com dignidade e respeito desse outro? Boaventura de Sousa Santos, ao discutir acerca do que é visível e invisível, do pensamento abissal e do pós-abissal, afirma: “Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível.”<sup>176</sup> E conclui:

Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética.<sup>177</sup>

Afirmo que Macabéa significa a inexistência em pessoa. Se o des-sujeito inexistente permanece no exterior, então diríamos que a narrativa “exterior e explícita” de Rodrigo S.M. /Clarice Lispector, ao invés de unir um ao outro dentro da narrativa, antes, os mantém afastados, por uma impossibilidade mesmo. Diríamos que há

---

<sup>176</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

<sup>177</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

copresença, apenas em parte, ou de um lado, dentro da narrativa do livro, ou seja, apenas do lado de Rodrigo S.M., uma vez que eles se encontram juntos, mas separados. Já do lado de Macabéa, não há possibilidade de copresença possível, porque o outro lado (de seu criador) apenas reforça sua inexistência o que existe é ausência não-dialética: Macabéa não fala. Nesse mesmo texto, Boaventura fala de epistemicídio enquanto “a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena.”<sup>178</sup> Pensando especificamente nisso, não seria Macabéa que seria ignorante, mas seu escritor (e autor) que parece não saber muito do mundo dela, de suas histórias locais. O mundo no qual se cria e se produz o conhecimento de Macabéa parece não ser alcançado pelo mundo exterior e explícito narrado em *A hora da estrela*. Essa questão do epistemicídio apresentada por Boaventura encontra endosso nas palavras de João Arriscado Nunes, quando este, no texto “O resgate da epistemologia”, do mesmo livro, afirma:

O projeto de uma epistemologia do Sul é indissociável de um contexto histórico em que emergem com particular visibilidade e vigor novos atores históricos no Sul global, sujeitos coletivos de outras formas de saber e de conhecimento que, a partir do cânone epistemológico ocidental, foram ignorados, silenciados, marginalizados, desqualificados ou simplesmente eliminados, vítimas de epistemicídios tantas vezes perpetrados em nome da razão, das luzes e do Progresso<sup>179</sup>.

Macabéa que, segundo seu autor, “pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito”<sup>180</sup>, representa todas essas “vítimas de epistemicídios condenadas por antecipação ao extermínio em massa, como vem amiúde acontecendo no mundo em pleno século XXI (a pandemia a exemplo). Mas eis que, assim como existe um projeto descolonial do Sul global, que se apresenta assentado na desobediência epistêmica e no desprendimento, descortina-se a possibilidade de, valendo-se de uma epistemologia fronteiriça outra, abrirem-se todos

<sup>178</sup> SANTOS. Introdução, p. 16.

<sup>179</sup> NUNES. O resgate da epistemologia, p. 280.

<sup>180</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 72.

para uma aproximação do outro (e com relação ao outro) a partir da diferença colonial. Nesse sentido, Macabéa, apesar de pouca existência e direitos, *balbucia* (ACHUGAR) do meio de sua perdição e inexistência. É nesse sentido que Nunes fala do surgimento da epistemologia do Sul, ou fronteira:

A epistemologia do Sul aparece como uma refundação radical da relação entre o epistemológico, o ontológico e o ético-político a partir, não de uma reflexão centrada na ciência, mas em práticas, experiências e saberes que definem os limites e as condições em que um dado modo de conhecimento pode ser “traduzido” ou apropriado em novas circunstâncias, sem a pretensão de se constituir em saber universal.<sup>181</sup>

Assim, são as experiências de Macabéa, seus saberes de vida que fundam seu conhecimento enquanto ser humano situado em algum lugar, cujo lugar também possui sua teoria, e longe de qualquer ideia de universalização. Enfim, o pensamento de Macabéa não poderia estar jamais do lado do pensamento da ciência; antes, talvez estivesse do lado de práticas do conhecimento que beiram o cotidiano, a vida mesma em si. Nesse sentido, vejamos o que Boaventura entende por ecologia dos saberes, já que esta se diferencia radicalmente dos saberes das ciências:

A ecologia de saberes não concebe os conhecimentos em abstrato, mas antes como práticas de conhecimento que possibilitam ou impedem certas intervenções no mundo real, e deixa de conceber a ciência como a referência ou ponto de passagem obrigatório para o reconhecimento de todos os saberes e conhecimentos. Desse modo, é a própria concepção do que é a epistemologia que é radicalmente transformada. Um pragmatismo epistemológico é, acima de tudo, justificado pelo facto de as experiências de vida dos oprimidos lhes serem inteligíveis por via de uma epistemologia das consequências. No mundo em que vivem, as consequências vêm sempre primeiro que as causas.<sup>182</sup>

Vemos, com a passagem, que um mundo de possibilidades para a desobediência e o desprendimento se alevanta daí. E, pensando nisso, se, por um lado, corro o risco de fazer leituras forçadas teoricamente como com relação ao livro *A hora da estrela*, por outro, estou mais do que convencido que quando nos valemos de outras epistemologias, como a do Sul ou fronteira ou descolonial, podemos ler na

<sup>181</sup> NUNES. O resgate da epistemologia. 284.

<sup>182</sup> SANTOS *apud* NUNES. O resgate da epistemologia, p. 284.

diferença determinadas obras, e cuja leitura pode ir na contracorrente de grande parte de sua fortuna crítica, como é o caso do livro aqui estudado. É nesse sentido que quero entender esta afirmação de Nunes:

[...] assinalar a relevância de um pensamento alternativo de alternativas epistemológicas e encontrar as convergências que tornem viável e produtivo o diálogo com as formas mais recentes e mais inovadoras da crítica epistemológica que têm aparecido em ligação com os estudos sociais da ciência, os estudos feministas e pós-coloniais e a filosofia “naturalista” das ciências.<sup>183</sup>

Nesse cruzamento de conhecimentos e de saberes, proporcionados pela ecologia dos saberes, ou pelo pensamento fronteiro ou descolonial, atravessam-se também ignorâncias, que também são bem-vindas. Aliás, será que a ignorância só passa pela formação? Não haveria uma formação outra que prima e preza pela ignorância (lembramos aqui de *O livro das ignorâncias* (2016), de Manoel de Barros)? Diz Rodrigo S.M sobre Macabéa: “Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra...”<sup>184</sup>. Não coincidentemente trata-se do mundo letrado. De modo que só sobraria a Macabéa copiar errado aquele mundo do qual ela não fazia parte. Quanta ignorância, disseram os doutos. Valendo-me de Boaventura e sua ecologia dos saberes, porque aqui

As formas de ignorância são tão heterogêneas e interdependentes quanto as formas de conhecimento. [...] ...na ecologia dos saberes, a ignorância não é necessariamente um estado original ou ponto de partida. Pode ser um ponto de chegada. Pode ser o resultado do esquecimento ou desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca. Assim, num processo de aprendizagem conduzido por uma ecologia de saberes, é crucial a comparação entre o conhecimento que está a ser aprendido e o conhecimento que nesse processo é esquecido e desaprendido. A ignorância só é uma forma desqualificada de ser e de fazer quando o que se aprende vale mais do que o que se esquece.<sup>185</sup>

Nesse sentido, em particular, Macabéa é o poço da ignorância, porque, se, por um lado, ela não aprende nada, por outro, muito menos se esquece de alguma coisa, uma vez que seu corpo traz em si sua história subjugada, amalgamando suas

<sup>183</sup> NUNES. O resgaste da epistemologia, p. 286.

<sup>184</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 13.

<sup>185</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 56.

ancestralidades de mulher nordestina e pobre, perdida na cidade grande e que sequer pensou em reivindicar seu direito ao grito. Em *A hora da estrela*, a ignorância ocupa o lugar daquele saber que o corpo branco não chega, não alcança, logo não pode traduzir, internalizar por meio de seu discurso literário demais. A postura e a aposta do escritor falido Rodrigo S.M. são grandes e ousadas. Enquanto o escritor Rodrigo S.M. aprende a escrever para reescrever exaustão a vida sem corpo de Macabéa, o criador de sua escuridão invisível devolve para ele e sua história, o modo como ela aprendeu a *re-viver* sua história marginalizada com seu corpo não fértil. Quer me parecer que, enquanto o escritor desaprende por meio dela, Macabéa re-aprende formas outras de não-morrer. Resumindo, enquanto ele teima e desobedece insistindo na possibilidade de narrar/contar *sobre* a história dela, Macabéa, de dentro de sua inexistência aos olhos dele, reafirma que sua pseudo-história só pode ser narrada a *partir de si* e seu próprio corpo.

O que estamos dizendo acima lembra uma passagem de Anibal Quijano sobre o corpo, que merece ser transcrito:

Porque o “corpo” implica a “pessoa”, se se libertar o conceito de “corpo” das implicações misticadoras do antigo “dualismo” eurocêntrico, especialmente judaico-cristão (alma-corpo, psique-corpo etc.). E isso é o que torna possível a “naturalização” de tais relações sociais. Na exploração, é o “corpo” que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo, na pobreza, na fome, na má nutrição, na doença. É o “corpo” o implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas contra os exploradores. Pinochet é um nome do que ocorrer aos explorados no seu “corpo” quando são derrotados nessas lutas. Nas relações de gênero, trata-se do “corpo”. Na “raça!”, a referência é ao “corpo”, a “cor” presume o “corpo”.<sup>186</sup>

Tendo por base o lugar que o corpo-outro ocupa dentro da passagem de Quijano, irei, mais uma vez, por meio de passagens curtas do livro, pontuar outra parte do retrato decadente e piedoso feito por Rodrigo sobre sua criatura e seu corpo

---

<sup>186</sup> QUIJANO. Colonialidade do poder e classificação social, p. 112.

cariado. Espero que, quando acabar de transcrever as referidas passagens, que elas aludam diretamente ao corpo explorado na passagem de Quijano.

1 - Sobre o consumo: "...são [moças] facilmente substituíveis..."<sup>187</sup>; "o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo..."<sup>188</sup>

2 - Sobre pobreza: "...desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história..."<sup>189</sup>; "logo eu que constato que a pobreza é feia e promíscua."<sup>190</sup>

3 - Sobre a fome: "... e a jovem não poderia mordê-lo, morrendo de fome."<sup>191</sup>; "...ela encheu de açúcar quase a ponto de vomitar, mas controlou-se para não fazer vergonha. O açúcar ela botou muito para aproveitar."<sup>192</sup>

4 - Sobre doença: [...] "é que esta é acompanhada do princípio ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes, coisa de dentina exposta."<sup>193</sup>; "Ela nascera com maus antecedentes..."<sup>194</sup>; "No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se 'panos', diziam que vinham do fígado."<sup>195</sup>; "Me desculpe, mas até parece doença de pele."<sup>196</sup>; "Apaixonado por seus pulmões frágeis..."<sup>197</sup>

---

<sup>187</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12.

<sup>188</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 20.

<sup>189</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

<sup>190</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 19.

<sup>191</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 13.

<sup>192</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 49.

<sup>193</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>194</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 23.

<sup>195</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 24.

<sup>196</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 39.

<sup>197</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 62.

5 - Sobre castigo: "... a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça [...]. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio."<sup>198</sup>; "A morte que é nesta história o meu personagem predileto."<sup>199</sup> Como se vê, o registro acerca desse corpo "incompetente para a vida"<sup>200</sup> atravessa toda a narrativa; de modo que o *gran finale* da história só podia mesmo terminar com a morte, essa que também esteve sob o comando de seu mentor. *Grosso modo*, é o corpo que sobra para ser atacado sem dó nem piedade pelo Criador, uma vez que Macabéa nem parecia ter alma. Não era digna; não era elevada para tanto. Então que padeça o corpo na terra, entre os mortais (alusão ao final da novela).

Ainda sobre a conceituação de desobediência epistêmica, merece deter-me um pouco que seja no texto "Desobediência epistêmica"<sup>201</sup>, de Walter Mignolo. O autor começa explorando o conceito a partir de uma passagem de Anibal Quijano, antes reproduzida neste trabalho, que envolve diretamente o conceito de desprendimento. Adverte-nos Mignolo que ali Quijano está nos falando de "desobediência epistêmica". E é exatamente em torno dessa rubrica que quero chamar a atenção aqui, passando obviamente pelo livro *A hora da estrela*. Sobressai uma afirmação do texto que me parece sumamente importante para minha leitura que passa por esta constatação do autor: "eis exatamente por que estou argumentando aqui a favor da opção como desobediência epistêmica."<sup>202</sup> Interessa-me sobremaneira essa questão da opção como uma desobediência porque quero entender que seria uma leitura de base descolonial que melhor se aproximaria da história do corpo de Macabéa. Sobre isso, não é por acaso que Mignolo afirma:

---

<sup>198</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 25.

<sup>199</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 76.

<sup>200</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>201</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.

<sup>202</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que foi institucionalizado por todo o planeta. [...] Pretendo substituir a geo- e a política do Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada).<sup>203</sup>

Quando Mignolo afirma que a opção descolonial é epistêmica abre, por conseguinte, possibilidades outras para leituras que de alguma forma subvertam as leituras canônicas realizadas sobre uma obra canônica. Ou, quando não, permite que a perspectiva de leitura se centre na figura subalternizada dentro da narrativa, a exemplo de Macabéa e sua pseudo-história que foram filtradas pelo olhar castrador de Rodrigo S.M. O que estamos sugerindo equivale a pensar o foco narrativo da perspectiva da própria Macabéa, por exemplo.

Também entram subentendidos, na afirmação de que *a opção descolonial é epistêmica*, os conceitos de geopolítica e corpo-política, sobre os quais, aliás, nos deteremos depois. Por ora talvez nos reste lembrar de que o que faz a opção descolonial ser epistêmica é a presença de tais conceitos que, a seu modo, rechaçam os conceitos modernos de teo e egopolítica. Na sequência, Mignolo afirma também que opção descolonial significa “aprender a desaprender”. Considerando que também irei a *posteriori* me deter nessa questão do “re-escrever”, entendendo ser oportuno trazer esse comentário neste momento.

Visando explicar o que ronda ainda a afirmação de que a opção descolonial é epistêmica, Mignolo se detém no que entende por pensamento descolonial. Segundo ele, “significa também o fazer descolonial, já que a distinção moderna entre teoria e prática não se aplica quando você entra no campo do pensamento da fronteira e nos projetos descoloniais.”<sup>204</sup> Aqui esse modo de fazer descolonial seria correlato ao que

---

<sup>203</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

<sup>204</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 291.

venho chamando de teorização, ou seja, toda teorização não deixa de ser um fazer descolonial, e cujo fazer implica uma opção, uma escolha. Agregado a isso tenho a fusão, ou melhor, não distinção, entre teoria ou prática, questão essa primordial para as leituras de base descolonial, uma vez que não tomaria apenas um “objeto” passivo de análise. Quero entender que, de alguma forma, o modo como tomo o livro *A hora da estrela* dentro de minha discussão ilustra o que propus.

Ainda no mesmo texto, Mignolo traz um comentário que, de alguma forma, se aproxima da condição na qual se encontra Macabéa dentro da realidade do país. Diz ele:

Na América do Sul, na América Central e no Caribe, o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas bem como nas de afrodescendentes. [...] O “pensamento descolonial castanho” construído nos Palanques nos Andes e nos quilombos no Brasil, por exemplo, complementou o “pensamento indígena descolonial” trabalhando como respostas imediatas à invasão progressiva das nações imperiais européias (Espanha, Portugal, Inglaterra, França, Holanda). As opções descoloniais e o pensamento descolonial têm uma genealogia de pensamento que não é fundamentada no grego e no latim, [...].<sup>205</sup>

Atrelado ao que o autor afirma, tem as teorias modernas, as quais, por sua vez, não ajudariam muito no entendimento das vidas de todos aqueles que se encontram nessa condição de exterioridade e anonimato (Macabéa era anônima). Por conseguinte, a passagem também nos deixa entender que o pensamento descolonial já vive dentro das mentes e dos corpos desses desassujeitados, como Macabéa. Seria por isso que Rodrigo S.M. tenta a todo custo colar seu corpo ao de sua criatura, ou pelo menos levar seu corpo a um estado ou condição que se aproxime do dela? Resta-nos lembrar que é pelo fato de o pensamento descolonial já estar intrínseco aos corpos dos des-sujeitos, que a opção descolonial torna-se, por conseguinte, a escolha

---

<sup>205</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 292.

para se pensar epistemologicamente/descolonialmente. Ainda sobre a opção decolonial, Mignolo reitera que hoje ela acontece pelo mundo. E afirma:

Opções descoloniais estão mostrando que o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e memórias da civilização ocidental e de seus aliados internos. Uma civilização que comemora e preza a vida ao invés de tornar certas vidas dispensáveis para acumular riqueza e acumular morte, dificilmente pode ser construída a partir das ruínas da civilização ocidental[...].<sup>206</sup>

Lendo um pouco pelo avesso a passagem de Mignolo, e aqui pensando em Rodrigo S.M e seus propósitos como escritor, assim como em Macabéa, teria que adverti-lo, enquanto escritor de um país terceiro-mundista, que não se faz mais literatura em cima das vidas e memórias em ruínas dos des-sujeitos desses lugares e que, logo, esses subalternizados não podem ser e não são seus aliados. Des-sujeitos, como Macabéa, por terem seus corpos na exterioridade e desobedientes aproximam do pensamento decolonial atravessando suas mentes e corpos, só podem partilhar de pensamentos que prezem a vida das pessoas ao invés de fomentarem a lei do mercado e do consumo. Dentro dessa discussão, a heroína Macabéa não passa de uma pária — não da sociedade porque ela já o era — mas do pensamento abissal de seu mentor. Tanto é que o Destino de Macabéa, dentro da história de seu Criador, só poderia ser a morte, simbolizando, por sua vez, a morte de todos aqueles que se encontram fora do sistema colonial moderno. Nas páginas derradeiras de *A hora da estrela*, logo depois que Macabéa atravessou a rua para ir ao encontro de seu deliberado destino final, o escritor se pronuncia advertindo a todos que o lêem que “a morte que é nesta história o meu personagem predileto”<sup>207</sup>, restando a Macabéa pronunciar de forma bem e clara “Quanto ao futuro”<sup>208</sup>, talvez tendo a consciência, mesmo que na hora da morte, de que ela fora decretada desprovida de futuro nessa

<sup>206</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.

<sup>207</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 78.

<sup>208</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 77.

vida, ou história narrada pelo outro, palavras de Rodrigo: “A morte é um encontro consigo”, “Ela estava enfim livre de si e de nós.”<sup>209</sup> Sobra-nos a pergunta: tivera Macabéa a sua escolha? Como vim no decorrer de sua pseudo-história, ela esteve a mercê de seu criador o tempo todo, até o momento derradeiro em que sua vida fora tragada pela morte, resultando, por conseguinte, num final retumbante para a “sua” história deliberadamente criada pelo intelectual Rodrigo S. M. Aqui transcrevo mais uma passagem do texto de Mignolo “Desobediência epistêmica”, por entender que ele não deixa de ilustrar a falta de opção da qual experienciou Macabéa:

Felizmente, a opção descolonial concede à concepção da reprodução da vida que vem de *dannés* [condenados], na terminologia de Frantz Fanon, ou seja, da perspectiva da maioria das pessoas do planeta cujas vidas foram declaradas dispensáveis, cuja dignidade foi humilhada, cujos corpos foram usados como força de trabalho: reprodução de vida aqui é um conceito que emerge dos afros escravizados e dos indígenas na formação de uma economia capitalista, e que se estende à reprodução da morte através da expansão imperial do ocidente e do crescimento da economia capitalista. Essa é a opção descolonial que alimenta o pensamento descolonial ao imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir.<sup>210</sup>

Afora o quanto a passagem se aproxima do contexto da história e da própria condição de vida de Macabéa, lembramos, para encerrar este nosso capítulo, que, a considerar o contexto de 1977 no Brasil, em que, de um lado, tínhamos a repressão e a censura em todos os sentidos ( e até isso pode metaforizar a vida de Macabéa), por outro, tínhamos a chegada do mercado internacional com seu produtos e consumos, restando-me tão somente perguntar: para quê, ou em que serviria a condenada Macabéa, completamente despreparada e desprezada tanto para o Mercado, quanto para o consumo, uma vez que seu corpo já viera vaticinado para a exterioridade, a morte, o capim?

---

<sup>209</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 78.

<sup>210</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 296.

## **CAPÍTULO II - A HORA DA ESTRELA:** re-escrevendo o pensamento fronteiriço

[...] As emoções são a porta que dá para o caminho da vida e são esse mesmo caminho na luta. E os corpos estão tanto no centro das lutas como as lutas no centro dos corpos.

SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 138.

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12.

## 2.1 – Do descrever (reescrever) ao re-escrever do corpo na letra: a hora do pensamento fronteiriço

Descrever me cansa.

LISPECTOR *A hora da estrela*, p. 85.

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.

LISPECTOR *A hora da estrela*, p. 9.

Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.10.

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita.

LISEPCTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

Proponho-me a que não seja complexo o que escrevo, embora obrigado a usar as palavras que vos sustentam.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

Aliás - descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12.

Sim, mas não esquecer que para escrever não importa o quê o meu material básico é a palavra.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12.

Voltando a mim: o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 13.

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

As dez epígrafes arroladas na abertura deste capítulo já sinalizam parte da discussão teórica conceitual que busco trazer, uma vez que os dois conceitos basilares dele são pensamento próprio ou fronteiriço e a questão conceitual do re-escrever (re-aprender) levado a cabo pelo descolonialidade. Adiantando que, afora tais passagens-epigráficas, irei, no decorrer deste capítulo, trazer as demais passagens que trazem em seu bojo a ação do “escrever” posta em prática pelo escritor

Rodrigo S.M. Todavia, desde já abro um parêntese para dizer que, se, no capítulo anterior, persegui em parte as pegadas do escritor-autor-personagem criador de Macabéa, atribuindo a ele o modo de dialogar com a história de sua criatura, agora minha discussão conceitual volta-se para a *persona* da escritora Clarice Lispector (como se fosse possível tal separação absoluta entre eles). E o faço assim, por uma questão metodológica e teórica muito simples: porque quero entender que a escritora brasileira, com a publicação de *A hora da estrela*, afasta-se, em parte, de sua produção anterior (apesar de haver um vínculo com a questão do social por todo seu projeto) e, talvez por isso, aproxima-se ou deixa uma entrada pela porta da frente para uma teorização de ordem descolonial (apesar também de não ser uma escritora descolonial, é bom que se diga).

Relembro que no capítulo anterior desta tese me detive nos conceitos de desobediência epistêmica e de desprendimento, tendo sempre o conceito maior de inter-corporeidade atravessando a teorização como um todo, uma vez que não quero me descuidar da presença do(s) corpo(s) por nenhum momento. Estou retomando isso para dizer que agora, por mais que me detenha com mais afinco nos conceitos de pensamento próprio ou fronteiro e na rubrica do re-escrever (re-aprender), entende-se que não há como me desvencilhar totalmente de tais conceitos, uma vez que ambos encontram-se presentes e embasando o pensamento descolonial. O bom em reconhecer a contaminação entre ambos se dá pelo fato de que, assim, minha busca é inter-corpórea ganha em consistência teórica. E, como entendo que as rubricas<sup>211</sup> pensamento próprio, ou descolonial ou fronteiro ocupam a mesma chancela, daqui em diante, emprego o termo pensamento fronteiro, por uma questão

---

<sup>211</sup> Considerando as rubricas de pensamento próprio; descolonial; fronteiro sobressai tal formulação para o entendimento de que tais pensamentos de teorização se dão a partir do biolocus em que se encontra situado o corpo daquele que pensa esse pensamento.

meramente metodológica e por entender que tal escolha corre mais em paralelo com a crítica biográfica fronteiriça que está no cerne de nossa argumentação teórica.

Todavia, mesmo considerando o exposto acima, vou tentar aqui tratar dos dois conceitos em separado, detendo-me, na sequência, na questão do re-escrever, para, *a posteriori*, falar do pensamento fronteiriço. E começo por contextualizar a expressão “aprender a desaprender, para poder así re-aprender” de acordo como Walter Mignolo a desenvolve em seu livro *Desobediencia epistémica* (2010). No último capítulo do livro, intitulado “Prolegômeno a uma gramática de la descolonialidad”, depois de afirmar que essa gramática está em curso no mundo e de se deter nos conceitos de geopolítica e de corpo-política, e de reiterar que ambos os conceitos são já uma forma de desprendimento, o autor afirma que o primeiro passo para a construção de uma gramática da descolonialidade foi dado a partir da referida expressão, empregada quando da criação da Universidad Intercultural dos Povos Indígenas do Equador.<sup>212</sup> Lembramos que, apesar de nos determos nos conceitos supracitados de geopolítica e de corpo-política apenas no último capítulo de nossa tese, tais conceitos são fundadores da prática do pensar e do teorizar do “aprender a desaprender para re-aprender”. E são fundadores porque ambos são epistêmicos, segundo Mignolo. E é exatamente essa questão de ordem epistêmica que nos interessa e que vai fundar nossa discussão teórica aqui.

De acordo com Mignolo, os pensadores que mais endossariam essa busca por um re-aprender (e que aqui estarei lendo nas diferentes direções de um re-escrever)

---

<sup>212</sup> Transcrevemos aqui a nota aposta por Mignolo: “Luís Macas y Jorge García en una presentación oral de las metas y el currículo de la Universidad Intercultural de los Pueblos y Naciones Indígenas del Ecuador: Universidad Andina Simón Bolívar, julio 2002. Para una mirada general ver: <http://icci.nartiveweb.org/boletin/19/macas.html> La universidad no es fenómeno aislado, esta ya conectada con la red de Pueblos Indígenas de las Américas, (<http://www.aulaintercultural.org/breve.php3?id-breve=184>)

são Enrique Dussel, Franz Fanon e Gloria Anzaldúa. Dussel por conta de uma geopolítica epistêmica, Fanon e Anzaldúa devido a uma corpo-política epistêmica. Valendo-me de forma ampla da discussão feita por Mignolo, entendo que, para que a prática, ou opção do re-aprender/re-escrever aconteça é necessário que haja um “vuelco descolonial”, e cuja reviravolta não pode ser concebida meramente como ruptura, ou troca paradigmática ou assimilação. Vejamos, de forma, breve, o porquê.

De acordo como Mignolo, o desprendimento é oposto da assimilação: “assimilar implica que não se pertence mais àquilo que se assimila ou se quer assimilar. Não faz sentido conceber a assimilação no quadro que se quer assimilar.”<sup>213</sup> Logo, em havendo assimilação, não haveria desprendimento, nem muito menos desobediência epistêmica. Com relação à ruptura, somente seria possível se houvesse uma ruptura epistêmica, como também assinala Mignolo em outro momento, senão seria uma mera continuação do mesmo na relação de um diferencial do universal. Sobre o paradigma, só faria sentido se se tratasse de um paradigma-outro, como tão bem explorado por Mignolo, e cujo conceito retoma a ideia de um pensamento outro, ou próprio (KUSCH), ou fronteiro descolonial.

Considerando, como dito, que o re-aprender, o re-escrever demanda um *vuelco* descolonial, vejo que devo me deter um pouco mais em torno dessa guinada, ou giro, descolonial. No livro *El vuelco de la razón* (2011), o autor Walter Mignolo afirma:

A reviravolta da razão alude às múltiplas opções que surgem no mundo quando, em vez de tentar ser moderno, periférico, alternativo ou subalterno, já não se quer ser moderno, mas simplesmente quer ser, ser descolonialmente, e não ser um como o bom senso e a hegemonia da razão moderna querem que sejamos.<sup>214</sup>

---

<sup>213</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 41. (assimilar implica que uno ya no pertenece más a lo que está asimilado o lo quieren assimilar.No tiene sentido concebir la asimilación em el marco que uno quiere assimilar.)

<sup>214</sup> MIGNOLO. *El vuelco de la razón*, p. 9. (*El vuelco de la razón* alude a las múltiples opciones que emergen en el mundo cuando en ve de tratar de ser modernos, periféricos, alternativos os subalternos, ya no se quiere ser moderno sino que se quiere simplemente ser, ser descolonialmente, y no ser a la manera en que el sentido común y la hegemonia de razón moderna quiere que seamos.)

Quero nessa guinada descolonial que se inscreve a abertura do re-aprender, ou do re-escrever, como forma de até mesmo não repetir, nem muito menos assimilar ou simplesmente causar uma ruptura com relação ao pensamento moderno, ou com as teorias modernas. Logo, enquanto as práticas de um pensamento e, por conseguinte, de uma teoria moderna estariam, ou iriam apenas ao reaprender, ou reescrever da expressão “aprender a desaprender para re-aprender”, o pensamento descolonial ou fronteiriço se formula a partir do re-aprender ou re-escrever. Em vista disso, subentende-se, conforme se lê na passagem, que o ser descolonial não tenta mais ser moderno, nem muito menos quer ser moderno. Obviamente porque tal guinada já se dá embasada a partir de uma epistemologia fronteiriça (ANZALDÚA).

Na sequência de sua discussão, Mignolo elucida ainda mais a questão acerca do *vuelco de la razón*, quando afirma que “a reviravolta da razão é o momento global de consciência dos modos de ser, de acreditar, de pensar, de fazer, de sentir que advêm das histórias locais de cada um de nós.”<sup>215</sup> Aqui adiantando um pouco minha discussão, diria que em se tratando da intelectual Clarice Lispector, e de modo específico de sua proposta com o livro *A hora da estrela*, vemos que nela a escritora deixa entreaberta uma porta para a adentrarmos e irmos ao encontro dessa guinada descolonial, como almejei mostrar aqui. Já tratei com Mignolo, em momento anterior deste trabalho, mas não custa repetir, para uma melhor reafirmação conceitual, que o desprendimento sempre requer um “vuelco epistémico descolonial” atravessando outros princípios do conhecer e do entender, cuja guinada se desprendesse dos postulados da teo e egopolítica e migrasse para a geo e corpo-política do conhecimento. A questão da reviravolta descolonial empreendida por Mignolo no livro

---

<sup>215</sup> MIGNOLO. *El vuelco de la razón*, p. 10. (el vuelco de la razón es el momento global de toma de conciencia de formas de ser, creer, pensar, hacer, sentir que provienen de las historias locales de cada uno y cada una de nosotras y de nosotros.)

antes citado, *Desobediencia epistémica*, dá-se sobretudo com relação à retórica da modernidade e à lógica da colonialidade, como espero ter mostrado no capítulo anterior, apesar de não ter tratado especificamente da questão. No bojo da discussão ali feita e na esteira de Enrique Dussel, Mignolo afirmava que “a retórica da modernidade é uma história europeia, apresentada principalmente por literatos, filósofos, intelectuais e funcionários públicos europeus, como se a modernidade fosse um fenómeno europeu.”<sup>216</sup> Mais uma vez, fica subentendido aí o quanto que escritores modernos, a *la* Clarice Lispector, se aproximam e quase sempre ocupam esse lugar a partir do qual não há sequer a possibilidade de se pensar em uma guinada epistemológica, reforçando, pelo contrário, uma prática assentada na absorção e transformação do outro (e do texto e pensamento do outro em próprio, ou seja, levando à exaustão a prática da apropriação, da inter e transdisciplinaridade, enfim da *reescrita infinita*.) (BORGES).

El vuelco de la razón, ou giro descolonial, é quase um outro nome para o pensamento descolonial ou fronteiriço. Não por acaso que, afora o livro já citado, *El vuelco de la razón*, de Mignolo, tem-se também o livro *El giro decolonial* (2007), cujo editores são Santiago Castro-Gomez e Ramón Grosfoguel. No Prólogo do livro, intitulado “El giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico”, os organizadores afirmam:

Fornecer uma linguagem alternativa é um dos maiores desafios teóricos que temos agora. Debemos compreender que o capitalismo não é apenas um sistema económico (paradigma da economia política) e não é apenas um sistema cultural (paradigma dos estudos culturais/pós-coloniais na sua vertente 'Anglo'), mas é uma *rede global de poder* integrado por processos

---

<sup>216</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 57. (la retórica de la modernidad si es un relato europeo, presentado principalmente por hombres de letras europeos, filósofos, intelectuales, oficiales del Estado como si la modernidad fuera un fenómeno europeo.)

econômicos, políticos e culturais, cuja soma mantém todo o sistema. Portanto, precisamos encontrar novos conceitos e uma nova linguagem que dê conta da complexidade das hierarquias de gênero, raça, classe, sexualidade, conhecimento e espiritualidade dentro dos processos geopolíticos, geoculturais e geoeconômicos do sistema mundial.<sup>217</sup>

Interessa-me sobremaneira entender que uma das maiores preocupações da reviravolta descolonial implica desafios teóricos, porque quero entender também que é nessa direção que se inscreve a prática descolonial do re-teorizar, do re-aprender e do que aqui quero perseguir, do re-escrever. Da passagem, reproduzo a expressão grifada pelos autores *rede global de poder*, quando falam do capitalismo, para contrapor com o próprio giro descolonial, na medida em que são as *redes* do giro descolonial que estão na genealogia do pensamento descolonial pluriversal. Sobre isso, vejamos Mignolo:

Assim, cada nó da rede desta genealogia é um ponto de despregamento e abertura que reintroduz línguas, memórias, economias, organizações sociais, subjetividades, esplendores e misérias dos legados imperiais. A atualidade exige, exige, um pensamento decolonial que articule genealogias espalhadas pelo planeta e ofereça “outras” modalidades econômicas, políticas, sociais e subjetivas.<sup>218</sup>

Pondo em comparação as duas passagens supracitadas, posso dizer que o giro, ou reviravolta descolonial acontece à medida que os nós dessa rede descolonial são re-feitos, para que novas formas de pensar e de teorizar sejam possíveis. A partir da diferença colonial, esta rede desfaz, ou melhor, refaz noutra perspectiva o que fora pensado, narrado e tecido constituindo a rede do sistema colonial moderno. Não é por acaso que, no mesmo texto, Mignolo adverte que *o pensamento descolonial surge de El giro geo- y cuerpo-política frente a la teo-política*. Enfim, como já mostrei a guinada

---

<sup>217</sup> CASTRO-GOMES & GROSFUGUEL. Prólogo, p.17. (Proporcionar un lenguaje alternativo es uno de los desafíos teóricos más grandes que tenemos ahora. Debemos entender que el capitalismo no es sólo un sistema económico (paradigma de la economía-política) y tampoco es sólo un sistema cultural (paradigma de los estudios culturales/poscoloniales en su vertiente ‘anglo’), sino que es una *red global de poder*, integrada por procesos económicos, políticos y culturales, cuya suma mantiene todo el sistema. Por ello, necesitamos encontrar nuevos conceptos y un nuevo lenguaje que dé cuenta de la complejidad de las jerarquías de género, raza, clase, sexualidad, conocimiento y espiritualidad dentro de los procesos geopolíticos, geoculturales y geoeconómicos del sistema-mundo.) grifos dos autores

<sup>218</sup> MIGNOLO. El pensamiento decolonial, p. 45.

descolonial não se desvincula do próprio conceito de pensamento fronteiriço, e considerando que vou tratar dele logo na sequência deste texto, como já dito, vejam mais algumas considerações do autor acerca do giro descolonial, antes de eu entrar de vez na questão do re-escrever em Clarice Lispector.

No texto “El desprendimiento: pensamiento crítico y giro descolonial”, ao tratar especificamente sobre o giro descolonial, Mignolo afirma:

A reviravolta decolonial consiste em livrar-se da camisa-de-força das categorias de pensamento que “naturalizam” a colonialidade do conhecimento e do ser e os justificam na retórica da modernidade, do progresso e da gestão imperial “democrática”. O atual controle do conhecimento opera fundamentalmente na economia e na teoria política.<sup>219</sup>

Mais uma vez Mignolo insiste em mostrar o quanto a reviravolta descolonial consiste em livrar-se das amarras do pensamento moderno e de suas formas teóricas que naturalizaram uma repetição assentada na retórica da modernidade e na lógica da colonialidade, cuja política não se despregava da prática do modernizar-se, ou seja, do reescrever-se como forma de manter um vínculo com o sistema colonial moderno. Não por acaso Mignolo constata que

A reviravolta decolonial surge da diferença colonial e, talvez, da diferença imperial. [...] Ou seja, de tudo que o único [pensamento] pensou, ao estabelecer-se como único, reduzido ao silêncio, ao passado, à tradição, ao diabo, ao que foi superado, ao que não é sustentável, ao que não existe.<sup>220</sup>

Seguindo a lógica dessa teorização, posso dizer que ao se encarregar e se formular a partir do re-escrever (re-aprender), ela se abre para um paradigma-outro que, por sua vez, se articula dentro de uma epistemologia fronteiriça que, apesar de não ignorar a epistemologia moderna, a rechaça e se constitui por fora dela. Na

---

<sup>219</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 15-16. El giro descolonial consiste en desprenderse del chaleco de fuerza de las categorías de pensamiento que “naturalizan” la colonialidad del saber y del ser y las justifican en la retórica de la modernidad, el progreso y la gestión “democrática” imperial. El control actual del conocimiento opera fundamentalmente a la economía y en la teoría política.

<sup>220</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 17-18.

sequência, o autor volta a dizer que a reviravolta descolonial do pensamento fronteiriço surge

não da “recuperação do passado, uma vez que o passado é irrecuperável após quinhentos anos de expansão ocidental; e quando se trata de recuperação existe o risco de cair no fundamentalismo. Mas o passado pode ser “reativado” não na sua pureza original (perdido para sempre), mas como pensamento crítico diferencial de fronteira (A irredutível diferença social, sexual e de gênero).<sup>221</sup>

Pensamento crítico diferencial de fronteira, apesar da redundância uma vez que se é de fronteira é crítico, reforça a conceituação do próprio pensamento descolonial ou fronteiriço, além de mostrar que a reviravolta pode ser o ponto de partida desse pensamento e, por extensão da teorização que o consigna. Dentro da discussão trazida por Mignolo nesse texto, após mencionar mais uma vez Fanon e Anzaldúa como intelectuais exemplares dessa reflexão conceitual, Mignolo ainda constata que

a reviravolta descolonial não é uma “nova” episteme; é literalmente uma ‘episteme-outra’, o pensamento que foi desqualificado (tornado invisível) como pensamento sustentável. É o pensamento que o “especialista” de hoje continua a esconder.<sup>222</sup>

Essa episteme-outra equivale ao paradigma-outra que, por sua vez, funda o pensamento fronteiriço, como já dito, aliás. Enfim, aqui quero tomar essa reviravolta como uma forma de teorização, como a que aqui vim insistindo desde alhures, e que a partir de agora irei adentrar a discussão envolta no re-escrever, passando, obviamente, pelo reescrever, afinal, como acabamos de ler na passagem, não se trata de “nova episteme”, mas, sim, de “episteme outra”, ou seja, uma não ignora a outra,

---

<sup>221</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 18. (no de la “recuperación del pasado puesto que el pasado es irrecuperable despues de quinhentos anos de expansión occidental; y cuando se trata de recuperar se corre el riesgo de caer em el fundamentalismo. Pero si el passado se puede “reactivar” no en su pureza originaria (para siempre perdida), sino como pensamiento fronterizo crítico diferencial (La irreductible diferencia social, sexual, de género).

<sup>222</sup> MIGNOLO. El desprendimiento, p. 20. “El giro descolonial no es una ‘nueva’ episteme; es literalmente una ‘episteme-outra’, el pensamiento que se descalificó (se hizo invisible) como pensamiento sostenible. Es el pensamiento que ‘el/la experto/a’ de hoy sigue ocultando.)

assim como o re-escrever não ignora o reescrever, apenas não endossa sua prática de *escrita* teórica.

## 2.2 – Do descrever rumo ao re-escrever: a hora de uma verdade *outra*

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguir saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de *memória*, como se nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva.

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 259.

Aqui replico a primeira e a última epígrafes deste capítulo, mas como passagens para início de conversa teórica:

Descrever me cansa.<sup>223</sup>

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo.<sup>224</sup>

Como já tive o cuidado de dizer no início deste capítulo, Clarice Lispector não pode ser considerada uma intelectual descolonial, mas nada me impede de ver e querer pontuar que sua prática de escrita levada a cabo em *A hora da estrela* pode flertar com tal teorização. Nesse sentido, a primeira passagem acima já autentica e confirma uma prática moderna empregada por Clarice que a tira do crivo da descolonialidade e a mantém, por conseguinte, como a escritora moderna e modernista que sempre foi dentro da tradição literária brasileira. Todavia, já na segunda passagem, posso ver que se entreve para uma possibilidade de leitura que resvala para o campo da teorização uma vez que ela assume escrever com o corpo e, para se escrever com o corpo, subentende-se que demanda uma inscrição corpográfica do intelectual.

Antes de cartografar as passagens ou pontos escriturais (afora as das epígrafes) que endossam a prática do aprender a escrever para reescrever para, assim, re-escrever, quero lembrá-los que no tocante à fortuna crítica da escritora sobre

---

<sup>223</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 65.

<sup>224</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

tal questão há pouco material teórico. De começo, arrolo os livros *A hora da(s) estrela(s) Clarice & Macabéa* (2021), e *O teorizador vira-lata* (2022), ambos de Edgar Cézar Nolasco, que tratam do assunto, entre algum outro ensaio sobre a escritora. Vêm somar-se a esses dois livros especificamente sobre a autora, os livros *¿Podemos pensar los no-europeos?* (2018), organizado por Facundo Giuliano, *Desobediencia epistémica* (2010), de Walter Mignolo, e alguns ensaios de crítica biográfica fronteiraça.

Abrindo o livro *A hora da estrela*, encontro de imediato quatorze títulos possíveis para a história que ali é narrada, entre eles, claro, o que dá título ao livro. Todavia, me chamou a atenção aparecer a rubrica da própria escritora como um possível subtítulo para o livro. Quero entender que tal inscrição, se, por um lado, não é gratuita, por outra, já direciona-me para a teorização que partilho aqui. Enfim, mais do que isso, e não por acaso, o referido livro já foi considerado uma possível biografia ficcional da escritora, na medida em que ela traz marcas de sua vida pregressa inscritas no corpo da escritura. No decorrer dessa teorização, pode trazer ou fazer alusão a outros títulos ali arrolados. Virando a página dos 14 subtítulos, damo-nos com uma “Dedicatória do autor (na verdade Clarice Lispector)”. A tirar pelo título, já vemos de forma mais robusta a inscrição corpográfica da escritora ali presente. Lembrando que como o que me interessa aqui é a prática do reescrever rumo a um possível re-escrever, vou esgravatar e trazer para a superfície dessa minha teorização todas as vezes em que tal ação, ou opção, for mencionada dentro da narrativa da novela.

Nessa dedicatória, não por acaso lemos: “*o que me atrapalha a vida é escrever.*” A princípio mais a vida do autor, para logo ver que pode se tratar também da escritora. Aqui, parafraseando o escritor Rodrigo S.M., estou também fazendo trabalho de carpintaria, quase como um escritor manual, como ele também se

assume. E assim chego ao início da narrativa (como se ele já não tivesse começado lá nos 14 subtítulos que a abrem), em que leio *enquanto eu tiver pergunta se não houver resposta continuarei a escrever* (não seria demais lembrar que eu estou sendo uma *aliada hospitaleira* da escritora, de modo que aqui me reservo o direito de me apropriar de sua escritura, para fazer dela minha e usá-la ao meu bel-prazer nesta tese que se escreve por meio de minha teorização). E, nesse momento, não há como não trazer Walter D. Mignolo quando critica a Modernidade por ela *narcotizar o pensamento*. Em contrapartida, já se inscreve aí o pensamento fronteiriço e sua política descolonial. Diz Mignolo:

Por isso, a tarefa de fazer, pensar e ser descolonial é a cura da ferida e a compulsão viciosa de “querer ter” e livrar-se das normas e hierarquias modernas é o primeiro passo para nos refazermos. Aprender a desaprender para reaprender de uma forma diferente é o que nos ensinou a filosofia de Anawtay Wasi.<sup>225</sup>

Entendo que a prática do re-escrever aponta a saída enquanto um fazer, um pensar e um ser descolonial como forma de curar-se da prática da reescrita moderna que levou à exaustão uma metaforização que resultava em uma ficcionalização moderna, como estratégia pensada para apagar as diferenças coloniais.<sup>226</sup> Nesse sentido, o *descrever me cansa* de Clarice metaforiza a prática moderna trabalhada no livro por ela, bem como seu trabalho hercúleo de tentar driblar tal repetição. Aliás, não por acaso, Mignolo expõe de forma precisa o papel do pensamento descolonial com relação a essa prática de metaforização/ficcionalização, quando afirma que “a necessidade de nos “desligarmos” de tais ficções naturalizadas pela matriz colonial

---

<sup>225</sup> MIGNOLO. PREFÁCIO, p. 7. (Por ello, la tarea del hacer, pensar y estar sendo descolonial es la sanación de la herida y de la viciosa compulsión hacia el “querer tener” desprendernos de las normas y jerarquias modernas es el primer passo hacia el rehacernos. Aprender a desaprender para reaprender de outra maneira, es lo que nos enseñó la filosofía de Anawtay Wasi.)

<sup>226</sup> Ver sobre isso o texto *Literatura comparada descolonial* (2024), de Edgar César Nolasco, especificamente a parte intitulada de “Quando teorizar é metaforizar”.

de poder é a teoria de que o pensamento decolonial se transforma num projeto e processo.”<sup>227</sup>

Como disse, se, por um lado, a expressão *descrever me cansa* pontua a reforça a modernidade da escrita clariciana, por outro lado, abre-se para uma possível saída de ordem descolonial (talvez mais ao nível da recepção). Trago, ademais, uma passagem de Silviano Santiago que, se, por um lado pode ser discutida, por outro não deixa de endossar o que aqui estou buscando acerca de tal marca descolonial em *A hora da estrela*. Transcrevo a passagem do autor:

Nos anos 40, Clarice Lispector dá as costas ao que tinha sido construído, a duras penas pelos colonos e os brasileiros, como instinto e/ou consciência de nacionalidade. Dá as costas à “tradição afortunada”, para guardar a expressão a que Afrânio Coutinho deu título de cidadania a partir da compilação feita por ele de inumeráveis e sucessivos exemplos tomados da cultura brasileira. *Clarice inaugura uma tradição sem fortuna, desafortunada, feminina e, por ricochete, subalterna*. Para que alcançasse a plena condição de excelência, no auge da “ingenuidade naturalista” dos anos 30 e 40, a proposta subalterna, tardia e solitária da escrita ficcional de Clarice teve de se travestir, três décadas mais tarde, pelo que ela negava. Em vida da autora, seu romance mais famoso acabou sendo “*A hora da estrela*”. Hoje, ele pode ser lido – sobretudo se o for com o respaldo da adaptação cinematográfica que o transformou numa espécie de “vidas secas” do asfalto – como a mais alta traição ao que a autora tinha inaugurado na literatura brasileira, mas pode também ser dado como uma gargalhada na cara da tradição afortunada, gargalhada que diz: “Eu também posso fazer o que vocês fazem, basta mascarar-me com o rosto masculino do narrador Rodrigo S.M.”. Um dos possíveis títulos para esse romance ratifica essa gargalhada: “*Saída Discreta pela Porta dos Fundos*”. A lucidez zombeteria de Clarice está também neste outro título para o mesmo romance: “*História Lacrimogênica de Cordel*.”<sup>228</sup>

Lendo ao pé da letra a passagem, e tendo em mente minha visada teórica descolonial, entrevejo que não resta dúvida de que se desenha nela uma abertura para o pensamento descolonial. (Não por acaso, quase sempre o papel da grande crítica é ler para além do que o autor quis dizer; pelo menos entendo ser este o caso de Silviano), sobretudo quando o crítico brasileiro afirma que *Clarice inaugura uma tradição sem fortuna, desafortunada, feminina e, por ricochete, subalterna*. Porque

<sup>227</sup> MIGNOLO. Prefácio, p. 7. (La necesidad de “desprendernos” de tales ficciones naturalizadas por la matriz colonial de poder es la teoría que el pensar descolonial convierte en proyecto y proceso.)

<sup>228</sup> SANTIAGO. A aula inaugural de Clarice Lispector, p. 02.

diria que não se trata, na verdade, de mero ricochete ou indiretamente não, uma vez que temos aí, se não pela primeira vez, mas com certeza de forma contundente e até *zombeteira* (palavra de Silviano) uma escritora-mulher, travestida de escritor homem, zombando da boa tradição literária brasileira declinada, sem dúvida, mais no masculino e por certa “classe social”. Na sequência da passagem anterior, como se não bastasse, Silviano ainda vai dizer que *a proposta subalterna, tardia e solitária da escrita ficcional de Clarice teve de se travestir, três décadas mais tarde, pelo que ela negava*. E teve mesmo, porque até então sequer a ideia de uma subalterna rondava o imaginário escritural da escritora moderna. E não menos importante: Clarice, sua literatura, teve de se travestir pelo que ela negava. O que pode significar isso senão uma possibilidade de abertura para no mínimo uma leitura de ordem descolonial como a que intento fazer por meio desta tese?

Nesse sentido, o escritor Rodrigo S.M. perseguido por meio de minha teorização no capítulo anterior, não passa de uma gargalhada metaforizada que a “escritora sem fortuna, desafortunada, feminina e, por ricochete, subalterna”, dá na cara dele quando lhe atribui o papel de antemão fracassado de criar a vida da subalterna mulher e heroína Macabéa. E digo mais, se no plano da perspectiva da história criada por Rodrigo S.M. ela encontraria aproximações com o romance “Vidas secas”, de Graciliano Ramos (Silviano pensa na aproximação), por ambos serem escritores homens, a história subalterna e declinada no feminino de Clarice sobre Macabéa vai encontrar aproximação apenas com Carolina Maria de Jesus e o seu *O quarto de despejo* (1960).

Passadas as três décadas, aludidas por Silviano, Clarice aporta na década de 70 com o seu último livro publicado em vida *A hora da estrela* (1977). E, mais uma vez, Silviano é enfático e certo: em *vida da autora, seu romance mais famoso*

*acabou sendo “A hora da estrela”*. Quando Silviano fala que ali a autora trai a si mesma com relação ao que ela tinha inaugurado na tradição literária acentua a possibilidade de que podemos entender o livro noutra clave que não a moderna que sempre sustentou a alta e boa literatura brasileira e por extensão sua tradição. Soma-se a isso a gargalhada que a intelectual dá na cara da tradição afortunada, a qual encontra respaldo nesta passagem também intelectual Rodrigo S.M. :*“Eu também posso fazer o que vocês fazem, basta mascarar-me com o rosto masculino do narrador Rodrigo S.M.”* Clarice Lispector, escritora-mulher (feminina) não podia, digamos, ocupar esse lugar, enquanto Rodrigo S.M., escritor homem, a *la*, digamos, Machado de Assis com relação a Capitu, pode fazer realmente ao criar a história de sua heroína Macabéa. A gargalhada irônica de Clarice se inscreve nesse poder de poder narrar a vida de outrem, reforçando uma tradição declinada no falocentrismo patriarcal que sempre teleguiou a figura do narrador-homem por toda a mais alta tradição literária brasileira. Ao final de sua passagem Silviano não deixa de aludir a dois possíveis títulos da novela que, cada um a seu modo, ilustra a história subalterna ali narrada: *“Saída Discreta pela Porta dos Fundos”* e *História lacrimogênica de Cordel”*. Silviano vê aí a lucidez zombeteira da intelectual, ao quero ver, para além disso, uma saída estratégica para um modo outro de narrar a própria literatura brasileira, a partir dos rebotalhos, dos restos, dos subalternizados, desprezados e ignorados pelo mundo beletrista que sempre imperou na literatura brasileira declinada no masculino. Se Clarice, por algum motivo, às vezes até entendível, não atravessou de vez a tal saída, por outro lado, deixou entreaberta a possibilidade para leituras que a seu modo caminham na contramão de grande parte da recepção dessa sua última obra, escrita e publicada em plena ditadura brasileira. Lembramos aqui, a título de ilustração, que em entrevista de 1977, ano da publicação do livro e da morte da escritora, Clarice

dizia que o papel do intelectual *era o de falar o menos possível*. Talvez pensando no momento histórico repressor, mas também talvez pensando que, dada a forma como a narrativa literária vinha sendo narrada/contada, era hora de parar e *re-contar, re-escrever* essa mesma história mas de outra perspectiva, como entendo que o pensamento descolonial fronteiriço permite.

O outro título transcrito por Silviano, *História Lacrimogênica de Cordel*, remete o leitor metaforicamente à verdadeira história da heroína nordestina e sua ancestralidade, cuja história biográfica não foi narrada por Rodrigo S.M., mas que a escritora Clarice Lispector, talvez por ter vivido no nordeste brasileiro, amarra à sua própria história, e nesse sentido em particular o livro *A hora da estrela* pode ser lido como uma biografia ficcional da escritora, como defende Edgar César Nolasco.

Ainda retomando uma última vez a segunda passagem que abre este subtítulo do capítulo da tese, no qual se lê a escritora Clarice Lispector/Rodrigo S.M. dizendo *escrevo com o corpo*, quando transponho tal afirmação para o corpo/vida de Macabéa, vejo que ela, não diferentemente, pensa com o corpo, ou melhor, se vale de um *pensamento gago*: “como casar com-com-com um ser que era para-para-para ser visto, gaguejava ela no seu pensamento.”<sup>229</sup>

Essa metáfora subentendida no pensamento gago pode ser compreendida pela discussão que Hugo Achugar faz em *Planetas sem boca* (2006), quando discute, entre outras questões não menos importantes, que, em se tratando de América Latina, há um balbucio teórico que significa a escuta do corpo subalterno, apesar de, em nível geral, ter pouca representatividade, uma vez que não é escutado pelos grandes centros hegemônicos do mundo. Não por acaso, acerca do conceito de balbucio,

---

<sup>229</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*. p. 37.

Achugar diz “que balbuciar não é uma carência, mas uma afirmação.”<sup>230</sup> Logo, pensando na subalterna Macabéa, podemos dizer que sua carência era de fome, de não ter o que comer (sonhava com coxa de vaca), mas não de pensamento, como deu a entender seu Autor. Achugar abre um leque de discussões teóricas que me ajuda entender melhor a história de Macabéa; apesar de sua leitura não ser de base descolonial, dela se aproxima. Trago parte de sua discussão, no intuito de mostrar a diferença que existe entre Macabéa e Rodrigo, e não a suposta aproximação defendida romanticamente por ele. Assim, ao tratar do conceito de “balbucio teórico” na América Latina, afirma: “A ‘história local’ de um sujeito social não é a mesma de outro, mesmo que ambos pertençam à mesma comunidade.”<sup>231</sup> E arremata:

O sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua “história local”, ou seja, a partir do modo que “lê” ou “vive” a “história local”, em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está situado. A “história local”, a partir da qual o presente trabalho está escrito, tem a ver com interesses locais concretos, os quais não têm valor universal, e ambos não podem ser propostos como válidos para toda a América Latina e, talvez, menos ainda, para esse conjunto que alguns chamam de “as Américas”.

Não precisamos ir longe para entender que Macabéa só pode pensar, e pensa, a partir do modo que vive sua história local suburbana e por meio do corpo sente. O mesmo diríamos sobre a escritora Clarice Lispector: sabe e não se põe no lugar de Macabéa, dadas suas diferenças sociais e culturais notórias, enquanto o oportunista escritor fracassado Rodrigo S (endo) M(acabéa) se põe, ou tenta, se colocar no lugar dela como se fosse possível. Também eu, Marina, tenho consciência que o meu modo de pensar *tem a ver com interesses locais concretos* (a escrita desta tese já seria um exemplo), e esses valores, de modo especial a teorização empregada, não tem valor Universal, e, por não ter valor planetário, não são mesmo “relevantes” (MIGNOLO) para todos. Eis aqui, de meu ponto de vista, uma prática palpável de re-escrita. Ainda

<sup>230</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 24.

<sup>231</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 28-29.

pensando em Macabéa enquanto uma figura subalterna, inútil, ignorante, alienada e que não pensa da perspectiva de Rodrigo S.M. transcrevemos mais esta passagem de Achugar:

Antropófagos, bárbaros, canibais, índios, selvagens, colonizados, nativos, indígenas, dominados, subalternos, escravos, marginalizados, submergidos, monstros, “povos sem história”, a lista com que se denominam ou qualificam alguns dos “personagens” da história latino-americana – heróis ou vilões, de acordo com quem conta a história \_ poderia continuar por um bom tempo.

Como não se lembrar dos vários retratos, quase todos de fundo depreciativo, que Rodrigo faz de Macabéa, ao longo da história sobre a qual ele se arvora o direito de contar nos mínimos detalhes? De acordo com o autor de *Planetas sem boca*, e entende-se planetas sem boca como a América Latina, já que os que ali se encontram, para o resto ocidental, não pensam e não produzem teoria e nem muito menos conhecimento, o balbucio teórico advém daqueles

que pensam que há somente um modo, ou somente uma via, para o trabalho teórico – seu modo, ou o modo com que suas instituições definem como a via – não podem reconhecer o discurso do outro como estruturado e qualificaram – desqualificaram - como balbucio tudo o que eles interpretem como “não-sistemático” e “não-metódico”.<sup>232</sup>

Essa passagem, em particular, alude diretamente ao livro *¿Podemos pensar los no-europeos?*, na medida em que, como contrarresposta, poderíamos contra-argumentar, ou responder teoricamente que, sim, e não só pode como estou fazendo e pensando a partir das diferenças coloniais todas. Assim como a briga instaurada entre Próspero x Caliban e mostrada por Achugar, reafirmo que a briga que os corpos subjugados travam, mesmo que silenciosamente como o de Macabéa agonizando calada na calçada e ao lado do capim, não era menor do que a Mercedes-Benz que a atropelou. De alguma forma, a boa briga em torno de uma teorização descolonial que propus para esta tese não é em nada menor, na medida em que encontro muito mais uma crítica que caminhou na contracorrente dessas vertentes outras advindas de

---

<sup>232</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 38.

outras epistemologias. Com certeza, meu desafio e minha luta no tocante ao não desistir e seguir em frente advenha exatamente de dificuldades dessa natureza. Mais uma vez aqui entendo que estou fazendo re-escrita, uma vez que, espero, estar teorizando a partir do “re-“ e não apenas descrevendo ou reescrevendo.

Pergunto, tendo Macabéa por exemplo, o que o subalterno faz senão gaguejar, ou balbuciar na esperança de ser ouvido pelo outro, de querer insistir que existe? Talvez sua preocupação não seja exatamente esta, uma vez que não se trata de ele não existir, ou de sequer ter representatividade; se trata, antes, de querer aproximar-se do corpo subalterno de uma perspectiva outra, como a descolonial, sustentada pelo pensamento fronteiriço. Afinal os corpos existem e estão situados no espaço e em algum lugar da cultura. Metaforicamente, também, a condição da *gagueza* de Macabéa pode querer representar, para além de um distúrbio de fala (aliás quem tinha distúrbio de fala era a escritora, por ter um defeito físico, a língua presa), bloqueios de fundo emocional atravessados pela repressão, pela censura da época, e por um gesto castrador que fica interdito no modo como seu mentor subestima sua inteligência feminina.

Estou trazendo esse esboço de um possível pensamento gago outro de Macabéa para, com isso, mostrar que pensamentos outros dessa natureza somente podem ser escutados a partir de uma prática de pensar outra que se formula pelo re-aprender, ou re-teorizar ou re-escrever. Pensando nisso, trago, a partir de agora, o que Edgar César Nolasco já publicou sobre a questão do re-escrever em Clarice Lispector. Para tanto, vou seguir os livros a serem usados aqui em ordem cronológica. Primeiro vamos nos valer do livro *A hora da(s) estrela(s) Clarice & Macabéa* (2021) e na sequência o livro *O teorizador vira-lata* (2022).

Edgar C zar Nolasco abre o capítulo intitulado precisamente de “aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever” trazendo duas cr nicas seminais da escritora para sua fundamenta o teórica. Aqui, apesar de me valer do referido texto quase   exaustão, vou continuar a perseguir as vezes em que a escritora menciona o ato de “escrever”, ou prática, como forma de pontuar que ali pode residir sua possível re-escrita. Convém lembrar, de início, o que Nolasco faz observar e que tem a ver diretamente com meu propósito aqui:

Nesta proposta descolonial de *aprender a desaprender para poder assim re-aprender* formula-se um conceito chave defendido pela teoriza o descolonial que endossa, por sua vez, a política do ensaio biográfico fronteiro que   o conceito de *desprendimento*. Quero chegar a esse conceito passando, diretamente, pelas duas passagens [duas cr nicas] de Clarice, visando pontuar que a intelectual brasileira já propunha, mesmo que sem o saber, uma *teoriza o* descolonial fronteira do desprendimento com rela o, especificamente,   boa tradi o literária e seu respectivo pensamento moderno ocidental.<sup>233</sup>

Assim, parafraseando a passagem, digo que quero chegar ao “conceito” de re-escrever passando pelas mini-passagens que, direta ou indiretamente, aludam ao ato/verbo “escrever” mencionado pela escritora/escritor no decorrer da narrativa de *A hora da estrela*, como já disse. Ainda na esteira do que afirma Nolasco, entendo que além do conceito de desprendimento, o conceito de desobediência epist mica também se arrola e se diz no re-rescrever aqui perseguido. Não por acaso, Walter Mignolo, ao falar do desprendimento, reitera que o conceito reúne em si “formas de saber que nos prendem e moldam ativamente nossas subjetividades nas fantasias das fic es modernas.”<sup>234</sup> Ou seja, desprender-se visa romper tais amarras do saber e desfazer as morda as subjetivas que tentam imperar e nos impor um modelo a todo

---

<sup>233</sup> NOLASCO. *Aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever*, p. 29-30.

<sup>234</sup> MIGNOLO *apud* PALERMO. Prefácio, p. 7. “formas de conocer que nos sujetan, y modelan activamente nuestras subjetividades en las fantasias de las ficciones modernas.”

custo; e, com relação especificamente às “ficções modernas” (falácias discursivas e teóricas), penso no caso de Macabéa que se encontra presa ao discurso castrador e hegemônico de seu criador, mas que, por meio de uma prática subentendida de Clarice, valendo-se do re-escrever como um jogo (mais para frente deter-me-ei nesse “jogo), dá, para usar uma palavra de Silviano, uma *gargalhada* muda, até porque seu *pensamento era gago*, como já disse. Aproveitando a discussão aqui feita, valho-me de uma passagem de Zulma Palermo que vem ao encontro desse campo do desprendimento:

Se trata – como propõe o lema da Universidade Amautay Wasi – de “desaprender para aprender a aprender”, o que exige antes de mais assumirmo-nos como colonizados, desmontando os conhecimentos adquiridos na ordem cumulativa e reprodutiva que se acredita ser única, válida e verdadeiro. Isso desafia-nos e torna-nos disponíveis para nos abirmos a um diálogo comunitário em que a construção do conhecimento possa atingir proporções colectivas, actualizando o pensamento gerado no próprio lugar para o colocar em diálogo com os outros e, em particular, dando reexistência a trama tecida pela memória social e pela produção intelectual em cada local de produção.<sup>235</sup>

“Desprender para aprender a aprender” é correlato ao nosso aprender a reescrever para re-escrever — de modo que, e pensando aqui em Macabéa e na opção do descrever de Clarice como um re-escrever, entendo que Macabéa como uma des-sujeita colonizada que, ao mesmo tempo em que acumula em seu corpoariado os conhecimentos adquiridos por meio do discurso do saber de seu intelectual criador, também, por outro lado, podem rechaçá-los como únicos e verdadeiros, uma vez que sua condição de sujeito desassujeitado (descolonial) a determina. Não se

---

<sup>235</sup> PALERMO. (org.) *Para uma pedagogia decolonial*, p. 16. (Se trata – como propone el lema de la Universidad Amautay Wasi – de “desaprender para aprender a aprender”, lo que requiere en primer lugar asumirse como colonizad@s, desarticulando el conocimiento adquirido en el orden acumulativo y reproductivo que se cree es único, válido y verdadeiro. Esto nos interpela y nos pone en disponibilidad para abrimos a una interlocución comunitaria en la que la construcción del saber puede alcanzar proporciones colectivas actualizadando el pensamiento generado en el propio lugar para ponerlo en diálogo con otros y, en particular, dando *re-existencia* a la trama tejida por la memoria social y la producción intelectual en cada lugar de producción.)

trata de rivalizar um pensamento com o outro mas, ao contrário, de propor um diálogo na diferença, onde as histórias possam acontecer a partir de seu lócus e diferenças, sem caírem nos espelhismos homogeneizantes.

Voltando ao texto anteriormente citado de Nolasco, ele dizia na sequência que “desprendimento, aqui neste contexto “o de se ler Clarice Lispector”, é a desobediência posta em prática como saída, ou opção descolonial, de driblar a vontade universal e abstrata que sustenta a proposta do pensamento moderno e por extensão do discurso do ensaio moderno.”<sup>236</sup> Assim, penso que, quando Clarice diz que *foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa*<sup>237</sup> para, no mesmo parágrafo, reiterar que *pelo menos o que escrevo não pede favor a ninguém*<sup>238</sup>, ela está, sim, provocando um ato de desprendimento por meio de uma proposta escritural assentada na teimosia, ou melhor, em uma desobediência, no mínimo com relação à tradição beletrista brasileira. Na mesma página em que tece tais comentários de *A hora da estrela*, ela volta a citar cinco vezes a palavra escrever — *estou mudando de modo de escrever, porque acontece que só escrevo o que quero, não sou um (a) profissional [...] ela (Macabéa) me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela. Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura.*<sup>239</sup> Assumir que está mudando de modo de escrever não deixa de ser um ato importante na medida em que, de alguma forma, pode significar estar se afastando do próprio jeito de escrever por ela mesma durante toda sua vida intelectual até ali; lembrando aqui, mais uma vez, do que dissera anteriormente Silviano Santiago. Também não se assumir como profissional das letras torna-se bastante significativo dentro de nossa teorização descolonial na medida em que a literatura deixa de ocupar o lugar

---

<sup>236</sup> NOLASCO. Aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever, p. 30.

<sup>237</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

<sup>238</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

<sup>239</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

almejado, por exemplo, pelo escritor fracassado Rodrigo S.M. Mas, pensando na teorização que move esta tese, o mais significativo é quando ela também assume que só escreve o que quer escrever. Não vou me deter nisso aqui como gostaria, porque vou deixar para quando eu for falar do pensamento fronteiriço ou próprio, mas apenas adianto que tal posição assumida por ela, além de reforçar o *escrever com o corpo*, também assumido desde o início da narrativa, prende-se à práxis do fazer e do pensar descolonial, segundo Walter Mignolo.

Bem, das cinco vezes que a escritora mencionou a palavra “escrever”, agora transcrevo as duas últimas faltantes da página mencionada acima — *mas que ao escrever — que o nome real seja dado às coisas*<sup>240</sup>; *Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais por “força de lei”*<sup>241</sup>. Vários atos de desprendimento ficam explícitos na narrativa exterior e explícita trabalhada pela escritora, sobretudo quando ela amarra o escrever a uma possível poética do cotidiano, bem como quando ela se pergunta por que escreve e assume que captou o espírito da língua e que por conta disso a forma que faz conteúdo. Entendo o que ela está querendo dizer, como grande escritora moderna assumidamente que era, mas também não posso deixar de dizer que Macabéa e sua história subalterna estão do lado do conteúdo, uma vez que, por mais que sua criadora tenha toda a habilidade e domínio da técnica verbal, não atinge pelo lado de dentro a verdadeira história de Macabéa que se narra a partir da exterioridade. (Temos, aliás, como era de se esperar, uma representação muito bem elaborada no plano da linguagem).

---

<sup>240</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15

<sup>241</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

Aqui, mais uma vez, me valerei de outra passagem de Nolasco, que corrobora a discussão. Ao tratar da prática de escrever posta em execução por Clarice, afirma que ela

Já está pontuando que já está na pauta (ou agenda) não da retórica da modernidade (apesar de ainda seu projeto como um todo estar lançado nesse lugar), mas na opção descolonial que permite a ela re-pensar, re-aprender, um re-escrever da ordem do des-escrever de uma epistemologia outra que, apesar de não ignorar a proposta da epistemologia moderna, não se coaduna com ela e propõe um escrever declinado em uma lógica outra.<sup>242</sup>

A passagem capta e traduz minha busca no decorrer deste trabalho; daí só resta-me perseguir as pegadas do “escrever” como forma de contornar o *descrever* da escritora já como um des-escrever dito por Nolasco (leia-se re-escrever). Vejo, assim, mais algumas aparições do escrever dentro da história na qual talvez Macabéa não se escreva, mas é escrita por ambos. Porém, com certeza seu corpo cariado está lá feito uma pedra no meio do caminho da escritura de Clarice e até mesmo do projeto moderno de Rodrigo S.M. — *e a pergunta é: como escrevo? [...], Mas quando escrevo não minto. [...] Não, não é fácil escrever. [...] E se for triste a minha narrativa? Depois escreverei algo alegre...*<sup>243</sup>. Aproveito os comentários acerca do escrever da narrativa para retomar o “descrever me cansa”, e assim pensar que a opção do descrever deve cansar mesmo qualquer um, uma vez que a ação é inócua, improdutiva, repetitiva e monótona, como soa ser quase sempre todo discurso que se arvora do direito de *falar sobre o outro*. Talvez seja por isso que quase todos os predicativos sobre o corpo da miserável nordestina Macabéa, do ponto de vista de criador, constroem um retrato sem vida, dispensável, e que não condiz com a realidade outra vivida e vivenciada por Macabéa no sul do fora do mundo (a periferia de uma cidade grande toda feita contra ela, o Rio de Janeiro).

<sup>242</sup> NOLASCO. Aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever, p. 31.

<sup>243</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 16-17.

Voltando ao texto de Nolasco, há um momento em que ele aproxima a vida da escritora com *A hora da estrela* que merece atenção redobrada nossa aqui.

Transcrevemos a passagem:

[...] sua proposta levada a cabo em *A hora da estrela* (1977), somado a tudo isso a vida mesma de Clarice, endossam pelo avesso sua proposta descolonial de *des-escrever, re-lembrar e re-aprender de novo*.[...] Podemos entender aí que escrever para a escritora não se resumia a uma lógica da técnica moderna (não que ela não a tivesse), ou do domínio da retórica do pensamento moderno; afora isso, a prática de escrita na/da escritora passava, antes, por um *sentir* com o corpo, um escrever com o corpo, como forma, inclusive, de des-fazer a lógica do cogito cartesiano do *penso, logo existo* que, *grosso modo*, preponderou no discurso da literatura colonial moderna como um todo.<sup>244</sup>

Vidas se entrelaçam tecendo a narrativa de várias histórias que se contam na trama, a exemplo da vida mesma da escritora. É nesse sentido, aliás, que o livro pode ser lido como uma possível biografia de Clarice Lispector. Todavia, já que a prática da escrita passava por um sentir, como se lê na passagem acima, então queremos pensar que é com um sentir-pensar que Clarice se aproxima do corpo declinado no feminino de Macabéa. Se Macabéa precisa primeiro sentir para depois pensar, como tão comumente deve acontecer com todos, também compete a Clarice sentir o corpo da famélica Macabéa para quiçá talvez falar dele com alguma propriedade. Cabe-nos uma pergunta: será que sobra a alguém o direito de falar sobre o corpo de outrem? Se tal pergunta não serve para ninguém mais, serve para mim, enquanto pesquisadora, que precisa ter alertas como esse para não incorrer no discurso da lógica do *muitos como um*.

Dito isso, voltemos a mais uma passagem do mesmo texto de Nolasco, em que ele repensa o papel da crítica acerca de *A hora da estrela*, nesses últimos quarenta anos:

Enfim, o que se percebe, mesmo passados mais de quarenta anos da publicação de *A hora da estrela*, é que a crítica, *grosso modo*, não aprendeu a desaprender para re-aprender que o modo como devemos re-teorizar a

<sup>244</sup> NOLASCO. Aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever, p. 31-32.

proposta da intelectual quarenta anos depois é completamente outra. Não hesitarei em afirmar que há a presença de um paradigma-outro que se faz presente nas teorizações atuais, independentemente de sua visada epistemológica. *Grosso modo*, salvo raras exceções, a crítica clariciana feita neste ano de 2020, quando a escritora comemora seu centenário (1920-2020), repete o que já se dizia acerca da literatura de Clarice há quarenta anos.<sup>245</sup>

Considerando o que aponta Nolasco, quero entender, de meu ponto de vista, que a teorização de ordem descolonial ou fronteiriça da qual me valho aqui para erigir esta tese nos parece não incorrer em meras tautologias, uma vez que da perspectiva teórica aqui proposta não encontramos trabalhos de maior fôlego além dos que estou me valendo. Afora isso, na passagem também fica dito que a questão não se trata de trocar uma metodologia teórica por outra simplesmente, mas de que há visadas epistemológicas outras, para além daquela em que costumeiramente se leu a obra da escritora. Sobressai também da passagem uma questão que vem ao encontro de minha pesquisa que é a aproximação entre o re-escrever e o re-teorizar, na medida em que aqui, ao me valer de uma teorização descolonial, estou ao mesmo tempo buscando re-escrever a própria crítica empreendida sobre a escritora e, de modo direto, sobre o livro em questão. Por fim, Nolasco ainda alude ao conceito de paradigma-outro e, como estou diretamente tratando de re-escrever para em seguida deter-me no pensamento fronteiriço, vejo que no bojo dessa discussão entrelaça-se a questão do paradigma-outro, apesar de que não estou diretamente tratando dela.

Seguindo minha leitura cronológica do livro de Clarice, paro nestas seguintes passagens — *ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim*<sup>246</sup>; *e escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever...*<sup>247</sup>;

---

<sup>245</sup> NOLASCO. Aprender a escrever reescrever para poder re-escrever, p. 32.

<sup>246</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 18.

<sup>247</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 18.

ou não sou um escritor? Na verdade sou mais ator ...<sup>248</sup>; vai ser difícil escrever esta história<sup>249</sup>. Encena-se nas passagens que, se, por um lado, tratam do papel e função do escritor, por outro, também as passagens não deixam de pontuar o jogo proposto pela intelectual no nível da linguagem. Em todo caso, o que tenho exposto e explicitado é uma relação direta com o escritor e a realidade e seu corpo, de alguma forma, lançado nessa aprendizagem de desaprendizagem. Nesse sentido, mais uma vez, é interessante transcrever Nolasco, quando ainda fala da relação com a crítica e o livro (a realidade):

O Brasil de hoje, atravessado pela pandemia que rouba nossas vidas, e por uma política de um governo que rouba nossos direitos de cidadão comum, é um prato cheio para uma leitura por vir de *A hora da estrela*. Mas me pergunto e vos pergunto: quando que não o foi, não é mesmo? Talvez a crítica hoje precise aprender a re-aprender a fazer crítica, como precisamos todos nós re-aprender a viver depois da pandemia. Não o é diferente com qualquer leitura que se faça, por exemplo, de um livro como o *A hora da estrela*. Talvez fosse mais interessante se a crítica aprendesse a transgredir a própria crítica, como dissera a própria Clarice: “Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer ‘realidade’”.<sup>250</sup>

Parece não nos restar dúvida que, com *A hora da estrela*, a escritora estava transgredindo seus próprios limites como escritora brasileira, nesse sentido, o modo como ela se lança no projeto intelectual, que resulta no livro, mostra-se único e não hesitarei em afirmar que dessa vez, diferentemente das outras, ela põe seu corpo de mulher e de intelectual subalterna à frente de sua escritura (lembramos, aliás, que Clarice escrevia com a máquina depositada no colo). E, por meio da escritura, “regurgita” (vomita teria dito Suzana Amaral<sup>251</sup>, diretora do filme homônimo) uma história silenciada que também era sua, uma vez que era de todas as mulheres. Não há como não lembrar aqui do parágrafo inicial intitulado “O grito do silêncio”, de

<sup>248</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 20.

<sup>249</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>250</sup> NOLASCO. Aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever, p. 33.

<sup>251</sup> AMARAL, Suzana. *A hora da estrela*. Disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=MBxAMJvSip0>>. Acesso em 19 Out. 2024.

Eduardo Portella, feito para o livro a pedido da amiga: *Devemos falar de uma nova Clarice Lispector, “exterior e explícita”, o coração selvagem comprometido nordestinamente com o projeto brasileiro.*<sup>252</sup>

Duas questões importantes podem ser desdobradas a partir da passagem de Portella. A primeira alude ao projeto brasileiro, atravessado por uma preocupação de ordem política e social que sempre esteve presente nas conversas culturais quando se trata de desigualdade social brasileira e, por conseguinte, de direito. Nada mais justo e esperado, digamos assim, que ver a intelectual que se criou no Nordeste um dia querer prestar contas por meio de sua linguagem escrita, servindo essa como um grito lançado do sudeste do país, mas com destino certo. Nesse sentido *A hora da estrela* metaforiza a hora de uma verdade que, de alguma forma, a boa literatura brasileira sempre perseguiu, a exemplo de *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. A segunda questão, e talvez mais importante para nós aqui pela leitura teórica que viso, centra-se na alusão que Portella faz ao coração selvagem, porque, se ali no início da década de 40 tínhamos uma Clarice que reforçava e até mesmo, em parte, endossava uma tradição europeia literária e, por conseguinte, um cânone ocidental, agora, por sua vez, ela rompe definitivamente com aquela vertente colonial e se volta para uma exterioridade local brasileira que desnuda uma verdade que não podia ser aferida daquela perspectiva eurocêntrica de início de carreira.

Paulo Gurgel Valente, filho da escritora, em Posfácio ao livro aqui já citado, ao tratar da relação entre realidade e ficção em *A hora da estrela*, observa;

O que dizer da protagonista central, Macabéa? Nossa pobre Maca hoje é um dos símbolos do brasileiro alienado, malnutrido desde a infância, ingênuo e primitivo, junta-se ao Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade e o Abaporu – o homem que come gente, em tupi – de Tarsila do Amaral. Macabéa viveu no interior de Alagoas, depois Maceió, onde a própria Clarice viveu seus primeiros anos ao chegar da Ucrânia, antes de se mudar

---

<sup>252</sup> Apud LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

para o Recife e o Rio de Janeiro. Assim, o percurso Alagoas – Rio de Janeiro coincide com a própria história da autora que, nem todos sabem, levou sempre consigo a marca de um leve sotaque nordestino.

Quero chamar a atenção para dois momentos da passagem, apesar de toda ela ser muito significativa para a discussão aqui tratada. É curioso e importante quando o autor do posfácio estabelece uma relação direta e de ordem quase biográfica entre a trajetória de Macabéa e a da própria Clarice Lispector. Aproximação essa, inclusive, que já foi estabelecida pela crítica clariciana, a exemplo do livro *Caldo de cultura* (2007), de Edgar César Nolasco. Não por acaso, é nesse livro que o autor diz que o livro pode ser lido como *uma biografia ficcional da escritora*. Todavia, chamo mais à atenção a descrição que o autor do Posfácio faz de Macabéa, aproximando-a de Macunaíma, os quais alegoricamente metaforizam o *brasileiro alienado, malnutrido, ingênuo e primitivo* — herói e heroína sem nenhum caráter da cultura brasileira. Quería poder discordar da afirmação de Paulo Gurgel Valente e, para tanto, vou retomar o texto “Desafios decoloniais hoje”, de Walter Mignolo.

Retomo a questão do *anthropos*, precisamente quando Mignolo reitera que ele enquanto alteridade corresponde à categoria de “outro” e que, logo, esse “outro” não existe ontologicamente, não passando de uma invenção discursiva. Pergunta o autor:

Quem inventou o ‘outro’ senão o ‘mesmo’ no processo de construir-se a si mesmo? Tal invenção é o resultado de um enunciado. Um enunciado que não nomeia uma entidade existente, mas que o inventa. [...] para impor o *anthropos* como “o outro” no imaginário coletivo é necessário estar em posição de gerenciar o discurso (verbal e visual) pelo qual se nomeia e se descreve uma entidade (o *anthropos* ou “o outro”), e conseguir fazer crer que esta existe.<sup>253</sup>

Desse modo, nessa invenção discursiva e até repetitiva com relação a um senso comum equivocado, quero entender que tal ponto de vista acaba vulnerabilizando a vida desses sujeitos condenados ao anonimato e invisibilidade, dando a entender que nasceram condenados a essa condição subalterna. Trazendo

---

<sup>253</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 18.

a discussão para o cerne dessa teorização, diria que o referido comentário está na chave de “descrever”, ou seja, do “falar sobre o outro”, e não na opção descolonial de re-escrever. Na esteira da reflexão de Mignolo, a inferioridade instaurada e internacionalizada no discurso de Paulo Valente acentua a inferioridade como uma ficção criada para melhor dominar o “outro”. Entraria em jogo, mais uma vez e sempre, o desprendimento, como única forma de nem Macabéa, nem Macunaíma *aceitarem as opções que lhe brindam*: “não pode(m) evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer(em) obedecer. Habita(m) a fronteira, sente(m) na fronteira e pensa(m) na fronteira no processo de desprender-se e resubjetivar-se.”<sup>254</sup>

É escusado dizer que aqui estou em aula inaugural de re-escrita em essa minha franca teorização fronteiriça. Apenas para não perder a oportunidade de estabelecer mais uma relação com o livro *A hora da estrela*, reitero o quanto Macabéa foi retratada como obediente por seu criador. Há, por todo livro, três passagens que tratam diretamente disso: “Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente.”<sup>255</sup>; “Sendo assim, obedientemente adoecia, sentindo dores do lado esquerdo oposto ao fígado.”<sup>256</sup>; e “só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser.”<sup>257</sup> Se ela era doce e obediente, seu corpo também o era, e, por isso mesmo, era um corpo subjugado, vilipendiado pelo discurso castrador de seu criador. E o fato de ficar doente em obediência também só acentua o quanto o corpo não passava de uma peça descartável pela engrenagem social, política e discursiva na qual ela/ele se encontrava. Agora, quanto a passar o dia representando com obediência o seu papel de ser era exatamente o modo alienado de seu criador

---

<sup>254</sup> MIGNOLO. Desafios decolonias hoje, p.19.

<sup>255</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 23.

<sup>256</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 30.

<sup>257</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 32.

entender sua criatura, como forma, aliás, de ter mais domínio sobre ela e seu corpo cariado.

A palavra “representação” cai feito uma luva nesse contexto, uma vez que foi exatamente isso que a literatura desempenhou com maestria, representar, falar sobre o corpo do outro, como se ele não tivesse vida própria e não falasse na cultura e na sociedade letrada. Lembramos aqui do que dissera Rigoberta Menchú, já concluindo *Meu nome é Rigoberta Menchú* (1983), quando adverte que a partir dali nenhum intelectual pode dizer nada, por se encontrar de fora da condição na qual ela se encontrava.

Mignolo, no mesmo texto, “Desafios decoloniais hoje” lembra-se nos que a descolonialidade é exatamente a terceira opção, ou seja, aquele que não resulta da “combinação das existentes” e que, por isso, consiste em se desprender das demais. Na direção que estou dando aqui ao comentário de Paulo Valente sobre Macabéa, diria que sua leitura está presa a essa combinação de existentes, de modo a tão somente reforçar o coro do discurso hegemônico, moderno e racializado. Nesse sentido, afirma Mignolo: “o Terceiro Mundo não foi inventado pelas pessoas que habitam o Terceiro Mundo, mas por homens e instituições, línguas e categorias de pensamento do Primeiro Mundo.”<sup>258</sup> E, assim, chegamos, tendo o texto de Mignolo como base, ao que mais nos desconforta na passagem anteriormente transcrita de Paulo Valente sobre Macabéa. Em sua discussão, Mignolo se vale do quase-conceito de “sociogênese”, de F. Fanon, e o aproxima ao corpo-política e à geopolítica, e reconhece que o mesmo visa uma abertura à gramática da descolonialidade.

---

<sup>258</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 19.

Segundo Mignolo, o conceito de Fanon incorpora desprendimento, pensamento fronteiriço e desobediência epistêmica. Avançando na discussão do conceito, Mignolo afirma que ele não se *baseia na lógica da denotação, mas na lógica da enunciação e da classificação que tem o privilégio de classificar, e assim, decretar o racismo epistêmico (seres menos racionais) e ontológico (seres humanamente inferiores)*. Convém lembrá-los que por trás dessa discussão conceitual de sociogênese está, para mim, aquela classificação que Paulo Valente faz de Macabéa como um *brasileiro alienado, malnutrido, ingênuo e primitivo* (ver passagem anterior). Bem, de acordo com a leitura de Mignolo, se o “outro”, o *anthropos* é ontologicamente inferior, ele o é também epistemicamente, e vice-versa.

Na sequência, Mignolo reconhece que a sociogênese *é um conceito que permite nos desprender precisamente das regras e conteúdo do ocidentalismo epistêmico*, e que para desprender-se é preciso comprometer-se com a desobediência epistêmica: “não há outra maneira de saber, fazer e ser descolonialmente, senão mediante um compromisso com a desobediência epistêmica.”<sup>259</sup> Parafraseando ainda uma vez o texto de Mignolo, e pensando na enunciação proferida por Paulo Valente sobre Macabéa, *reconhecemos que colocar em interrogação a enunciação proferida por ele nos dota do conhecimento necessário para criar e transformar, e que parece necessário para imaginar e construir futuros globais. Isso constitui o coração de qualquer investigação descolonial*. Mais uma vez sou levada a reconhecer, por conseguinte, que a teorização que ensaio nesta tese vai ao encontro de uma libertação de sujeitos subjugados, pelo discurso teórico hegemônico, como Macabéa.

---

<sup>259</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 23.

Voltando ao texto de Nolasco, para avançar em meus apontamentos sobre o “escrever” em *A hora da estrela*, vejamos mais esta passagem:

O exercício do aprender a reescrever para re-aprender no projeto da intelectual Clarice Lispector é tão contundente que chega a rivalizar com a opção pensada da intelectual de escolher não-entender como uma prática epistemológica que acaba por sustentar o que aqui chamo de jogo (brincadeira) descolonial.<sup>260</sup>

Na passagem, o autor alude à crônica lida por ele, mas aqui vamos trazer outras passagens que corroboram o que ele diz acerca do jogo do re-escrever da escritora. Faz parte desse jogo deliberadamente pensado, por exemplo, quando ela afirma que — *(quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo.)*; ou para que escrevo? E eu sei? Sei não<sup>261</sup>; e *queriam os deuses que eu nunca descreva o Lázaro porque senão eu me cobriria de lepra*<sup>262</sup>. Quer nos parecer que num jogo deliberadamente construído entre realidade e ficção, a escritora joga ao ponto de afirmar que escrever não vale nada, que nem muito menos sabe o que e por quê escreve e, diferentemente de Lázaro que teve ajuda de Deus, ela enquanto escritora não teria ajuda de ninguém. Essa ideia do “blefe” (palavra muito usual em se tratando de Clarice), de jogo entre querer e não querer entender, de descrever como um re-escrever nos encaminha para o que Facundo Giuliano diz sobre a escritora a partir de uma crônica dela. Em seu texto “La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión ética-geopolítica”<sup>263</sup>, parece mesmo que autor está falando diretamente da escritora brasileira:

O mais bonito de jogar, seu grande prazer, talvez não esteja na soberania de quem joga (brinque) com algo, mas, sim, na possibilidade de que — compartilhando — o jogo ganhe vida e comece a jogar conosco. Porque apostamos nossa vida em alguns pensamentos, e alguns pensamentos se lançam na vida. E, embora muitas vezes não sejam escritos ou não seja possível escrevê-los, esses pensamentos do jogo cotidiano que implica em

<sup>260</sup> NOLASCO. Aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever, p. 33.

<sup>261</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 32.

<sup>262</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 35.

<sup>263</sup> GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 18.

viver pintam a paisagem que temos dentro descansando sobre o solo (ou os solos) que habitamos.<sup>264</sup>

Com base na passagem de Facundo, queremos entender e dizer que Clarice opta pelo jogo como forma de driblar o jogo da tradição literária, e a única forma que sobra para ela dessa vez se dá por meio não mais da reescrita moderna, mas pela prática consciente da re-escrita. Daí o descrever a cansar. Na esteira das palavras de Nolasco, ao não assumir o jogo da tradição, ela não se obriga a falar *sobre si e sobre o outro*, no caso a outra. Pelo contrário, Clarice prefere jogar o jogo do desprendimento (da re-escrita) com relação à própria tradição literária brasileira, e se predispõe a *pensar a partir de: re-escrita*. Há uma outra passagem no texto de Facundo que capta e traduz, de nosso ponto de vista, parte da paisagem biográfica e histórica da escritora que preside a “prosa filosófica-biográfica-literária” e que sustenta dessa vez o projeto de *A hora da estrela*. Desenha-se e se inscreve nessa passagem, segundo Nolasco, o traço de uma luta, de uma busca, de um querer fazer que desemboca num desprendimento de ordem descolonial. A referida passagem, apesar de estar citada no texto de Facundo, é de autoria de Rodolfo Kusch, estudioso contumaz do pensamento próprio ameríndio. Transcrevemos a passagem:

A calçada de nossa casa, a rua, a casa dos vizinhos, a passagem de nível próxima, a avenida a duas quadras também são pedaços de nossa intimidade. Vivemos sempre inseridos em uma paisagem, ainda que não o queiramos. E a paisagem, seja a do cotidiano ou a do país, não apenas é algo que se está fora e que os turistas veem, mas é o símbolo mais profundo no qual nos firmamos, como se fosse uma espécie de escritura, com a qual cada habitante escreve com letras maiúsculas sua pequena vida.<sup>265</sup>

---

<sup>264</sup> GIULIANO. La pregunta qu eluego estamos si(gui)endo, p. 18. (Lo bonito de jugar, su gran olacer, tal vez radique no en la soberania de quien juega con algo sino, más bien, en la posibilidad de que – al compartir – el juego cobre vida y empiece a jugar con nosotros. Porque nos jugamos la vida en algunos pensamientos, y algunos pensamientos se juegan en vida. Y, aunque muchas veces no se escriban o no se puedan escribir, esos pensamientos del juego cotidiano que implica vivir, pintam el paisaje qu elevamos dentro gravitado por el suelo (o los suelos) que habitamos.)

<sup>265</sup> *Apud* GIULIANO. La pregunta que estamos si(gui)endo p. 21-22. (La vereda de nuestra casa, la calle, las casas de los vecinos, el paso a nivel cercano, la avenida a dos cuadra, También son trozos de nuestra intimidad, Vivimos siempre metidos en un paisaje, aunque no lo queiramos. Y elpaisaje, ya sea al cotidiano o el del país, no sólo es algo que se da afuera y que vem los turistas, sino que es símbolo más profundo, en el cual hacemos pie, como si fuera una especie de escritura, con la cual caa habitante escribe en grande su pequeña vida. )

Diria que a passagem trata de campos biográficos que se entrecruzam, como por exemplo o de Clarice e de Macabéa. Todavia, quero, aqui, chamar a atenção para uma possível história local biográfica de Macabéa que se constrói a partir de sua vivência cotidiana, chegando até mesmo, ou talvez como esboço de um fim, aquele momento em que seu corpo se põe ao nível do capim (ela era capim). E quero entender mesmo que esta paisagem biográfica do submundo de Macabéa resulta na escritura da prática da re-escrita, ou, como li em Facundo, é aí que se constrói uma “prosa filosófica-literária”<sup>266</sup>, acrescentaria aí apenas o biográfico, até porque é com o corpo que Macabéa não escreve, mas enfrenta o mundo que para ela se apresenta cotidianamente.

Arrisco a dizer que, em se tratando da prática do *descrever* como re-escrever da qual Clarice se vale para pensar e escrever *A hora da estrela*, é daí que advém o que aqui chamamos de *prosa filosófica-biográfica-literária*. E, pensando nisso, vejo mais algumas passagens do livro que contemplam essa devoção ao escrever como re-escrever — *o que se segue é apenas uma tentativa de reproduzir três páginas que escrevi...*<sup>267</sup>; *Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte.*<sup>268</sup>; e *... estou com preguiça de escrever esta história...*<sup>269</sup>. Mas, não poderei deixar de fazer um comentário que englobe as três últimas passagens acima. Se, de alguma forma, elas metaforizam, de modo exemplar, o quanto que *descrever cansava* a escritora Clarice Lispector literalmente falando, ademais do fato de que me parece que ela de alguma forma previa sua morte que ocorreria ainda naquele ano da publicação de *A hora da estrela* (1977), enquanto que para Macabéa, por sua vez, que não sofria desse mal, a vida era uma maravilha, não fosse a transferência de

---

<sup>266</sup> GIULIANO. La pregunta que estamos si (gui)endo p. 21.

<sup>267</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 38.

<sup>268</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 63.

<sup>269</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 65.

papéis que ocorre entre a sua história e, dessa vez, a história de sua escritora — o que me faz concluir que às vezes a arte se deixa atravessar pela vida.

Com mais estas três passagens atravessando a narrativa e chegando ao seu final, e espero que, com tal busca, eu tenha mostrado o quanto a prática de uma re-escrita pode ser depreendida a partir de uma teorização de base descolonial como a que tentei fazer aqui. Talvez resta-me dizer que eu tenha sido coerente comigo e com o outro que me ler, pois estive o tempo todo no limiar de tratar do pensamento fronteiro ou próprio e até mesmo tendo consciência de que o abordaria algumas vezes, mas se não o fiz, é porque meu propósito era deter-me nele a partir de agora, como farei.

Deixamos para concluir nossa discussão tomando por base o livro *O teorizador vira-lata* (2022), de Edgar César Nolasco, no qual o autor faz um breve comentário sobre a questão do re-escrever em Clarice Lispector, mas que vem se somar ao debatido aqui. No capítulo intitulado “A revolta foi meu destino”, Nolasco afirma:

A revolta é meu *reduto* contra aqueles pensamentos, teorias, discursos – os quais não se constroem a partir da corpo-política da natureza – que vêm dos grandes centros do país e do mundo e querem (se)impor a todo custo uma falácia dominante, racializada, metafórica e ficcionalizante por demais.<sup>270</sup>

É nesse contexto em que o teórico discute as teorias que migram para as bordas, ignorando as sensibilidades biográficas e locais dos lugares fronteiros, que o autor des-*formula* uma teorização fronteira que, a seu modo, barra as teorias itinerantes vindas dos grandes centros do país e do mundo afora. É assentado nessa discussão traz a outra que passa pela re-escrita e textualmente se vale da prática da escritora Clarice Lispector. Antes, porém, devo situar que o autor já havia mencionado as práticas do re-teorizar e do re-comparar como saídas estratégicas para pensar a

---

<sup>270</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 25.

partir de um pensamento próprio ou fronteiro. É escusado dizer que toda a discussão do autor de *O teorizador vira-lata* gira em torno dos postulados da crítica biográfica fronteira. Transcrevo a passagem em que *A hora da estrela* e sua autora são mencionados:

Des-escrever aqui não tem o sentido de descrever, por exemplo, dado por Clarice em *A hora da estrela* (1977): “descrever me cansa.” Nem muito menos o sentido de reescrever do qual Borges se vale em Pierre Menard, autor do Quixote: “Não quero compor um outro Quixote – o que é fácil -, mas o Quixote.” Como bons ilustradores de uma práxis da modernidade e da pós, os pensadores que aí se enquadram levam às últimas consequências uma prática de desescrita como reescrita das teorias, das críticas e da própria ficção (inclusive com uma leve tendência para ficcionalizar um pouco de tudo), e provocando, por conseguinte, uma perlaboração do já elaborado anteriormente.<sup>271</sup>

Assim, seguindo a discussão feita por Nolasco e pensando a teorização aqui posta em prática, afirmo que também estou desobedecendo e contradizendo a escritora como forma, inclusive, de poder avançar sua prática do *descrever*, porque, para mim também, que tenho o trabalho de gerir o discurso teórico desta tese, já faz parte de minha luta a busca por uma re-escrita, como forma de driblar os postulados teóricos advindos dos grandes centros, travestidos de uma razão ocidental moderna que pouco contribui com o modo de teorizar das bordas. De acordo com Nolasco:

Des-escrever (na verdade como um re-escrever) aqui vem de documentos da cultura indígena em que se lê que *aprender a desaprender, para poder así re-aprender* seria o começo para se pensar e propor uma gramática da descolonialidade como defende Walter Mignolo em *Desobediência epistêmica* (2010).<sup>272</sup>

Reconheço que já disse isso também em outro momento deste trabalho, mas se o fiz agora novamente é tão somente visando reforçar minha discussão aqui feita. Todavia aproveito a discussão para reforçar que é por conta dessa constatação de que seria a prática do re-aprender e do re-escrever que funda a gramática da

<sup>271</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 25-26.

<sup>272</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

descolonialidade que vamos nos deter em uma possível gramática do corpo no último capítulo desta tese.

Em passagem esclarecedora de seu texto, Nolasco, na esteira de Mignolo, aponta a saída para uma teorização que se formula também a partir da absorção do modo de pensar assentado numa re-escrita. E considerando que tal passagem encerra minha discussão aqui realizada, vamos à sua transcrição:

Não se trata mais de partilhar aqui de “qualquer possibilidade de novos resumos-universais que irão substituir os existentes (...). A era da abstração ‘universal’ chegou ao fim”, adverte-nos Mignolo. Trata-se, antes, de se valer de uma *escrita* que vai ao encontro de uma *prosa filosófica-literária* (cercada por uma despoética originária) inscrita na paisagem cotidiana dentro e a partir da qual o teorizador de nonadas e eu lutamos, buscamos e aqui escrevemos *o que queremos escrever*.<sup>273</sup>

---

<sup>273</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

### 2.3 – Pensamento próprio “do corpo”

[...] llamará *pensamiento propio*: perder el miedo a pensar por nosotros mismos, miedo infundido por la fuerza de las diferencias epistémica y ontológica coloniales y la colonialidad que actualizan.

MIGNOLO. Sí, podemos, p. 135.

Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul.

SANTOS. *Epistemologias do Sul*, p. 15.

Vou começar a tratar da discussão acerca do pensamento próprio (KUSCH), aqui entendido como pensamento descolonial, ou fronteiroço como prefiro, afirmando que a expressão que o traduz “escrevo o que quero” (MIGNOLO) é correlata à expressão “escrevo com o corpo” (LISPECTOR) que, não por acaso, nomeia esta tese como um todo.

Para avançar retomo a epígrafe, uma vez que *perder o medo de pensar por nós mesmos*, reconheço, que não é tarefa fácil, sobretudo quando somos formados em uma Academia que nos ensina diariamente que há uma teoria certa e soberana, universal, antropofágica e moderna que deve ser seguida e repetida por todos os letrados à exaustão, quer seja dentro ou fora da academia. Aqui estou me valendo do texto “Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteiroça” (2020), de Edgar César Nolasco, por entender que posso avançar a discussão feita pelo autor nesse texto. Se perder o medo de pensarmos por nós mesmos não deixa de ser correlato a pensar por si mesmo, logo, a teorização que se encena a partir dessa re-escrita ou re-aprendizagem é o que devemos entender por pensamento próprio, como se lê na epígrafe. Acrescente-se aí, apenas, ou devemos lembrar-se sempre, que tal pensamento se formula a partir do biólócus em que se encontra situado o corpo daquele que pensa esse pensamento.

Assim, a teorização aqui defendida e ao mesmo tempo proposta para esta tese implica um desprender-se das amarras teóricas de pensar estabelecidas pela academia moderna, e não por acaso que o desprendimento implica, segundo Mignolo, desobediência epistêmica. Ainda de acordo com Mignolo, “a noção de pensamento próprio para Kusch significa a liberdade de poder apropriar-se da filosofia continental, no caso do filósofo, para desprender-se do modo oficial como ela é estudada.”<sup>274</sup> Com base no exposto, quero entender que a teorização aqui proposta, por mimetizar um exercício de pensamento próprio, apresenta-se como uma longa conversa teórica e biográfica, visando assegurar a minha presença enquanto uma pesquisadora que pensa e erige sua reflexão de uma zona fronteira do país. Reitero que a presença de meu *bios*, ou melhor, de meu corpo de intelectual, inscrito e re-escrito nesta teorização assegura minha luta e meu direito. Nolasco, no texto aqui citado, fala em “pensamento da escrevivência” e reafirmaria que é exatamente nessa condição que esse encontra o modo de pensar e ao mesmo tempo, vemos uma relação direta entre esse “pensamento da escrevivência” e o pensamento próprio para Kusch.<sup>275</sup>

Encontro, em Walter Mignolo, um comentário que endossa o pensamento próprio ou descolonial, que aqui me interessa:

Um pensamento que desnaturalize a matriz colonial de poder que abarca e inclui a regionalidade da metafísica ocidental, de que tratou a desconstrução. A desconstrução limitava sua tarefa a uma totalidade imaginária cuja “imaginação” era o efeito da constituição imperial dos países capitalistas e cristãos ocidentais.<sup>276</sup>

Sobressai-se em importância para mim aqui tal passagem porque, quando Mignolo alude à desconstrução, imediatamente somos levados a pensar na prática moderna da desconstrução como uma absorção e transformação de uma reescrita

---

<sup>274</sup> *Apud* NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteira, p. 71.

<sup>275</sup> Cf. NOLASCO. Uma teorização em torno de um pensamento próprio para a crítica biográfica fronteira, p. 71.

<sup>276</sup> *Apud* NOLASCO, 2020, p 70.

infinita. Não é por acaso que, dentro da releitura moderna e depois pós-moderna tive, na esteira de Nolasco, uma prática voltada para uma crítica que levou ao mais alto grau a inter e transdisciplinaridade, tanto entre as disciplinas, quanto entre as teorias. Arriscaria a dizer que as artes de um modo geral, e a literatura em particular, não fez outra coisa senão reescrever o já escrito como se fosse pela primeira vez. Nesse sentido, um dos maiores escritores do século XX, Jorge Luís Borges, levou ao grau zero a prática da apropriação.

Pensando em meu trabalho, quero entender que a escritora brasileira Clarice Lispector não esteve longe disso. Não por caso que, em parte, o melhor de suas obras é uma releitura direta de James Joyce, Virginia Woolf, Katherine Mansfield, entre tantos outros europeus que vieram antes dela. E reafirmo isso para mim aproxima mais e melhor de sua proposta levado a cabo em *A hora da estrela*. Porque, apesar de ela citar nele pelo menos duas grandes obras estrangeiras, pela primeira vez ela se volta de forma contundente para uma tradição mais localista da literatura brasileira. Aliás, sobre isso, basta repetir a conclusão a que Clarice chega sobre o sertanejo quando, retomando uma passagem de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, repete alternando a passagem original: *o sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o perdoo.*<sup>277</sup> Não podemos nos curvar de dizer que, se, por um lado, a prática é moderna, por outro, ela se volta para a interioridade de uma exterioridade pouco explorada devidamente pela narrativa literária brasileira, salvo raríssimas exceções.

Walter Mignolo, ao avançar a discussão acerca do pensamento próprio de Kusch, reitera que enquanto o pensamento moderno obedece ao jogo disciplinário, o pensamento próprio, indisciplinadamente, volta-se para uma práxis de pensar que não

---

<sup>277</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 59. Lê-se em *Os sertões*: “O sertanejo é antes de tudo um forte”.

obedece às regras acadêmicas e disciplinares. É dessa práxis, segundo Mignolo, que advém a *práxis do escrever o que quero* do pensamento fronteiriço. Citando o autor:

[...] de escrever porque não é a disciplina que importa, sejamos filósofos ou sociólogos, mas o que importa é o que está em jogo: primeiro, a libertação que transforma o sujeito colonial em sujeito decolonial, ou melhor, um sujeito des-sujeitado pela libertação.<sup>278</sup>

Querendo tão somente ilustrar a passagem acima, transcrevo esta passagem de *A hora da estrela*, por entender que de alguma forma ela metaforiza o escrever o *que quero com o corpo*:

Estou absolutamente cansado de literatura: só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte. A procura da palavra no escuro. O pequeno sucesso me invade e me põe no olho da rua.<sup>279</sup>

Sou levada a reconhecer que a escritora, ao assumir esse lugar outro que diverge do grande intelectual beletrista, por mais que reconheço o muito de “blefe” que há em tudo o que a intelectual diz a respeito, escava um lugar diferencial para ela e, por conseguinte, para sua literatura. Nesse sentido, o livro em questão vem ilustrar e comprovar tal constatação, que deixa de ser mera suspeita. Com vistas a endossar ainda mais o que aqui se diz, vejamos mais algumas passagens de *A hora da estrela* que corroboram a suspeita: quando ela afirma, por exemplo, que escreve com o corpo, na mesma linha assume *eu não sou um intelectual*<sup>280</sup>, para, na sequência, reconhecer que é apesar de *meu mau êxito minha literatura*<sup>281</sup>, e arremata dizendo *não sou um profissional*<sup>282</sup>. Estou deliberadamente pontuando tudo isso por entender que se encenam questões aí que reforçam o que aqui venho chamando de pensamento próprio ou fronteiriço e, mais ainda, um pensamento do corpo, por tratar de uma

<sup>278</sup> MIGNOLO, Filosofía y diferencia epistémica colonial, p. 211. ([...] del escribir porque no es la disciplina lo que importa, si se es filósofo o sociólogo, sino lo que importa es lo que está en juego: primero la liberación que transforma al sujeto colonial en el sujeto decolonial, mejor dicho, un sujeto de-sujeitado por la liberación.)

<sup>279</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 63.

<sup>280</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

<sup>281</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

<sup>282</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

escrevivência de corpos e vidas que se entrelaçam compondo a *inter-corporeidade* que está na base de toda nossa discussão aqui feita desde o início deste trabalho.

Essa questão aqui trazida não por acaso vai ao encontro do que já mencionei antes acerca da práxis do pensamento fronteiriço, ou descolonial. Desse modo volto ao texto de Mignolo, para me deter mais em torno desse desprendimento provocado por Clarice a partir do livro *A hora da estrela*. Transcrevo a passagem de Mignolo:

A práxis descolonial do pensamento é um desprendimento da tirania dos universais, conceitos e disciplinas abstratos. Ao fazê-lo, reduz os universais e os seus locais de gestação ao seu próprio lugar. Ou seja, a crença em universais abstratos [...], reduzida ao seu próprio lugar, é uma entre muitas crenças na universidade da práxis de pensar e de viver enraizadas em suas próprias linguagens, memórias, “estilos de vida” que já não podemos evitar a presença de universais abstratos dispersos pela expansão da civilização ocidental, mas não é mais necessário depender deles. Surge assim a necessidade de “pensar o que é próprio”, como diz Kusch, ou seja, “apropriar-se” dos universais abstratos teológicos, filosóficos, científicos, humanísticos, artísticos e estéticos e refazê-los no processo de ressurgimento e afirmação do “não-próprio ocidental” que significa desprender-se “próprio Ocidental” que Zizek defende.<sup>283</sup>

Tendo por base a passagem, e a prática de re-escrita aventada por Clarice Lispector em *A hora da estrela*, pude intuir que, em parte, a própria Clarice afasta-se de sua prática literária levada à exaustão até então, e, de alguma forma, afasta-se não apenas de si como também da tradição literária assentada num universal abstrato. Parafraseando a passagem, equivale a dizer que, ao valer-se de uma estética outra, ou mesmo em uma *antiestética*, Clarice re-escreve *A hora da estrela* afirmando um próprio-não ocidental, escapando, desse modo, de próprio universal abstrato proposto e defendido pela narrativa literária moderna e respectivo pensamento. As passagens

---

<sup>283</sup> MIGNOLO. Filosofía y diferencia epistémica colonial, p. 212. (La práxis decolonial del pensar es un desprendimiento de la tiranía de los universales abstractos, conceptos y disciplinas. Al hacerlo reduce los universales y sus lugares de gestación a su propio lugar. Es decir, la creencia en universales abstractos [...], reducida a su propio lugar, es una entre tantas creencias en la universidad de práxis del pensar y del vivir enraizadas en sus propias lenguas, memorias, “estilos de vida” que ya no pueden evitar la presencia de universales abstractos dispersados mediante la expansión civilizatoria occidental, pero que ya no es necesario depender de ellos. Surge así la necesidad de “pensar lo propio” al decir de Kusch, es decir “apropiarse” de los universales abstractos teológicos, filosóficos, científicos, humanísticos, artísticos y estéticos y rehacerlos en el proceso de resurgencia e afirmación de “lo propio no-occidental” lo cual significa desprenderse de “lo propio occidental” que defende Zizek.)

do livro anteriormente reproduzidas endossam o que acabo de pontuar, na medida em que a intelectual faz questão de se inscrever em outro lugar que caminha na contracorrente do lugar no qual a escritora se inscreveu dentro da tradição literária brasileira.

Na mesma direção, detenho-me em outra passagem de Mignolo do mesmo texto em que, mais uma vez, pude tomar como se estivesse tratando da intelectual, bem como de seu modo de pensar com o corpo/escrever com o corpo:

Nós, não-europeus, não podemos pensar de forma disciplinada ou interdisciplinar, mas podemos pensar de forma indisciplinada, na medida em que aprendemos e contribuimos com e para todas as trajetórias que, na práxis do pensar, desmantelam a diferença epistémica descolonial e se afirmam na práxis do pensar, de fazer, viver e de escrever como queremos porque a libertação descolonial está em jogo para dois terços do planeta.<sup>284</sup>

Mais uma vez quero entender que é indisciplinadamente que a intelectual, dessa vez, se propõe a pensar em *A hora da estrela*, na medida em que, como já mostrei, ao não se assumir como escritora, abre-se para uma práxis de pensar outra, bem como de escrever, de viver e de jogar com a escritura em seu ato de re-escrita. Não por acaso que Edgar César Nolasco, ao explorar essa questão em seu texto “Aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever”, explora à exaustão esta afirmação da escritora: *Literatura é pouco, o que escrevo ainda não tem nome*.<sup>285</sup> Trazendo essa questão especificamente para dentro de *A hora da estrela*, encontramos até mesmo um descaso, ou barateamento por parte da escritora num possível diálogo com a tradição preexistente:

E eis que fiquei agora receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo? *Verifico que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês se francês de ouvido. Antecedentes meus do escrever? Sou*

<sup>284</sup> MIGNOLO. *Filosofía y diferencia epistémica colonial*, p. 213. (Lo no-europeos no podemos pensar disciplinadamente o interdisciplinadamente, pero si podemos pensar indisciplinadamente, en la medida en que aprendemos y contribuimos con y a todas las trayectorias que, en la praxis del pensar, desmontan la diferencia epistémica decolonial y se afirman en la práxis del pensar, del hacer, del vivir y del escribir como nos gusta porque la liberación decolonial está en juego para dos terceras partes del planeta.)

<sup>285</sup> Cf. NOLASCO. *Aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever*, p. 37.

um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim.<sup>286</sup>

Rodrigo S.M./Clarice Lispector dizer que escreve de ouvido e dar a entender que não sabe quais seriam seus antecedentes não deixa de reforçar o esboço de uma literatura outra que ali se desenha, e cuja literatura, dessa vez, se formula a partir de uma inscrição corpográfica que salta, inclusive, da realidade para o papel em branco. Não por acaso que o pseudo-escritor prefere assumir/travestir-se de *desonesto* e procurar estabelecer uma relação com os desafortunados como sua criatura, e apresentar-se como marginal do que assumir um diálogo com a tradição literária brasileira preexistente a ele. Em se tratando de Rodrigo S.M., vejo que tal estratégia não passa de uma expertise dele enquanto escritor fracassado que vê na história pobre e digna de pena seu reconhecimento como escritor nacional; já no caso da escritora Clarice Lispector, quero entender que ela simplesmente está dando *uma banana* (a la Hilda Hilst) à tradição afortunada imperante no país.

Ainda sobre a questão da *práxis de pensar* que ao poucos vai sendo trabalhada por uma *práxis de viver* no referido texto de Mignolo e, que, de nosso ponto de vista, tem mais a ver com a teorização que passa ser a presença incontestada do corpo e, por conseguinte, com o que estou chamando de *pensamento próprio do corpo*, retorno a Mignolo, quando afirma que “a política descolonial hoje consiste neste triplo movimento: análise da colonialidade, distanciamento dela e, finalmente, reconstituição epistêmica e práticas de re-existência e ressurgência.”<sup>287</sup> Assim, reconstituição epistêmica e re-escrita de re-existência e de ressurgência é o que a teorização de

<sup>286</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 16, grifo meu.

<sup>287</sup> MIGNOLO. *Filosofía y diferencia epistémica colonial*, p. 225. (La política decolonial hoy en día consiste en este triple movimiento: analítica de la colonialidad, desprendimiento de ella y, finalmente, reconstitución epistémica y práxis de re-existencia y de ressurgência.)

ordem fronteira como a que visando pôr em prática aqui deve buscar sempre, sob pena de tão somente repetir o discurso defendido e proposto pelo sistema colonial moderno. De acordo com Mignolo,

Ressurgência, como a re-existência, não são propostas de retorno ao passado, mas de definição de projetos no presente que não são mais os das três grandes narrativas da civilização ocidental: a teologia cristã e suas variantes, o liberalismo e suas variantes, e Marxismo e suas variantes.<sup>288</sup>

Cabem muitos comentários, a partir da passagem, se pensarmos na proposta e projeto da intelectual para o livro *A hora da estrela*. No que pese a comparação, antes de tudo quero ler na opção fronteira de re-existência um ato de escrivência, ou seja, a ressurgência de uma escrita outra como consequência da opção de re-escrita. Mas a passagem ainda nos leva a inferir e a dizer que com a proposta do projeto em questão, dessa vez, se há retorno à velha e boa tradição literária e cultural será para, não rechaçá-la, mas com certeza para ignorá-la, se não da parte de Rodrigo S.M., com certeza da parte da intelectual Clarice Lispector. E, em se considerando que tal projeto se desprende das três grandes narrativas de que fala Mignolo, por conseguinte se desprende de vez da alta literatura moderna ocidental e sua tradição fracassada. Macabéa re-existe por meio de seu corpo e de sua materialidade re-escrita por Clarice, ressurgindo ambas, e talvez mais a escritora, em meio a uma cidade/mundo/pensamento todo feito contra elas. Macabéa obviamente não é indígena, mas seu corpo mulato faz parte dessa plêiade de des-sujeitos (MIGNOLO) que estão em algum lugar bem situado pelo planeta. Mais uma vez e sempre, parafraseando Mignolo no referido texto, tais corpos propõem um diálogo que *passa*

---

<sup>288</sup> MIGNOLO. Filosofía y diferencia epistémica colonial, p. 225. ( re-surgencia, al igual que re-existencia no son propuestas para volver al pasado sino para definir proyectos en el presente que ya no son los presentes de los três grandes relatos de la civilización occidental: teología Cristiana y sus variantes, liberalismo y sus variantes, y marxismo y sus variantes.)

*por um imaginário que trata da geo e corpo-política do sentir, do crer, do pensar, do fazer, os quais estão presos a experiências distintas.*<sup>289</sup>

Considerando que estou neste texto de alguma forma rastreando o conceito de pensamento fronteiriço, talvez convenha lembrar aqui que a primeira aparição do termo, em se tratando de Walter Mignolo que o formulou, tenha se dado em texto de quando o autor ainda fazia parte do Grupo Subalternista Latino-Americano, em cuja produção, como forma de arrolar os trabalhos do Grupo, chamou-se de *Teorías sin disciplina* (1988).<sup>290</sup> Em seu texto, intitulado de “Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina”, depois de chamar às falas as ciências sociais e, por extensão, o pensamento ocidental moderno, advertia que para além das ciências sociais foram deixadas as práticas de pensamento:

A reorganização da produção de conhecimento, numa perspectiva pós-ocidental, teria que ser formulada numa *epistemología fronteriza* em que a reflexão (filosofia, literatura, ensaio), incorporada nas histórias locais, encontra o seu lugar no conhecimento desincorporado dos desígnios globais ciências.<sup>291</sup>

Grifemos a expressão “epistemologia fronteiriça”, porque logo depois, com certeza relendo a intelectual chicana Gloria Anzaldúa, o autor publicará o livro *Histórias locais/projetos globais* (2000), cuja tradução sai em 2003 aqui no país. Nesse livro, Mignolo desenvolve com profundidade uma discussão que abarca de forma ampla e satisfatória a epistemologia fronteiriça e, no bojo de sua discussão, já falava em “pensamento outro”. Da passagem acima, quero chamar a atenção apenas para a constatação crítica que até mesmo a *literatura* não escapava de se desprender dos desígnios modernos quando tomada pela perspectiva fronteiriça. Na sequência, em

<sup>289</sup> Ver. MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 228.

<sup>290</sup> O livro teve como organizadores Santiago Castro-Gomes & Eduardo Mendieta.

<sup>291</sup> MIGNOLO. *Postoccidentalismo*, p. s/p. (La reorganización de la producción del conocimiento, desde una perspectiva posoccidentalista, tendría que formularse en una epistemología fronteriza en la cual la reflexión (filosofía, literaria, ensayística), incorporada a las historias locales, encuentra su lugar en el conocimiento desincorporado de los diseños globales en ciencias sociales.) grifo nosso

livro aqui não por acaso bastante usado, *Desobediencia epistémica* (2010), Mignolo aprofunda ainda mais a discussão em torno da epistemologia fronteiriça, agora valendo-se muito de Anzaldúa e Franz Fanon, e, na verdade, já se detém no que denominou de *pensamento fronteiriço*. Como forma de ali introduzir o que entendia por pensamento fronteiriço, reconhecia que “a pluriversalidade de cada história local e a sua narrativa de descolonização podem ser ligadas através desta experiência comum e usadas como base para uma nova lógica comum de ‘conhecer’: o pensamento fronteiriço.”<sup>292</sup> Começa a se desenhar aí o papel do pensamento fronteiriço, sempre preocupado com histórias locais e visando uma lógica outra de conhecer, diante da pluriversalidade que faz as histórias locais e por extensão o planeta, e, como o próprio autor dirá depois, essa pluriversalidade substituiria aquela ideia de um universal abstrato. Em seguida, Mignolo fincava-pé na questão de um possível método para o pensamento fronteiriço:

O pensamento crítico fronteiriço fornece-nos um método para liderar a guinada descolonial, bem como a ligação entre projetos decorrentes da ferida colonial que agora pode ser concebida e explorada na esfera das diferenças coloniais e imperiais. O pensamento crítico fronteiriço é então o método que conecta a pluriversalidade (diferentes histórias coloniais presas na modernidade imperial) com o projeto universal de distanciamento do horizonte imperial, da retórica da modernidade juntamente com a lógica da colonialidade, e de construção de outros mundos possíveis onde não haja mais um líder mundial, (...).<sup>293</sup>

Estou aqui propositadamente detendo-me no rastreio da conceituação de pensamento fronteiriço porque quero reconhecer que tal propósito serve também como um arrazoado do que almejei fazer até aqui, além, claro, de entender e achar

---

<sup>292</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 122. ( la pluriversalidad de cada historia local y su relato de la descolonización se pueden conectar través de esta experiencia *común y utilizarla* como base para una nueva lógica común del ‘conocer’: el pensamiento fronterizo.)

<sup>293</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 122. (El pensamiento crítico fronterizo nos provee de un método para protagonizar el vuelco descolonial, como así también la conexión entre proyectos surgidos de la herida colonial que pueden ahora concebirse y explorarse en la esfera de las diferencias coloniales e imperiales. El pensamiento crítico fronterizo es entonces el método que conecta la pluri-versidad (diferentes historias coloniales atrapadas en la modernidade imperial) con el proyecto uni-versal de desprendimiento del horizonte imperial, de la retórica de la modernidade junto a la lógica de la colonialidad, y de cosntrucción otros mundos posibles donde ya no haja un líder mundial, (...))

necessário contornar tal rastreio. Acima, Mignolo fala em “método” do pensamento fronteiriço, para no decorrer de sua discussão meio que fazer um *meia culpa* acerca de tal método, quando diz:

O pensamento fronteiriço, mais uma vez, é um dos métodos que pode ajudar-nos a avançar no sentido de manter uma visão – pluri-versal e não uni-versal – e implementar estratégias para a alcançar. [...] Um mundo em que muitos mundos possam coexistir só pode ser alcançado através de um trabalho partilhado e de objetivos comuns na diversidade, entre aqueles que habitam as fronteiras ou, habitando o território (Europa ou Estados Unidos), passam a habitar as fronteiras criadas pela imigração.<sup>294</sup>

Torna-se muito interessante observar que, de acordo com o raciocínio teórico de Walter Mignolo, o pensamento fronteiriço pode ser entendido como um dos métodos possíveis existentes para trabalhar no sentido de que se mantenha uma compreensão do mundo em sua diversidade e diversidade, a exemplo dos outros pensamentos, outros saberes, outras culturas, outras teorias e outras epistemologias além da epistemologia moderna ocidental que sedimentalizou o pensamento moderno. Ainda acerca do método, Mignolo conclui que “o pensamento fronteiriço se torna um método necessariamente crítico e descolonial em projetos epistêmicos e políticos, para preencher as lacunas e revelar a cumplicidade imperial que liga a retórica da modernidade à lógica da colonialidade.”<sup>295</sup> Ou seja, o pensamento fronteiriço, em outras palavras, serve para, ao perceber a reescrita sedimentada por meio do pensamento teórico moderno vigente, propor, por meio de seu método fronteiriço, uma re-escrita como consequência do *aprender a desaprender para reaprender*, como trabalhado aqui anteriormente.

<sup>294</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 125. (El pensamiento fronterizo, um vez más, es uno de los métodos que pueden ayudarnos a desplazarnos hasta sostener una visión – pluri-versal y no uni-versal – e implementar estrategias para alcanzarlo. [...] Un mundo en el cual muchos mundos pueden coexistir sólo puede lograrse mediante un trabajo compartido y metas comunes en la diversidad, entre quienes habitan las fronteras o, habitando el territorio (Europa o Estados Unidos), comienzan a habitar las fronteras creadas por la inmigración.)

<sup>295</sup> MIGNOLO. *Desobediencia Epistémica*, p. 125. (el pensamiento fronterizo se convierte en un método necesariamente crítico y descolonial en los proyectos epistémicos y políticos, para colmar las brechas y de revelar la complicidad imperial que vincula la retórica de la modernidad con la lógica de la colonialidad.)

Já no texto “El desprendimento” antes citado, Mignolo, ao se deter na questão do “giro descolonial”, não deixa de tratar do pensamento descolonial/fronteiriço, e conclui:

O pensamento descolonial anuncia o encerramento do pensamento hegemônico da modernidade eurocêntrica que se baseava numa mente em ligação com Deus (desligada da sujidade sexual do corpo) e na Razão com a Verdade (desligada do corpo, que era branco e masculino, numa Europa que colonizou o mundo e que se apresentou como ponto de chegada e modelo global para a humanidade.)<sup>296</sup>

Perguntaria como não pensar nos retratos degradantes que o criador Rodrigo S.M. faz de sua criatura Macabéa? E para não deixar de pôr em diálogo crítico o livro com as passagens críticas aqui transcritas formando nossa teorização sobre o pensamento fronteiriço, nada melhor do que trazer esta passagem de *A hora da estrela* sobre Verdade:

Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique.<sup>297</sup>

De repente, e pela primeira vez, encontro um distanciamento entre a vida exterior e explícita de Macabéa e a vida interior, não de Rodrigo S.M. , mas da *própria* Clarice Lispector. Talvez tal distanciamento se dê por aparecer logo no início da narrativa que se conta. Mas, em todo caso, e atravessando a história, a verdade simplesmente não existe, até porque a existência de Macabéa é posta *sub judice*.

Enfim, para concluir minha discussão acerca do que se entende por pensamento fronteiriço, trazendo o autor de uma de nossas epígrafes deste texto, precisamente quando ele diz que o pensamento pós-abissal (aqui fronteiriço ou

<sup>296</sup> MIGNOLO. El desprendimento, p. 23. (El pensamiento descolonial anuncia el cierre del pensamiento hegemónico de la modernidad eurocentrada el cual se gesto sobre una mente en conección con Dios (despegada de las suciedades sexuales del cuerpo) y de la Razón con la Verdad (despegadas del cuerpo, que era blanco y masculino, en una Europa que colopnizaba el mundo, y que se presentaba como el punto de llegada y del modelo global para la humanidad.)

<sup>297</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

descolonial) *envolve uma ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação*. Resumindo, o lugar possível para o pensamento fronteiriço, segundo o autor português, é o *Sul global* – lugar este concebido como “a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo.”<sup>298</sup> Logo, ou por isso mesmo, a miserável nordestina Macabéa não teria jamais como enfrentar com o corpo *nem o capitalismo nem o colonialismo* enormes como o transatlântico - metáfora do Mercedes-Benz amarelo que a atropela e ceifa sua vida de uma vez por toda assim como os países do resto do mundo são golpeados pelo que vai nas cargas levadas transatlântico e mundo global afora.

Aproveitando, por último, essa metáfora de fora e dentro, de centro e periferia, de interioridade e exterioridade, se me perguntassem, agora, pelo que entendo por pensamento fronteiriço, concluiria sem titubear (retomando a epígrafe supracitada):

Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações:  
Aprender que existe o Sul;  
Aprender a ir para o Sul;  
Aprender a partir do Sul e com o Sul.<sup>299</sup>

---

<sup>298</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal. p. 53.

<sup>299</sup> SANTOS. Introdução, p. s/p.

### **CAPÍTULO III – POR UMA GRAMÁTICA DO CORPO EM A HORA DA ESTRELA**

A gramática da descolonialidade (a descolonização do ser e do saber, da teoria política e econômica) começa no momento em que atores que habitam linguagens e subjetividades racializadas e negadas em sua humanidade tomam consciência dos efeitos da colonialidade do ser e do saber. A colonização do ser e do saber operou e opera de cima para baixo, a partir do controle da autoridade (política) e da economia. A descolonização do ser e do conhecimento vai de baixo para cima, da sociedade civil ativa e da sociedade política radical, para o controle imperial da autoridade e da economia. É nesse sentido que a gramática da descolonialidade está funcionando, tem que funcionar, de baixo para cima.

MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 112.

### 3.1 – Podemos pensar uma gramática do corpo não (pro)gramática?

Eu não sabia que o mundo é um presente da hospitalidade. Quando o ser aporta neste mundo [...] Toma e é tomado! Ele se faz no ente. Identifica-se com aquilo que canibaliza e mergulha. Quando há sossego e aconchego, mergulhamos. Nesse adentramento, vai-se progressivamente apagamento o oco e tomando o rosto e a palavra do mundo. Ser capaz uma palavra do mundo, de uma palavra mundiforme, esse era o meu sonho. [...] Para falar qualquer coisa, eu fazia ginásticas incríveis e imitava e roubava os relatos alheios.

PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 32-33.

É paixão minha ser o outro.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 26.

Em resumo, o meu ensaio não tenta ser uma resposta específica a Zizek mas antes tenta esclarecer, para quem lê e entende, que não existe realmente nenhum diálogo possível, uma vez que os nossos pontos de partida são diferentes e, como todos os princípios argumentativos, os nossos, os de Zizek e os meus (e os de toda a esfera da ciência) não são racionais, mas emocionais.

MIGNOLO, *Filosofía y diferencia epistémica colonial*, p.228.

Este capítulo discute a conceituação de uma gramática do corpo a partir da descolonialidade e da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015), teorização esta, na qual me amparei desde o início, tendo por base a obra *A hora da estrela* (1977), da intelectual Clarice Lispector. Logo, pensando numa perspectiva outra de gramática ainda não estudada pelo meio institucional acadêmico, o que foi desconsiderado pela gramática moderna foi “o corpo de emoções e afetos, do sabor, do cheiro, do tato, da audição e da visão”<sup>300</sup>. A carência de saberes e pensamentos outros, por si só de algum modo já explica a importância de re-escrever uma versão outra de gramática que parece estar embutida na narrativa em que me apropriarei de forma epistemológica a partir de *A hora da estrela*, como caminhos para a conceituação de uma gramática outra não moderna. Logo me motivou a tais perguntas, para umas

---

<sup>300</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 137.

possíveis respostas: Podemos pensar uma gramática *outra* do corpo? “Qual é/será essa gramática (quer dizer, seu vocabulário, sintaxe e semântica)?”<sup>301</sup> E como se tornará re-existente? Sobretudo quando as atenções ainda se voltam para a conhecida gramática universal do ser da razão moderna?

O ponto inicial dessa prática visando discutir e responder na medida do possível às perguntas apostas e os componentes que constituem a gramática do corpo partem da teorização aqui privilegiada com a crítica biográfica fronteiriça, a partir dos conceitos desenvolvidos nos capítulos I e II, e aqui retomando para fundamentação teórico-crítica. A gramática ainda em construção inter-corporada por princípios *outros* só será possível findá-la, ou seja, concluí-la significativamente a partir da minha consciência epistêmica fronteiriça de quem a pensa e de onde aqui no caso da fronteira-sul e das corporações narradas e teorizadas acerca de um pensamento fronteiriço, para que possamos chegar ao término desta tese de forma conceitual o mais consistente possível.

Por hora faz-se relevante e emergente a reflexão aqui subsidiada pela teorização fronteiriça de conceituação descolonial para dar conta do que busco fundar e entender por gramática do corpo. De antemão já respondendo nossas inquietações diante da pergunta se podemos pensar uma gramática *outra* do corpo?, respondo que *sí, podemos* (MIGNOLO) e não só pensá-la, mas materializá-la teoricamente como produtora de um saber/sentir, uma vez que o conhecimento não está em um lugar específico; portanto, precisamos parar de “pensarmos que o que conta como conhecimento está em certas línguas e vem de certos lugares.”<sup>302</sup> O teórico ainda

---

<sup>301</sup> MIGNOLO *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 12.

<sup>302</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 193.

reitera que não há epistemologia que *não seja a geoistórica e nem muito menos desincorporada*.

As passagens e as epígrafes acima justificam a presença do corpo aqui proposto, considerando que a relação de intimidade que a gramática outra sustenta e que buscamos para compreensão foi exatamente o que ficou de fora da gramática universal moderna – o corpo com saberes particulares na discussão junto à teorização. Minha Clarice e os teóricos citados para sustentação dessa gramática outra, que de certo modo tais reflexões formulam uma condição que nos permite fazer aproximações com a gramática aqui buscada, a qual conta com os pontos-chaves que se encontram no campo da afetividade, da emoção, do sentir e do saber, logo não é uma gramática do ser da razão moderna, mas uma gramática da *des-razão*, como reitera a epígrafe: *de que nossos princípios argumentativos (e de todas as esferas da ciência) não são racionais, mas emocionais*; isso corrobora pensando nessa construção de gramática, a preocupação primeira com espaços íntimos. Por isso estou pensando numa gramática da ciência do corpo, segundo a qual suas prescrições outras, e determinam um modo específico para seu entendimento e *des-razão*.

A reflexão, como já dito, fundamenta-se de acordo com uma teorização fronteiriça, e tem como base o conceito de inter-corporeidade (PESSANHA, 2018) e de re-escrita (re-escrever) de Clarice Lispector com *A hora da estrela*. Exceto essa percorrida pelos conceitos que dão sustentação para o que busco concretizar, senão uma re-escrita íntima com o corpo, declinada na expressão “escrevo com o corpo” (na verdade Clarice) e proferida por mim por um pensar com o corpo de pesquisadora. Tais aproximações advém do espaço íntimo *corpográfico* (MIGNOLO), e assim somos levados a teorizar para re-pensar e assim re-escre(vi)ver uma gramática outra do

sentir, que parte das sensibilidades biográficas, não da gramática do ser da razão *monotópica* (MIGNOLO).

Desse modo, as problemáticas que atendem ao desenvolvimento da gramática em elaboração partem do que argumentei antes nos capítulos I e II, quando pensei em uma re-escrita com espaços sensíveis das corporações aqui envolvidas, um pensar outro a partir da teorização descolonial/fronteiriça e as conceituações desprendidas e desobedientes (MIGNOLO) que corroboram um pensamento próprio (KUSCH), um pensar, sentir e re-escrever com o corpo ilustrado pela obra enquanto parte fundamental para a re-colocação de saberes outros, os quais alinhavo para fundamentar agora o que já venho chamando, de alguma forma, de gramática do corpo. Trata-se de um “delicado labor de restaurar fios”<sup>303</sup> exercido pelo ato de inter-corporar, como faz um *aliado hospitaleiro* – “uma relação específica em que *criamos* alguma coisa na mesma medida em que *somos* criados pela coisa que *criamos*”<sup>304</sup>.

Hospedar de certo modo significa aliar-se em “partes com seu em-frente”<sup>305</sup> como afirmou Juliano Pessanha. Quando há sossego, aconchego, mergulhamos<sup>306</sup>. O hospitaleiro cede sua casa, emprestando o corpo inconscientemente sem saber que é por meio do corpo que podemos ser também o outro, que significa um inter-corporar-se. É nesse terreno da hospitalidade; da inter-corporeidade (PESSANHA,2018) dos conceitos de desprendimento/desobediência (MIGNOLO) de um re-escrever e o conceito de pensamento próprio (KUSCH), conceitos amplamente trabalhados nos capítulos I e II e pensados como base para o possível fechamento deste capítulo III, que nos valeremos agora dos conceitos de corpo-política e geopolítica para o

---

<sup>303</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 23.

<sup>304</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 110.

<sup>305</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

<sup>306</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 32.

conceitualizar de gramática do corpo, sempre a partir de *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector. Nesse sentido, a obra permite um espaço de hospedagem corpórea à maneira de Clarice Lispector, aportada pela epígrafe aposta da autora, “é paixão minha ser o outro”<sup>307</sup>. É pelo crivo da inter-corporeidade que penso numa gramática do corpo, com seu modo de pensar e produzir específicos.

A abertura através da hospitalidade *permite a confusão no tráfego* para aqueles que chegam de mudança de cidade ou estados, às vezes de passagem, mas também de paragens para os quem resolvem ficar, como eu, hoje residente na/da fronteira sul. Desde 2015 incorporada pelas *experivivências* (BESSA-OLIVEIRA), estas narradas por experiências de vidas que nos atravessam e acabam por nos reportar a gestos incorporadores que nos acompanham, vida afora. Assim como muitos em busca de algo e da hospedagem in-certa, cheguei e fui acolhida em Campo Grande – Mato Grosso do Sul, para cursar licenciatura em Artes Cênicas pela UEMS – Universidade Estadual de Mato grosso do Sul. O corpo, ou melhor, as *experivivências* que o corpo até os dias de hoje hospeda em mim são as mais variadas, somadas a relatos alheios de outros corpos.

Tal aprofundamento de teorização e conceituação no campo da descolonialidade só é possível a partir da nossa consciência teórico-crítica de que uma pesquisa, pautada pela perspectiva biográfico fronteiriça, depende da nossa consciência de que habitamos esse lugar, de que teorizamos de onde pensamos; logo, a fundamentação argumentativa que me propus fazer exige a presença viva e pulsante do corpo dos envolvidos da ação sem desconsiderar o corpo do próprio pesquisador.

---

<sup>307</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 26.

Portanto, a reflexão que segue, acerca de uma gramática outra descolonial, pensada por Mignolo (2010), leva-me a pensar e construir, fundar uma gramática do corpo, justificada por meio do modo como minha aliada Clarice *re-escreve* a obra, ou seja, constrói uma história “que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, foi trabalho de carpintaria” ressalvadas as diferenças, pensando a gramática do corpo aqui em construção, de certo modo ela exige um trabalho penoso de carpintaria, considerando que essa gramática outra está para se fazer, assim como a gramática pensada por Mignolo. Nessa direção, como forma de orientar a minha prática para tal gramática, direciono-a aos conceitos a serem trabalhados aqui, como os de corpo-política e geopolítica, os quais abarcam o *bios* e o *lócus* a também; ajudam-nos a pensar a gramática do tempo, de Boaventura; uma pedagogia, de Zuma Palermo, e o livro *¿Podemos pensar los no europeos?* de Facundo. Embasada por esses postulados, reforço o direcionamento de que não estou pensando muito menos reforçando uma gramática tradicional universal moderna, uma vez que sua prática vem alimentando seu próprio lugar do saber, fortalecendo a si mesmo – e sustentada por uma prescrição baseada no “conjunto de regras de uma arte, de uma ciência, de uma técnica”<sup>308</sup>. Aqui adianto, como exposto colocado desde o início, que penso a partir de uma gramática *A hora da estrela*, como um modo de pensar com o corpo, entendido a partir da obra e de como Clarice Lispector, de certo modo, rompe, ainda que de forma implícita, e a meu ver entendendo que a autora não é descolonial, desobedece e pensa com o corpo em seus projetos, e em específico em *A hora da estrela*, em que deixa a abertura para fazermos o contraponto ao paradigma do pensamento moderno.

---

<sup>308</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 984.

### 3.2 – Prolegômeno<sup>309</sup> de uma gramática do corpo

Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o “roubo” é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo.

PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12.

Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (Vai ser difícil escrever esta história.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

Aportada pelas epígrafes acima que abrem esta 3<sup>o</sup> parte conclusiva da tese, detenho-me aqui, embasada pela teorização da crítica biográfica fronteira e os conceitos trabalhados anteriormente, e sem me descuidar da presença do “objeto” *A hora da estrela*, no que venho chamando de gramática do corpo. A gramática aqui privilegiada acerca do corpo subverte a lógica de gramática<sup>310</sup> normativa das *belles lettres*: tal gramática escrita, como já dito, contempla espaços íntimos, grafados com o próprio corpo, e aprofunda-se em um re-escre(vi)ver uma “história exterior e

---

<sup>309</sup> Considerando a etimologia da palavra prolegômenos de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), consiste em: 1 Amplo texto introdutório que contém as noções preliminares necessárias à compreensão de um livro; introdução, prefácio 2 noções ou princípios básicos para o estudo de um assunto qualquer; princípios, elementos. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1559).

<sup>310</sup> O entendimento etimológico da palavra gramática significa – conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada. ((HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 984).

explícita”<sup>311</sup> cujo corpo o sistema hegemônico julga “incompetente para vida”<sup>312</sup>, como desta nordestina Macabéa, que não por acaso alegoriza uma legião de corpos outros.

A forma pela qual a intelectual Clarice se vale para na obra para falar de sua própria vida projetada, a meu ver, um ato descolonial biográfico ainda que não seja descolonial, sua prática *outra* exercida para pensar também o outro nos traz uma consciência de que escrever sobre o outro é escrever sobre si, como um in-corporar-se muito presente em sua escritura. A autora, não por acaso, tem um modo de pensar outro, muito pessoal e próprio. Alicerçada por essa teorização, ao trazer para essa minha re-escrita a obra - atravessada por meu olhar de mulher fronteira, situada no arrabalde de uma universidade pública da fronteira sul – intertrocamos nossas *experivivências*. A autora com esta história em particular corrobora minha desconfiança e busca de pensar escre(vi)vendo com o corpo e, com isso, aproximamo-nos ambas de gramática outra aqui compartilhada, que não se desprende totalmente de uma experiência feminina. Se, por um lado, a mulher para o homem *lacrimaja piegas*, por outro lado, a mulher como muitas Macabéas, diante da sua sensibilidade particular e de seu conhecimento específico e escre(vi)vente com o corpo, nos fazem pensar e reconhecer traços e marcas que edificam uma gramática do corpo em questão somado tudo às emoções e afetos.

A gramática do corpo em construção torna-se possível e inadiável nesta re-existência, de escuta acadêmica, uma vez que como pesquisadora mulher fronteira re-escre(vi)vo a mim (nós/mesmo(s)) a partir dessa descolonialidade corpórea. Compreendo como necessário inter-corporar-me nesta escrita e situar-me epistemicamente como condição para erigir tal gramática, uma vez que ela é presidida

---

<sup>311</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

<sup>312</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

por uma teorização de base do desprendimento e da descolonialidade. Assim, posso rechaçar o (pro)gramático sentido de gramática que nos fora imposto, re-pensando a partir dessa gramática *outra* que parte do corpo lugar “que nomeia o espaço íntimo”<sup>313</sup>, ou seja, que reage com a inserção do corpo e do *bios* com as biografias locais. O intuito de re-significar re-escrevendo o que não foi contemplado pela gramática impositiva moderna, com o apagamento do corpo, saberes e práticas, leva-me a posicionar teoricamente nessa re-escrita crítica biográfica fronteira com práticas que subvertam a razão moderna, como fez o *cogito cartesiano* com a separação entre a emoção e razão. É por essa razão que a gramática do corpo está para uma des-razão de aprender *a partir* do Sul e com o Sul, desobedecendo epistemicamente, para assim re-aprender paradigmas outros, como espero estar mostrando na discussão arrolada ao longo desta tese.

À guisa de conclusão neste terceiro capítulo, buscamos materializar o que conceituo de gramática do corpo, bordejada pela obra como sustentação para a reflexão aproximano-nos da hipótese da tese a partir da gramática pensada por uma ciência do corpo, uma vez que sobressai uma escuta de vozes de corpos subjugados, exemplificados esses pela heroína alagoana Macabéa e contemplados por um escrever com o corpo (LISPECTOR) em direção ao escrever o que se quer escrever (KUSCH). *A hora da estrela*, ou a leitura que segue aqui, surge das sensibilidades locais, uma vez que vivo, penso e escrevo a partir da fronteira-sul, num espaço de uma universidade que, ainda estruturada sistematicamente pelos princípios disciplinares, não considera o espaço íntimo como conhecimento, muito menos pensa numa gramática corpórea como um ato indisciplinar. Nesse sentido, ainda que estejamos pensando em uma gramática *outra* vinculada a uma instituição subsidiada

---

<sup>313</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 110

pelas experiências acadêmicas, a reflexão de gramática do corpo, em *A hora da estrela*, vem sendo constituída por um pensar e agir descolonial, portanto é preciso desprender e, por conseguinte, desobedecer os conceitos e teorias que emergem da estrutura de conhecimento universal moderno. Se pensou numa gramática sempre no campo sistêmico tradicional moderno com base em binarismos, a gramática em validação parte das experiências, unindo o que a ciência separou, seja corpo/alma, a razão/emoção, no caso do exercício epistemológico sujeito/objeto, pensando-a a partir do corpo. A gramática aqui é corpórea, não aceita colocar a experiência como inferior à teoria<sup>314</sup>.

A produção que argumentamos trata da específica gramática da ciência do corpo, e claro que em contraposição à gramática universal, por não se ancorar nos estudos metafísicos do grego e do latim, que não priorizaram saberes epistêmicos presos às sensibilidades biográficas locais. Portanto, minha preocupação de gramática passa pelo corpo e, por conseguinte, requer um entendimento outro. Em que a gramática em construção parte do conceito de inter-corporeidade, como já dito. E repetimos para reiterar que modos *outros* de se pensar fazem uma gramática da des-razão, lugar em que se funda o intercorporar-se com “o outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo<sup>315</sup> felizmente sou de onde eu penso, ou seja, como pensou Mignolo, uma vez que os nossos pontos de partida são diferentes e, como todos os princípios argumentativos, os nossos [...] (e os de toda a esfera da ciência) não são racionais, mas emocionais”<sup>316</sup>, partem das nossas sensibilidades.

A gramática do corpo que aqui se constrói argumenta a partir da diferença, despreendida de estruturas, estilos, modelos ou formas a serem perseguidas, por

---

<sup>314</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 125.

<sup>315</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

<sup>316</sup> *Apud* GIULIANO. *Filosofia y diferencia epistémica colonial*, p.228.

caminharmos em sentidos opostos ao pensamento imperante da gramática universal, prescrita num único caminho para todos abrindo procedência para fins de dominação e, conseqüentemente, acaba por excluir saberes outros. Assim, minha opção é desobedecer, entendendo que é preciso aprender a desaprender para assim reaprendermos no que se configura o que se conceituou de gramática da descolonialidade; aproprio-me de tal expressão para pensar também a gramática corpo e tais práticas epistêmicas nos ajudam a não repetir, mas que sejamos ousados a re-significar o apagamento e o silenciamento de todos nós latinos, com nossos saberes e as práticas específicas periféricas, sob uma definição de gramática tradicional em que sua descrição segue amparada em normas universais que se baseiam no *conjunto de princípios inatos e universais que restringem a forma e o funcionamento das gramáticas particulares das diferentes línguas*<sup>317</sup> e escritas.

A gramática do corpo em excurção, a partir da obra eleita, é corroborada epistemologicamente por um saber outro fronteiro, partindo de uma lógica compósita em que sua gênese nasce da prescrição corpórea assentada na contramão da gramática normativa que tem sua “origem nos estudos do grego e do latim, prolongando-se pela Idade Média e Moderna até os dias de hoje”<sup>318</sup>. A gramática corpórea em reflexão desobedece a gramática formal descrita, articulada somente a partir da “língua escrita e falada universalmente”<sup>319</sup> para pensa-lá. Venho traçando esse percurso de conceituação junto à teorização para pensar uma escrita com o corpo trazido por Clarice na obra que reforça e re-monta uma gramática do corpo, a qual amalgama o que propõe uma gramática outra que trata de uma ciência do corpo.

---

<sup>317</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 984.

<sup>318</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 984.

<sup>319</sup> HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 984.

Nesse sentido, re-affirmo a importância da teorização assentado nos conceitos de inter-corporeidade, desprendimento, desobediência epistêmica, de re-escrita e pensamento próprio, considerando o relevante percurso teórico-crítico vislumbrado por tais direcionamentos epistemológicos, como aparelhamento de sustentação que me permite chegar neste capítulo entendendo a importância de base a partir dessa construção epistemológica e como um possível fechamento conceitual teórico do que estou convicta de chamar de gramática do corpo, tendo o livro como desencadeador e leitmotiv.

Por conseguinte, outra contribuição não menos importante é a de um pensamento próprio pensado por (KUSCH), assentado no pensamento de fronteira e agora tal prática reporta-nos para um escrever que se quer escrever. Portanto, essa produção particular de gramática tem seus conceitos, suas chaves, suas exceções específicas, assentadas numa teorização outra, nesse caso, a partir da descolonialidade para que de fato consolide-se como tal. A importância de esclarecer a diferença entre tais práticas teóricas e das quais me vali e me valho é essencial para não incorrer em teorias inconsistentes. Por isso, a gramática outra em sua dimensão teórica afetiva emerge a partir do corpo da fronteira enquanto um processo de pensamento imprescindível para aqueles que vivem sob o jugo colonial/moderno, como os corpos de mulheres, de cor, indígenas, falantes de línguas outras não oficiais, etc.

Nessa direção, o livro de Clarice e outros conceitos trabalhados antes contribuíram para essa construção epistêmica de base inter-corporal que consiste nessa reflexão de pensamento e produções outras, não pensando somente no campo da abstração, da universalidade, até porque sua composição epistêmica está no campo do pluriverso (MIGNOLO), com seu *modos operandi* que se move a partir da

*especificidade* de um pensar, saber, fazer, sentir sendo escre(vi)vente dessa gramática *A hora da estrela*. Assim como Clarice foi o corpo criador escre(vi)vente de sua criatura Macabéa, em consonância com minha amiga hospitaleira a vejo como porta-voz de muitas outras Macabéas: a autora buscou a partir do conhecimento não disciplinar, mas das sensibilidades, tecer gritos de re-existência e coragem travestida, ora sim, ora não, de personagens, esses “que tinham de si em si mesmas”<sup>320</sup> com base nas faltas e preenchimentos a autora torna-se escre(vi)vente de uma história re-escrita em “carne viva”. Clarice afirma que essa história é exterior e explícita, ou seja, decerto uma história que, salvas as diferenças, também nos revela em parte nossa própria vida de algum modo.

A conceituação buscada de gramática do corpo requer essa noção de desobediência epistêmica, um pensar fronteiro com [...] *espaços e tempos que a autonarrativa da modernidade inventou como seu exterior para legitimar sua própria lógica, a exemplo, a gramática do ser da razão comprometida nos planos científico disciplinares, responsável por limitar e excluir saberes outros*. Por isso a necessidade de ancorar-me entendendo a prática específica que pode ser entendida pela gramática corpórea ilustrada pela obra, eu e minha aliada compartilhamos o sensível aliada, declinadas no inter-corporar-se como proposto em toda a tese. Em sendo o fio condutor das reflexões e relações aqui apregoadas, fomos ligadas pelos corpos das sensibilidades, expurgando um pensar, uma escuta, um sentir re-escreviente em *carne viva* como a própria história narrada pela autora, de onde sobressai, como aparatos significativos para a gramática esta que hospeda e é hospedeira de tantos outros corpos.

---

<sup>320</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

A gramática defendida por mim, antes de tudo pautada na consciência de fronteira que me preenche nessa re-escrita, enquanto meu lócus enunciativo, por meio do *ser donde se pensa*, como afirma Mignolo, e me permite assumir-me, por meio de minha teorização, como autora (dona) de vidas alheias, uma vez que me aproprio do próprio ato de inter-corporar (PESSANHA), comprometida que estou vem da teorização descolonial. Nesse sentido, o pensamento fronteiriço é uma escolha necessária que se encontra em ressonância com meu corpo e meu *bios*, elementos chaves para esta minha teorização, que se encontra na relação inter-corporal entre mim, a teorização e Clarice (obra). Nesse caso, a autora trouxe com a obra as partes que complementam esta re-escrita de gramática – Nádía Gotlib, sobre a autora, observou que a escrita imersa de Clarice com “uma linguagem, em que tendências “lutam” internamente”<sup>321</sup>. A autora reitera:

A linguagem organiza-se em sintaxe amarrada logicamente. Mas, rompendo os diques da logicidade, lança “silabas soltas”, em contínuo fluxo, deixando nesses momentos a linguagem sob o halo da inspiração, por vezes apenas “respirando” <sup>322</sup>

Portanto, busquei, de modo outro, uma gramática *A hora da estrela*, e pensando a obra como um todo como complementadora deste estudo em que Clarice rechaça além de posicionamentos sociais e políticos, conhecimento estabilizadores. A obra de Clarice depõe contra a sistematização dos saberes como um único modo dotado de competências para se pensar e produzir teoricamente.<sup>323</sup> A literatura por si só não dá conta de pensar para além de uma escrita com o corpo *à la* Clarice Lispector, e como a re-escrita aqui inter-corporada por nós que contribui e funde a gramática presente das sensibilidades biográficas locais, ou seja, sua construção parte de uma geopolítica e corpo- política que se dão a partir de onde pensamos,

---

<sup>321</sup> GOTLIB. *Uma vida que se conta*, p. 194.

<sup>322</sup> GOTLIB. *Uma vida que se conta*, p. 194.

<sup>323</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, 161.

*sendo eu penso de onde re-existo*, aqui no caso da fronteira sul. Logo, trata de saberes outros que contribuem com a re-definição do significado sistematizado da gramática da modernidade do que conhecemos como gramática.

Nesta teorização sobressaem passagens por espaços do conhecimento inexplorados, como o de conceituar uma gramática das sensibilidades. Tal importância se dá com aproximações das teorias que partem das inter-corporações e do discurso daqueles que contornam uma precisa consciência epistêmica fronteira. Estar imersa com o meu corpo na fronteira-sul é assumir esse lugar crítico biográfico fronteira. Por isso, hoje, com meu corpo situado em Campo Grande – Mato Grosso do Sul, pensava e “*não tendo* a consciência de que existem outros modos de viver” eu achava confortante que deveria ficar em Minas Gerais, como Macabéa “no Sertão de Alagoas com seu vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário [...] – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa.”<sup>324</sup> [...] “antes de surgir na minha vida essa datilógrafa”<sup>325</sup> ela já re-existia em mim “junto à Clarice/Macabéa, recupero peças de nossas histórias”<sup>326</sup> eu “com as mãos de dedos”<sup>327</sup> de quem passou pela experiência à procura de oportunidade profissional almejava o importante certificado dos anos 80 e 90 com curso de como bater a máquina como Macabéa, em busca também de notoriedade, o almejado certificado de datilógrafa. De modo que hoje entendo que o som do tec – tec da máquina, junto aos meus “dedos tropeçando nas teclas [...] eu não concebia”<sup>328</sup> que essa preparação para a vida, além de ter sido indispensável para quem desejava no momento entrar

---

<sup>324</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 13.

<sup>325</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14-15.

<sup>326</sup> EVARISTO. *Macabéa flor de mulungu*, p. 31.

<sup>327</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 16.

<sup>328</sup> EVARISTO. *Macabéa flor de mulungu*, p. 19.

no mercado de trabalho. Hoje compreendo que “o encontrado é uma criação minha, que simultaneamente me constitui e me cria, que emerge o repertório existencial e o si mesmo.”<sup>329</sup> Logo, ter feito o curso de datilografia não importou somente para uma visibilidade profissional e oportunidade no mercado de trabalho, mas configurou-se no adentrar o mundo pelas frestas das sensibilidades, em que no mesmo momento que eu batia à máquina “na hora mesma”<sup>330</sup> em que eu mediava esse encontro futuro com minhas/nossas grafias-de-vida entre Clarice/Macabéa e eu. “Quanto ao futuro”: ao biolocus pertencemos, tal prática in-consciente “convoca a presença do bios de todos os envolvidos na ação”<sup>331</sup>.

Será que eu enriqueceria este relato se usasse alguns difíceis termos técnicos? Mas aí que está: esta história não tem nenhuma técnica, nem estilo, ela é ao deus-dará. Eu que também não mancharia por nada deste mundo com palavras brilhantes e falsas uma vida parca como a da datilógrafa.<sup>332</sup>

Compreendo que tal prática delineada pela datilógrafa Macabéa coloca em funcionamento a gramática do corpo das sensibilidades que considera entendimentos outros como produção de conhecimento. Posto isso, um escrever com o corpo, que está para um escrever de ouvido e uma escrita de dedos como a escrita à máquina por mim /Macabéa/Clarice. O sistema datilográfico de escrita e linguagem à máquina de certo modo aproxima e ao mesmo tempo distancia no campo da linguagem e da escrita, se pensarmos a gramática convencional que tem seu vocábulo, seu funcionamento sistêmico particular. De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009)*, a datilografia consiste em: “máquina usada para transmitir os sinais da fala” e também da escrita, um tipo de manuseio específico que datilo = grego *dáktulos*, -ou, dedo + grafia =grego *grafé*, uma escrita particular que pende para

<sup>329</sup> PESSANHA. *Recusa do não lugar*, p. 115.

<sup>330</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>331</sup> NOLASCO. Podemos fazer teori(a)zação da pronteira-sul? p. 04.

<sup>332</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 19.

<sup>332</sup> PESSANHA. *Recusa do não lugar*, p. 115.

<sup>332</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

gramática sensível de escrita de dedos, que levo em conta sua funcionalidade, ainda que mecânico e técnico, considerada a partir de uma prática exercida à máquina, não deixa de trazer para a escrita uma liberdade de grafar a vida. A figura seguinte de Clarice remonta à sensibilidade da autora batendo à máquina, em ressonância com a obra na *Dedicatória*: “a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever”.<sup>333</sup>

Uso uma máquina de escrever portátil Olympia que é leve bastante para meu estranho hábito: o de escrever com a máquina no colo. Ela me transmite, sem eu ter que me enredar no emaranhado de minha letra. Por assim dizer provoca meus sentimentos e pensamentos. E ajuda-me como pessoa. E não me sinto mecanizada por usar máquina. Inclusive parece captar sutilezas. Além de que, através dela, sai logo impresso o que escrevo, o que me torna mais objetiva.<sup>334</sup>



Figura 6 – Minha aliada hospitaleira, Clarice Lispector em 1968. Fundo Correio da Manhã – Arquivo Nacional

Fonte: <https://riomemorias.com.br/memoria/rio-de-contos/>

<sup>333</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 08.

<sup>334</sup> LISPECTOR. *Gratidão à máquina*. p. 71.

Como expus até aqui, a gramática do corpo tem seus pontos-chaves metodológicos que partem de saberes outros para sua compreensão. Considerando que o material que orienta a gramática do corpo conta com saberes outros advindo da exterioridade de saberes locais, trata-se de linguagens, sinais, sons, escrituras, a partir de corpos absorvidos pelas lutas contra-hegemônicas, nesse caso, as lutas travadas, por exemplo, de nós mulheres com a falta de direito ao grito, como o corpo de Macabéa para ser tratada com dignidade e não sendo “apenas um acaso na vida”<sup>335</sup>. A gramática das incorporações conta com novos dívidos que fogem às regras da unicidade, do absoluto e do universal, e sua exposição “caminha das sensibilidades biográficas do corpo de dívidos fronteiriço, o aliado hospitaleiro, o sulista, o andariego, o pantaneiro, o bugre, o boliviano, o sul-mato-grossense fronteiriços)”<sup>336</sup>. Tais corporações geo e corpo-políticas com seus saberes específicos, como apresentadas pela gramática pedagógica fronteiriça, pensada pelo teórico Edgar Nolasco, espelham nesse caso nossos corpos encontrados na exterioridade em que somos colocados, “no afuera do mundo, no lado sombrio e pós-abissal, esquecido, vilipendiado [...] pelo poder do discurso moderno”<sup>337</sup>.

A gramática outra é preocupada com o *bios* e o *lócus* enunciativo e com a abertura de saberes particulares que passam pelo crivo epistemológico da desobediência, proposto por paradigmas *outros* que permitem de fato re-pensar uma gramática a partir da corpo e geopolítica, conceitos esses que fundam a gramática corpórea articulada aqui, reiterando que esse trabalho *também é de carpintaria, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo*, em processo inter-corporal. A gramática nessa minha empreitada é aliada de e com Clarice, e a

---

<sup>335</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 32.

<sup>336</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica de fronteira-sul, p. 12.

<sup>337</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica de fronteira-sul, p. 13-14.

autora compartilha “que ninguém se engane, só consigo a simplicidade/sensibilidade através de muito trabalho”<sup>338</sup>. Nesse caso, Clarice ocupa na tese além do espaço teórico-crítico, o espaço íntimo desta reflexão, entendida por mim como formadora dessa gramática prescrita a partir da geopolítica que leva em conta os vários *loci* territoriais e as histórias locais. No caso da corpo-política, insere-se o corpo existente discursivo, não o corpo descarte do *cogito cartesiano penso logo existo*. O conhecimento de gramática do corpo aqui não passa pelo saber programático que se deu a partir do grego, latim e as seis línguas imperiais europeias, uma estrutura programada e aplicada pela “gramática sujeito-objeto, herdeira da metafísica grega da substância, impede que se nomeie o espaço íntimo”<sup>339</sup>.

A gramática estabelecida pela estrutura disciplinar moderna, aqui re-pensada a partir da epistemologia fronteira “nasce criativamente do encontro com aliados íntimos [...]”<sup>340</sup>, que permitem pensar a partir de meu lócus fronteira e re-teorizar para contemplar os corpos da exterioridade, iguais ao de Macabéa, jovem pobre, faminta, invisibilizada, que sequer percebe “que a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua”<sup>341</sup> e, de acordo com Walter Mignolo, seres habitantes das inúmeras exterioridades construídas pelo Ocidente, o qual buscou expelir de seu bojo aqueles considerados inferiores, seja pela raça, religião, língua, sexo e gênero:

A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato.<sup>342</sup>

---

<sup>338</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09, grifo meu

<sup>339</sup> PESSANHA. *Recusa do não lugar*, p. 110.

<sup>340</sup> PESSANHA. *Recusa do não lugar*, p. 115.

<sup>341</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 28.

<sup>342</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 32.

Assim a obra aqui em evidência leva-me a identificar essas questões políticas e sociais atrelada à fome, miséria que estão nos corpos, lugares e saberes excluídos do conhecimento hegemônico e tantas outras questões presentes na vida do sujeito sem visibilidade no mundo. Mais uma vez a gramática *A hora da estrela* ilustra com a presença de uma mulher pobre, nordestina, marginalizada e órfã, Macabéa, a personagem “ficava faminta mas não de comida”<sup>343</sup> sua fome era “epistêmica”, um corpo constituído de muitos outros corpos que sofrem. E que lutam contra o que Boaventura de Sousa Santos conclui, a partir de uma epistemologia do sul, que podemos identificar um sofrimento e uma humilhação injusta em que nossos corpos fronteiriços, que foram transferidos e excluídos para fora do pensamento ocidental/moderno. Neste caso, é preciso navegar por epistemologias outras, desobedecendo o conhecimento arquitetado por uma gramática do ser da razão ocidental/moderno. Portanto, é nessa direção que Mignolo afirma que a descolonialidade é um pensamento epistêmico:

[...] ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta.

Situando o corpo e o lugar de enunciação, habitado por uma gramática epistêmica da “fronteira” de Mato Grosso do Sul, por uma geopolítica, e conduzindo, assim, as articulações da corpo-política, privilegamos lugares e corpos subalternizados, alocados na exterioridade colonial do pensamento de interioridade moderna. Para quem foi um acaso na vida, “pensar para Macabéa era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava. Mas Olímpico não só pensava como usava palavreado fino”<sup>344</sup>. A pensar torna-se no mínimo mais difícil quando se pensa da/na

---

<sup>343</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 40.

<sup>344</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 48.

gramática patriarcal falocêntrica traz em sua estrutura a colonialidade do poder, logo não rege saberes e políticas *outras* que contemplam exatamente aqueles corpos e lugares que nos *concedam direito à expressão, sem voz, sem grito, por nós mulheres, por exemplo.*

Por entender que o projeto de Clarice, atravessado pelas problemáticas que rondam esta reflexão conceitual epistêmica de gramática do corpo, dá-se por caminhos que vêm me ajudam a pensar, na medida em que, além de obra trazer a biografia da intelectual, se revela também em seu caráter inovador, já que Clarice abre caminhos epistêmicos considerados até o momento inalcançáveis, abrindo de espaços teóricos para a subversão de paradigmas baseados “nas histórias e experiências da modernidade”<sup>345</sup> e numa gramática elitista fechada pelos códigos do pensamento disciplinar eurocentrado.

Para expor melhor o meu posicionamento e compreensão a partir do que venho conceituando de gramática corpórea neste discurso, recorro às palavras de Mignolo:

O meu discurso é a favor da vida, do viver, não se baseia no vitalismo da filosofia européia, mas no grito do sujeito, [...] das vidas que gritam, através do sujeito, às misérias as que foram carregadas por anos de colonialismo e, ultimamente, de civilização neoliberal. Daí a necessidade de imaginar não apenas novos paradigmas [...] (tanto colonizadores quanto libertadores), do qual o projeto do neoliberalismo é parte e consequência, mas outros paradigmas.<sup>346</sup>

Desse modo, e com base na passagem, pensar paradigmas outro aponta razões para o desprendimento aos projetos hierárquicos eurocentrados que fizeram com que negássemos nosso corpo, nossa própria história e *o direito ao grito* de quem sente “no corpo o trauma, o desrespeito inconsciente, a ignorância”<sup>347</sup>, a falta do direito ao “progresso, de bem-estar, de ser-estar, tudo isso foram impostos à maioria dos

<sup>345</sup> MIGNOLO. *¿Podemos pensar los no-europeus?* p. 19-20.

<sup>346</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 19-20.

<sup>347</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

habitantes do planeta, que, neste momento, têm que reaprender a ser”<sup>348</sup>, como afirmou Mignolo.

Pelo exposto, devemos procurar lutar por um *modo de pensar-viver/viver/pensar de um pensamento próprio* conceituado por Rodolfo Kusch<sup>349</sup>. Tais práticas, de pensar e de viver, que nos possibilitem *o direito ao grito*, daqueles que estão à margem; assim, Clarice comprometida pela sensibilidade social e política em *A hora da estrela* teve por objetivo gritar para *dar maior alcance humano à dor* da pobre jovem nordestina e insignificante Macabéa, estendendo, ao mesmo tempo, a muitos outros *corpos caridos* da diferença colonial. Clarice, além de lançar seu corpo na escritura, articulou sua mensagem, seu ponto de vista se desprendendo na escritura; tomada por uma atitude filosófica *outra* como de opinião pessoal, buscou uma luta por uma teorização culturalmente comprometida com a realidade de muitos, ou seja, de nós brasileiros. É neste sentido que a heroína Macabéa metaforiza a raça anã do Brasil, que um dia vai reivindicar o direito ao grito (um dos títulos da novela). Macabéa é a alegoria (política) de um Brasil profundo que não chegou a existir nem dentro da boa e grande literatura brasileira, ou seja, não fez parte de sua *formação*.

Embora falar de gramática seja confrontar com estruturas modernas, e já que estou amparada pelo pensamento da exterioridade, sua epistemologia fronteira *outra* me possibilita a desvinculação com o universal, permitindo caminhos para a pluriversalidade como um modo outro de pensar que antecede um abstrato universal posto. O que venho articulando de gramática do corpo, apregoada na gramática descolonial pensada por Walter Mignolo, me permite numa revisitação ao projeto hegemônico da modernidade/colonialidade sob os *pilares de colonização – teopolítica*

---

<sup>348</sup> MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 20.

<sup>349</sup> Que significa “a liberdade de poder se apropriar da filosofia continental, no caso do filósofo, para se desvincular [desprenderse] da forma oficial como ela é estudada.” p.135.

e a *egopolítica*<sup>350</sup> - do conhecimento com a colonialidade do ser e do saber que não contempla a todos, a exemplo de Macabéa que se veste de si mesma, representando com obediência o papel de ser<sup>351</sup>:

Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa.<sup>352</sup>

Assim, por meio de *A hora da estrela*, e considerando a experiência de Clarice enquanto escritora dessa história, compreendo que Macabéa não é um ser sem vontade, e muito menos que não pensa; pelo contrário, nela Clarice projeta gritos de tantos outros corpos assentados na teo e egopolítica sob a colonização de almas e mentes a partir das corporações, por um lado; [...] do outro lado, a economia, o controle da autoridade.<sup>353</sup> Essas formas de dominação do “outro”, a invenção de um “outro no âmbito discursivo sempre determinante, pensou o ser, o saber, o sentir, e assim por diante, com relação *àqueles que foram lançados para a exterioridade construída pela interioridade abissal que criou dois universos: o deste lado da linha e do outro lado da linha*<sup>354</sup> de corpos visíveis e invisíveis, na expressão de Boaventura Sousa Santos.

Nessa direção, o meu corpo, o de Macabéa e o de Clarice se conectam por viverem e experimentarem corpos invisibilizados com suas formas de vida social, política, cultural, econômica; logo, tais proposições fazem parte do conhecimento da gramática do corpo, como um modo de ler, pensar, re-escrever teorizando descolonialmente, como penso aqui. Teorizar, de acordo com Nolasco, envolve,

---

<sup>350</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 93

<sup>351</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 32.

<sup>352</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 28.

<sup>353</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 93.

<sup>354</sup> SANTOS. Para além do pensamento pós-abissal, p.32.

inicialmente [...] *um aprender a desaprender para re-aprender de outra maneira*<sup>355</sup>, expressão que configura a gramática descolonial, de Walter Mignolo, que epistemicamente está na contracorrente da gramática da modernidade, da gramática colonial assentada na visada disciplinar da razão do *penso, logo existo!* Não por acaso, essa pretensão descolonial centra-se nos conceitos da geopolítica e da corpo-política, os quais desobedecem epistemicamente a egopolítica e a teopolítica.

Segundo Mignolo, e retomando a gramática da descolonialidade, esta certamente já materializada epistemicamente por Walter Mignolo, por sua vez, salvadas as diferenças, a cada passo apreendida pela gramática do corpo aqui em elaboração. A presente gramática não está assentada em mera reprodução, ou repetição da gramática e formação de corpos modernos com sua *subjetividade (autossuficiência e sucesso do indivíduo, dos estados e das corporações sobre os outros); assim como de uma economia que, em vez de gerir a escassez, racionaliza os lucros à custa de vidas e do bem-estar humano*<sup>356</sup> - corpos aliciados pelo projeto que visa o capital a partir da ideia de que *se vive para trabalhar e não se trabalha para viver*<sup>357</sup>.

O corpo que inter-corporo na discussão, tomo-o como uma prática epistêmica que desobedece a gramática moderna por entender que a gramática do corpo aqui posta é determinante para a reflexão: primeiro, por estar a serviço de uma ética, política do conhecimento que contribui com a presença do corpo com suas especificidades locais e biográficas. Segundo, como alternativa para pensar *um mundo no qual muitos mundos podem co-existir*<sup>358</sup>, um modo outro de pensar, saber,

---

<sup>355</sup> NOLASCO. "Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?", p.60.

<sup>356</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p.93

<sup>357</sup> NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 05.

<sup>358</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 296.

fazer e sentir habitado na *nossa própria fronteira, nossa própria língua, nossa própria memória, nossa própria ética e nossa própria teoria*.<sup>359</sup> Tal discussão é, de alguma forma, conhecida pela gramática do tempo, de Boaventura de Sousa Santos:

Tal transformação implica não só uma vastíssima redistribuição de recursos materiais e simbólicos (princípio da igualdade) como o reconhecimento da existência de diferentes concepções de recursos e das relações com eles e de diferentes critérios de distribuição (princípio do reconhecimento da diferença). A amplitude deste projeto mostra que o que está em causa é muito mais que construir alternativas. Trata-se, antes de tudo, de construir um pensamento alternativo de alternativas.<sup>360</sup>

Nessa esteira, pensando a gramática do corpo e dando continuidade à reflexão, reitero que tal gramática implica a consciência fronteira, uma vez que é necessária a presença incontestável do corpo para um pensamento outro de conhecimento na diferença Mignolo, não por acaso, privilegia em sua construção de uma gramática da descolonialidade as corpografias de vidas e de mundos, quando apreendidas pela *inscrição corpográfica que se configura na questão do corpo, da sexualidade patriarcalizada*<sup>361</sup>. Por conseguinte, ao inserirmos a corpo-política, tomada por uma inscrição corpográfica e, por extensão a gramática do corpo, ao se escrever com o próprio corpo, como faço aqui, ou um modo *outro* de escrever com o corpo como faz Clarice, entendemos que tal prática permite colocar *à frente o seu próprio corpo e captar os sinais oculto do ser*<sup>362</sup> e do saber na obra. Para mais, captar o “escrevo com o corpo” de Clarice, agrega de ser:

Escrevo sobre mínimo parco enfeitando-o com púrpura, jóias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.<sup>363</sup>

<sup>359</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 121.

<sup>360</sup> SANTOS. *A gramática do tempo*, p.152.

<sup>361</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 94.

<sup>362</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

<sup>363</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 74.

A presente abertura trazida pela obra a partir dos termos “escrevo com o corpo”, “escrita de ouvido” como a escrita “na ponta dos dedos”, já estudada por Vilma Arêas (2005), deixa sobressair o fato de que a gramática do corpo *é feita sem palavras: é uma fotografia muda*<sup>364</sup>, pois nessa re-escrita sobressai o corpo. Tais afirmativas efetuadas demandam um pensar e um re-escrever a partir do corpo situado na fronteira, ou seja, advém do que conceituei antes, e que pode estar para um pensamento próprio cunhado por Rodolfo Kusch, que tem a prática de “escrever apenas o que se quer escrever, compreendido por “perder o medo de pensar e escrever por nós mesmos” (*Apud* MIGNOLO) Isso equivale ao que conclui Clarice, *não pedir favor a ninguém*<sup>365</sup> - *sou eu que escrevo o que estou escrevendo*<sup>366</sup>. Ou seja, escreve a partir dos corpos e vozes que encenam e se inter-corporam formando a narrativa. Tal prática de teorização a seu modo ilustra a reflexão feita por Mignolo acerca da gramática da descolonialidade e, por conseguinte, endossa o que entendemos de gramática do corpo em *A hora da estrela*:

[...] o meu material básico é palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola uma *gramática do corpo* o sentido secreto que ultrapassa palavras e frases, o corpo.<sup>367</sup>

Na base da teorização descolonial, aqui sustentada, e considerando a passagem de minha Clarice, de que *as coisas acontecem antes de acontecer*<sup>368</sup>, passagem essa do começo da obra que antecipa e justifica o provável fim – *como a morte parece dizer sobre a vida*, para mim a vida também parece dizer sobre a morte:

Então — ali deitada — teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. A morte que é nesta história o meu personagem predileto. Iria ela dar adeus a si mesma? Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver. E havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual? É que o rosto dela lembrava um esgar de desejo. As coisas são sempre

<sup>364</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

<sup>365</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

<sup>366</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>367</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12, grifo meu.

<sup>368</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 03.

vésperas e se ela não morre agora está como nós na véspera de morrer, perdoai-me lembrar-vos porque quanto a mim não me perdô a clarividência.<sup>369</sup>

Nesse sentido, o que faço aqui não é uma análise social da obra, o que estou *escrevendo já está na certa de algum modo escrito em mim*<sup>370</sup>, mas uma leitura re-escrita epistemicamente a partir da gramática outra do corpo que vem se fazendo na tentativa de se aproximar, na medida do possível, das sensibilidades descritas por Clarice na obra. Por isso, valho-me de *A hora da estrela* que se tornou minha “complementadora” para a gramática do corpo exercida pelas sensações, pulsões, sentidos e pelas emoções *a ponto de eu neste instante explodir em mim*<sup>371</sup>. Na verdade Clarice Lispector, dentro do contexto da história, adverte-nos de que é preciso “transfigurar-se em outrem, ou seja, se materializar, o que significa a meu ver “escrever com o corpo” a história. Boaventura de Sousa Santos, no subtítulo “A experiência profunda dos sentidos” do livro *O fim do império cognitivo* (2019) esclarece:

O conhecimento não é possível sem experiência, e a experiência é inconcebível sem os sentidos e os sentimentos que acordam em nós. É através da experiência que nos abrimos ao mundo, uma “abertura que é concedida apenas pelos sentidos. Se os sentidos são essenciais para conhecer, é difícil perceber por que razões as epistemologias do Norte lhes deram tão pouca atenção.<sup>372</sup>

Portanto, os conceitos elencados que corporificam a gramática da sensibilidade e descolonial não fazem parte de experiências ocidentais/modernas; partem antes de um pensar outro a partir da corpo-gepolítica, sendo um pensar epistemologicamente que passa por um entendimento de “pôr às claras algo que se caracteriza pela obscuridade”<sup>373</sup> oculta pelo “lado escuro da modernidade”. [...] conseguir a integração entre palavra sentido [...] como um corpo a ser trabalhado e põe à frente o seu próprio

<sup>369</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 76.

<sup>370</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 18.

<sup>371</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 07, grifo meu.

<sup>372</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 237.

<sup>373</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

corpo a captar os sinais ocultos do ser: “Eu não sou um intelectual escrevo com o corpo”<sup>374</sup>. Nessa direção faz todo sentido essa escrita corpórea, uma vez que entendo que minha condição de pesquisadora fronteiriça é *desencobrir* o que meu corpo já sabia, porque só agora entendo esta história “tendo eu consciência colonial”<sup>375</sup> perpassada pelo meu próprio corpo e por um pensamento ético descolonizado que “implica que os projetos estejam em histórias locais”<sup>376</sup> e de corpo presente, permitindo-me escre(vi)ver o que eu quero, sobremaneira: “o que parece falta de sentido – é o sentido”<sup>377</sup>, tomado por minha consciência explica que o meu sentido é falta do que fora negado pela modernidade a nós sujeitos da exterioridade, o nosso corpo, nossa história local.

Se eu não reconhecer a violência no meu próprio corpo, como vou reconhecer, lutar contra ela?<sup>378</sup> Para também pensar no outro, ou a partir do outro. *Mas eu tenho consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida*<sup>379</sup>. Assim como Anzaldúa, citada por Mignolo em seu livro *Desobediência Epistémica*, com sua *consciência mestiça, uma consciência de mulher; se trata de uma consciência de “fronteira”*<sup>380</sup>, conseqüentemente se *desprende tanto da consciência nacional como da masculinidade heterossexual*<sup>381</sup>. Afirmada em prece por Anzaldúa, *“pela mulher da minha raça falará o espírito”*<sup>382</sup>, nós mulheres fomos usurpadas pelo sistema social de poder patriarcal/ocidental/moderno que apagou nossa dimensão material e corpórea, mas também de muitos outros corpos, considerados pelo falocêntricos incompetentes

---

<sup>374</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 14.

<sup>375</sup> Nesse caso, sendo consciente dessa situação, é a minha condição necessária do pensar fronteiriço descolonial (MIGNOLO, 2017, p. 20)

<sup>376</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 360.

<sup>377</sup> LISPECTOR. *A paixão segundo G.H.*, p. 22.

<sup>378</sup> BESSA-OLIVEIRA. A arte e a cultura como “formas de Vida”, p. 03.

<sup>379</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 41.

<sup>380</sup> ANZALDÚA *apud* MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 107.

<sup>381</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 107.

<sup>382</sup> ANZALDÚA *apud* MIGNOLO. *Desobediência epistémica*, p. 106.

para vida<sup>383</sup>. A contragosto ocidental/moderno fomos colocadas como sujeitos inferiores como o *corpo cariado* de Macabéa constituído de muitos outros corpos: essa *vivência não está restrita a uma realidade particular, e sim coletiva*<sup>384</sup>, como o corpo negro, o pobre, o indígena, o homo, o trans com suas definições separatistas construídas pela narrativa salvífica de mentes e almas de corpos impostos pelo ato justificável pela teopolítica e a egopolítica do conhecimento.

Minha aliada Clarice e eu estamos pensando de um lugar externo às epistemologias ocidentais, não só no sentido geográfico, mas, sobretudo, pensando no âmbito epistemológico: somos mulheres que falamos do que ficou de fora da história oficial, o nosso próprio corpo feminino. Pensando em Macabéa e em mim, nossa condição se dá primeiro por nossa posição geográfica: eu de Minas Gerais e Macabéa da região nordeste; e, segundo, epistemicamente e de gênero: pois nosso corpo está subalternizado também pela nossa condição de mulher.

Mas, ao mencionar de onde *penso é que re-existo* (e isso se contrapõe ao penso, logo existo!). Porque há o direito ao grito. Então eu grito<sup>385</sup>, posto que os saberes sujeitados precisam ser ouvidos. Nesse sentido, o meu pensamento outro, a partir de uma universidade pública fronteiriça, requer a afirmação de onde se pensa” em vez de “saber que se existe porque se pensa.”<sup>386</sup> Portanto, situando meu direito epistêmico, intento exemplificar caminhos possíveis de entendimento para o que venho sustentando como uma gramática do corpo, com o mesmo sentido da gramática descolonial, ressaltadas as diferenças desaprendendo para re-aprender e assim aprender a partir das corpos-geopolíticas do conhecimento me desprendendo

---

<sup>383</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>384</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 12.

<sup>385</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 37.

<sup>386</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 93.

dos pilares sustentados pela gramática moderna, assentada na teo-egopolítica do conhecimento:

Quero agora avançar a tese de que o surgimento da geopolítica e da corpopolítica do conhecimento introduz uma fratura na hegemonia da teopolítica e da egopolítica, os dois pilares da colonização de almas e mentes, por um lado, da formação da subjetividade moderna (autossuficiência e sucesso do indivíduo, estados e corporações sobre outros); por outro, de uma economia que, em vez de gerir a escassez, racionaliza os lucros à custa de vidas e do bem-estar humano. Na esfera de controle da autoridade (de instituições, partidos, organizações), tanto o variado alcance da direita quanto o variado alcance da esquerda e o variado alcance do centro-esquerda e centro-direita são enquadrados nas teo- e ego-política do conhecimento, do renascimento ao Iluminismo e do Iluminismo ao presente<sup>387</sup>

A pluralidade das corpos-geopolíticas nesses movimentos demonstra o incômodo perante os constantes modos de apagamento do ser e saber advindos da colonialidade/modernidade. Nesse sentido, a nordestina possuía imensa curiosidade, gostava de aprender, prestava muita atenção aos curtos ensinamentos sobre conhecimentos gerais transmitidos pela rádio Relógio.<sup>388</sup> Tais conhecimentos não são reconhecidos por uma gramática moderna hegemônica de poder; entretanto, para Macabéa, consistiam em preciosa companhia durante as solitárias madrugadas acordada.<sup>389</sup> Além disso, seu conhecimento era moldado pela dureza da vida e de suas vivências. Dessa forma, em que pese os poucos anos de estudo institucional, nosso desafio é tanto geográfico quanto epistêmico; logo, a gramática do corpo deve ser entendida que não se trata de pôr o corpo sobre a mente, como formulou o pensamento dual eurocêntrico, dando a entender que o *anthopos* pode estar para o

---

<sup>387</sup> MIGNOLO. p. 93. Trad. Livre nossa: “Quiero avanzar ahora en la tesis de que la aparición de la geopolítica y la corpopolítica del conocimiento introduce una fractura en la hegemonía de la teopolítica y la egopolítica, los dos pilares para la colonización de las almas y las mentes, por un lado, de la formación de la subjetividad moderna (la auto-suficiencia y el éxito del individuo, de los estados y de las corporaciones por sobre los y las demás); por el otro, de una economía que en lugar de administrar la escasez racionaliza las ganancias a costa de vidas y bienestar humano. En la esfera del control de la autoridad (de las instituciones, partidos, organizaciones), tanto la variada gama de la derecha como la variada gama de la izquierda y de la variada gama de centro-izquierda y centro-derecha se enmarcan en la teo- y la ego-política del conocimiento, desde el renacimiento a la ilustración y desde la ilustración a la actualidad.”

<sup>388</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 37.

<sup>389</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 37.

corpo, enquanto o *humanitas* estava para a mente; em contraposição, o corpo aqui tem sua relevância, uma vez que o corpo também tem seu lugar e não é menos importante que a mente. O que nos parece que uma coisa é o corpo pensado a partir do Norte, e outra seria o corpo pensado a partir do Sul-global, como entrevemos na discussão epistemológica proposta por Boaventura de Sousa Santos. A diferença maior reside no fato de os corpos do Sul sentirem neles o peso da colonialidade do poder e do saber.

Com a reflexão posta pela teorização *outra* biográfica fronteiriça, entendida como uma gramática do corpo, para pensar a partir de uma teorização com a presença incontestada do corpo e do biolocus, para a formulação epistemológica da gramática do corpo cabe à epistemologia da corpo-política e da geopolítica com as corpografias dos envolvidos da ação num ato desobediente, em se tratando de um modo de pensar e saber moderno. Portanto, a exposição dos corpos como subprodutos, “rebotinhos da sociedade” no qual referencio Macabéa diante da opressão social a partir da personagem na obra pela presença fantasmagórica por Clarice e seu criador Rodrigo S.M. Nesse diverso conflito, esses corpos não notam sequer que são facilmente substituíveis, e que tanto existiriam como não existiriam. É a própria face da exterioridade dos nossos corpos latinos; tais expressões aqui no campo da teorização ilustram e encenam e podem ser compreendidas como parte da gramática do corpo. Não é por acaso que a dedicatória em *A hora da estrela* abre terreno para a reflexão:

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê.<sup>390</sup>

---

<sup>390</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 08.

Essa história é feita de palavras e corpos que se agrupam a partir do meu corpo fronteiriço que me afetam e sou afetada de modo que o lugar de onde *sinto-penso* essa gramática *outra* junta tudo aquilo que as dicotomias separam<sup>391</sup>, a exemplo, alma/corpo, contrapondo-se ao pensamento dual fortemente estabelecido pela razão moderna. É pensando a partir do *biolócus* que meu corpo as une, no ato de construir pontes entre emoções/afetos, por um lado, e conhecimentos/razões, por outro<sup>392</sup>. Mas bem sei que “tenho que tornar nítido”<sup>393</sup> essa história por me encontrar totalmente enveredada com essas vidas outras e pela preocupação que funde o material epistêmico conceituado de gramática do corpo. É por meio desse pensamento crítico descolonial de re-escrita de gramática que consigo levar ao entendimento o que tentaram apagar de nós construído com base no controle dos corpos, mentes e almas e saberes através da colonialidade do ser, do saber e do sentir corpo de cada um. Por isso, os corpos fronteiriços da exterioridade não aderem à gramática da subjetividade moderna. Porque estamos em busca da libertação do corpo, produtor de *conhecimento corporizado que fortalece a luta contra a opressão*<sup>394</sup> imposta pela retórica moderna. No caso da corpo-política de Macabéa, que ilustra a gramática em reflexão, me permite que eu a leia e assim me aproximo melhor do corpo da nordestina (e do meu) que se encontra nessa teorização, cuja exterioridade é um lugar desconfortável, perene, estando sempre desajustado no mundo:

Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? Talvez porque nela haja um recolhimento e também porque na pobreza de corpo e espírito eu toco na santidade, eu que quero sentir o sopro do meu além. Para ser mais do que eu, pois tão pouco sou.<sup>395</sup>

---

<sup>391</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.

<sup>392</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 155.

<sup>393</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 16.

<sup>394</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 141.

<sup>395</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 30.

Para captar essa materialidade epistêmica da gramática do corpo é preciso inter-corporar *alcançando uma zona de indeterminação, em que dizer de si confunde-se com dizer o outro*<sup>396</sup>. Nesse *ínterim*, a importância dos conceitos trilhados até aqui para essa gramática outra leva em consideração a geopolítica e a corpo-política do conhecimento para a sua sustentação gramatical. Segundo Walter Mignolo, são os dois componentes que colocam em funcionamento a gramática da descolonialidade e dos quais me embaso, considerando que tais conceitos vêm sendo relevantes pelo fato de reconhecerem o corpo pensante em seu espaço de fronteira. Portanto, reconhecendo *como um corpo que compõe e é composto de histórias e de experivivências*<sup>397</sup>, eu e Macabéa somos semelhantes, mas nas *diferenças* não somos *bichos da mesma espécie*<sup>398</sup>, se me pautar na *espécie de namorados*<sup>399</sup> narrados pela minha aliada nos personagens Olímpico e Macabéa, ambos geograficamente nordestinos situados fora dos grandes eixos; também não escapo dessa exterioridade, considerando o meu lócus fronteiro; somos *complementadoras íntimas*<sup>400</sup> e por isso nos *intertrocamos* entre si por estarmos alocadas na exterioridade.

Para Maca, ainda que deslocados e encobertos pela interioridade, ambos *eram alguém no mundo, “Metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe*<sup>401</sup>, *embora ela ganhasse menos que o salário mínimo*. Nesse caso, trata-se na verdade de o lugar da falta de direito ao grito dos corpos silenciados, como das inúmeras Macabéas iguais a mim que foram e que virão sem se perceberem excluídas pelas *diferenças*. A gramática do corpo emerge exatamente a partir desses corpos iguais ao de Macabéa que se reconhecem entre si como “bichos” da mesma espécie e que se

---

<sup>396</sup> SILVA. *A hora da estrela de Clarice*, p. 15.

<sup>397</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Pedagogia da diversidade*, p. 78.

<sup>398</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 38.

<sup>399</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 38.

<sup>400</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.

<sup>401</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 40.

farejam pela exterioridade. Nesse sentido, Macabéa e eu ressaltamos com nossos corpos desobedientes pontos de compreensão para a gramática da sensibilidade, reafirmadas acerca da nossa feminilidade e entendidas por um saber/sentir específico localizado. *Desde quando vi e não só olhei de relance a moça Macabéa*, compreendo, hoje, que nossa história já existia antes mesmo de re-existir, como explicita Clarice em *A hora da estrela*:

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo.<sup>402</sup>

A relação que estabeleço entre mim e os envolvidos dessa ação partiu do desejo de tornar público o conceito de gramática do corpo, contemplada nas mais diversas direções do conhecimento. Tal prática exercida a partir da crítica biográfica fronteira ocupa espaços de conhecimentos não só geográficos mas epistêmicos pensando o *bios* e o *lócus* que, conseqüentemente, mantenho desde o início o meu compromisso inter-corpóreo de re-escrever vidas alheias com sua geo e corpo-política de ser e de saber específicos. Firmada nessa teorização *outra*, sou possibilitada a me inserir pensando *por mim mesma*, e *buscando aquele eu, aquele “outro”, e umas às outras*<sup>403</sup> para re-escre(vi)ver essa *história verdadeira embora inventada* – *que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um*<sup>404</sup>. A obra faz com que busquemos aquele eu reconhecendo a história do outro. No encontro do *“Metalúrgico e da datilógrafa”*, de forma complementar, da minha história *nas pontas dos dedos*, como as figuras seguintes de meu pai e eu com as *mãos e dedos* – meu pai metalúrgico, exercendo seu compromisso de trabalho e, no meu

<sup>402</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>403</sup> ANZALDÚA. *Falando em línguas*, p. 232.

<sup>404</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

caso, datilógrafa em busca de notoriedade profissional, fazendo o curso de coma bater à máquina como Macabéa:



Figura 7 – Foto de meu pai metalúrgico no trabalho, soldando com as pontas dos dedos aos 17 anos em Belo horizonte.

Fonte: acervo pessoal



Figura 8 – outra foto de meu pai metalúrgico no fundo aos 17 anos em Belo horizonte

Fonte: acervo pessoal



Figura 9 – Foto com minhas mãos de dedos batendo à máquina, presente de meus pais após concluir o curso de datilógrafa.  
Fonte: acervo pessoal

A escritura de Clarice, acompanhada por mim, traduz *o ato de desobediência* por nós, primeiro [...] *por meio do ato de lembrar e de escrever, o prezar à vida*<sup>405</sup> de corpos mais intensos que se manifestam com as lutas na/da fronteira. Segundo, a conceituação de gramática do corpo contrapondo a gramática privilegiada da ciência cartesiana que separou a razão da emoção, a teoria da experivivência. Mas a gramática corporéa – impulsionadora de desobediência epistêmica com sua emoção e afetividade sob nossas inscrições corpográficas (MIGNOLO), ou seja, o corpo de Macabéa e o meu corpo de pesquisadora fronteira – faz emergir a *suposição básica de que o conhecedor é sempre corporal e geopoliticamente envolvido no conhecido*,

<sup>405</sup> NOLASCO. *A hora da(s) estrela(s) Clarice e Macabéa*, p. 31.

nós enquanto corpo-política e geopolítica do conhecimento trazemos *a consciência de “ser donde se piensa” – no caso, a partir da fronteira-sul – ao invés de “saber que se existe porque se piensa”, como defendeu a lógica moderna do “penso, logo existo”*<sup>406</sup> com o modo de pensar e fazer que não se centra em processo monotópico (MIGNOLO) manipulado por discursos coloniais e imperiais a partir de conjuntos de normas e regras ainda estabelecidos como lugares de suposto saber.

De acordo com Walter Mignolo, para que a descolonização e aqui, no caso, a gramática do corpo seja efetiva, é necessário criar alternativas em contraposição às formas de dominação da modernidade. Na verdade, não há saberes melhores ou piores, o que ocorre é a diferença entre corpos e lugares específicos, os quais constituem parte de nossa identidade enquanto corpos no mundo. Todos nós temos corpos e pensamos, no entanto, aqueles que ousam percorrer um espaço, tempo e ritmo diferente do imposto pela modernidade são excluídos pelas forças hegemônicas. A descolonização é uma proposta de libertação em um mundo no qual a universalização do regional é uma ostensiva tentativa do ocidente e do imperialismo colonial de nos fazermos obedientes, “[...] hoje, toda história local do planeta tem que lidar com o mundo moderno/colonial, a retórica da modernidade e a lógica da colonialidade”.<sup>407</sup>

Todavia, considerado essencial para a teorização que se propôs nesta tese, o primeiro passo dado é em direção a essa gramática das sensibilidades dos corpos, a partir do corpo negável da personagem Macabéa e outros, a começar que esses corpos da exterioridade, pois resgatam sensibilidades as mais sombrias possíveis, por

---

<sup>406</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da Fronteira-Sul, p.13.

<sup>407</sup> “hoy en día, cada historia local del planeta tiene que enfrentarse con el mundo moderno/colonial, la retórica de la modernidad y la lógica de la colonialidad.” MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 121. Tradução minha.

contextualizarem no corpo a expressão “aprender a desaprender, para poder así re-aprender” (MIGNOLO). No último capítulo do livro, intitulado “Prolegómeno a uma gramática de la descolonialidad”, depois de afirmar que essa gramática está em construção no mundo e de se deter nos conceitos de geopolítica e de corpo-política, reiterando que ambos os conceitos são já uma forma de desobedecer, o teórico afirma que o primeiro passo para a construção de uma gramática da descolonialidade foi dado a partir da referida expressão, empregada sob a criação pela Universidade Intercultural dos Povos Indígenas do Equador.<sup>408</sup> Lembramos da importância de nos determos nos conceitos supracitados de geopolítica e de corpo-lítica sendo os conceitos fundadores dessa gramática do corpo em elaboração, praticada por um pensar e teorizar a partir do “aprender a desaprender para re-aprender”. Tais práticas são fundadoras porque ambas são epistêmicas, (MIGNOLO).

Nesse sentido, a gramática do corpo não acompanha a lógica de conhecimento universal, mas possibilita formas outras de ser e saberes entendidos para acessar um conhecimento outro, que passa pela própria vida dos sujeitos envolvidos na ação, com seus “conhecimentos que estão presentes na resistência e na luta contra a opressão ou que delas surgem, conhecimentos que são, por isso, materializados, corporizados em concreto, coletivos ou individuais”<sup>409</sup>.

É que de repente o figurativo me fascinou: crio a ação humana e estremeço. Também quero o figurativo assim como um pintor que só pintasse cores abstratas quisesse mostrar que o fazia por gosto, e não por não saber desenhar. Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco

---

<sup>408</sup> Transcrevemos aqui a nota aposta por Mignolo: “Luís Macas y Jorge Garcí a en una presentación oral de las metas y el currículo de la Universidad Intercultural de los Pueblos y Naciones Indígenas del Ecuador: Universidad Andina Simón Bolívar, julio 2002. Para una mirada general ver: <http://icci.nartiveweb.org/boletin/19/macas.html> La universidad no es fenómeno aislado, esta ya conectada com la red de Pueblos Indígenas de las Américas, (<http://www.aulaintercultural.org./breve.php3?id-breve=184>)

<sup>409</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

gelado pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo.<sup>410</sup>

*Não é só um modo de escrever que vem mudando como diz Clarice, acontece que escrever o que se quer escrever*<sup>411</sup> contraria a *práxis* de pensar moderno, e a forma outra de re-escrever dessa reflexão teórico-crítica faz emergir uma gramática que evoca a ciência do corpo e as vivências, em junção corpo e pensamento; demanda desobedecer, como fez Clarice na escritura e por mim aqui a gramática que está mais para a emoção do que para a razão, que amalgama um pensamento outro de “[...] aprender a desaprender a lógica racional da gramática moderna para poder re-aprender, a gramática do *corpo* que se articula a partir do pensamento descolonial”. De modo que desaprender não significa esquecer, e, sim, lembrar das corpografias excluídas ao teorizar, como venho teorizando junto às corporações que me ajudam de modos específicos a conceituar a gramática do partilhamento; assim está também a contribuição significativa a obra a partir da expressão “escrever com o corpo” incorporada por mim *enquanto projeto re-existencial*<sup>412</sup>, desde o título desta tese, cuja re-escrita se formula a partir do meu biolocus enquanto sustentação de conhecimento envolto de tudo que a obra contribui para um pensar, saber, fazer e ser a partir da corpo-política entendida pela inscrição corpográfica. Ligada às sensações e sentidos por mim, Macabéa e Clarice, quero fazer justiça cabal de que muitos corpos da exterioridade gritam por ajuda; por isso *preciso falar dessa nordestina porque senão eu sufoco*<sup>413</sup>, *é uma fotografia muda. Este livro é um silêncio*<sup>414</sup> da alma, por isso o que vem à tona é o corpo que *registra* uma *inserção* corpográfica *étnica racializada*,

<sup>410</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 19-20.

<sup>411</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 27.

<sup>412</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>413</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 27.

<sup>414</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 27.

de gênero e sexualidade patriarcalizada.<sup>415</sup> Pois como bem registra Clarice, *a palavra tem que se parecer com a palavra, instrumento meu*<sup>416</sup>:

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça. Moça essa – e vejo que já estou quase na história – moça essa que dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido.<sup>417</sup>

A consciência que Rodrigo S.M tem do corpo da Macabéa parece uma consciência moderna. *Rodrigo S.M., Relato antigo, este, pois não quero ser mordenoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo.*<sup>418</sup> Lendo criticamente a proposta de Rodrigo S.M e considerando que ele é um escritor homem escrevendo sobre um corpo feminino cariado, improdutivo, de ovário murcho, inexistente, mulato, famélico e digno de pena, sendo um corpo ambulante numa capital toda feita contra ela – Macabéa re-existe, capaz de produzir conhecimento, em um mundo no qual as forças hegemônicas procuram nos moldar a todo custo, tentando usurpar de mim e das inúmeras macabéas, nos fazendo acreditar na *falácia* de não sermos capazes de produzir conhecimento.

A corpo-política permite a reinserção dos corpos da exterioridade ao teorizar, posto que a afirmação tida como absoluta pelo pensamento moderno, “penso, logo existo” (Descartes), excluiu o corpo. Nesse sentido, Mignolo destaca ser a corpo-política “fundamental em todo o projeto descolonial”, o qual controla o pensamento.

<sup>415</sup> MIGNOLO. *Desobediência Epistémica*, p. 94.

<sup>416</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 20.

<sup>417</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 20-21.

<sup>418</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

Em *A hora da estrela*, Rodrigo S.M., (na verdade Clarice Lispector), deixa claro: “Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo”. Assim, a intelectual rompe com o universal, pois para ser um intelectual tradicional é necessário pensar, mas ela escreve com seu corpo, a partir da exterioridade, assim como Macabéa, como tantos outros corpos, ainda sentem na carne a dor da diferença:

Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência. Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaços de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita [...] <sup>419</sup>

Dessa forma, é possível pensar que as macabéas de nosso país são capazes de pensar, mas esse não é o motivo de sua existência como pressupõe a lógica moderna. Nós existimos a partir de nossas sensibilidades locais da qual pensamos. O meu local, por exemplo, é a fronteira sul e os indivíduos que aqui habitam “[...] trazem sua diferença inscrita em seu corpo fronteiriço”. <sup>420</sup>

Traçando a gramática em conceituação, ao contrário das tradicionais gramáticas normativas, desta sobressai “[...] *uma pedagogia descolonial cuja opção propõe uma desobediência epistêmica com relação à epistemologia moderna*” <sup>421</sup> como venho articulando. A gramática sensível não está para uma razão moderna de (consumir) mercadológica para ser deste mundo, mas faz parte de uma gramática da des-razão, uma razão outra como pensada por Nolasco, que se centra numa reflexão crítica, teórica e epistêmica de direitos que se voltam para um prezar pela vida, por um bem-viver e con-viver pensados pela gramática do compartilhamento. O *Aprender a desaprender a re-aprender de outra maneira, como estratégia epistêmica para desprender (ou desapegar-se da) lógica do tem que ter para sobreviver e, assim,*

---

<sup>419</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 13.

<sup>420</sup> NOLASCO. “Por uma gramática pedagógica da fronteira-Sul”, p.15.

<sup>421</sup> NOLASCO. “Por uma gramática pedagógica da fronteira-Sul”, p. 9.

*poder desenvolver*<sup>422</sup> a convivialidade na diferença igualmente comunal. No caso de Macabéa, sendo uma forma de ler aproximando-se melhor do corpo da nordestina que se encontra num lugar desconfortável, estando sempre para fora do mundo.

Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? Talvez porque nela haja um recolhimento e também porque na pobreza de corpo e espírito eu toco na santidade, eu que quero sentir o sopro do meu além. Para ser mais do que eu, pois tão pouco sou.<sup>423</sup>

Somente contrariando as bases estabilizadoras do saber disciplinar universal moderno habitado pela interioridade é que se pode exercer o que vim articulando de gramática do corpo, a qual parte dos corpos situados na/da fronteira da exterioridade, materializando-se em uma gramática do corpo epistêmico perpassada pelo meu próprio corpo de quem a pensa e o de Macabéa. Tudo converge na narrativa para o corpo: quando ela cai e bate a cabeça, quando ela vai ser entrevistada pela cafetina, o Olímpico rodopiando o corpo da *“moça essa que dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido*<sup>424</sup> – signos que tangenciam e aludem ao corpo, corpo esse doente e em falta, invisível e inexistente pelo próprio autor-personagem Rodrigo S.M.. O criador de Macabéa não captura seu corpo, como eu, enquanto dona de um corpo feminino, *entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido*, pois o que nos sempre pareceu foi que *o destino de uma mulher é ser mulher*<sup>425</sup>, e assim me aproximo mais intimamente dessa história em *carne viva* de uma inocência pisada, de uma miséria anônima...

Esta reflexão é pensada acerca e a partir de um pensamento de fronteira, que é “[...] precisamente, uma resposta crítica aos fundamentalismos, sejam eles

---

<sup>422</sup> BESSA-OLIVEIRA. Arte. Natureza. Corpo, p. 04.

<sup>423</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 30.

<sup>424</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>425</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 76.

hegemônicos ou marginais [...]”<sup>426</sup>, uma opção outra, que leva em conta o corpo com a sensibilidades de mundo/locais. Pautada em uma teorização descolonial e pela crítica biográfica fronteira, que sustentam um trabalho atravessado por meu *bios* e meu lócus de mulher que vive hoje em um lugar geográfico e epistemológico fronteira: o estado de Mato Grosso do Sul.

Portanto, só será possível se houver por mim o *desencadeamento epistêmico*<sup>427</sup> que se entende “o poder não constituído na livre decisão de pessoas livres”, ou seja, uma desobediência desprendida ao passo de uma gramática do corpo que equipara a uma prática de compreensão que significa entrar no espaço de fronteira de “categorias de pensamento confrontadas”<sup>428</sup>. Mignolo ainda explica que a gramática da descolonialidade colocada em prática e sendo pensada pelo olhar *outro* descolonial privilegia a “sensibilidade do mundo”, talvez por pensar em um compartilhamento mútuo:

Habitam corpos, sensibilidades e memórias diferentes da *gramática moderna* e, sobretudo, numa sensibilidade diferente de mundo da visão de mundo restrito e privilegiado pela epistemologia ocidental, bloqueou os afetos e os campos sensoriais, privilegiando o olho.<sup>429</sup>

Pensar o mundo a partir de uma re-visão de conhecimento da exclusão requer um pensamento fronteira desprendido do universal, uma prática constituída pela geo e a corpo-política, vetores de um fazer e de um pensar descolonial<sup>430</sup>. Diante de um sistema de poder com bases assentadas na diferença colonial (de onde a descolonialidade surge basicamente), sendo o interior da modernidade ocidental construído desde o Renascimento, com base no bojo da colonização simultânea e

---

<sup>426</sup> GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 117.

<sup>427</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.

<sup>428</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 291.

<sup>429</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 180.

<sup>430</sup> MIGNOLO *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

contínua do espaço e tempo,<sup>431</sup> o problema é que o discurso da modernidade criou a ilusão de que o conhecimento é desencarnado e deslocalizado:

A suposição básica é que o conhecedor é sempre corporal e geopoliticamente envolvido no conhecido, embora a epistemologia moderna (*hybris* do ponto zero) tenha conseguido cobrir ambas as dimensões e criar a figura do observador imparcial, um buscador de verdades e objetividades neutras, que ao mesmo tempo controla as regras disciplinares e se situa (ele ou ela) em uma posição privilegiada para avaliar e definir.<sup>432</sup>

Visando a gramática aqui contemplada pelos saberes diversos, a qual se aproxima, com mundos possíveis, à gramática da descolonialidade, isso nos leva a um pluri-verso, à descolonização do ser e do saber (conhecimento) e, por conseguinte, se afasta, por sua vez, dos moldes estabelecidos pela ego-teopolítica do conhecimento, à qual permanece presa ao caminho único da retórica da modernidade. Portanto exige-se, para o sentido teórico conceitual que sugiro para situar a gramática do corpo, que é preciso estar assentada na consciência de “ser donde se pensa” como pontuei antes – no caso, a partir da fronteira-sul – ao invés de “saber que se existe porque pensa”, como defendeu a lógica eurocêntrica.

Nesse sentido, reiteramos que o modo como o projeto da intelectual Clarice Lispector corrobora uma gramática outra não moderna, advertindo-nos que o escrever com o corpo presente na obra, ao escolher que um escritor masculino poderia escrever a história de Macabéa e não uma mulher, evitando, assim, ainda que de forma irônica, a “subjetividade” feminina, ou seja, o delicado (a mulher) que poderia *lacrimar piegas*<sup>433</sup>. Ainda que de modo implícito, considerando que a teorização aqui parte da descolonialidade e que Clarice não é descolonial, mas com uma visada crítica, ou seja, diferenciada, a autora insinua desobediência ao propor modos *outros*

---

<sup>431</sup> MIGNOLO. *Habitar La frontera*, p. 33.

<sup>432</sup> MIGNOLO. *El vuelco de la razón*, p. 158.

<sup>433</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 28

de ser, pensar e de produzir saberes contra-modernos circunscritos na gramática da tradição literária brasileira, por exemplo.

Essa discussão emerge levando em consideração o conceito de gramática do corpo, tendo em vista que a gramática adotada ressalta o que Walter Mignolo conclui: “a geopolítica e a corpo-política do conhecimento promovem uma fratura na hegemonia exercida pela teo-política e pela ego-política, ambos sendo os pilares da colonização de almas e mentes não eurocêntricas”<sup>434</sup>. Nesse sentido, uma prática hegemônica que se sustenta na uniformidade política e ética, da qual sobressai o apagamento corporal dos sujeitos situados nas/das *exterioridades*<sup>435</sup>.

Procurei até aqui demonstrar o conceito de gramática do corpo em *A hora da estrela* como uma metodologia outra para se pensar uma gramática da sensibilidade local fronteiriça e, para tanto, me vali da composição *corpográfica* da obra e os corpos outros envolvidos na ação, com base em conceitos e teorizações de ordem descolonial/fronteiriça desobedecendo epistemicamente, e me pautado em teorias que se desprendiam, principalmente da teoria tradicional<sup>436</sup> ocidental/moderna. Já que estou pensando acerca da crítica, do *bios* e do *lócus* fronteiriços, compreende-se, *grosso modo*, que estou teorizando a partir de uma epistemologia fronteiriça guiada por um *ser, saber, sentir e fazer* específico que se estruturam em corpos descoloniais das/nas diferenças.

---

<sup>434</sup> MIGNOLO. Prolegómeno a uma gramática de La descolonialidad, p.93.

<sup>435</sup> Há um mundo das exterioridades no qual vozes, gentes, línguas, corpos que se intercorporam e se interculturam, criando sentires, saberes e estarem-sendo que amalgamam um pensamento outro e, por conseguinte, uma epistemologia fronteiriça que se sustenta a partir de um paradigma-outro.

<sup>436</sup> MIGNOLO. Prolegómeno a uma gramática de La descolonialidad, p.96.

### 3.3 – Uma escrita geopolítica e corpo-política da estrela Macabéa

Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia.

ANZALDÚA. Uma carta para as mulheres do terceiro mundo, p. 232.

Quero agora avançar a tese de que o surgimento da geopolítica e da corpo-política do conhecimento introduz uma fratura na hegemonia da teopolítica e da egopolítica, os dois pilares da colonização de almas e mentes, por um lado, da formação da subjetividade moderna (autossuficiência e sucesso do indivíduo, estados e corporações sobre outros); por outro, de uma economia que, em vez de gerir a escassez, racionaliza os lucros à custa de vidas e do bem-estar humano.

MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*. P. 93.

Aportada neste último subtítulo que nasce a partir de todos os outros que antecederem esta reflexão teórico-crítica sobre a conceituação do que venho chamando de gramática do corpo, em *A hora da estrela*, até aqui, desponta como parte conclusiva deste estudo, atravessado por esse fazer inter-corporal, o qual, por sua vez, re-afirmo enquanto corpo vivo dessa gramática *outra* por pensar, viver e sentir as sensibilidades locais a partir de meu próprio corpo e junto ao insistente corpo de Macabéa (que voa com a ajuda de Olímpico; que dói por viver; que gostaria de comer creme de pele e porque gosta de porcas e parafusos) – Macabéa é a presença viva do in-nacabado sobrevivendo nas corpografias latinas.

Talvez, antes de me deter mais especificamente nos conceitos supracitados, devo pontuar que é possível *pensar/fazendo* esse caminho teórico-crítico outro de gramática, por mais que já saibamos que toda a discussão para, ou gira, em torno de uma colonialidade do poder. Visando tal discussão, e pensando a gramática descolonial que divide e trata de dois polos antagônicos entre si, sendo eles: de um lado, temos a teo e a ego, alicerçando e sustentando o pensamento colonial moderno. De outro lado, como esta minha teorização que perpassa a reflexão, temos os conceitos de geopolítica e corpo-política já pontuado antes. Agora, adentrando mais a fundo como conceitos que fude a conceituação de gramática do corpo, lembremos que temos de um lado a epistemologia moderna e, do outro, a epistemologia fronteiriça.

Atravessada pelas nossas geo e corpo-política reiteramos, já à guisa de conclusão, a gramática do corpo que passa pela crítica sensível a partir da condição de corpo não disciplinar igual ao meu, de Macabéa e tantos outros, os quais aqui *no roçar da materialidade da escrita com o corpo*<sup>437</sup> ressaltam a gramática corpográfica e, por extensão, *afastam a gramática da modernidade*<sup>438</sup> o que não significa excluí-la. Antes, se abrem para o que venho pensando e chamando de gramática a partir do meu corpo e de Macabéa enquanto (sobre)viventes de um contexto de corpo desobediente ausente de normas, mas que estão amparados epistemicamente numa geo e corpo-política. Tais corpos, encontrados na exterioridade, acabam por corporificar na gramática a incontestada presença do corpo que circunscreve a partir de um saber situado, aqui, no caso, da fronteira-Sul.

---

<sup>437</sup> SILVA. *A hora da estrela de Clarice*, p. 14.

<sup>438</sup> NOLASCO. *Por uma gramática pedagógica da Fronteira-Sul*, p. 12.

A gramática que veio se fazendo no delongar desta re-escrita fronteira é está prescrita no particular com a inserção do corpo *sem disciplina, indisciplinado*, e até ‘*estranho*<sup>439</sup>, por não contemplar o belo ocidental/moderno como o corpo das inúmeras Macabéas que *parecem pertencer à galáxia distante de tão estranho*<sup>440</sup>; não é à toa que corpos como o de Macabéa e o meu, donas de um corpo feminino, não pertencemos aos padrões de conhecimento hegemônico, na verdade, *não existimos sob qualquer forma de sermos relevantes ou compreensíveis*<sup>441</sup>, como:

[...] o corpo latino vive, mas não fala, o corpo latino existe, mas não atua, o corpolatino-americano-brasileiro-sul-mato-grossense-campo-grandense então, não existe, ainda que seja um corpo para o trabalho, para o *labor*, para o sexo, para o prazer, para a reprodução, para parir, para a morte, para o fim, para o tráfico, para a clandestinidade ou para a reposição de partes (peças) para o corpo branco, para o fim que se dá a qualquer coisa que não tem razão de existência: para indulgência.<sup>442</sup>

A importância da corpo-política Macabéa se exprime em *A hora da estrela*, desta forma: a personagem é a parte insignificante como a de um *capim que é tão fácil e simples*<sup>443</sup> nascer, existir e morrer, pensou vagamente Macabéa olhando o capim *enquanto tocava a campainha da porta*<sup>444</sup>. Para a compreensão da gramática do corpo, a personagem é uma das peças-chaves que configura a gramática do corpo: Macabéa simplesmente *não era técnica*, conceitualmente o corpo e a geopolítica do conhecimento se organizam em torno da *diversificação, através da história, das diferenças coloniais imperiais*<sup>445</sup>. Como a corpo-política de Macabéa, tal prática resgata o lugar de enunciação que reconhece as sensibilidades locais de cada um, de modo inter-corpóreo, justamente pelo roçar epistêmico entre os corpos com suas

<sup>439</sup> BESSA-OLIVEIRA. O corpo das artes (Cênicas) Latinas ainda é razão e emoção, p. 96.

<sup>440</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 32, grifo meu

<sup>441</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 23.

<sup>442</sup> BESSA-OLIVEIRA. O corpo das artes (Cênicas) Latinas ainda é razão e emoção, p. 97.

<sup>443</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 65.

<sup>444</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 65.

<sup>445</sup> MIGNOLO. *El vuelco de la razón*, p.16.

produções outras a partir de nosso lócus geoistórico. A gramática do corpo não está para *partes (peças)* do corpo na sua *incompletude, como se desmonta um manequim de cera*<sup>446</sup>; pelo contrário, eu, Clarice e Macabéa com nossos corpos explícitos estamos de corpos e biolócus presentes de *corpo inteiro*:

(Mas e eu? E eu que estou contando esta história que nunca me aconteceu e nem a ninguém que eu conheça? Fico abismado por saber tanto a verdade. Será que o meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar? Se sei quase tudo de Macabéa é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada. Esse relance me deu ela de corpo inteiro. Quanto ao paraibano, na certa devo ter-lhe fotografado mentalmente a cara — e quando se presta atenção espontânea e virgem de imposições, quando se presta atenção a cara diz quase tudo.)<sup>447</sup>

Falar a partir de Macabéa é conceder espaço para corpos que estão para as geo e corpo-política do conhecer e do sentir; além disso são esses corpos com saberes outros que constituem a gramática do corpo aqui em conceituação. Diante disso, nessa gramática outra feita sem palavras, mas re-escrita com o corpo, por uma escrita de ouvido, de quem passa a escutar seu próprio *balbucio* para que sejamos nós mesmos, e também por um escrever com as pontas do dedos por mim e por tantas outras Macabéas que acabam por colocar em movimentação essa gramática do corpo, que nomeia o espaço íntimo, dos corpos da exterioridade, que tem um grito de re-existência e revolta reivindicado nas lutas por nos encontrarmos fora do projeto hegemônico de conhecimento, logo temos a “[...] consciência de ‘ser donde se pensa’ [...] ao invés de ‘saber que se existe porque se pensa’, como defendeu a lógica moderna do ‘penso, logo existo’ que sustentou toda a retórica da modernidade”<sup>448</sup>.

Inclusive reivindico o meu grito e de tantas outras Macabéas a partir desta teorização geo e corpo-política do conhecimento que *situa o pensamento na diferença colonial e cria as condições para que a diversidade se torne um projeto universal*<sup>449</sup>

<sup>446</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 73.

<sup>447</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 62.

<sup>448</sup> NOLASCO. “Por uma gramática pedagógica da fronteira-Sul”, p. 13.

<sup>449</sup> MIGNOLO. *El vuelco de la razón*, p.71.

que trate exatamente da gramática dos corpos fronteiriços com sua movimentação epistêmica de conhecimento, a qual me permite evidenciar o meu próprio corpo inscrito pelas minhas *experivivências* (BESSA-OLIVEIRA, 2018). Pensando a minha formação acadêmica - licenciada em Artes cênicas no curso de teatro e dança pela Universidade Estadual (UEMS) no ano de 2018 – meu corpo hoje constituído de saberes *outros* configura-se num corpo-biocoreográfico grafado nos espaços de sensibilidades do movimento, meu corpo das artes da cena e das letras como pesquisadora, faço parte hoje da Pós-Graduação no Programa PPGEL no curso de Estudos de linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O meu corpo de artista, pesquisadora e como futura docente e sob a chancela da teorização da crítica biográfica fronteiriça, obtive a consciência de que meu corpo epistêmico fronteiriço nessa re-escritura trata-se exatamente de *uma escrita particular a partir e com o corpo*, grafado pela experivivência, mas também coreográfico pensado no/do corpo no espaço da cena, considerada por essa formação atuante e junto a essa articulação teórica voltada para o corpo conscientemente epistêmico fronteiriço. Compreende-se que tudo que atravessa nossos corpos são entendimentos de outras vivências que esbarram entre si pelas particularidades e também para outras criações que de certo modo já preexistem em nós, como afirma minha Clarice de que *antes da pré-história havia a pré-história*<sup>450</sup>. Ou seja, de que *as coisas acontecem antes de acontecer*. Assim, entendo o quanto o corpo é um lugar de troca de conhecimento, ou seja, é como algo impossível de se pensar, por exemplo, numa obra acabada, assim está para o corpo do movimento epistêmico, considerando que tudo que ronda o corpo ele escuta.

---

<sup>450</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

Logo meu primeiro entendimento enquanto escuta de meu corpo foi reconhecido a partir das sensibilidades do movimento, por conseguinte, na amplitude do corpo epistêmico fronteiro *corpográfico* (MIGNOLO) com um *escrever de escuta* (LISPECTOR) do corpo que parte de histórias, memórias, vivências e de saberes locais em diálogo com o mundo com outros corpos como produção de conhecimento. Assim, a escuta de meu corpo nas artes cênicas no espaço dançante e atuante do movimento ocorrera nas minhas primeiras aulas ministradas pela professora de dança Dora de Andrade (UEMS) com a disciplina “Percepção corporal” - com a atividade composição coreográfica em que a professora trabalhou a partir do meu corpo, com o corpo do outro e com os corpos envolvidos no espaço. A figura seguinte, a porta de entrada da sala de dança da UEMS, local em que há na porta um enunciado de que me inventei aqui, configura-se hoje que foi a partir daqui que me re-inventei enquanto um corpo em movimento com o mundo e consciente de saberes outros que pré-existem em mim pelas *pré-histórias* que rondam nossos corpos, como esta história que me constitui enquanto corpo geostórico em cena (escritural).



Figura 10 – Me re-inventei aqui – Sala de dança UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Fonte – Acervo pessoal

*Mas preparada estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só quero ser o que eu nasci para ser, afinal há uma porta de saída para quase tudo nessa vida, exceto para a morte, não por acaso, a personagem estrela dessa história é a morte. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Então Maca defende-se da morte por intermédio de um viver de menos, lugar este que a colocaram como descarte do corpo da exterioridade, como o seu pretendente Olímpico o faz em vida:*

Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: – Entender o quê?

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: – Falar então de quê?

Ele: – Por exemplo, de você.

Ela: – Eu?!

Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: – Mas todo mundo é gente, Meu Deus!

Ela: – É que não me habituei.

Ele: – Não se habituou com quê?

Ela: – Ah, não sei explicar.<sup>451</sup>

Tal como está na passagem acima, Macabéa não se considera muito “gente”; a presente passagem transforma-se em fato concreto por meio do grito dos corpos iguais ao meu e de tantos outros corpos e geopolíticas das histórias da razão fronteira não podem mais ser monotópicas no que se configuram na gramática do corpo. Tais corpos geo e corpo-políticas, cujas vozes têm sido silenciadas, atestam que partimos da classificação racial entre sujeitos visíveis e invisíveis, justificado pela criação da interioridade (*humanitas*) para sua auto-manutenção com a negação do outro pela inexistência somos considerados (*anthropos*). Macabéa não se reconhece muito como gente, conforme o trecho do diálogo acima, *Macabéa, ao contrário de Olímpico, era fruto do cruzamento de “o quê” com “o quê”. Na verdade ela parecia ter nascido de uma idéia vaga qualquer dos pais famintos.*<sup>452</sup> A moça, que simplesmente não tinha visibilidade, *era um cabelo na sopa. Não dava vontade de comer*<sup>453</sup>, nas palavras de Olímpico. Já acostumada com a falta de si mesma e dona de um corpo, em face à modernidade, não se reconhece *humanitas*, mas *anthropos*, treinada a perceber sua diferença de que mulher nasce mulher, *desde o primeiro vagido, a*

<sup>451</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 43.

<sup>452</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 52.

<sup>453</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 54.

nordestina não habituou-se a ser “gente” e sabe que nunca fora importante<sup>454</sup>. Talvez, por isso, se *doía o tempo todo*<sup>455</sup>:

Quanto à complexa palavra humanismo/humanidade, poderíamos também abordá-la em termos de geopolítica e corpo-política do conhecimento. Sem dúvida, há um conceito de Homem e de Humanidade, na Europa, que, visto de perto, é a figura que sustenta e na qual se sustenta o conhecimento: aquele que se define como humanidade e define a humanidade frente à diferença, o *anthropos*, ou seja, todas aquelas instâncias em que, por questões genéricas, sexuais, étnico-raciais, linguísticas, religiosas, etc., um certo tipo de pessoa ou grupo não corresponde ao padrão do Homem e da Humanidade.<sup>456</sup>

E foi pelo argumento da diferença colonial que nos categorizaram como “outros” de “*anthropos*” e nunca de “*humanitas*”<sup>457</sup>, porque antes nossos sentidos foram treinados pela vida para perceber nossa diferença colonial<sup>458</sup>. Dividiu-se o Primeiro Mundo do Terceiro Mundo, lançando todos os habitantes do “Novo mundo” para uma exterioridade na qual estão longe de ser considerados *humanitas*. Assim a importância de praticarmos o ato de desobediência: desprendemo-nos da *humanitas*, tornamo-nos epistemologicamente desobedientes, pensando e fazendo descolonialmente, habitando e pensando nas fronteiras e as histórias locais, confrontando-nos aos projetos globais<sup>459</sup>. É preciso que tenhamos consciência que para nós latinos, nosso discurso passa pelas sensibilidades sentidas no corpo e refletidas em seus discursos: sempre atravessadas pelos corpos da exterioridade de quem compartilha das mesmas lutas, a partir da geo e corpo-política de ser e saber, como a dor da ferida aberta sentida no corpo pela chicana Glória Anzaldúa e Fanon, ao propor uma

<sup>454</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 51.

<sup>455</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 56.

<sup>456</sup> MIGNOLO. *Habitar la fronteira*, p.102.

<sup>457</sup> Walter Mignolo em “Desafios decoloniais hoje” (2017) estabelece que a categoria “outro” não existe ontologicamente. É uma invenção discursiva. Quem inventou o “outro” senão o “mesmo” mas foi criada discursivamente pela interioridade moderna ocidental (“*humanitas*”) para categorizar.

<sup>458</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 21.

<sup>459</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 21, grifos do autor

humanidade-outra com a reinserção de suas sensibilidades corpóreas a partir da prece - *Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!*<sup>460</sup>

Na base da teorização descolonial, a geopolítico e a corpo-política estão ligadas aos processos de descolonização do saber e do ser, ambas sustentadas nessa articulação teórica. Valho-me da expressão de minha Clarice, de que “as coisas acontecem antes de acontecer”, a qual me ampara na perspectiva descolonial, podendo expandir-se para muitos lugares possíveis, e até por (in)compreensão e talvez considerado por muitos um pensamento até “inventado” no bom sentido. Considerando a fala de Clarice, em Entrevista de 1977 para Julio Lener da TV Educativa<sup>461</sup>, *de que entender não é questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato*, diríamos, ressalvadas as diferenças, que o mesmo serve para pensar uma gramática do corpo que atravessa o campo das sensibilidades, afetos e corpos em movimento a partir de um entendimento de pensamento *outro* fronteiroço.

Entendo que somente um pensamento outro pode dar conta de inverter a lógica da encoberta colonial imperial, tendo em vista que se deve pensar em categorias *geopolíticas e corpo-políticas* de configuração do conhecimento e das sensibilidades de mundo, silenciadas pelo lado mais escuro da colonialidade. Pois trago as considerações de Mignolo em relação à corpo-política e à geopolítica:

Portanto, se o ponto de origem do pensamento/sensibilidade e do fazer fronteiroços é o Terceiro Mundo, e se suas rotas de dispersão se realizaram através de quem migrou do Terceiro para o Primeiro Mundo, então o ser e o fazer, habitando as fronteiras, criou as condições para ligar a epistemologia fronteira com a consciência imigrante e, em consequência, desvinculá-la da epistemologia territorial e imperial baseada nas políticas de conhecimento teológicas (Renascimento) e egológicas (Iluminismo). Como é bem sabido, as políticas teo- y ego-lógicas do conhecimento se basearam na supressão tanto da sensibilidade como da localização geo-histórica do corpo. Foi

---

<sup>460</sup> FANON. *Pele negra máscaras brancas*, p. 191

<sup>461</sup> TV CULTURA. Panorama com Clarice Lispector. 1 vídeo. (28m31s). 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU> Acesso: 24 fev. 2024.

precisamente essa supressão o que tornou possível que a teo-política e a egopolítica do conhecimento fossem proclamadas universais.<sup>462</sup>

Tais conceitos como geopolítica e corpo-política se opõem aos conceitos modernos de *teopolítica* e *egopolítica*, os quais reforçam a ideia cartesiana da existência atrelada ao pensar e saber. A *geopolítica* e a *corpo-política*, conceitos descoloniais, possuem o efeito oposto: [...] reforçam a ideia de que se é de onde se pensa. Tal inversão pontua a necessidade de descolonizar as almas e as mentes dos indivíduos presos à subjetividade moderna, bem como, [...] a teoria, a crítica e o discurso modernos.<sup>463</sup> Para Nolasco, a *geopolítica* pode ser compreendida como a fronteira-Sul, como “[...] uma perspectiva epistemológica subalterna (fronteiriça) capaz de subverter a retórica da modernidade e a lógica da colonialidade”<sup>464</sup> e com base nela se estrutura a gramática da sensibilidade aqui em validação do corpo.

Nas palavras inconfundíveis dada pela intelectual, *aquilo que ainda vai ser depois – é agora, então se a história não existe, passará a existir*<sup>465</sup> [...] – “porque é preciso registrar os fatos antecedentes”<sup>466</sup> dessa “história exterior e explícita”, dessa sufocante vida de uma nordestina, que requer uma compreensão direta com o contato com o corpo, um toque de “quem souber ler lerá”<sup>467</sup>. Ou seja, que se aproxima e assim se lê a vida da protagonista a partir da corpo e geopolítica, ou não a compreenderá.

O ponto relevante dessa história desencadeou toda esta reflexão teórica a partir da escritura de Clarice contemplada aqui pela sua inscrição corpórea. Segundo a biógrafa Nádia Battella, em seu livro *Clarice: uma vida que se conta*, além da história em *A hora da estrela manifestar violência social e política [...] há também histórias que*

<sup>462</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*. p.16-17.

<sup>463</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-Sul, p. 23.

<sup>464</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-Sul, p. 23.

<sup>465</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>466</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 10.

<sup>467</sup> LISPECTOR *apud* SANTIAGO. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. p, 32.

se desdobram. E a própria Clarice desdobra-se. Ela é autora, com nome na capa e assinatura na folha de rosto, entre os treze títulos de *A hora da estrela*, e também na “Dedicatória do autor (na verdade Clarice Lispector)”<sup>468</sup> como pontuei antes, sendo, a meu ver, a máxima dos títulos a assinatura de minha Clarice Lispector em que a autora evoca o escrever com o corpo entre os quatorze títulos com sua inscrição corpórea, ou seja, pode ser lido como um dos subtítulos da obra, como afirmou Edgar Cézár Nolasco, em seu livro *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura* de que não seriam 13 subtítulos somente, mas, sim, 14 subtítulos no corpo da escritura, uma vez que assinado por “Clarice Lispector ninguém o poderá retirar”<sup>469</sup>, como a figura reproduzida a seguir:

---

<sup>468</sup> GOTLIB. *Clarice: uma vida que se conta*, p. 581.

<sup>469</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p. 55.

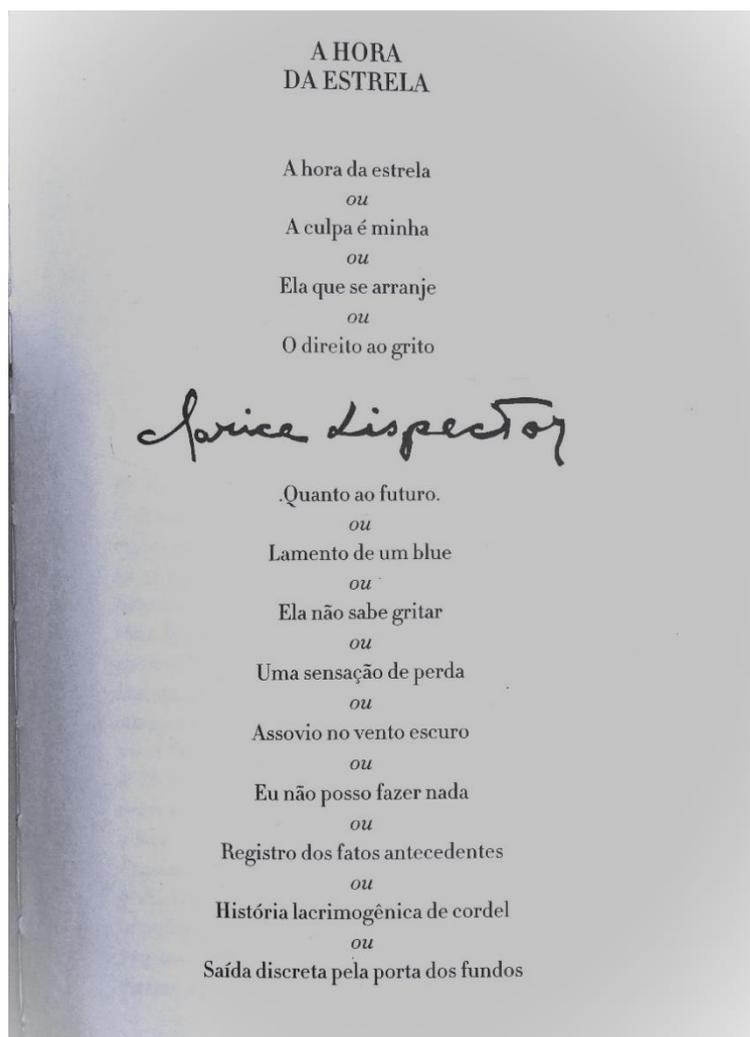


Figura 11 – Folha de rosto do romance *A hora da estrela*, com os seus 14 títulos

Fonte: <https://www.cachettararidades.com.br/MLB-3839862385-livro-a-hora-da-estrela-clarice-lispector-editora-rocco-q924- JM>

A inscrição marcada com o corpo por Clarice na folha de rosto trata-se de um prenúncio que vai ao encontro, endossando, ao que conceitua de gramática do corpo, na medida que “escrever com o corpo” corrobora o “aprender a desaprender para reaprender”<sup>470</sup> a viver de um modo outro de *pensar/fazendo* e *saber/sendo* que transcende o projeto moderno circunstanciado numa sociedade técnica existente de projetos universais que sempre separou a corpo e geopolítica dos dívidos pensantes,

<sup>470</sup> MIGNOLO. Para uma pedagogia decolonial, p. 07.

e que tais conceitos emergem em confronto com a epistemologia ainda egologicamente dominante<sup>471</sup>, em que alguns casos os corpos quando interpretados ou lembrados, da ótica moderna, foi para puni-los e descartá-los: “Macabéa simplesmente não era técnica”<sup>472</sup>, não passava de um “parafuso dispensável”<sup>473</sup>.

Entretanto, a vida dessa moça alagoana retrata o quanto os corpos da diferença, como todos os arrolados nesta tese, sentiram e ainda sentem o peso da colonização. Nesse caso, viver para o corpo feminino é um soco no estômago como a dor sentida por Macabéa, pois vimos de uma categoria inventada pela “hierarquia de gênero/sexo global que privilegia homens em detrimento de mulheres”<sup>474</sup>; tomamos a consciência de que se termos nascidos, como disse Clarice, nos *estragou a saúde*, termos nascida mulheres e não homens fomos brindadas por uma vida terrível que parece não “pertencermos a nada e ninguém. Parece termos nascida de graça”.<sup>475</sup> Porque no caso do homem mesmo “na extrema humilhação [...] na total dor da tortura, mesmo quando seu corpo não era senão uma chaga viva, como afirmou Enrique Dussel (1977), ele pode exclamar: - Sou outro; sou homem; tenho direitos!”<sup>476</sup>. Compreendendo essa distinção, o homem foi e ainda o é “mais passível de salvação com um certo luxo de alma”<sup>477</sup> que difere do corpo feminino com sua falta de graça pela sua “tosca manifestação de vida”<sup>478</sup>, como o corpo de uma Macabéa, o mundo hegemônico força sua não existência.

Seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher.<sup>479</sup>

<sup>471</sup> MIGNOLO. *Habitar la fronteira*, p.150.

<sup>472</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 42.

<sup>473</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 26.

<sup>474</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 11.

<sup>475</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 136, grifo meu

<sup>476</sup> DUSSEL. *Filosofia na América Latina*, p. 47.

<sup>477</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 57.

<sup>478</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 09.

<sup>479</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 34.

É a partir dessa condição feminina embasada numa estrutura *patriarcal*, mas também atravessada pelo racismo que ambas as se inter-relacionam nas duas esferas. Costuma-se ver o racismo ligado apenas às pessoas e não à racialização dos lugares<sup>480</sup>. O eurocentrismo declinado nas imposições masculinas que pendem para a anulação do corpo feminino descartando-o sem notoriedade no mundo social, político cultural e permanecendo-o às sombras do outro, como a vida de Macabéa nas mãos de um narrador homem, seu criador, que narra uma experiência colonial/patriarcal de vida. Macabéa é um corpo que teve suas vísceras expostas, um corpo nascido do lado do avesso, o qual a estética moderna do belo não alcança por ser tão *bem-acabada do mal-acabado*: Macabéa é o próprio escárnio de corpos sufocantes e dispensáveis por não terem tido o direito de nascer como Olímpico, o privilegiado pois *dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. Já Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido*<sup>481</sup>. A personagem numa im-posição de se viver de menos na qual não se atinge intimidade de engravidar do futuro, a nordestina e tantos outros *que andam por aí aos montes*<sup>482</sup> sem corpo, estes sempre fora punidos pelo ocidentalismo:

Esqueci de dizer que era realmente de se espantar que para corpo quase murcho de Macabéa tão vasto fosse o seu sopro de vida quase ilimitado e tão rico como o de uma donzela grávida, engravidada por si mesma, por partenogênese: tinha sonhos esquizóides nos quais apareciam gigantescos animais antediluvianos como se ela tivesse vivido em épocas as mais remotas desta terra sangrenta.<sup>483</sup>

Direciono a reflexão sem anular os diversos corpos negados e em questão nesta discussão priorizo, nesse momento, pensar os corpos femininos iguais ao meu corpo de mulher, pesquisadora fronteira, pobre e de cor. Na classificação geral do

<sup>480</sup> MIGNOLO. *Habitar la fronteira*, p. 102.

<sup>481</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 53.

<sup>482</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 22.

<sup>483</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 54.

sistema, somos mulheres em meio à violência existencial do corpo feminino que carrega *sub judice a culpa, a sensação de perda, de não poder fazer nada, de não saber gritar* e de nem *reclamar por não saber a quem*<sup>484</sup>, cujos corpos sangram e ainda doem, ocasionado não só por uma dor física, mas uma dor herdada, e *vivida às sombras*<sup>485</sup> de alguém - colonialidade/modernidade. Desse modo, marcada e deixada em nossos corpos uma *herida abierta* (ANZALDÚA, 2007) que sangra até hoje, um *sangue arfante de tão vivo de vida* que *escorre* em nossos corpos e *logo se coagula em cubos de geléia trêmula*<sup>486</sup> e, do mesmo modo, essa dor perpassa uma *subclasse de gente mais perdida e com fome*<sup>487</sup>, como Macabéa e tantos outros. Na mesma direção uma subclasse favelada como Carolina Maria de Jesus (1960) que sentiu a dor e a tontura da fome não só de forma física mas também epistêmica, que, de tão *marcante, adquire cor (amarela)*, concomitante à cor preta <sup>488</sup>da escritora Conceição Evaristo, na sua condição de mulher negra como tantas outras, que sentem a dor da colonialidade, Evaristo externaliza seu grito escrevente<sup>489</sup> que ressoa a opressão vivida por muitos corpos escravizados e descartados desse “Planeta fome”<sup>490</sup> sentido

---

<sup>484</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 24.

<sup>485</sup> ANZALDÚA. *Borderlands/la Frontera*, p.

<sup>486</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 23, grifos meus

<sup>487</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 38.

<sup>488</sup> É importante ressaltar que, para a classificação de cor aqui mencionada, está para o entendimento a partir de Fanon, de que, tomemos consciência de que ser “negro” ou “preto” não caracteriza pela cor da pele, mas sobrepõe do imaginário racial do mundo colonial moderno: tornou-se “negro” ou “homossexual” ou “mulher” por um discurso cujas regras não pode controlar e que não deixa lugar para queixa. (MIGNOLO, 2017, p. 22 grifo meu).

<sup>489</sup> Conceito de escrevência importantíssimo da escritora Conceição Evaristo

<sup>490</sup> Elza canta “sei que é muito triste não ter casa, não ter pão”, explorando o significado mais literal das tantas fomes sobre as quais a artista vai se debruçar no disco. *Planeta Fome*, inclusive, é um nome que remete ao pontapé inicial de sua carreira no programa do Ary Barroso, da Rádio Tupi. Em resumo, o prêmio para a nota 5 estava acumulado e um filho de Elza estava muito doente, a então jovem de 21 anos em uma tentativa desesperada de conseguir dinheiro para levar seu filho ao médico foi ao programa cantar. Pegou as roupas da mãe, muito maiores que seu corpo, e toda presa em alfinetes decidiu se apresentar. Ary tentou fazê-la de chacota e, depois de uma resposta atravessada, ele perguntou de que planeta Elza tinha vindo, ela respondeu o mesmo que o dele, “Planeta Fome”. Nesse dia a artista cantou “Lama”, levou o prêmio de nota 5 e ao final de sua apresentação Ary a abraçou e disse que naquele momento nascia uma estrela. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/resenhas/albuns/planeta-fome-elza-soares/>, 8 Acesso 05 de outubro de 2024.

*na/a carne mais barata do mercado como a carne negra* de Elza Soares<sup>491</sup>, que ainda sofrem por conta do falocentrismo defendido por uma lógica, da qual não fazemos parte, não pensamos como corpos produtores de conhecimento, por conseguinte, muito menos existimos, e logo somos corpos que ainda padecem da falta de direitos epistêmicos, sociais e políticos.

Logo, meu modo de re-ler, re-inserir, re-pensar e re-escrever epistemologicamente a partir de corpos e vidas invisibilizados como o de Macabéa e de outros que fazem parte dessa conceituação de gramática do corpo fronteiriço é justificada, por se dar a partir de uma gramática não moderna e, sim, uma gramática que parte do inter-corporal, como já repetido à exaustão, e amparada na gramática descolonial com *o pensamento/sensibilidade/ação fronteiriços que estão, portanto, estritamente interconectados*<sup>492</sup>. A gramática do corpo tem sua importância epistêmica, a qual me permite re-ler *A hora da estrela* como estou re-lendo, com base no meu biolocus e a partir das corpo e geopolíticas do conhecimento, de modo que o que escrevo de certo modo já está escrito em mim. Assim está também posto para Macabéa e em Clarice, considerando que são corpografias: como extensão dessa gramática do corpo que parte de um modo outro de escrever no bojo da construção da gramática corpórea; articulando corpografias constituídas por mim, Macabéa e Clarice como abertura do “escrevo com o corpo” que me levou a um escrever o que quero e preciso escrever, enquanto aquela re-escrita que re-age de dentro de um sistema institucional que parte da esfera incontestada do corpo, com um movimento

---

<sup>491</sup> A música "A Carne" interpretada por Elza Soares é um poderoso manifesto sobre a realidade social e racial no Brasil. A letra, que repete insistentemente a frase "A carne mais barata do mercado é a carne negra", faz uma denúncia contundente sobre o racismo e a desvalorização da vida dos negros na sociedade. A música aborda a marginalização e a exploração sofrida pela população negra, que é submetida a condições de trabalho precárias, encarceramento em massa e negligência nos serviços de saúde, especialmente em hospitais psiquiátricos. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/281242/significado.html>. Acesso em 05 de outubro de 2024.

<sup>492</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

contrário pensando a gramática do corpo na esteira de Boaventura, quando o sociólogo pontua que os *corpos são performáticos e, assim, através do que fazem, renegociam e ampliam ou subvertem a realidade existente*<sup>493</sup>.

A gramática do corpo passa também pela lógica de gramática da fronteira-sul, defendida por Nolasco, de *tudo aquilo que não foi contemplado pela razão, lógica ou retórica da gramática impositiva moderna*<sup>494</sup>. Ou seja, uma gramática da exterioridade. As sensibilidades locais do corpo do indivíduo fronteiriço, ou seja, um corpo cariado como o de *Macabéa, anônima, “incompetente para a vida”, integra essa determinação, que inclui a busca de regressão ao inumano*.<sup>495</sup> Tais corpos, encontrados na exterioridade, [...] *no afuera do mundo, no lado sombrio e pós-abissal, esquecido, vilipendiado pelo poder do estado e da nação, pelo poder do discurso moderno e das instituições atrozés da fronteira-sul*<sup>496</sup>. A política da gramática do corpo aqui exposta está assentada na consciência da importância do lócus enunciativo.

A gramática do corpo entra em funcionamento quando os corpos aqui alocados tomam consciência de sua situação corpográfica e vivem na fronteira [...] *eivada de suas sensibilidades biográficas e locais, de sua ‘sensibilidade de mundo’ ao invés de ‘visão de mundo’*<sup>497</sup>. Nolasco ainda afirma que a presença do corpo e do *bios* são fundamentais para sua gramática, “[...] *posto que os corpos (de dentro e de fora, de cá e de lá) se roçam entre si (como acontece em qualquer condição de fronteira)*”<sup>498</sup>. Instaure-se assim o que estou afirmando como gramática do corpo da fronteira do lócus, *afuera* da barra.

---

<sup>493</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 138.

<sup>494</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 14.

<sup>495</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 08.

<sup>496</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13-14.

<sup>497</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 16.

<sup>498</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p.20.

Eu, mulher habitante hoje da fronteira, sou parte dessa massa de corpos do *afuera* que tentam re-existir, como Macabéa, sem sermos a aparência “natural” do mundo – pensado por branco, falocêntrico e heterossexual – somos corpos *fora do sistema*<sup>499</sup>. Minha aliada Clarice escreve a vida não só de Macabéa, mas também a vida de muitas de nós *afuera* do mundo; logo me valho dessa teorização descolonial para também liberar minha prece, meu grito e de muitos *abissalmente excluídos*<sup>500</sup> corpos femininos iguais ao meu e de Macabéa, não tendo a aparência “natural” e nos situamos, com nossos corpos, na diferença e continuamos sendo *interrogadas neste nosso tempo*<sup>501</sup>. Mas também faz com que interroguemos, ao passo que *sem um caminho feminino, sem um futuro feminino, é impossível para nós mulheres vivermos nossa feminilidade. Ainda não homem, já não tão feminina assim, eu estava condenada*<sup>502</sup>. O homem parece que esquece que a mulher *sofre no corpo de um modo muito diferente*<sup>503</sup> e particular do corpo masculino.

Nesse caso, a emergência política, social e epistêmica perpassada pela história da alagoana Macabéa/Clarice requer a compreensão de *quem souber ler lerá*<sup>504</sup> não da perspectiva somente ficcional moderna. Mas, sim, pelo crivo da formulação epistêmica acerca de uma gramática *outra* do corpo contemplada pelas inscrições corpográficas: um escrever com o corpo por *motivo de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais, por “força de lei”*; para trazer uma re-escrita com o corpo sob condição de corpo-geopolíticas do conhecimento que partem de uma des-razão, uma razão *outra* em contraposição à gramática normativa da modernidade/colonialidade, aquela epistemologia privilegiada que desconsiderou o corpo junto ao *bios* do díviduo

<sup>499</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 291.

<sup>500</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 145.

<sup>501</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 145.

<sup>502</sup> FANON. *Pele negra máscaras brancas*, p. 138, grifos meus

<sup>503</sup> FANON. *Pele negra máscaras brancas*, p. 138.

<sup>504</sup> LISPECTOR *apud* SILVIANO. *O cosmopolitismo do Pobre*, p. 32

pensante na reflexão, o existente da ação, nesse caso Macabéa, a personagem existencial em Clarice. *Devo acrescentar que essa história importa muito*<sup>505</sup>: [...] *é que esta é acompanhada do princípio ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes. Coisa de dentina exposta.*<sup>506</sup> Por se tratar de uma re-escrita sensível inter-corporada por Clarice, em detalhes uma *história exterior e explícita.*<sup>507</sup> Clarice revela Macabéa ao entrevistador:

Que novela é essa, Clarice?

É a história de uma moça tão pobre que só comia cachorro-quente... A história não é isso só, não... A história é a de uma inocência pisada, de uma miséria anônima...

O cenário dessa novela é...

É o Rio de Janeiro... Mas o personagem é nordestino, é de Alagoas...

Onde é que você foi buscar dentro de si mesma...

Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, me criei no Nordeste. E, depois, no Rio de Janeiro tem a feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá.... E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro... Daí começou a ideia de um... Depois eu fui a uma cartomante e imaginei... Ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido essas coisas boas: Então daí foi nascendo também a trama da história.<sup>508</sup>

A gramática do corpo reage com a inserção do *bios*, com o próprio corpo e geopolítica do ser. A intelectual Clarice Lispector, por meio de *A hora da estrela*, não pode ser vista como aleatória, mas como um fruto da presença de seu bios [...] *através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo.*<sup>509</sup> Clarice significa visibilizar a moça ocultada pela sociedade, cujos problemas que a enfeiam são invisibilizados. Vale lembrar que [...] *na filosofia e nas ciências ocidentais aquele que fala está sempre oculto, escondido, apagado da análise*<sup>510</sup>, como se não existisse

<sup>505</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>506</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 21.

<sup>507</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

<sup>508</sup> TV CULTURA. Panorama com Clarice Lispector. (Entrevista)

<sup>509</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 41.

<sup>510</sup> GROSGUÉL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

conforme a própria escritora faz questão de destacar na dedicatória do livro –, discorre sobre a vida (ou a falta dela) de sua personagem secundária, Macabéa (a morte é a personagem principal). Tal moça é representante de uma [...] *resistente raça anã teimosa que um dia talvez vai reivindicar o direito ao grito*<sup>511</sup>.

Nesse livro feito de *corpo inteiro*, a autora remonta ao nosso Brasil cheio de interrogações (LISPECTOR, 1977), Rodrigo S.M. faz um breve relato da história da moça: Macabéa nasce no sertão, em Alagoas, e vai tentar a sorte no Rio de Janeiro. A moça vivia à toa, [...] *Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada e em cheio no chão*<sup>512</sup>. Além disso, [...] *é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham*<sup>513</sup>. Nesse contexto, a moça retrata a exterioridade, aquilo que, como eu, se encontra fora do projeto hegemônico moderno, do poder colonial, relegado ao fora do padrão hegemônico branco, masculino, cristão e abastado, ou seja, situado na exterioridade.

É necessário pensar da/na fronteira epistemológica na qual habitamos, com nossas línguas, mesmo com nossas línguas advindas de uma gramática originária das línguas hegemônicas, mas com nossos corpos fronteiriços. O pensamento descolonial ou fronteiriço, por assim dizer, é uma questão de pele (sensibilidades) e de localizações geoistóricas do habitante do lado Sul do globo. Desta maneira, para a possibilidade de um corpo europeu pensar por meio de nosso pensamento descolonial é preciso que ele ceda [...] *algo, da mesma forma que um corpo de cor formado nas histórias coloniais tem que ceder algo se quer habitar as teorias pós-modernas [...]*<sup>514</sup>.

---

<sup>511</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 34

<sup>512</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 83.

<sup>513</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 83.

<sup>514</sup> “[...] algo, de la misma forma que un cuerpo de color formado en las historias coloniales tiene que ceder algo si quiere habitar las teorías pós-modernas [...]” MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 186. (Tradução livre)

O *aprender a desaprender* o que nos fora imposto durante séculos pela retórica moderna é a condição necessária para romper com a epistemologia dominante programada em nós (*anthropos*) – reconhecidos por *uma verdade que quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto, o Zépozinho sonha com fome de tudo. E quer mas sem direito algum*<sup>515</sup>. No ato de desaprender e romper com o conhecimento dos *humanitas*, nos transformamos em indivíduos desobedientes epistemologicamente, [...] *habitando e pensando nas fronteiras e nas histórias locais, confrontando-nos aos projetos globais* [...] <sup>516</sup>, procurando mudar as regras do jogo e as relações de poder para assim *re-existir*.

[...] a epistemologia fronteira é a epistemologia do *anthropos* que não quer se submeter à *humanitas*, embora ao mesmo tempo não possa evitá-la. A descolonialidade e o pensamento/sensibilidade/ação fronteiriços estão, portanto, estritamente interconectados, dado que a descolonialidade não pode ser nem cartesiana nem marxiana.<sup>517</sup>

Nessa esteira, retomo a gramática fronteira de Nolasco para pensar a gramática do corpo, pois o pensamento fronteiro é, na concepção de Mignolo, [...] *a singularidade epistêmica de qualquer projeto descolonial*<sup>518</sup>, sendo ela [...] *a epistemologia do anthropos que não quer se submeter à humanitas, ainda que ao mesmo tempo não possa evitá-la*<sup>519</sup>, como pontuei antes. Tal inferioridade, assinala Mignolo (2017), é uma ficção criada com fins de dominação. Muitas vezes, nossas mãos erguidas, as nossas vozes, não são percebidas, mas nós re-existimos, ainda que não somos ninguém, nossa corpo e geopolítica é um desabafo. Marina e

<sup>515</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 31.

<sup>516</sup> “[...] habitando y pensando en las fronteras y las historias locales, confrontándonos a los designios globales [...]” MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 181. (Tradução livre)

<sup>517</sup> MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 176.

<sup>518</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 16.

<sup>519</sup> MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 16.

macabéas e tantas outras gentes não querem ser assimiladas e nem aceitam [...] com resignação ‘a má sorte’ de terem nascido onde nasceram<sup>520</sup>:

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital.<sup>521</sup>

O fim da estrela Macabéa foi a morte. Assim como qualquer vivente no planeta sabe que a morte é a única certeza da qual não podemos nos deter. *Macabéa ainda não tinha tido coragem de ter esperança*<sup>522</sup>. Mas ouvindo a vidente, *madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela*.<sup>523</sup> Logo após ter a esperança implantada em seu coração pela vidente, teve seus breves sonhos interrompidos; atropelada por um Mercedes-Benz chega à hora da estrela. Clarice Lispector, além de contar a história (na verdade Clarice Lispector) como um lembrete dos problemas sociais do Brasil, põe a morte rondando Macabéa (e a própria a autora) por meio do *grito de ave de rapina. Irisada e intranquila. O beijo no rosto morto*.<sup>524</sup> *Tal passagem faz parte do livro Um sopro de vida, concluído em 1977, às vésperas de sua morte, mesmo período de A hora da estrela, sua última obra publicada*.<sup>525</sup> A morte, como personagem principal não podia ser adiada, assim como a morte de Macabéa parece fazer todo sentido no trecho da música de Chico Buarque, intitulada “Construção”, lançada em 1971, considerando que a melodia *possui uma montagem rítmica singular, letra enigmática e uma crítica social fortíssima*<sup>526</sup>, de alguém entre tantos que tenham uma

<sup>520</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 18.

<sup>521</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 24-25.

<sup>522</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 69.

<sup>523</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 69.

<sup>524</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 04.

<sup>525</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 04.

<sup>526</sup> O disco que traz a música *Construção* foi composto enquanto Chico Buarque vivia fora do Brasil por causa da [ditadura militar](#). De volta ao país, ele chegou pronto para lançar **um dos trabalhos mais críticos e conceituais de toda sua história**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/blog/construcao-chico-buarque-analise/> Acesso em 20 de nov. 2024.

morte súbita, como a de um operário na melodia, como um corpo supérfluo de existência como de uma Macabéa:

E flutuou no ar como se fosse sábado  
 E se acabou no chão feito um pacote tímido  
 Agonizou no meio do passeio náufrago  
 Morreu na contramão atrapalhando o público.<sup>527</sup>

Embora saibamos desde o início que a protagonista da história era a morte e por isso temos de algum modo a ideia de que tudo caminha para o fim de certa forma, de que *você é pó, e ao pó voltará*<sup>528</sup> como evoca a passagem de *Gênesis*, tal expressão remonta à certeza de que todos nós seremos *morte (ossos) um dia, ai de nós*<sup>529</sup>. O que sei por ora é que encontrei essa história, talvez pelo fim, e talvez morrer seja um renovado modo de viver que nunca chega ao fim; considerando o que disse Clarice, de que às vezes a vida volta, *aquela que começa sempre pelo meio, oferecendo-nos a direção do antes*<sup>530</sup>. Estranhamente re-escrevendo a história, parece por meio da teorização que já lá estava existindo com o começo, o meio e o por(fim)vir a ser *morte-vida*, ou seja, *que é também a direção do depois*<sup>531</sup>. Repetindo Clarice, aprendemos, que *vivam o mortos, porque neles vivemos*<sup>532</sup>:

Via-se perfeitamente que estava viva pelo piscar constante dos olhos grandes, pelo peito magro que se levantava e abaixava em respiração talvez difícil. Mas quem sabe se ela não estaria precisando de morrer? Pois há momentos em que a pessoa está precisando de uma pequena mortezinha e sem nem ao menos saber. Quanto a mim, substituo o ato da morte por um seu símbolo. Símbolo este que pode se resumir num profundo beijo mas não na parede áspera e sim boca-a-boca na agonia do prazer que é morte. Eu, que simbolicamente morro várias vezes só para experimentar a ressurreição.<sup>533</sup>

A ideia de esta reflexão abordar a questão da morte é consequência da afirmação – (na verdade Clarice), – e de que Macabéa em *A hora da estrela*, ser a

<sup>527</sup> CHICO BUARQUE. Construção, p. s/p.

<sup>528</sup> GÊNESIS, Bíblia, 3,9. p. 57.

<sup>529</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 07.

<sup>530</sup> SILVA. *A hora da estrela de Clarice*, p. 12.

<sup>531</sup> SILVA. *A hora da estrela de Clarice*, p. 12.

<sup>532</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 04.

<sup>533</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 75.

personagem principal. Tais discussões, antes de tudo procuram evidenciar uma relação corpográfica e espelha a teorização que sustenta esta tese do começo ao fim. Porque, assim como *as coisas são sempre vésperas, e se ela* (Macabéa) *não morre agora está como nós na véspera de morrer, perdoai-me lembrar-vos porque quanto a mim não me perdão a clarividência.*<sup>534</sup> Eis um fato: enveredo-me para o fim do que aqui começou alhures.

Reitero que a crítica biográfica fronteira exercida até aqui cumpriu seu papel epistemológico fundamental, permitindo-me inserir os *bios* e nossos lócus, a partir de onde vivemos nossas histórias e sentimos. Nesse caso, a morte de certo modo *compartilhada* por Clarice e minha irmã Magna Aparecida Teixeira que, no dia 29 de Abril do ano de 2024, veio a óbito por conta de um câncer (como Clarice aos 57 anos), no hospital Felício Roxo em Belo horizonte. Presenciei seu último suspiro de vida junto aos familiares, irmãos, cunhada e meus pais, a luta entre *a vida e a morte, ela se equilibrando entre nós e ela, entre ela e Deus.* (o que estou pontuando é que eu, tal qual a história, tive a morte no meio da teorização da tese, e sobrevivi)

Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras — desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria.<sup>535</sup>

*Nunca a vida foi tão atual como hoje: por um triz é o futuro.*<sup>536</sup> Em outras palavras, o que é do *bios* e do lócus (biolócus), tanto do crítico quanto a obra/vida em reflexão, foram levados em conta nesta teorização, considerando a fronteira,

<sup>534</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 76, grifo meu

<sup>535</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 72.

<sup>536</sup> LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 06.

sobretudo, como um local epistemológico, produtor de saberes outros. Por esse motivo, me vali de tal epistemologia para tecer a leitura de Clarice Lispector enquanto intelectual cuja obra é parte de seu *biolócus* nesse caso o bios e o lócus dos aqui envolvidos contemplam a gramática do corpo em conceituação, tomando a re-escrita como parte do bios da escritora, uma vez que tal experiência, conforme mencionado, não pode ser excluída ao trabalharmos com sua obra. A crítica tradicional, de modo geral, tende a considerar *A hora da estrela* (1977) como uma produção fora dos padrões claricianos, tendo, como regra, recebido a obra de Lispector como apolítica. Contudo, a obra é, ao mesmo tempo, silêncio e pergunta, conforme Rodrigo S.M., a obra não surge de um vazio, sendo resultado de anos de trabalho intelectual, tanto dele quanto de sua mentora.

O pensamento fronteiriço, por emergir dos corpos que se encontram em tal lócus epistemológico, ressalta a constituição da corpo-política *re-incorporando nas lutas as tradições que a modernidade descartou*<sup>537</sup>, como premissa para um pensamento *outro* desobediente. De fato, corpos fronteiriços, ao optarem por serem desobedientes, resultam em ser considerados frente ao pensamento hegemônico, a insistência e a luta nas esferas cabíveis, demonstrando o incômodo que meu corpo como tantos outros causam, mas os mecanismos de insurgência garantem que nosso grito se eleve. Tratar de sentimentos e marcas trazidas no próprio corpo configura-se na gramática outra e não na moderna, sendo os elementos constituintes do pensar e saber que não se configuram como um modo válido científica e filosoficamente de composição dos saberes válidos, nem mesmo segundo padrões disseminados em sua grande maioria pelas instituições. Isso demonstra a importância de erigirmos práticas

---

<sup>537</sup> MIGNOLO. *El vuelco de la razón*, p. 121.

que almejem novos modos de se pensar paralelamente às formulações anteriores, nesse caso o que contrapõe uma ego e teopolítica do conhecimento, por exemplo, à geo e a corpo-política, como a base de sustentação da conceituação do que conceituo de gramática do corpo:

Este é o ponto onde as opções descoloniais, inseridas na geopolítica e corpo-política do conhecimento, se comprometem tanto com descolonizar o conhecimento quanto com o fazer-conhecimento descolonial, desligando-se da rede do conhecimento imperial/moderno e da matriz colonial do poder.<sup>538</sup>

Como já observado, a colonialidade, com sua “matriz ou padrão colonial de poder”, deixou marcas em corpos diversos, pois muitos foram capturados e tantas nações foram dizimadas. *“Nas histórias locais marcadas pela colonialidade, um pensamento que faz visível, a geopolítica e a corpo-política de todo pensamento que a teologia cristã e a egologia (e.g. cartesianismo) foram daí oculta.”*<sup>539</sup> Macabéa é um corpo que sofre? *Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge — como se foge da dor — em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda.*<sup>540</sup>

Tenho em mente que *“razão política de uma crítica subalterna como a da América Latina resume-se, grosso modo, na descolonização intelectual, na descolonização dos saberes, da pesquisa, das teorias, das produções culturais e da própria crítica”*<sup>541</sup>. O crítico da fronteira-sul, Edgar Nolasco, direciona tal questão ao propor a urgência em se:

[...] pensar descolonialmente e agir politicamente de forma a não permanecer dentro da razão moderna com sua política imperial de identidades. A *prática crítica* encontrada na razão subalterna reforça a distinção entre teoria e prática do *fazer descolonial* crítico articulado pelo pensamento descolonial. Na verdade, é essa *prática crítica* de um *fazer descolonial*, encontrada também na razão subalterna, que vai permitir à crítica latina fundar uma

<sup>538</sup> MIGNOLO. *El vuelco de la razón*, p. 186.

<sup>539</sup> MIGNOLO. O Desafios decoloniais hoje, p.16.

<sup>540</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 73.

<sup>541</sup> NOLASCO. A razão pós-subalterna da crítica latina, 09

epistemologia desvinculada da epistemologia moderna presa aos conceitos ocidentais e à prática de acumulação de conhecimento.<sup>542</sup>

A prece de Fanon ao seu corpo, ‘ser sempre um homem questionador’, assim também a prece de Macabéa com seu grito questionador; respondem a um – outro, bem como quando que devo lutar e, neste caso, minha teorização e minha luta não. *Se assim é que assim seja*. Tais corpos nos incitam a pensarmos nossos corpos fronteiros como resistência política, impregnados com nosso *bios*, nossas reflexões e questionamentos. Como já exposto nesta tese, o pensamento moderno e a colonialidade relegaram à exterioridade o lado escuro de uma linha abissal, subjugando o conhecimento que advinha do Ocidente por meio de uma matriz colonial de poder. *E este corpo subjugado que traz em si histórias locais marcadas pela colonialidade*<sup>543</sup> é, portanto, nosso próprio corpo em suas sensibilidades, corpo disposto para a crítica fundadora de uma epistemologia que se desvincula da lógica moderna e que nos leva ao encontro da formulação de uma possível gramática do corpo.

O teórico argentino Walter D. Mignolo aponta ainda que “*práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis*<sup>544</sup>, externando, assim, o legado escondido pela retórica da modernidade, para vidas que podemos entender por corpos e geopolíticas do conhecimento que corroborem essa gramática da emoção, das sensibilidades, dos afetos, do íntimo, do sentir e saber fronteiro:

Eu poderia deixá-la na rua e simplesmente não acabar a história. Mas não: irei até onde o ar termina, irei até onde a grande ventania se solta uivando, irei até onde o vácuo faz uma curva, irei aonde meu fôlego me levar. Meu fôlego me leva a Deus? Estão tão puro que nada sei. Só uma coisa eu sei: não preciso ter piedade de Deus. Ou preciso?<sup>545</sup>

<sup>542</sup> NOLASCO. A razão pós-subalterna da crítica latina, (grifos do autor). p. 09.

<sup>543</sup> MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21

<sup>544</sup> MIGNOLO. Colonialidade está longe de ter sido superada, p. 04.

<sup>545</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 75.

Por fim, encaminho este trabalho para a finalização, após me debruçar no que vim conceituando de gramática do corpo a partir de *A hora da estrela* e os envolvidos da ação. Ouso me voltar para a conclusão, considerando que a minha teorização perpassada pelos conceitos de inter-corporeidade desprendimento/desobediência, re-escrever/pensamento próprio; conceituação de gramática e geopolítica/corpo-política, trilhados até aqui, me ajudaram, não apenas na conceituação da gramática outra, como, incluído na trajetória o próprio corpo do pesquisador (a, mostraram, para mim mesma, que qualquer teorização da ordem da descolonialidade somente pode ser levada a cabo se for erigida a partir do próprio corpo de quem a pratica.

## **CONCLUSÃO – SAÍDA DISCRETA DE CLARICE E DE MIM PELA PORTA DOS FUNDOS DA TEORIZAÇÃO**

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só queria ter o que tivesse sido e não fui.

LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 18.

A conclusão desta teorização, que é ao mesmo tempo trabalho de re-escrita de *pensar/ser* com o corpo, parte do conceito de inter-corporeidade como expus desde a introdução desta tese, chegando ao entendimento conceitual de uma gramática *outra* do corpo. A hipótese problematizada fora conduzida pelas afirmações “(Na verdade Clarice Lispector)” e expressões como “Escrevo com o corpo”, “Escrita de ouvido”, de “Corpo inteiro” e outras, por meio do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, como caminhos outros relevantes. Nesse particular, apropriei-me de alguns estudiosos claricianos “Nas pontas dos dedos”, para fazer alusão á autora Vilma Arêas, cujo livro leva esse título e me ajudou na conceituação de uma escrita e sua gramática do corpo.

Certamente as reflexões aqui abrigadas se deram amparadas pela minha condição de crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015), até mesmo como condição *sine qua non* ao que concerne a uma metodologia presa à inter-corporeidade, como pensou Juliano Pessanha; na desobediência despreendida das teorias modernas tratada por Walter Mignolo; um pensamento próprio, de Rodolfo Kusch, para re-pensar a re-escrita enquanto parte do meu *biolócus* e dos envolvidos na ação, configurando-se esse recorte na teorização epistemológica a partir do pensamento fronteiriço que sustentou a discussão da tese como em todo.

Munida desses e outros embasamentos teóricos e críticos, mas, sobremaneira, *de vidas que aqui importam*, aliei-me aos corpos da reflexão para pensar a re-colocação de paradigmas outros do campo da descolonialidade de modo que nossas práticas epistêmicas fronteiriças fossem ouvidas e re-escritas como produtoras de conhecimentos, especificamente a partir dos nossos espaços geohistóricos, incluindo de quem as pensa, neste caso, eu enquanto pesquisadora mulher da fronteira-sul teorizando junto ao grupo de pesquisa NECC – Núcleo de Estudos Culturais

Comparados, lugar este do qual partiu toda esta pesquisa no âmbito da universidade pública de Mato Grosso do Sul.

Portanto, ultrapassando, assim, conhecimentos descritos sistemicamente que não dão conta de pensar a partir de uma gramática da ciência do corpo, por exemplo, essa teorização *outra* me permitiu pensar uma gramática contemplada pela inscrição *corpográfica* (MIGNOLO, 2010), rompendo, assim, fronteiras coloniais im-postas aos corpos silenciados ainda na atualidade. Justifica-se aí o grito epistêmico necessário como o *direito ao grito* reivindicado em *A hora da estrela* pela personagem Macabéa, pensado por Clarice e, agora, reivindicado por mim nesta teorização fronteiriça. A autora na obra expôs problemas sociais do Brasil, mostrando um cenário muito recorrente na vida de todo brasileiro enquanto corpos *anthropos*, de indivíduos colonizados. Tal consciência clariciana, e olhando para minha própria consciência fronteiriça hoje, de mulher pesquisadora desta tese, me permitiu que eu me amparasse descolonialmente e me voltasse para a re-escrita a partir da sensibilidade, que deve atravessar toda teorização, seja ela de base descolonial ou não, afinal todo teórico tem corpo.

Nessa perspectiva, demonstrar nossas fragilidades, colocando nossa própria carne-ferida em exposição, como alguém como Macabéa que “batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para sarjeta”<sup>546</sup>, faz parte da ferida que nós latinos carregamos devido à condição de sujeitos exteriorizados. Por isso, colocar o próprio corpo ferido na escrita nunca foi e nunca será uma tarefa fácil, considerando que nossos corpos fronteiriços carregam uma ferida aberta (ANZALDÚA, 2007) que não para de sangrar por conta da colonialidade. Por isso, pensando nesta conclusão, reconhecemos que aqui nada se conclui, uma

---

<sup>546</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 72.

vez que as lutas dos corpos das diferenças são constantes, assim como de tantas Macabéas mundo afora, continuamos sendo encurraladas, de modo que, muitas vezes, é preciso “*sairmos discretamente pelas portas dos fundos*”<sup>547</sup> para uma teorização que ampare de fato nossos corpos desse sistema opressor-operante hegemônico.

Foi no tocante percurso desta minha teorização fronteiriça e junto à movimentação sensível, íntima e de afetos, que a hipótese nesta re-escrita com o corpo, ou seja, enquanto parte preponderante do *biolócus* de Clarice se fez presente não só em *A hora da estrela*, mas em seu projeto como um todo. Assim, Clarice e os seus envolvidos se fizeram presentes nesta articulação me acompanhando até aqui, *para eu me manter de pé para esse possível “gran finale”*.

Ainda que não ocorra o encerramento de teorizações e conceituações por estudiosos, teóricos, intelectuais, pesquisadores e autores, como minha Clarice, que buscou romper com estabelecidos saberes, a meu ver com as epistemes hegemônicas ocidentais/moderna, pensando aqui a literatura universal, foi através dessa re-escrita de teorização fronteiriça levado a cabo por mim que pude me aproximar mais e melhor do que venho chamando de *escrita do corpo*. *Esse eu que é vós pois não aguentaria ser apenas mim*, por isso é que pude vislumbrar essa gramática do corpo configurada de forma outra, não moderna e nem replicadora de saberes únicos (universais), mas que, a partir de uma gramática expositiva da fronteira-sul, entendi que “o pensamento fronteiriço é a condição necessária para pensar descolonialmente”<sup>548</sup>. O fato de o livro *A hora da estrela* se somar a essa busca e aproximação permitiu, por sua vez, que esta teorização, diferentemente do que acontece no livro, não acontecesse *em estado de emergência*.

---

<sup>547</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 18

<sup>548</sup> NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira sul, p. 16.

Na esteira dessas afirmações de ordem de uma teorização descolonial escrevi e entrevi perspectivas outras, pensando em uma gramática que passasse pelos corpos e lugares locais constiuídos de formas de pensar/viver e de sentir desprendidas e desobedientes do que fora proposto pela lógica moderna. Nesse particular, enquanto os paradigmas modernos não alcançarem as fronteiriças geoistóricas e, nem, por conseguinte, as primordialmente, as *experivivências* no/do corpo(s), ao re-escre(vi)ver esta tese me des(em)cobrir enquanto pesquisadora e enquanto um corpo que passou a ter consciência de que habito a exterioridade, não contemplada pela razão moderna. Nesse sentido, tendo o projeto de minha aliada Clarice Lispector como pano de fundo contribuiu para que eu repensasse, *um livro*, o que venho chamando de uma gramática das sensibilidades. De modo que era impossível que as teorizações (no plural agora) e as conceituações não se incorporassem em meu modo de pensar.

Antes de pontuar as particularidades de cada capítulo, preciso elencar como justificativa final desta teorização, o que me pareceu relevante nesta reflexão a partir da crítica biográfica fronteira as aproximações entre Clarice e mim, na medida fizeram com que eu me encontrasse comigo mesma, quero dizer, essa prática de re-escrita concretizou a construção de uma relação espectral entre a escritora e a pesquisadora, por meio de um duo-corporal, oportunizado pela teorização inter-corporal. É nesse sentido, de uma relação inter-corpórea de escrita teórica, que reproduzo as imagens a seguir:



Figura 12 – Eu/nós - duo-corporais escre(vi)ventes dessa teorização biográfica fronteira em *A hora da estrela*

Fonte: acervo pessoal e <https://blogbvps.com/2020/05/25/bvps-recomenda-clarice-lispector-a-coragem-do-medo-de-silviano-santiago/>

Desse modo, no primeiro capítulo, intitulado de **INTER-CORPOREIDADE POLÍTICA EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR**: por uma crítica biográfica fronteira, abordei as discussões direcionadas ao *bios* e ao *lócus*, justificadas pelas passagens do escritor-autor-personagem criador de Macabéa, além da reflexão que também está envolta ao pensar a realidade brasileira atravessada pelo social e pela política como pontuei antes. A ideia deste capítulo foi tecer considerações teóricas acerca da necessidade de uma desobediência e de um desprendimento — reflexão crítica guiada pela presença do corpo do personagem-narrador Rodrigo S.M e sua relação com a presença do corpo-autoral da escritora Clarice Lispector. Concomitante como ponto particular, desenvolvi práticas de teorizações para explorar a faceta que se insinua entre as vozes e os corpos presentes na obra, demandando a necessidade de se deter, por exemplo, nas inter-corporações entre escrita vida/obra e corpos dos envolvidos, sem desconsiderar o corpo do pesquisador, obviamente. Tendo em vista que este trabalho só foi possível a partir de

quem o pensa e de quem o desejou como eu, portanto esta teorização se dá de uma fronteira que não é só geográfica mas epistemológica.

Na sequência, no segundo capítulo, **A HORA DA ESTRELA**: re-escrevendo o pensamento fronteiriço, debrucei-me nos conceitos basilares como o de pensamento próprio de Kusch, e que pode ser compreendido com o presente pensamento fronteiriço e o conceito de re-escrever, levado a cabo pela descolonialidade. Tal justificativa se deu com a presença do corpo da *própria* escritora Clarice Lispector e a relação desse corpo com o corpo do escritor Rodrigo S.M. Aqui, tal relação dá-se por meio de uma relação inter-corporal entre os pares, logo me coloco também como aliada hospitaleira de Clarice sob um inter-corporar nossa aproximação espectral se deu por opção de vida (MIGNOLO). Não por acaso que a escritora/escritor em *A hora da estrela* mostra, ao tratar do corpo da insignificante Macabéa, sua desobediência epistêmica e política, desprende-se das formalidades disciplinares de sua época, contradizendo, por conseguinte, os padrões estabelecidos de pensar e fazer literatura. Pelo menos foi isso que propusemos e defendemos ao longo da tese.

Por fim, no terceiro capítulo, **POR UMA GRAMÁTICA DO CORPO EM A HORA DA ESTRELA**, a discussão segue na continuidade de pensarmos em torno da presença dos “corpos” da/na narrativa em *A hora da estrela* e outros corpos das diferenças, como o corpo da protagonista Macabéa, e o de Clarice Lispector. Para tal, vali-me de uma abordagem conceitual em torno de uma gramática do corpo pensada no campo da descolonialidade/fronteiriça, ao observar que a autora põe como prática de escrita em sua narrativa literária um “escrever com o corpo”; a meu ver, Clarice, a seu modo, tange uma prática de re-escre(vi)ver, como intentei mostrar no delongar da reflexão. A expressão “escrevo com o corpo” e outras na obra perpassam toda a tese para findar o que Clarice sinaliza na obra, que vai ao encontro de uma gramática *outra*

do corpo, como a pensada aqui, tendo por finalidade maior para a construção de gramática do corpo que, mesmo amparada pela gramática da descolonialidade (MIGNOLO), traz suas especificidades, como vim pontuando. Espero que o trabalho, junto às problematizações elencadas ao longo dos capítulos, tenha respondido, na medida do possível, à hipótese levantada, a qual passou, desde o início, pelo desejo de conceituação de uma gramática do corpo em *A hora da estrela*, cuja gramática perpassa por toda a tese, atravessado pela inscrição inter-corporal descolonial dos envolvidos na ação, em que corpos e vozes se cruzaram em todas as direções, a começar pelo corpo desta que vos escreve.

Assim, encerro esta minha re-escrita teórica na tentativa de aprender a desobedecer as teorias modernas e espero que propus e realizei seja a abertura de outras portas que se abram para teorizações embasadas por saberes outros, a exemplo da teorização contemplada pela crítica biográfica fronteira que parte de um fazer, sentir e saber acerca do corpo presente com seu bios e o lócus. Nessa direção, tendo aqui *A hora da estrela* como pano de fundo epistemológico, uma vez que a *práxis* exercida por Clarice através da corpo-política da insignificante Macabéa contribuiu para o que conceituei de gramática do corpo, um pensamento *outro* de gramática como produção de conhecimento e de sensibilidade de mundo.

Neste momento de Conclusão meu sentimento é de gratidão também teórica, atravessada pelas lembranças do meu percurso acadêmico como: estudante, intelectual e hoje pesquisadora junto ao grupo de pesquisa NECC/UFMS – sinto-me uma escre(vi)vente com o corpo, primeiro, com o corpo re-escrito da arte do movimento com a dança, teatro e dos palcos atuantes do ensino, tais práticas iniciadas nos anos (2015-2018) na Graduação - no curso de Artes Cênicas, licenciatura pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, segundo, me vinculando à

pesquisa, passei a fazer parte da Iniciação Científica como aluna voluntária de PIBIC, para tal teorização me vali do “corpo cênico pedagógico” nos espaços de ensino. Por conseguinte, no mestrado, no ano (2019-2020), teorizei a partir do “corpo epistêmico fronteiro” e, finalmente, nos anos do doutorado (2021-2025), chegando nesta etapa de conclusão da tese, pensando a partir do corpo; intitulada de “Escrevo com o corpo: inter-corporeidade em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que agora trago a público. Minha escolha por Clarice Lispector e a obra foi uma opção que me auxiliou até aqui para este processo teórico-crítico de “Escrita com o corpo”. Acredito que tudo pode ser intermitente, por isso finalizo esta “história com começo, meio e “gran finale” seguido”<sup>549</sup> da ideia de Clarice, de que “às vezes a vida volta”<sup>550</sup> a meu entender como possíveis re-começos. Assim sigo tecendo histórias e, portanto, continuarei histórias *outras*, como *A hora da estrela* que prezem pelas vidas.

---

<sup>549</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 15.

<sup>550</sup> LISPECTOR. *A paixão segundo G.H.*, p. 53.

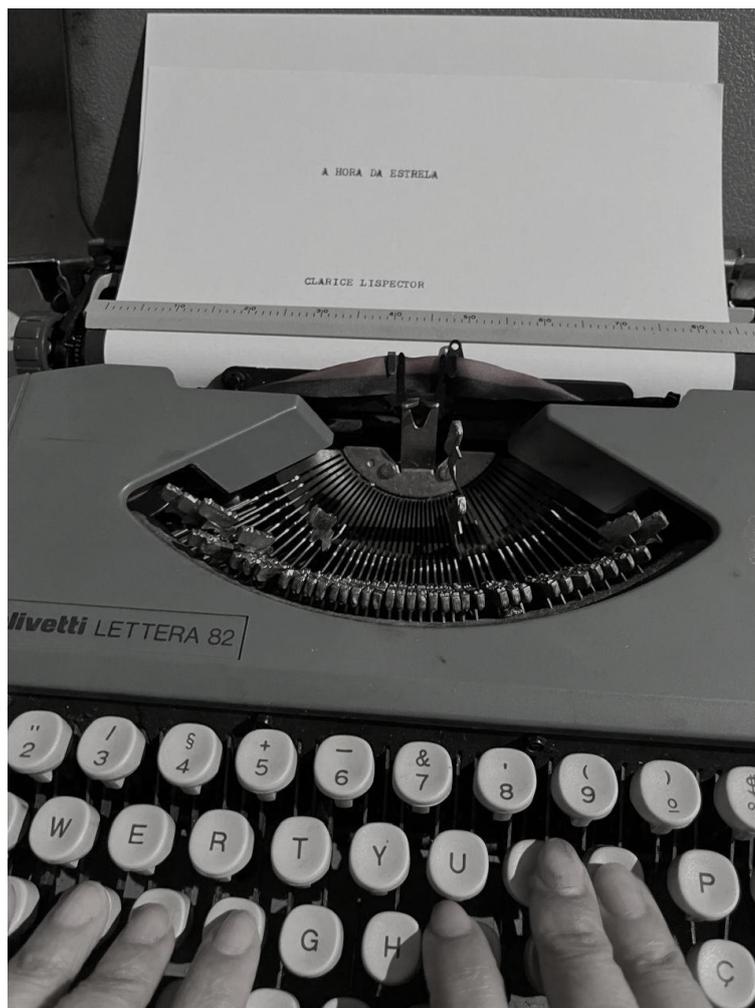


Figura 13 - Foto minha batendo à máquina de escrever, presente de meus pais nos tempos idos de 1990.

Fonte: Acervo Pessoal

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. *Bordelands/La frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. IN: *Revista Estudos Feministas*. V.8, n. 1, 2000, p. 229-236.
- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BAUTISTA, Juan Jose. *Crítica de la razón boliviana: Elementos para una crítica de la subjetividad del boliviano-latino-americano*. Pisteuma, La Paz, Bolivia, 1ra ed. 2005. CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (org.) *Teorias sin disciplinas*.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: alfaguara, 2016.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Arte Biogeografia, Processos Criativos & a Covid-19 – Campo Grande, MS: Life Editora, 2020*.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O CORPO DAS ARTES (CÊNICAS) LATINAS AINDA É RAZÃO E EMOÇÃO! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/563>>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: *A colonialidade do eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- BURGOS, Elizabeth. *Meu nome é Rigoberta Menchú: e assim nasceu minha consciência / Elizabeth Burgos; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993*.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSFUGUÉL, Ramón. “Prólogo: Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico”. In: CASTRO-GÓMEZ y GROSFUGUÉL, Ramón (editores) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p.9-23.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Violencias (re)encubiertas en Bolivia*. Cultura y política. La Paz: Cíptica, 1993.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Engendrando Macabéas: a representação da personagem popular em Osman Lins e Clarice Lispector*. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. (Org). *A ficção de Clarice nas fronteiras do (im)possível*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele*. 1996. In: *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 153. 1996.

EVARISTO, Conceição. *Macabéa: flor de mulungu*. – Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

ELZA SOARES. “Planeta fome”. Rio de Janeiro: DeckDisc: 2019.

ELZA SOARES. “A carne”. Tratore: 2002. Maianga: 2022

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDFBA, 2008. p. 185-191: À guisa de conclusão.

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. *O direito ao grito: a hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 176 p.

GIULIANO, Facundo (org.). *¿Podemos pensar los no-europeos?*. Buenos Aires: Del signo, 2018.

GIULIANO, Facundo. *La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión ética-geopolítica*. In: FACUNDO, Giuliano (org.). *¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2018, p. 11 - 74.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice fotobiografia*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

GROSFOGUEL, Ramón. *Para descolonizar os estudos em economia política e os estudos pós-coloniais* In: SANTOS & MENESES (ORG.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro, 2009, p. 1672.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. – 10. Ed. – São Paulo: Ática, 1960.

KUSCH, Rodolfo. *O pensamento de Rodolfo Kusch: movimento na América profunda*. – 1.ed. – Porto Alegre: Cirkula, 2019. p. 425.

LISPECTOR, Clarice. *Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro. ed. Autor, 1964.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. Gratidão à máquina. In: VASQUEZ, Pedro Karp (org). *Todas as crônicas: Clarice Lispector*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018, p. 71-72.

MAGALHÃES. Alice Soares. A emergência das identidades éticas na Bolívia contemporânea. In.: *A Bolívia no espelho do futuro*, José Mauricio Domingos ...[et al.]. (Organizadores).-Belo Horizonte: Editora UFMG: Rio de Janeiro: IUPERJ, 2009

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. "El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura: um manifiesto". In: CASTRO-GÓMEZ, Silviano y GROSFOGUEL, Ramón (editores) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007 p.25- 46.

MIGNOLO, Walter. *El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2011.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. Trad. de Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), 2017, p.12-32.

MIGNOLO, Walter. Filosofia y diferencia epistémica colonial, p. 203-229. In: GIULIANO (COMP). *¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

MIGNOLO, Walter D. A razão pós-ocidental. In: MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2020. p. 133-180.

MIGNOLO. Walter D. Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais? In: MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2020. p. 239-294.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-2014). Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *CADERNOS DE LETRAS DA UFF*. - Dossiê: Literatura. Língua identidade, n34, 2008, p. 287-324.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais sombrio da modernidade. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Vol. 32, N.94, p. 1-17.

MIGNOLO, Walter. Prefacio de la edición castellana: un paradigma otro: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: MIGNOLO, Walter. *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Ediciones Akal Sa, 2003a, p. 19-60.

MIGNOLO Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialid*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. "Prefacio". In: PALERMO, Zulma. *Para una pedagogia decolonial*. 1a ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 7-12. (El desprendimiento / Walter Mignolo).

MIGNOLO, Walter. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento: sobre descolonialidad, pensamiento fronterizo y desobediencia epistémica. In: MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-2014). Barcelona: CIDOB, 2015, p. 173-189.

MIGNOLO, Walter (org.) *Des-coloniladad del ser y del saber*. Buenos Aires: Del Signo, 2006.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y opción decolonial*. Trad. de Silvia jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir. In: MASP e a Afterall Arte e descolonização. Edição 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-YC7DF1wWu9O9TNKezCD2.pdf>. Acesso: out 2024.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução: Renata Santini. 3ª Edição, São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOLASCO, Edgar Cézár. Memórias subalternas latinas. In: NOLASCO, Edgar Cézár. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013, p. 131-159.

NOLASCO, Edgar Cézár. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

NOLASCO, Edgar Cézár. Descolonizando a pesquisa acadêmica. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Tendências Artísticas do Século XXI*. v. 1 n. 19. Campo Grande: Editora UFMS, 2018, p. 09 – 21.

NOLASCO, Edgar Cézár. Paisagens descoloniais. REVISTA DE ARTES VISUAIS (UNICAMP), n.11, v. 6, 2020, p.244-283.

NOLASCO, Edgar Cézár. *O teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

- NOLASCO, Edgar César. *Restos de ficção*. São Paulo: Annablume, 2004.
- NOLASCO, Edgar César. Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul? TESE ACADÊMICA INÉDITA, UFMS, 2020.
- NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos. SP: Pedro & João Editores, 2013. 170 p.
- NOLASCO, Edgar César. *A hora da(s) estrela(s) Clarice & Macabéa: fora da literatura, dentro da realidade*: Pontes Editores, 2021.
- NOLASCO, Edgar César. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>. Acesso em: 23 abr. 2022.
- NOLASCO, Edgar César. O ensaio de crítica biográfica fronteiriça. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. v. 2, n. 18. Campo Grande: Editora UFMS, 2017, p. 31-42.
- NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Ensaio biográfico, v. 1, n. 23, 2020, p. 59-74.
- NORONHA, Marina Maura de Oliveira. *Corpo epistêmico fronteiriço: lugar descolonial das sensibilidades biográficas, corporais e locais*. Campo Grande: Life Editora, 2024.
- NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia In: SANTOS & MENESES (ORG.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 261-290.
- OLIVEIRA, Marta Francisco de. *Que quer dizer cultura?: uma leitura de a hora da estrela*. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.
- PORTELA, Eduardo. *O grito do silêncio*. In: Lispector, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.
- PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação Social In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.p. 84-130.AA
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad y modernidad/racionalidad”. In: *Perú Indígena*, 13, 29, 1992, p. 1-20. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 30 de julho. 2024.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.

SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolotismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silvano. A aula inaugural de Clarice. Folha de S.Paulo, 1997 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/12/07/mais!/19.html>. Acesso em: 25/06/24.

SANTIAGO, Silvano. A política em Clarice Lispector. Rocco, 2014 Disponível em: <https://www.rocco.com.br/blog/a-politica-em-clarice-lispector/>. Acesso em: 21/06/2024.

SANTIAGO, Silvano. *Fisiologia da composição: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis*. Recife: Cepe, 2020b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS & MENESES (ORG.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p.31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TLOSTANOVA, Madina V. & MIGNOLO, Walter D. *Learning to unlearn :decolonial reflections from eurásia and the Américas*. Columbus: The Ohio state university press, 2012. Introduction: learning to unlearn: thinking decolonially, p. 1-28.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP; Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento de um posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), V. 05, N. 1, Jan.-Jul., 2019. Acesso em 25 de maio de 2021.